

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – SCHLA  
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL –  
PPGAS**

**THAÍS HENRIQUES RAMOS**

**JOVENS, FESTAS E LUXO: UMA ETNOGRAFIA  
DE UM CIRCUITO DE LAZER DE ELITE EM FLORIANÓPOLIS/ SC**

**CURITIBA  
2014**

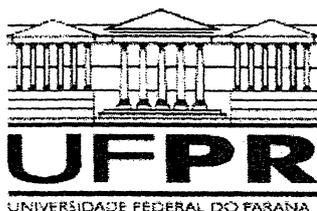
Ramos, Thais Henriques

Jovens, festas e luxo: uma etnografia de um circuito de lazer de elite em Florianópolis/SC / Thais Henriques Ramos – Curitiba, 2014.  
174 f.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ciméa Barbato Bevilaqua  
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Jurerê Internacional – Santa Catarina. 2. Jovens. 3. Elites – Discriminação. 4. Lazer. I.Título.

CDD 305



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
RUA GENERAL CARNEIRO, 460 / 6º ANDAR  
CEP 80060-150 - CURITIBA- PR  
Telefone (41) 3360-5272

### PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Paraná (PPGAS) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **Thais Henriques Ramos**, intitulada: "*Jovens, festas e luxo: uma etnografia de um circuito de lazer de elite em Florianópolis/SC*" após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO....., completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em Antropologia**.

Considerações adicionais da Banca Examinadora:

A BANCA RESSALTA A QUALIDADE DO TRABALHO, EM ESPECIAL A SENSIBILIDADE NO TRATO ETNOGRÁFICO E O DIÁLOGO COM A LITERATURA, ASSIM COMO A EFETIVA CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA PARA A PROBLEMATIZAÇÃO DA TEMÁTICA ABORDADA.

Curitiba, 28 de novembro de 2014.

Profa. Dra. Ciméa Barbato Bevilaqua  
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani  
1º Examinador

Profa. Dra. Sandra Jacqueline Stoll  
2ª Examinadora

Para Helena, minha parceira de todas as vidas

## AGRADECIMENTOS

Dizem que o melhor do campo, como em qualquer longa viagem, é a volta para casa. Permito-me dizer que o melhor desse campo etnográfico, com todas as dores e delícias que só ele é capaz de nos proporcionar, são as reflexões contidas nas páginas que seguem. No entanto, elas não existiriam sem as valiosas ajudas que tornaram possível a conclusão dessa caminhada. Agradeço a todos que tornaram esse trabalho possível: à Samira e Lucca pela gentileza da hospedagem. À Bruninho, por me introduzir no campo, e pelos *insights* valiosos. À Renata, por ter me apresentado a tanta gente quando fui morar em Floripa, contatos que ajudaram minha posterior inserção. À Mari, grande parceira, nossa motorista da rodada. À Fabi e Kellen, pelo prazer da companhia, por não me deixarem chegar sozinha às festas e à praia, pelas conversas e observações. Também pelas muitas pessoas que conheci nessa jornada, aos funcionários das casas noturnas e *clubs*, que pacientemente reservaram um tempo para elucidar minhas dúvidas e responderem aos meus questionamentos, aos sócios, donos das casas e *promoters*, que garantiram meu acesso às festas. Aos interlocutores com quem conversei e que me proporcionaram um denso e rico material de estudo. Também não posso deixar de agradecer ao professor Marcos Silva da Silveira, por ter acreditado nessa ideia e acolhido este trabalho desde o começo. Aos colegas do Naper, pelas profícuas contribuições. Aos funcionários, professores e colegas do Departamento de Antropologia, que contribuíram para essa formação. Às professoras Sandra Stoll e Martina Ahlert, pela leitura atenta e cuidadosa do texto de qualificação, e pelas críticas e sugestões ao trabalho. À Capes, pela concessão da bolsa. À professora Dr.<sup>a</sup> Ciméa Bevilaqua, pela orientação, mas também pela amizade, empenho, ensinamentos, generosidade e cuidado em acolher as diferenças. Por nunca ter desistido de mim e deste trabalho. Aos meus pais e toda minha família, em especial à Helena, pela amizade, amor e confiança de sempre. E à Mauro, pela cumplicidade e por me mostrar que por mais nebuloso que esteja o caminho, há sempre uma possibilidade de sorrir.

*“Ela teimou, e enfrentou o mundo, se rodopiando ao som dos bandolins”  
(Oswaldo Montenegro)*

## RESUMO

Esta dissertação é uma etnografia sobre um *circuito* de lazer de elite em Jurerê Internacional, loteamento à beira-mar, criado em 1982 na cidade de Florianópolis (SC) e transformado na última década em uma área significativa de lazer, com bares, *beach clubs*, restaurantes, lojas, hotéis e casas noturnas que, com suas festas, promovem Jurerê Internacional e atraem visitantes de várias partes do mundo. Os diferentes equipamentos dispostos em Jurerê apontam para um tipo de lazer de elite que relaciona pessoas, coisas, espaços e tempos e faz com que a *distinção*, tão evidenciada pelos frequentadores, apareça não como um atributo fixo, mas antes como resultado das relações e de suas qualidades contextuais. Esta etnografia mostra que os *trajetos* dos jovens frequentadores das festas em Jurerê Internacional conformam um *circuito* que não se restringe a Jurerê, mas se conecta (de forma concreta ou por meio de narrativas e dos repertórios específicos que as constituem) a outros *circuitos* de lazer de elite em diferentes países. Este trabalho busca entender essas relações, evidenciando similaridades, diferenças e hierarquias em um *circuito* que se estende para além do espaço da cidade e não exige que os pontos que o compõem sejam percorridos concretamente.

Palavras-chave: Jurerê Internacional, jovens, lazer, elite e distinção.

## ABSTRACT

This dissertation is an ethnography about an elite leisure *circuit* in Jurerê Internacional, a beachside real estate created in 1982 in the city of Florianópolis (SC) and transformed in the last decade in a significant leisure area with bars, beach clubs, restaurants, shops, hotels and nightclubs that, through its parties, promote Jurerê Internacional and attract visitors from all over the world. The different equipments arranged in Jurerê point to a kind of elite leisure that relates people, things, spaces and times and makes *distinction*, so emphasized by its participants, appear not as a fixed attribute, but instead, as a result of the relations and its contextual qualities. This ethnography shows that the young partygoers *routes* in Jurerê Internacional establish a *circuit* that is not restricted to Jurerê itself, but connected (be it in a concrete manner or in the narratives and specific repertoires that constitute them) to other elite leisure *circuits* in different countries. This work seeks to understand these relations, showing similarities, differences and hierarchies in a *circuit* which extends beyond the space of the city and does not require the points that form it to be concretely roamed.

Key-words: Jurerê Internacional, youth, leisure, elite and distinction.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Indicação das praias de Florianópolis	33
Figura 2 – Avenida Beira-mar Norte ladeada de morros	34
Figura 3 – Mapa distrital	35
Figura 4 – Ruas de Jurerê Internacional	41
Figura 5 – Casas em Jurerê Internacional	56
Figura 6 – Apartamento em Jurerê Internacional	56
Figura 7 – Jurerê <i>Open Shopping</i>	59
Figura 8 – Áreas verdes, em meio as casas – Jurerê Internacional	61
Figura 9 – <i>Circuito</i> das festas em Jurerê Internacional	80
Figura 10 – Passeio dos Namorados – Jurerê Internacional	90
Figura 11 – Carros estacionados nas proximidades do <i>Cafe de La Musique</i>	91
Figura 12 – Fachada do <i>Cafe de La Musique</i>	92
Figura 13 – Pista de dança - <i>Cafe de La Musique</i>	93
Figura 14 – As piscinas do <i>Cafe de La Musique</i>	94
Figura 15 – Jovens nos camarotes - <i>Cafe de La Musique</i>	96
Figura 16 – Camarote estilo <i>bangalô</i> - <i>Cafe de La Musique</i>	99
Figura 17 – Área externa do <i>Beach Club</i>	113
Figura 18 – Pista de dança – <i>P12</i>	114
Figura 19 – Jovens no <i>P12</i>	115
Figura 20 – Piscina do <i>P12</i>	116
Figura 21 – Jovens na praia – faixa de areia em frente ao <i>Taikô</i>	125
Figura 22 – Jovens no <i>Taikô</i>	126
Figura 23 – Decoração ambiente externo - <i>Taikô</i>	127
Figura 24 – Decoração ambiente interno - <i>Taikô</i>	127
Figura 25 – Colchões e espreguiçadeiras na praia, em frente ao <i>Taikô</i>	128
Figura 26 – Localização das casas dentro do Complexo	137
Figura 27 – <i>Devassa on Stage</i>	138
Figura 28 – Esquema da estrutura dos ambientes no <i>Stage</i>	140
Figura 29 – Entrada da <i>Posh</i>	147
Figura 30 – <i>Biblioteca</i> – um dos ambientes da <i>Posh</i>	148
Figura 31 – Pista de dança da <i>Posh</i>	149
Figura 32 – Público na pista de dança da <i>Posh</i>	155

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO OU SAINDO PARA A FESTA</b> .....	11
1 TRABALHO DE CAMPO: PERCURSOS E AFETOS, AMIZADES E EROTISMO .....	12
2 ESTRUTURA DO TEXTO .....	28
<b>1 FLORIANÓPOLIS E JURERÊ OU ABRINDO O <i>CIRCUITO</i></b> .....	31
1.1 JURERÊ INTERNACIONAL: O <i>EMPREENDIMENTO</i> .....	36
1.2 JURERÊ INTERNACIONAL: RESIDÊNCIA .....	54
1.3 A CIDADE E SUAS FRONTEIRAS: O QUE É CENTRO, O QUE É PERIFERIA? ...	62
1.4 O PÚBLICO E O PRIVADO NA CONSTITUIÇÃO DOS ESPAÇOS .....	65
<b>2 CHEGANDO À FESTA</b> .....	72
2.1 JUVENTUDE, LAZER, ELITE E DISTINÇÃO.....	73
2.2 JURERÊ INTERNACIONAL É LUGAR DE <i>BALADA</i> .....	78
2.3 OS <i>TRAJETOS</i> POR JURERÊ INTERNACIONAL .....	85
<b>3 QUAL É A <i>BALADA</i> DE HOJE?</b> .....	88
3.1 OS <i>SUNSETS</i> : O BADALADO <i>CAFE DE LA MUSIQUE</i> E A FAROFA NO <i>P12</i> .....	88
3.2 <i>TAIKÔ</i> E A FESTA NA AREIA DA PRAIA .....	124
3.3 O COMPLEXO DE ENTRETENIMENTO <i>MUSIC PARK</i> .....	135
3.4 O CLUBINHO FECHADO DA <i>POSH</i> .....	145
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: FIM DA FESTA, RELAÇÕES EM MOVIMENTO</b> ...	158
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	168

## INTRODUÇÃO OU SAINDO PARA A FESTA

“O observador é parte da observação”

(Claude Lévi-Strauss)

“Que legal esse seu estudo!”, “Que coisa boa estudar balada!”, “Quer dizer que ao invés de estudar índios você está aqui, nas festas?”, “O seu trabalho é o melhor trabalho do mundo!”, “Ainda recebe [*bolsa de estudos*] para vir a festas!”. Estas expressões, e inúmeras outras semelhantes em seu conteúdo, foram proferidas a mim por meus interlocutores durante o meu trabalho de campo<sup>1</sup>. Minha pretensão, nesta dissertação de mestrado, é descrever como a socialidade dos atores é construída e vivenciada a partir de suas práticas de lazer em Jurerê Internacional, e de que forma Jurerê Internacional é visto pelos mesmos, ou seja, de que maneira esse *circuito* de lazer de elite é construído e apropriado por meus interlocutores. Vale ressaltar que, dentro das práticas de lazer, tratadas aqui como as formas de diversão desfrutadas no tempo livre, geralmente associadas a um estilo de vida, as festas, que são o fio condutor do trabalho, são apenas uma das práticas possíveis. A escolha em acompanhar as festas se deu por acreditar no seu potencial, enquanto recorte empírico, já que as mesmas se configuram para os frequentadores, além do processo de socialidade, na possibilidade de expressar certos valores, como o de condição e pertencimento a uma *elite* significada positivamente. Não evidenciei outras dimensões da vida das pessoas, justamente por tratar de uma forma específica de lazer: a fruição das festas em Jurerê Internacional.

Desde os clássicos se reconhece que a vida pessoal do pesquisador não consegue ser dissociada da sua pesquisa. Dessa forma, falar da minha pesquisa sobre *circuitos* de lazer de elite, reconhecidos e produzidos pelos jovens que frequentam as festas de Jurerê Internacional, em Florianópolis, é falar também um pouco sobre mim, minhas interações e sobre como vivi este período. Portanto, gostaria de ressaltar como cheguei até Jurerê Internacional e me relacionei com os atores que vivenciavam esse *circuito*, que despertou tamanha curiosidade e às vezes, até mesmo incredulidade e descrédito, tanto por parte de meus interlocutores quando de alguns de meus pares.

---

<sup>1</sup> Realizado entre os meses de janeiro e fevereiro de 2013 e 2014 em Florianópolis, Santa Catarina.

## 1 TRABALHO DE CAMPO: PERCURSOS E AFETOS, AMIZADES E EROTISMO

Residi em Florianópolis durante os anos de 2008 a 2011. Nesses quatro anos de vivência na cidade, conheci lugares e pessoas de diferentes círculos e construí uma rede de amizades e relações, tendo a ilha de Santa Catarina como pano de fundo. Ainda em 2008, comecei a frequentar determinadas festas, onde conheci vários dos meus atuais interlocutores, alguns dos quais se tornaram meus amigos. Vale ressaltar que, ao fazer parte desse *circuito* de lazer voltado para uma *elite*, passei a compartilhar as experiências, padrões e regularidades que conformavam as práticas desses jovens. O acúmulo de um determinado capital simbólico (cf Bourdieu, 2008a) adquirido na interação com os frequentadores dessas festas foi o que garantiu minha posterior inserção em campo.

Ainda que esse período tenha sido fundamental para a minha inserção, foi somente a partir de 2011, quando me mudei para Jurerê, que as relações estabelecidas no bairro, principalmente nas festas, me chamaram a atenção como uma possível questão antropológica, principalmente por perceber que Jurerê havia se tornado um local extremamente badalado por quem procurava ambientes considerados majestosamente luxuosos e elitizantes.

Os estudos sobre juventudes no Brasil se desdobram numa variedade de temas, como dança e música (Hershman, 2007; Alfonsi, 2007; Iwasaki, 2007; Macedo, 2007), lazer (Noronha, Pires & Toledo, 2007; Pereira, 2010; Abreu, 2011, Borges & Azevedo, 2007); criminalidade (Biondi, 2010; Marques, 2010), corpos e movimentos (Toledo, 1996; Machado, 2012), políticas (Kuschnir, 2000) etc. São poucos os autores, no entanto, que propõem analisar elites juvenis, principalmente em espaços de lazer. Foi a combinação de fatores: poucas etnografias sobre o tema, interesse despertado a partir do momento em que fui morar no bairro e um certo conhecimento sobre as pessoas e as festas que culminou nesta etnografia, com um recorte específico, que é um *circuito* de lazer de elite.

Passado o momento inicial de definir o recorte empírico da etnografia, o próximo passo consistiu no “ir a campo”, atividade tão primordial do trabalho antropológico e que é, segundo Strathern (1999), um momento de imersão ao mesmo tempo total e parcial, uma atividade totalizadora, mas que não é a única em que o antropólogo está envolvido. Conforme explica a autora, o trabalho de campo realizado é uma atividade diferente da escrita e a escrita só funciona quando o antropólogo descobre e faz uma recriação imaginativa de alguns dos efeitos que o campo teve para si. É como se as ideias e narrativas que fizeram todo o sentido na experiência de campo tivessem de ser reorganizadas para fazer sentido no contexto de argumentos e análises dirigidos a outra audiência.

Sobre a escrita etnográfica, Strathern (1999) vai além e afirma que ela cria um segundo campo e a relação que se forma entre os dois campos é complexa, visto que cada um é uma forma de acoplamento que habita parcialmente, ainda que não englobe o outro. Dessa forma, cada ponto de participação é, portanto, uma substituição ou uma reordenação de elementos localizados em um campo separado da atividade e da observação. E o sentimento de perda ou defeito que acompanha essa cisão, a percepção de que um campo não pode nunca igualar-se ao outro, é a experiência antropológica comum.

A relação que reside entre os campos da etnografia é marcada pela complexidade: cada campo cria o outro, mas também tem sua própria dinâmica ou trajetória. Strathern afirma que o etnógrafo, muitas vezes, aprende o efeito dessa trajetória da maneira mais difícil. O que em casa fazia sentido como uma proposta de campo pode perder sua força motivadora quando se está lá, mas, sem sumir completamente. O pesquisador precisa gerir essas dissonâncias e, dessa forma, habitar os dois campos ao mesmo tempo: recordar as condições teóricas em que o trabalho foi proposto, e portanto, a razão para estar lá, enquanto se rende ao fluxo dos acontecimentos e ideias que se apresentam. Desse modo, ‘voltar do campo’ significa jogar as orientações em contrário.

Assim, é somente na escrita que o emaranhado disperso e caótico do caderno de campo, as observações, as entrevistas, as conversas vão tomando forma, e se organizando e reorganizando. É a escrita que modela todas as sensações percebidas e vividas pelo antropólogo em campo. No entanto, o aglomerado de informações mantidas no caderno, desde sua primeira incursão, já sofreram uma série de interpretações e análises, orientadas, sobretudo, por teorias e hipóteses, ordenações e direcionamentos, guiados também em parte pela própria interação com os interlocutores. Nesse sentido, meus escritos tentam ordenar episódios que testemunhei e vivi em campo. Nessa tarefa, busco guiar o leitor por uma sequência – editada por mim – do que observei enquanto encontrava-me na própria ação que buscava entender, me situando, interagindo, me aproximando e me afastando, em meio a uma série de influências, e refletindo sobre como essas influências de diversas ordens estão presentes neste texto. Trata-se de pensar a etnografia como, acima de tudo, uma experiência pessoal, marcada por subjetividades, dissonâncias e conflitos que todo observador vive em campo e que se tornam pressupostos para entender o que foi observado.

Quando decidi estudar as *baladas* de Jurerê Internacional, seus frequentadores e suas práticas de lazer, não imaginava que alguns temas transversais à pesquisa fossem aparecer com tamanha força como: diferenças bem marcadas de gênero, avaliações morais muito estritas às condutas, e que ir às festas implica “passar trabalho”. Enfim, que a diversão é

também tensão e esforço. Não parti de interesses meus e sim de interesses deles. Tive que me deixar guiar por eles, pois esse é, segundo Goldman (2006), o único meio que permite a realização de um tipo de pesquisa, em que “o cerne da questão é a disposição para viver uma experiência pessoal junto a um grupo humano com o fim de transformar essa experiência pessoal em tema de pesquisa que assume a forma de um texto etnográfico”. O autor elucida que a noção de alteridade, questão central na disciplina e na construção da etnografia, é um princípio que orienta e limita a prática dos antropólogos, pois nossa tarefa em campo é descobrir por que ações e falas de nossos interlocutores parecem-lhes razoáveis, ainda que estejamos sempre nos interrogando em que medida somos capazes de seguir suas práticas, discursos e saberes. E, nesse sentido, descobrir “até onde somos capazes de promover nossa própria transformação a partir dessas experiências” (GOLDMAN, 2006: 167).

No que concerne às etnografias realizadas em contextos urbanos, como esta, a cidade aparece não apenas como cenário de ações sociais, mas como resultado de intervenções e práticas dos atores (incluem-se aqui, além de moradores, visitantes, associações, turistas e todo o equipamento urbano disponível). Magnani (2003a) esclarece que essas trocas, conflitos e interações estão sempre em relação na política do urbano e o resultado será composto como um arranjo de novas possibilidades e/ou conflitos. Cabe à etnografia apreender esse duplo movimento. Conforme o autor,

o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e as práticas que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia (MAGNANI, 2003a: 18).

O autor aponta que é impossível separar a etnografia das escolhas e pressupostos teóricos inerentes à disciplina, tampouco esquecer a particularidade e especificidade dos objetos de estudo. A partir dessa explanação, busco refletir sobre minha própria inserção em campo. Apesar de conhecer o universo estudado, bem como algumas das pessoas, e inclusive partilhar determinadas práticas, certos fatos observados em campo me causavam alguma surpresa e estranheza, seja por desconhecê-los, seja por estarem muito distantes da minha

realidade. Um exemplo de momentos desse tipo foi quando observei, em uma festa, um jovem de São Paulo pagar 450 garrafas de espumante e pedir aos garçons que distribuíssem a bebida a todos os presentes. De fato a pesquisa de campo implica necessariamente um confronto de diferenças, ainda que o universo pesquisado se aproxime do contexto do pesquisador. É exatamente pela sutileza do trabalho de campo que percebemos esses fatos e confrontamos e/ou dialogamos com teorias acadêmicas e nativas.

Parti da afirmação de Goldman (2006: 170) de que “nosso saber é diferente daquele dos nativos, não por ser mais objetivo, totalizante ou verdadeiro, mas simplesmente porque decidimos *a priori* aplicar a todas as histórias que escutamos o mesmo valor”, para conceder estatuto epistemológico também às minhas dúvidas e inquietações já que, anteriormente, frequentei as festas inscritas no *circuito* de lazer de elite que agora etnografava. O esforço foi para tornar a ‘autoetnografia’<sup>2</sup> uma questão, e conferir dignidade a este fato. Os dilemas e angústias enfrentados pelo fato de pertencer, de certo modo, à realidade estudada, marcaram minha experiência enquanto pesquisadora. Como aponta Silva (2006: 36), que viveu situação semelhante, ao etnografar terreiros de candomblé, religião que praticava, “no ofício antropológico de encontrar e observar as ‘teias de significado’ com as quais os grupos se ‘prendem’ à sua cultura (Geertz, 1978:15), não se pode menosprezar os significados das redes que ‘prendem’ o antropólogo aos grupos que observa e aos grupos dos quais ele faz parte”.

No meu campo essa interação significou retomar antigas amizades, fazer novas, frequentar as festas junto a um grupo cujos contatos foram estabelecidos anteriormente, mas também, ao chegar às festas, me permitir conhecer e interagir com novas pessoas, aceitar o flerte de alguns homens, trocar ideias com algumas mulheres, dançar junto, me vestir da mesma forma que eles, conversar sobre os assuntos que eles consideravam importantes, beber o que estavam bebendo etc. Essa interação implica mutualidade. Na ação, etnógrafo e interlocutores afetam e são afetados. Essa afetação influi diretamente não apenas sobre o antropólogo, mas sobre a condição e o desenvolvimento da pesquisa. O que o etnógrafo vê está intimamente relacionado com o lugar que ocupa no grupo estudado. É aqui que me permito analisar de que forma minha inserção nesse universo, anterior à pesquisa, possibilitou minha entrada em Jurerê no momento em que decidi fazer esta etnografia.

---

<sup>2</sup> Strathern (2014: 133), ao escrever sobre os limites da autoantropologia, afirma que é preciso reconhecer que “as bases sobre as quais a familiaridade e a distância se assentam são cambiantes”. Desse modo, a autora propõe excluirmos o conceito de antropologia ‘em casa’ de mediações de graus de familiaridade. O que importa é saber se pesquisador e pesquisado estão “igualmente em casa”, ou seja, se as premissas sobre a socialidade que informam a pesquisa antropológica são as mesmas para ambos. Assim, importam menos as credenciais pessoais do antropólogo e mais sua escrita. “Mas o que ele (ela) afinal escreve diz se há continuidade cultural entre os produtos de seu trabalho e o que as pessoas da sociedade estudada produzem em seus relatos sobre elas mesmas” (STRATHERN, 2014: 134).

O conhecimento sobre os lugares e os modos de se conduzir neles, o conhecimento sobre comidas, bebidas, grifes, tendências, experiências no exterior, o guarda-roupa adequado e demais cuidados com a aparência foram aspectos que incidiram diretamente nas possibilidades de acesso, tanto na obtenção de convites, como no estabelecimento de contatos, aproximação dos interlocutores etc. Não posso omitir que o fato de pesquisar nesses ambientes não se dissocia de certos ‘capitais’ sociais, culturais e mesmo econômicos. Mais da metade da pesquisa de campo foi realizada enquanto frequentava as diversas festas do *circuito* de lazer de elite em Jurerê Internacional, onde meus interlocutores se divertiam.

Diversão: uma palavra deslocada na maior parte das etnografias. Afinal, tenho ou não que sentir os famosos *antropological blues*? Afirmar que me diverti durante o período de campo não significa dizer que eu andava pulando no meio dos outros dançarinos. Nunca tentei sentir o que o ‘nativo’ sente. Fui sempre, nesse sentido, um espectador do baile. Era isso que realmente me satisfazia e interessava. Passei o tempo todo ‘na minha’ (observação dos próprios *funkeiros*), sempre impressionado com o que estava vendo, com a explosiva empolgação da festa, e com sua repetição, todo o santo domingo (VIANNA, 1997: 15).

Se Vianna (1997), em trabalho pioneiro sobre os bailes *funk* no Rio de Janeiro, narra seu ‘divertimento’ pautado na observação da empolgação da festa, que assistia impressionado, minha ‘entrega’ nesse campo se deu de forma diferente da do autor. Enquanto este, em sua etnografia, observava a diversão de seus interlocutores, eu me divertia entre os meus, ou, como coloca o autor, ‘andava pulando no meio dos outros [...]’. O contexto me obrigou a agir dessa forma, ou, em outras palavras: a própria dinâmica das festas impôs um tipo de participação como condição única de minha inserção. Portanto, enquanto estive etnografando o *circuito* de lazer de elite em Jurerê Internacional, bebi, dancei, flertei e me diverti muito, enquanto procurava entender as relações estabelecidas nas festas. Nessa ‘entrega’ para o campo, seria ingênuo e desnecessário, tanto quanto me desculpar pelo meu divertimento, pensar em questões como objetividade ou neutralidade.

Creio ser mais coerente falar em objetividade relativa, tal qual a significação que Wagner<sup>3</sup> (2010) dá ao termo, ou seja, a de que pesquisador e pesquisado, ambos pertencem a uma ‘cultura’ e que essas culturas se equivalem. O entendimento antropológico consiste, portanto, em colocar essas paridades (cultura nativa e do antropólogo) em relação. Wagner inverte as constantes afirmações, encabeçadas por Geertz, de que ‘somos todos nativos’. Para

---

<sup>3</sup> Estas reflexões foram suscitadas pela leitura do livro ‘A invenção da cultura’, de Roy Wagner (2010), e do artigo ‘Roy Wagner: antropologia imamentista e diferença selvagem’, de Flávio Gordon, disponível em <http://ppgas2004.br.tripod.com/roy.html>. Acesso: 12 de setembro de 2014.

ele, ‘somos todos antropólogos’, e isso implica dizer que nossos interlocutores também executam essa função, ainda que de modos diferentes dos do pesquisador. Para o autor, não basta ‘dar voz’ aos ‘nativos’ e conceder-lhes o direito de expressar sua cultura, é preciso ir além. A diferença da cultura do antropólogo e da cultura do grupo pesquisado só importa para o autor enquanto processo de mediação da invenção, ou seja, o modo do antropólogo descrever os outros, como estes descreveriam a si mesmos. Essa ‘invenção’ da cultura é simultânea ao processo do entendimento. Assim, conforme Wagner (2010: 12), quando o pesquisador identifica a causa da diferença entre sua cultura e a cultura nativa, “o que o pesquisador de campo inventa, portanto, é seu próprio entendimento; as analogias criadas por ele são extensões de suas próprias noções e as referências de cultura são transformadas pelas suas experiências das situações de campo”. Essa antropologia reversa wagneriana não visa suprimir as diferenças, e sim ampliar o entendimento antropológico que se tem das mesmas. Se, como afirma Wagner, a invenção da cultura se dá no momento em que o antropólogo experimenta a diferença em campo e entende essa diferença como resultado do contraste entre sua cultura e cultura nativa, o antropólogo tanto ‘inventa’ a cultura dos nativos, quanto estes ‘contra-inventam’ uma cultura para o antropólogo.

Ampliar o entendimento antropológico do outro, mesmo quando a alteridade é mínima. Márcio Goldman (2003), em seu artigo ‘Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia’, exemplifica essa possibilidade através da busca de um ponto de vista descentrado por meio de um desvio etnográfico. Ele aponta que fazer etnografia pode ser visto sob o conceito deleuziano de “devir”, que é o movimento do sujeito que sai de sua própria condição e por meio de uma relação estabelece outra condição. É ser afetado pelo que afeta os ‘nativos’.

Aqui, uma explicação se faz necessária. Pela própria proximidade com o universo estudado, muitos de meus interlocutores eram amigos, antes mesmo da realização da pesquisa, e outros tornaram-se, pois as relações foram mantidas e aprofundadas ao longo do campo e depois dele. Dessa forma, acredito que denominá-los de ‘nativos’ soe estranho e especialmente deslocado. Parafraseando Goldman (2003, 2008), que, ao indicar seus interlocutores mais próximos os chama de ‘meus amigos’, ou ainda ‘meus amigos de Ilhéus’, vou denominar – ao longo de todo o trabalho – meus interlocutores mais próximos, e que estavam presentes em grande parte das *baladas* etnografadas por mim, de ‘meus amigos de festa’. Essa expressão, utilizada apenas para descrever esse pequeno grupo, diferirá do restante dos interlocutores, com os quais os encontros e conversas, ainda que profícuos, foram rápidos e esporádicos. Apresento, a seguir, ‘meus amigos de festa’.

Júnior<sup>4</sup> já era meu amigo antes de iniciar a pesquisa. O conheço há aproximadamente dez anos e foi ele quem garantiu minha inserção e permanência em campo. É um frequentador assíduo das festas em Jurerê e conhece muitas pessoas nesse universo, desde clientes das casas (me apresentou a muitos deles), até quem, literalmente, ‘faz’ a festa acontecer, como donos dos estabelecimentos, *hostess*, seguranças, fotógrafos etc. Seus contatos foram valiosos para o avanço e a continuidade da pesquisa. Júnior tem 34 anos e se considera jovem<sup>5</sup>, é solteiro, estudante, avaliado como bonito – para o padrão de beleza vigente em Jurerê Internacional -, natural de Florianópolis, e mora com sua mãe em um apartamento na Trindade, bairro de classe média. Já Karina, conheci quando ainda morava em Florianópolis e nos tornamos amigas. Naquele período, fui apresentada a Mila, que virou também uma amiga em comum. Karina é fisioterapeuta, trabalha com estética, tem 32 anos, mora e sustenta-se sozinha. Começou a frequentar Jurerê Internacional há mais de cinco anos, embora estivesse afastada das *baladas* no período em que namorou. No verão de 2013, voltou a ir às festas. Apresenta algumas características consideradas como importantes pelos atores: é morena, magra, financeiramente independente, simpática. Mila também reside em Florianópolis, tem 40 anos, e é solteira. É administradora e frequenta bastante o *circuito* de lazer em Jurerê Internacional. As amigas Ana, 35 anos, e Fernanda, 39 anos, me foram apresentadas por Júnior. Ana é advogada, mora com sua família em um confortável apartamento na valorizada Beira-Mar Norte, e seu trabalho lhe dá relativa independência para gastar nas festas em Jurerê Internacional. Ana tem preocupação com a aparência, principalmente com seu corpo, por não estar nos ‘padrões de magreza’ difundidos nesse *circuito*. É muito discreta, raramente se envolve com os homens nas festas e não gosta de pedir convites e/ou bebidas. Fernanda é solteira e reside em um bairro de classe média alta em Florianópolis. Tanto ela quanto seus pais possuem alta condição financeira, mas mostra-se muito simples. Em vários momentos, é expansiva e assertiva. Fe é um jovem *DJ* que mora com os pais em Jurerê Internacional e toca em algumas festas do *circuito*. Solteiro, 27 anos, Fe conhece muitos dos donos e *promoters* das casas e é bastante assediado pelas mulheres. Flerta muito com várias delas, mantendo com as mesmas, relações casuais.

Buscando entender o que ‘meus amigos de festa’ e demais interlocutores me diziam, fui afetada por essas relações, não como opção metodológica, e sim como única maneira de realizar a pesquisa. A expressão ‘ser afetado’ foi cunhada por Jeanne Favret-Saada (2005),

---

<sup>4</sup> Todos os nomes foram trocados, na tentativa de preservar as identidades dos meus interlocutores mais e menos próximos.

<sup>5</sup> As noções de juventude nesse universo serão discutidas no capítulo 2.

quando estudava feitiçaria no Bocage francês. A autora foi incorporada pela feitiçaria, sendo afetada ao passo em que tentava compreender a experiência, ou seja, levou a sério a história da feitiçaria, que a atingiu em cheio e possibilitou o estabelecimento de uma forma de comunicação involuntária entre pesquisadora e pesquisados. Em meu campo, fui afetada em alguns momentos e procurei buscar *insights* dessas experiências, que me permitissem analisar o fenômeno em questão. A autora afirma que, ao estudar a sociedade a que pertence, o antropólogo precisa manter alguns cuidados e distanciamentos e buscar nos afetos suscitados a experiência necessária para entender os processos de alteridade vivenciados em campo e repensar a própria antropologia. Ela reflete sobre

o tratamento paradoxal do afeto na antropologia: em geral, os autores ignoram ou negam seu lugar na experiência humana. Quando o reconhecem, ou é para demonstrar que os afetos são o mero produto de uma construção cultural, e que não tem nenhuma consistência fora dessa construção, como manifesta uma abundante literatura anglo-saxã; ou é para votar o afeto ao desaparecimento, atribuindo-lhe como único destino possível o de passar para o registro da representação (FAVRET-SAADA, 2005: 155).

A autora fez da participação um instrumento do conhecimento ao experimentar a feitiçaria e seus efeitos e entrar nessa rede de comunicação como uma parceira, e não como uma observadora distante, expondo-se a si mesma e sendo afetada pelo sistema que procurava entender. Ela explica que participar e ser afetado não significam conhecimento por empatia, já que empatia supõe um conhecimento à distância e o antropólogo toma o lugar do interlocutor ao experimentar pensamentos, sensações e percepções do mesmo. E continua ao afirmar que

ocupar tal lugar no sistema da feitiçaria não me informa nada sobre os afetos do outro; ocupar tal lugar afeta-me, quer dizer, mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens, sem contudo instruir-me sobre aquele dos meus parceiros. Mas – e insisto sobre esse ponto, pois é aqui que se torna eventualmente possível o gênero de conhecimento a que visio –, o próprio fato de que aceito ocupar esse lugar e ser afetado por ele abre uma comunicação específica com os nativos: uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não (FAVRET-SAADA, 2005: 159).

Persisto nessa questão, pois esse foi o afeto que vivi cotidianamente em campo. E como afirma Favret-Saada, no exato momento em que somos afetados, não podemos narrar a experiência e no momento em que narramos a experiência não podemos compreendê-la. O tempo de análise virá depois do campo, e após esse momento, resta ao pesquisador conceder estatuto epistemológico e registrar a experiência que o afetou. Realizar a pesquisa e interagir

com o ambiente e interlocutores, participando das festas, me trouxe algumas angústias, como no momento em que percebi a impossibilidade de separar a pesquisadora da mulher, jovem, que possui amigos nesse ambiente e que, acima de tudo, gosta de frequentar essas festas.

Meu diário de campo elucida várias dessas passagens, mas antes de reproduzir estes fragmentos, procedo a uma breve reflexão sobre o diário de campo, instrumento indispensável no trabalho do etnógrafo, e em que, conforme explica Weber (2009: 169), colocamos muito mais do que nossas impressões sobre os lugares e as relações e interações vivenciadas na pesquisa, tais como emoções, contrariedades, angústias e outras intimidades. A autora esclarece que, por sua função principal, o diário não consiste em um texto, completo e coerente. Ainda assim, algumas notas podem ser publicadas em partes, se contribuírem para o avanço da reflexão. Dito isso, transcrevo dois trechos de meu diário, em que as condições de fora e de dentro (cf Magnani, 2003 a) muitas vezes se misturaram e se fizeram ambíguas, além de alguns momentos de tensão, cansaço e estresse vivenciados em campo:

Preciso registrar o quanto essa história de ter nome na lista dos *sunsets* e ter que chegar cedo é ruim, porque primeiro que não dá de ir à praia, ou se vai, tem que levar roupa no carro, tomar banho de mar sem molhar a cabeça, tomar uma ducha depois (pagando 2 reais e ao ar livre) e se vestir no carro, ou ficar em casa, se arrumar rápido (e de fato é preciso se arrumar para esses *sunsets*) [...]. Então passávamos um trabalho, pois além de perdermos um dia de praia, tínhamos que nos arrumar à tarde, no calorão, e ir para os *beach clubs* arrumadas, maquiadas, cabelo escovado, no calor (Diário de campo – 5 de janeiro de 2013).

Outra coisa que percebi, nessa batalha para conseguir ingresso e camarote foi que a linha entre pedir e ser discreta e pedir e ser uma *piriguete* que se vende por pulseirinha é muito tênue. O mesmo ocorrendo com bebida. Até agora continuo com dúvidas em relação a essa denominação. Até que ponto eu não me tornei uma *piriguete*, na ânsia de estabelecer os contatos e entrar nas festas, mesmo que para pesquisar. Sem contar que realmente gostava de ser paquerada, de entrar sem pagar, de ter acesso aos camarotes. Gerava-me certa felicidade e ansiedade. (Diário de campo – 13 de janeiro de 2013).

Meu campo etnográfico foi poderoso no sentido de me permitir rever não apenas teorias e conceitos da antropologia, mas minha própria existência e a maneira como eu enxergava e vivia a prática de lazer que estava descortinando. É por isso que insisto que descrever as condições em que o trabalho de campo foi realizado me permitiu, de certo modo, um exercício de autorreflexão, ainda que de forma parcial. Strathern (2014) reforça o caráter frágil da associação de uma antropologia feita ‘em casa’ a uma maior reflexividade.

Existe uma tendência a equiparar reflexividade com maior autoconsciência, e assim considerá-la uma virtude pessoal, que uma pessoa sensível revela em

seus escritos. Pode parecer que os antropólogos estão fadados a apenas aperfeiçoar uma autoconsciência cada vez mais refinada. Entretanto, existe uma reflexividade conceitual além das sensibilidades dos praticantes individuais na medida em que o relato antropológico, *como* relato antropológico, devolve ou não para as pessoas as concepções que elas têm sobre si mesmas – aspecto que se aplica igualmente à etnografia e à análise antropológica (STRATHERN, 2014: 135-136).

O que está em questão, segundo a autora, é a forma como a autoridade etnográfica é construída, e o papel que o antropólogo atribui em seus textos às vozes que lhes fornecem as informações. Ou seja, o que a autoantropologia coloca é a possibilidade de enxergar a atividade antropológica como base para compreender as relações entre o “nós” pesquisadores e os “eus” que estudamos. Em suma:

deve se concluir que o tipo de autor que o(a) etnógrafo(a) se torna em sua escrita de textos não é determinado por um ato de vontade. O que “nossas” representações dos outros significarão depende, em parte, necessariamente do que “suas” representações significam para eles. E isso, por sua vez, dependerá de o antropólogo estar, de fato, em casa ou não, pois essa questão não é apenas de escolha autoral, mas de prática cultural e social (STRATHERN, 2014: 145).

Meus interlocutores fazem parte, em geral, de grupos sociais que dispõem de muitos recursos, de diferentes naturezas. Os que não possuem recursos econômicos têm outros como prestígio, relações, beleza etc. Percebi que minha presença e minha pesquisa foram aceitas também em virtude, mas não somente, do que eu poderia garantir para os ‘meus amigos de festa’, que estavam próximos a mim. A contrapartida era lógica e clara: o acesso às festas. Com alguns interlocutores, tive alguns acessos facilitados e não era raro receber solicitações e pedidos para angariar entradas gratuitas ou com descontos para alguns. Eu passei a ser reconhecida como uma amiga dessas pessoas, uma parceira de festa e nesses momentos, combinando a *balada*, indo ou voltando para a festa, no carro, na pista de dança, algumas aflições, desejos, medos e prazeres me foram compartilhados. Eram momentos tão genuínos de descontração e confiança, que as pessoas pareciam esquecer a pesquisa, e eu tinha acesso a algumas conversas, das quais me sinto constrangida e temerosa de trazer alguns detalhes para a análise.

Ainda que tenha conseguido acesso gratuito à maioria das festas, tive que arcar com determinado ônus financeiro, decorrente desse universo pesquisado. Primeiramente, precisei morar durante aproximadamente quatro meses em Florianópolis, divididos entre os verões de 2013 e 2014, além dos finais de semana esporádicos em que ia para a ilha, após o verão, de

modo a complementar a pesquisa. Além disso, precisava sustentar a minha posição de jovem que frequentava esses ambientes e me comportar como os outros. Dessa forma, foi preciso investir em roupas adequadas, além dos gastos com cabelo, maquiagem, manicure e ingressos. Era preciso também frequentar determinados restaurantes e beber determinadas bebidas - costumes que apenas minha bolsa de estudos não era capaz de cobrir.

Alguns frequentadores das festas eram meus amigos e outros, ficaram amigos no decorrer do processo. Assim, não posso deixar de observar que essas amizades estiveram relacionadas com o desenvolvimento da pesquisa e influenciaram meu trabalho em campo. Um exemplo é minha relação com Júnior, um amigo de muitos anos, e meu principal interlocutor. Ele teve um papel central na pesquisa, pois, além de ser minha companhia frequente nas festas, me apresentou para uma variedade de pessoas, o que facilitou minha conversa com elas, visto que era apresentada por um amigo em comum. Em síntese: Júnior foi um facilitador de minha entrada e permanência em campo. Porém, em alguns momentos houve tensão entre nós e senti que precisava me afastar dele. Como estava muito bem situado sobre o tema e objetivos de minha pesquisa, ele desenvolvia um papel importante colocando a diversos interlocutores questões pertinentes, muitas construídas a partir do que conversávamos, mas sentia que ele tentava direcionar a pesquisa para o que considerava – do seu ponto de vista – interessante estudar.

Quando estava em campo, tive dificuldade de entender essa relação complexa construída com Júnior referente à etnografia x seus posicionamentos e opiniões. Porém, após muita reflexão, entendi que é nesse descompasso que a etnografia pode se construir, já que suas opiniões e reflexões faziam parte do campo, tanto quanto as festas que eu etnografava. Minhas conversas com Júnior em alguns momentos se transformavam em ocasiões para que ele exprimisse suas frustrações, ressentimentos e emoções, muitas vezes com um tom altamente moralizante, e sempre se excluindo da análise. Outras vezes, ele parecia querer conduzir minha pesquisa, me dizendo o que observar, de que maneira, e dando um tom indiscutível e conclusivo às análises que fazia. Tentei enxergar esse seu comportamento como a possibilidade de apreender as relações que buscava compreender no campo, de que forma a socialidade era exercida na festa e fora dela, e quais as motivações e opiniões de quem frequentava aquele *circuito* de lazer.

Tal qual como Mohamed tornou-se um amigo para Rabinow (1992) em seu campo no Marrocos, não conseguia tratar Júnior como apenas um interlocutor, pois nossa relação era anterior e excedia meu trabalho de campo. Entre Mohamed e Rabinow houve uma crescente amizade, e essa relação era distinta da vivida com todos os outros interlocutores. O autor

aponta que a maneira ambígua com que ele e Mohamed viam a sua própria cultura e a cultura do outro<sup>6</sup>, não afetou os fortes laços de amizade criados entre os dois, mas, pelo contrário, o diálogo era possibilitado no reconhecimento das diferenças, enquanto que a ambiguidade influenciava a reflexão. “No entanto, o diálogo só era possível quando reconhecíamos nossas diferenças, quando nos mantínhamos leais, de forma crítica, aos símbolos que nossas tradições nos haviam proporcionado. Ao fazê-lo iniciamos um processo de troca” (RABINOW, 1992: 150 – tradução minha).

O autor continua sua reflexão apontando que o trabalho de campo é um processo de construção intersubjetiva, em que entraves, silêncios e rupturas são tão importantes quanto a conversa e o bom relacionamento. Assim, etnógrafos e interlocutores colaboram em um trabalho conjunto de interpretação. Um desses entraves ocorria justamente quando meus interlocutores teciam opiniões muito contrárias às minhas, embora a diferença seja precisamente aquilo que se supõe encontrar na pesquisa etnográfica. Nesses momentos, pesando o risco de ser expulsa do espaço de observação e hostilizada pelos contatos recém-feitos, muitas vezes fiquei calada e evitei me expor a tensões oriundas de algumas discussões. Um exemplo foi quando um interlocutor expôs sua opinião sobre a questão indígena, proferindo uma série de preconceitos ao afirmar que índios não gostam de trabalhar e invadem as terras alheias. Nessas ocasiões, o fato de expor minha opinião – contrária a deles – poderia acentuar um conflito, desnecessário para os objetivos da pesquisa.

Em meu trabalho, como já explicitado em outros momentos, a etnografia aparece com uma questão singular: a alteridade mínima. Gomes & Menezes (2008), ao refletirem sobre a produção etnográfica em contextos próximos aos da experiência pessoal do pesquisador, elucidam que a inserção em um campo já conhecido pelo antropólogo pode gerar suspeita sobre a capacidade da aplicação do método, além de questões outras, como: elaborar aproximação e distanciamento ao que é pesquisado, fronteiras marcadas pela diferença, limites éticos etc. No entanto, elas afirmam, e sou partidária desse posicionamento, que descrever o outro sem emitir valores pessoais e sublimar as experiências anteriores à pesquisa é acreditar em uma possível objetividade do cientista, uma neutralidade evidente.

Minha posição de antropóloga, bem como a pesquisa que estava realizando, era sempre colocada aos meus interlocutores. Silva afirma que

---

<sup>6</sup> Enquanto para Rabinow, Mohamed o percebia como “um membro rico de uma civilização dominante sobre a qual tinha muitas reservas”, o autor enxergava seu interlocutor e amigo como “alguém que lutava para reviver em um universo cultural em que eu já não habitava e que, em última instância, não podia apoiar” (RABINOW, 1992: 148 – tradução minha).

As possíveis vantagens que há numa produção etnográfica que explicita (dentro dos limites possíveis) ‘o que é uma pesquisa etnográfica’ (ainda que não saibamos exatamente no que ela consiste) para os ‘nativos’ (isto é, que esteja preocupada com os contextos de interlocução e representação) concentram-se na tentativa de buscar formas alternativas de representação entre os vários pontos de vista que envolvem o encontro etnográfico e sua análise e não exatamente em fazer coincidir as esferas de atuação política (seja pública ou privada) dos atores envolvidos ou mesmo promover um intercâmbio de posições (SILVA, 2006: 57).

O autor esclarece que essa iniciativa permite, através de ‘modelos discursivos de práticas etnográficas’, que o diálogo etnográfico faça parte do conhecimento produzido, e que possibilite “revelar também o significado das perguntas para as quais não existem mais tartarugas<sup>7</sup> suficientes” (SILVA, 2006: 58). Apesar de nunca ter negado minha condição de pesquisadora para meus pesquisados, o fato de eu ser antropóloga não fazia a menor diferença, e nem era considerado importante.

De fato, ninguém compreendia exatamente o que significava ser uma cientista social. “Afinal de contas, o que você vai fazer da vida quando terminar o mestrado?”, “Vai trabalhar com o que mesmo?”, “Vai ser professora, então?”, eram frases que ouvia recorrentemente de meus amigos e conhecidos no campo. O prestígio era atribuído a outros atributos, ou somente por ter uma formação universitária. Algumas situações soaram até engraçadas. “O que faz uma antropóloga mesmo? Ah, já sei, vocês estudam dinossauros”, ou “Você nunca vai ser rica sendo antropóloga”, foram frases que ouvi de dois diferentes frequentadores que conheci em algumas das festas. Se ser estudante de antropologia não despertava o menor interesse nesse *circuito*, o fato de eu saber distinguir uma bolsa *Chanel* de uma *Louis Vuitton*, ou conhecer as festas mais interessantes de algum balneário europeu sim. Esses diferentes capitais (cf Bourdieu 2008a, 2008b) acionados, participaram do desenvolvimento de minha pesquisa e possibilitaram a interação com meus interlocutores.

Outro facilitador no ambiente pesquisado foi o fato de ser mulher e estar solteira. Nesse universo, qualquer mulher que seja julgada como interessante aos olhos de um homem é sempre bem-vinda para uma conversa, além de ser também vista como uma parceira sexual em potencial. Nesse sentido, meu diálogo inicial com os homens era sempre bem-recebido. Mesmo informados dos meus interesses com as conversas, muitos me lançavam um olhar desacreditado e continuavam a flertar comigo, deliberadamente. Outros respondiam, para ao final dizer: “agora chega de fazer pesquisa não é?”, entre outras frases semelhantes. Talvez em virtude desse descompasso de intenções – a pesquisa e o flerte -, minha iniciativa de

---

<sup>7</sup> Em alusão à expressão utilizada por Geertz no livro ‘A interpretação das culturas’ (1989).

iniciar uma conversa era sempre bem recebida. Apenas um rapaz demonstrou um desconforto. Era um australiano com quem conversava e dividia um *drink* em uma festa. Ao explicar que fazia uma pesquisa e perguntar qual o motivo de ele ter escolhido Jurerê Internacional para passar uns dias e como estava vendo a festa, ele me lançou um olhar desconfiado e disse: “Nós estamos conversando ou você está me analisando?” Diante da pergunta, e ainda pega de surpresa, respondi que naquele momento estava apenas curiosa, visto ser ele o primeiro turista estrangeiro com quem conversava na festa. Vendo minha resposta evasiva, a conversa não fluiu e nos afastamos.

Muitos homens se aproximaram de mim com segundas intenções. A mim só restava direcionar seus interesses para os objetivos da minha pesquisa. No entanto, no período em campo me envolvi com alguns interlocutores, sempre de forma superficial e por breves momentos. Esses encontros me permitiram aplacar momentos de solidão e estresse provenientes da pesquisa, mas também me obrigaram a refletir sobre as informações adquiridas nessas relações, bem como a influência destas no que elegi como significativo para a análise. Procedo a uma reflexão pessoal e de muita intimidade para expor as circunstâncias em que o trabalho foi desenvolvido e como se deu a relação entre mim e alguns interlocutores. Trata-se, como assinala Rojo (2004: 52) “de retirar das entrelinhas dos diários de campo não publicados situações que, muitas vezes, são significativas para a compreensão da inserção do antropólogo e da reelaboração de suas questões a partir das situações vividas em campo”.

As intimidades (orientação sexual, sedução, sensualidade) que marcam o convívio nas festas foram uma dimensão presente na minha experiência de pesquisa. Esse jogo de sedução, intimidade e envolvimento sexual algumas vezes foi estabelecido com algumas pessoas que conheci, como possibilidade de diálogo e inserção ou por vontade própria, que independia do andamento da pesquisa. Os impulsos afetivos, sexuais e emocionais foram dimensões inerentes a esse trabalho de campo. Silva (2006: 86-87), ao relacionar sexo e campo, em sua etnografia sobre o candomblé, faz a seguinte afirmação, que reproduzo, pois ainda que não estude religião, as observações do autor me ajudam a refletir sobre as relações estabelecidas nas festas em Jurerê:

Essa sobreposição entre a vida religiosa e a vida íntima (sexual e afetiva) pode levar ou influenciar o antropólogo a estabelecer com as pessoas desse universo relacionamentos de vários tipos além dos previstos pelas pesquisas. E ainda que o antropólogo não pretenda, através desses relacionamentos, obter alguma vantagem para a pesquisa, é inevitável que eles acabem influenciando seu trabalho etnográfico na medida em que permitem acessos variados às experiências pessoais e sociais das pessoas com as quais se envolveu. É claro que não estou fazendo aqui uma crítica negativa a esse

envolvimento nem a sua apologia, mas apenas constatando a existência desse fato como parte integrante do trabalho de campo em muitas pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras. Afinal, se essas religiões permitem a convivência dos indivíduos portadores das mais variadas orientações sexuais e estimula, a partir de uma visão alternativa de moralidade, a exteriorização dos impulsos afetivos e emocionais, é natural que nesse contexto os pesquisadores também se sintam subjetivamente motivados a estabelecer com seus interlocutores relações menos formais, seja no âmbito profissional da pesquisa, seja no âmbito pessoal de suas vidas.

Kulick (1995) afirma que mesmo que a sexualidade sempre tenha aparecido desde os primórdios da disciplina, através dos grupos estudados (parentesco, incesto etc), o sexo abordado era sempre o do outro, e uma análise crítica do antropólogo como sujeito sexual tomou um longo tempo a surgir dentro da disciplina. Ele explica que a subjetividade erótica em campo pode ser uma fonte útil de *insights* ao chamar a atenção para as condições de sua própria produção e provocar perguntas desconfortáveis sobre gênero, exploração, limites e sobre o compromisso e a política do desejo que, se não dessa forma, só seriam feitas na volta para casa no conforto do escritório e do computador. Para o autor, é justamente nesse momento em que a subjetividade antropológica começa a aparecer no campo e na escrita, que precisamos colocá-la na pauta das discussões, a fim de melhor analisá-la. Ele continua ao afirmar, com base em Foucault, que, se o sexo é uma construção social, o que conta como sexo pode variar de forma considerável de um grupo a outro, entre as várias interpretações e práticas que o constituem. Se os manuais de pesquisa insistem em impor uma regra precisa a todos os iniciantes na antropologia, a de que não podemos nos envolver amorosa e sexualmente com nossos ‘informantes’, Dubisch (1995) assinala que a prática nem sempre pode ser considerada errada, antiética ou desastrosa. Ela explica que muitas vezes essas relações podem fortalecer o vínculo com o grupo estudado e justifica que fazemos quase tudo com nossos interlocutores, como compartilhar suas vidas, tornarmos-nos parte de suas famílias, ou até mesmo, seus amigos íntimos, partilharmos refeições, assistirmos seus rituais, e o principal, os usarmos para promover nossos objetivos e colocar em contextos públicos sua intimidade e vida, a fim de satisfazer nossos propósitos profissionais e acadêmicos. Dubish se pergunta: seria uma relação sexual mais íntima ou exploratória que isso?

O sexo nas sociedades ocidentais, como aponta Foucault (2011) é o segredo por meio do qual as pessoas definem seus gostos e personalidades, a verdade sobre si mesmo e suas relações sociais. Assim, olhar para o sexo no campo pode proporcionar uma reflexão sobre o trabalho antropológico e as relações e processos implicados nessa produção. Em vez de macular toda e qualquer relação sexual em campo como antiética, Kulick indica que é preciso

reconhecer e explorar esse princípio como parte de nossas pesquisas críticas. O autor ainda aponta que muitas vezes, quando um antropólogo e um membro da comunidade estudada se envolvem, há uma maior consciência do posicionamento e da situação das relações.

É com base nesses posicionamentos que rompo o silêncio e trago minha subjetividade erótica, nos momentos em que aflorou na presente pesquisa, para discussão, de modo a torná-la etnograficamente produtiva. Kulick (1995) entende, com base em sua pesquisa sobre travestis, que as condições estruturais que tornam possíveis as relações sexuais entre antropólogos e membros dos grupos estudados se alicerçam em condições coloniais e desiguais. No meu universo de pesquisa as condições assimétricas apareceram com considerável força nas relações de gênero. Meu envolvimento com alguns interlocutores foi sempre efêmero, muitos deles não ultrapassando a barreira de um fim de semana. Diferentemente de Rojo (2004), que estabeleceu uma relação de namoro, duradoura, com sua principal interlocutora, minhas relações sempre foram casuais, ou seja, o sexo a partir das práticas comuns das relações nas *baladas*, pela ótica da troca e/ou da vontade. Durante muito tempo me senti incomodada com a questão da minha sexualidade em campo. Ainda que estivesse me comportando *como as pessoas que estudava*, o fato de ter sido absorvida por toda essa atmosfera de sensualidade predominante nas festas me angustiava. Dessa maneira, os relacionamentos sexuais que vivi em campo me afetaram muito mais do que afetaram aos meus pares. Como afirma Rojo:

para além de práticas sexuais ou não, são identidades de gênero que se relacionam na pesquisa antropológica, e a sexualidade é um desses componentes. Incorporar a sexualidade como uma dimensão da construção de nossa identidade em campo não implica, obviamente, transformar o tabu em prescrição. Significa que a impossibilidade/eventualidade/possibilidade de ter envolvimento afetivos/sexuais em campo deve ser considerada, também, a partir de como a questão da sexualidade e do relacionamento insiders/outsideers é percebida pelo próprio grupo com o qual convivemos [...] (ROJO, 2004: 48).

Quando comecei a pesquisar os *circuitos* de lazer em Jurerê, as normas que governam os relacionamentos amorosos, afetivos e até mesmo sexuais já estavam dadas. Ainda que não negasse minha condição de pesquisadora em nenhum momento, eu não me diferenciava do frequentadores, à primeira vista. Dubisch (1995) esclarece que a confusão de atração sexual da pesquisadora mulher em campo pode ser ainda mais agravada quando os homens não podem ver a diferença entre o eu pesquisador e o outro objeto de sua pesquisa. Dessa forma, e até mesmo pelo ambiente, que é altamente propício a paqueras e práticas de

sedução, fui interpelada por muitos dos meus interlocutores. Os homens nesse universo são sexualmente atraentes e muitas mulheres procuram esse tipo de festas buscando essas relações (mas não apenas). Como minha condição de antropóloga não era evidente, era natural que me enxergassem como uma dessas mulheres, dispostas a aceitar tais envolvimento. O envolvimento não foi condicionante para a continuidade da pesquisa, mas também não foi mal visto pelas pessoas. Pela minha própria experiência, percebi que flertar e até mesmo me relacionar com alguns dos frequentadores que se aproximaram de mim contribuiu para minha aceitação no ambiente estudado. Essa prática permitiu me aproximar das mulheres, tendo um assunto em comum: os homens, e me aproximar dos homens, que não encaravam mais meus questionamentos com resistência.

As relações – consentidas e aceitas -, faziam parte do código daquele lugar. Envolve-me, acima de tudo, porque me senti afetada (cf Faavret-Saada, 2005) pelo ambiente, pelas pessoas, pela diversão e pela festa. Não posso deixar de dizer que os homens com quem me relacionei, de forma breve e esporádica, fizeram parte do meu trabalho de campo, na medida em que qualquer relacionamento traz à tona diferenças e semelhanças. Essas diferenças e semelhanças me propiciaram valiosos *insights*, mas eles também ocorreram com os demais interlocutores com quem não tive um envolvimento erótico. Consegui, ao reconhecer meus sentimentos e desejos, entender melhor a subjetividade que rege as relações sexuais em Jurerê Internacional.

## 2 ESTRUTURA DO TEXTO

A dissertação está estruturada em três capítulos, além da introdução e conclusão. No primeiro capítulo eu apresento a cidade de Florianópolis e o bairro de Jurerê Internacional, dialogando com estudos de antropologia urbana para discutir algumas questões centrais como: a criação e expansão do bairro, juntamente com as regras (municipais, ambientais e empresariais) que tornaram Jurerê, além de bairro, um condomínio de luxo loteado por uma empresa privada; e como Jurerê Internacional se transformou em uma *mancha* de lazer que comporta, internamente, *trajetos* diferenciados, que por sua vez também se articulam a outros, referentes a diversos espaços e lugares, compondo *circuitos*, que muitas vezes, ultrapassam Jurerê Internacional. A procura pelas festas badaladas e *glamourosas* se constitui em movimentos efetuados por diferentes atores com base em certo sistema de compatibilidades e incompatibilidades.

A ideia central foi descrever formas de produzir diferenciações no espaço da cidade e tentar entender, com base no material etnográfico, como o bairro acomodou esse título de ‘lugar de balada’ para quem busca, além de diversão, elementos de luxo e distinção na ilha de Santa Catarina. Também busquei entender como esse *circuito* de lazer de elite se constitui (geograficamente, no tempo, no espaço e nas relações) e se conecta a outros *circuitos*, visto que pessoas e objetos que circulam pelo bairro têm as mais diversas origens e procedências e percorrem *trajetos* específicos. Por fim, busquei perceber como o bairro se articula com a cidade de Florianópolis e de que forma incorpora essa referência de *Internacional*.

O segundo capítulo traz uma reflexão de categorias que aparecem ao longo de todo o texto como elite, distinção, lazer e juventude, dialogando com teorias clássicas e contemporâneas, com o cuidado de não tomá-las como categorias que estão definidas de antemão, mas que estão sendo produzidas pelas dinâmicas que problematizei na própria etnografia. Também apresento a rotina e os diferentes *trajetos* dos atores pela *mancha* de Jurerê Internacional e de como estes *trajetos* configuram um *circuito* de lazer de elite frequentado por esses jovens, e também de que forma a socialidade é exercida nesses encontros. Esses percursos compõem um *circuito* e conectam as festas de Jurerê a outros espaços/tempos, e são também pontos de articulação entre diferentes *circuitos*, produzidos por diferentes atores.

Este segundo capítulo funciona como uma espécie de interlúdio para o terceiro capítulo, que traz uma descrição das festas e lugares percorridos pelos atores nesse *circuito* de lazer (como as festas se conectam com os *circuitos*), e de seus frequentadores. Debato questões relativas aos seus comportamentos nas *baladas* tais como: o que vestem, o que bebem e comem, articulando com questões como consumo e grifes; como flertam, namoram, se relacionam e dançam, articulando com questões relativas ao corpo, gênero e sexualidade. Para isso, apresento de forma detalhada os lugares que possibilitaram a incursão etnográfica que culminou na presente dissertação. São eles: *Cafe de La Musique*, *Taikô Beach Club*, *P12 – Parador Internacional*, *Devassa on Stage* e *Posh Club*. A ideia foi apresentar as casas, separadamente, no intuito de destacar as particularidades e dinâmicas de cada festa, além de apontar similaridades, diferenças e hierarquias em um *circuito* que, visto de fora, parece homogêneo.

Por fim, além de recuperar alguns dos principais aspectos da etnografia, tais como as tensões envolvidas em Jurerê Internacional entre moradores, *empreendedores*, poder público e baladeiros, e a amplitude da categoria *circuito*, busco entender as festas como possibilidade de movimentos, conexões e trocas, e de que modo as relações entre os frequentadores associam

pessoas e objetos e como essas práticas fornecem sentido e ordenam essas relações, fazendo dessa questão o eixo das considerações finais.

Conforme Strathern (2014), na produção etnográfica há a distinção entre escritor e autor, que voltam-se para diferentes campos sociais. O antropólogo é autor para os leitores, pois se constitui em uma fonte de autoridade sobre o outro, e é escritor para os que estuda, já que relaciona, explicitamente, as ideias nativas com seus próprios enquadramentos. Isso faz com que o etnógrafo negocie uma contradição da pesquisa que, após convivência prolongada com os pesquisados, se constitui em um discurso que constrói esse outro em termos espacial, temporal e de distância. Nesse discurso sobre o outro, ou, o texto final da pesquisa, o etnógrafo é autor ao passo em que sua experiência em campo valide, conteste ou conforme teorias sobre o outro para o público leitor; e é também escritor ao produzir uma distância teórica que informe seu trabalho no que concerne às narrativas fornecidas em campo por seus interlocutores. Desse modo, cada narrativa que ouvia e cada cena que vivia e observava me conduzia a uma singularidade de percursos, identidades e práticas, que estavam sempre sendo produzidas em relação contextual. Assim, apresento a seguir, minhas ficções (Geertz, 1989), ou, minhas construções do que significa estar e frequentar Jurerê Internacional, moduladas por minha escrita e por minha experiência.

## 1 FLORIANÓPOLIS E JURERÊ OU ABRINDO O CIRCUITO

*“Queríamos fazer um conjunto, bem.  
Queríamos ir juntos à cidade, muito bem.  
Só que, à medida que a gente ia caminhando,  
quando começamos a falar dessa cidade, fui percebendo,  
que os meus amigos tinham umas idéias bem esquisitas  
sobre o que é uma cidade. Umas idéias atrapalhadas,  
cada ilusão. Negócio de louco...”*  
(Chico Buarque – A Cidade Ideal)

Florianópolis<sup>8</sup>, capital do estado de Santa Catarina, e a segunda<sup>9</sup> maior e mais populosa cidade do estado em número de habitantes, situada na região sul do Brasil, é conhecida como “Ilha da Magia”<sup>10</sup>. Localizada no litoral catarinense, conta com uma parte insular (90% do seu território) e uma parte continental, incorporada à cidade em 1927, com a construção da ponte Hercílio Luz, que liga ilha ao continente<sup>11</sup>. Atualmente com uma população de 433 mil habitantes e uma área de 675,409 quilômetros quadrados, o número mais que duplica no verão (principalmente no período das festas de fim de ano e carnaval), chegando a aproximadamente um milhão de habitantes. Sua geografia diferenciada (Florianópolis é uma das três capitais insulares do Brasil. As outras são Vitória e São Luís) e o fato de possuir 42 praias em seu território contribui para o intenso movimento de turistas.

A geografia da cidade é bastante peculiar. São mais de 40 praias, duas baías, montanhas, lagos e outros atrativos paisagísticos, o que explica a grande concentração de turistas<sup>12</sup>. Esse fato também ajuda a compreender questões relativas ao transporte e

---

<sup>8</sup> As informações referentes à cidade de Florianópolis foram obtidas através de consulta nos sites do IBGE (<http://www.cidades.ibge.gov.br>) e da prefeitura municipal da cidade (<http://www.pmf.sc.gov.br>). Acesso: 07 de outubro de 2013.

<sup>9</sup> Superada apenas por Joinville, ao norte de Santa Catarina.

<sup>10</sup> Devido a lendas que contam que muitas bruxas fugiram da inquisição europeia e abrigaram-se em ilhas mais remotas, chegando à Florianópolis por volta de 1750, juntamente com os colonizadores açorianos. Ainda hoje se ouvem estórias de feitiçaria e bruxaria na ilha de Santa Catarina, comumente contadas pelos habitantes mais antigos de Florianópolis. Esses relatos indicam que até hoje as bruxas realizam seus sabbás, nuas e escondidas pela ilha, geralmente em redutos açorianos como Ribeirão da Ilha, Barra da Lagoa, Ingleses e Lagoa da Conceição. Mais informações acerca da presença de bruxas em Florianópolis em Cascaes (2012).

<sup>11</sup> No continente, estão situados oito municípios que constituem a região metropolitana de Florianópolis, além da capital. São eles: Águas Mornas, Antônio Carlos, Biguaçu, Governador Celso Ramos, Palhoça, São José, Santo Amaro da Imperatriz e São Pedro de Alcântara.

<sup>12</sup> Ainda que não incida diretamente na grande concentração de turistas, Florianópolis recebeu boa classificação no Índice de Desenvolvimentos Humano e de qualidade de vida. Em 2010, foi eleita a terceira cidade do Brasil com o melhor IDH.

deslocamento dentro da própria cidade. Por estar rodeado por morros (que têm sua ocupação desordenada nas encostas), ter o centro ligado à região metropolitana por duas pontes e sua principal avenida de acesso aos demais bairros ladeada pelo mar e pelas baías, o território acaba formando uma triangulação especial (baía norte x montanhas x baía sul), fazendo com que os deslocamentos sejam bastante demorados, mesmo percorrendo-se curtas distâncias.

A parte histórica da cidade está situada na região central, a partir da praça XV de Novembro, e apresenta o estilo arquitetônico açoriano em contraponto com edificações modernas. Os bairros articulam-se por ruas e avenidas entre o mar e as encostas dos morros. Há áreas/bairros com arquitetura moderna, como Santa Mônica, Itacorubi e João Paulo, ainda que os prédios altos estejam concentrados na Beira-Mar e algumas ruas do centro, como Vidal Ramos, Mauro Ramos, Bocaiúva etc. e outros com concentração de edificações coloniais, como no caso de Sambaqui, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa. Somente no centro os dois estilos arquitetônicos (moderno e colonial) andam juntos.

FIGURA 1 – INDICAÇÃO DAS PRAIAS DE FLORIANÓPOLIS



FONTE: site 'Viagem e viagens' (20/11/2013)

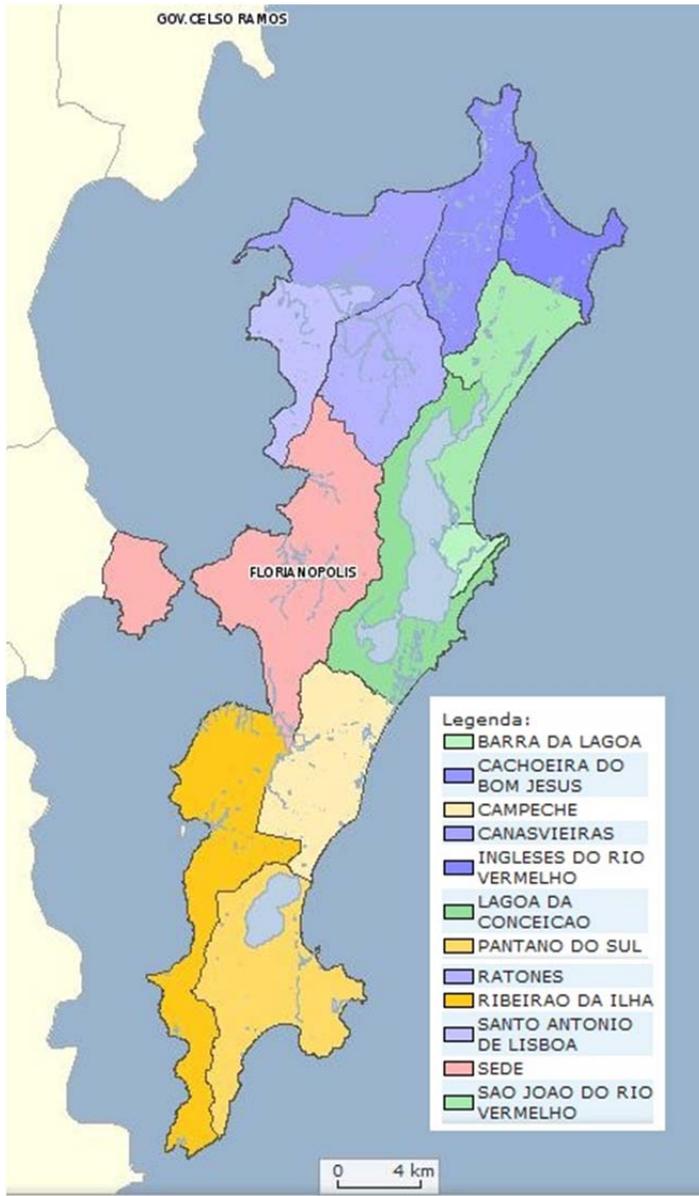
FIGURA 2 – AVENIDA BEIRA-MAR NORTE LADEADA DE MORROS



FONTE: *site 'Portal RCR'* (20/11/2013)

Segundo dados do IBGE (2013), Florianópolis hoje se sustenta economicamente baseada nas atividades de prestação de serviços, comércio, indústria de transformação e turismo. A divisão administrativa do município é composta por 12 distritos, todos localizados na parte insular: Barra da Lagoa, Cachoeira do Bom Jesus, Campeche, Canasvieiras, Centro, Ingleses do Rio Vermelho, Lagoa da Conceição, Pântano do Sul, Ratoles, Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa e São João do Rio Vermelho. A região continental é a mais populosa da cidade, seguida do centro, do sul da ilha, da região norte e por último, a região leste.

FIGURA 3 – MAPA DISTRITAL



FONTE: site 'Mob Floripa' (20/11/2013)

É possível observar em Florianópolis um fenômeno peculiar, pois há na mesma cidade múltiplos centros urbanos relativamente independentes. Embora haja uma clara concentração urbana principal no centro e arredores, é possível encontrar outras aglomerações urbanas significativas que existem relativamente independentes do centro da cidade, em especial – mas não somente - no verão, como no caso de Jurerê Internacional<sup>13</sup>, que possui uma infra-estrutura que possibilita essa relativa independência.

<sup>13</sup> Há ainda outros exemplos dentro de Florianópolis como a praia de Canasvieiras e os bairros Campeche e Estreito, além da região metropolitana.

## 1.1 JURERÊ INTERNACIONAL: O *EMPREENDIMENTO*

Observei diversas vezes meus ‘amigos de festa’ se referirem a Jurerê como o centro do luxo, do *glamour* e do cosmopolitismo. Muitas vezes a fala vinha acompanhada de comparações com grandes centros urbanos como Nova Iorque, Berlim, Los Angeles, Londres, ou localidades específicas de alguns países como Ibiza, na Espanha, Punta del Este, no Uruguai, Miami, nos Estados Unidos, Costa Esmeralda, na Itália. O fato de Jurerê receber inúmeros turistas no verão, vindos de várias partes do Brasil e do mundo (predominantemente sul-americanos, europeus e estadunidenses), inclusive com o uso ostensivo de outras línguas além do português, contribui para a imagem de um bairro cosmopolita e multicultural. A própria alcunha ‘Internacional’, não existe ao acaso, como explicou um dos diretores da Habitasul, empresa responsável pelo *empreendimento* Jurerê Internacional, em entrevista concedida à pesquisadora<sup>14</sup>.

Tanto é que a campanha de lançamento de Jurerê criou até certa celeuma, polêmica na cidade, em 1982, porque os cartazes, *outdoors*, falavam assim: ‘Prepare seu passaporte: Você está chegando. Jurerê Internacional’. E aí se incitava exemplos de Ibiza, Punta Del Este, Acapulco, Biarritz, uma série de balneários famosos no mundo, daquela época. Hoje são outros, mas naquela época, a nossa referência foi essa.

A publicização de Jurerê Internacional pode ser entendida como uma ideopaisagem<sup>15</sup>. O próprio *slogan* de criação, enunciado pelo diretor, deixa clara a tentativa de configurar aquele espaço como um novo mundo para a elite, com claras possibilidades de distinção. Ele defende essa ideia ao afirmar: “desde o início nós lutamos para fazer algo diferenciado, para que fosse uma referência mundial”. As propagandas (publicitárias ou notícias nos jornais, que acabavam soando como propaganda) noticiavam estereótipos sobre morar em Jurerê Internacional. Tereza Caldeira (2000: 264) explica que os anúncios publicitários de venda de imóveis, especialmente condomínios fechados destinados à classe alta, procuram seduzir e para isso, utilizam um repertório de valores, contidos nas palavras e nas imagens, que desperte

<sup>14</sup> Entrevista realizada em fevereiro de 2014.

<sup>15</sup> “As ideopaisagens são também concatenações de imagens, mas são muitas vezes diretamente políticas e com frequência têm a ver com ideologias de Estados e contra-ideologias de movimentos explicitamente orientados para a tomada do poder de Estado ou de um bocado dele. Estas ideopaisagens são compostas por elementos da visão do mundo iluminista que consiste num encadeado de ideias, termos e imagens, entre os quais *liberdade, prosperidade, direitos, soberania, representação* e o termo dominante, *democracia*” (APPADURAI, 2004: 54). No caso de Jurerê, as concatenações de imagens não se referem a ideologias de estado e contra-ideologias de movimentos. São imagens que evocam outras distinções e conexões.

a sensibilidade do futuro comprador, de modo a atingir seus desejos e lhes permitir acreditar que nesse determinado lugar, há uma vida boa para eles.

Fazendo apelos à ecologia, saúde, ordem, lazer e, é claro, segurança, os anúncios apresentam os condomínios fechados como o oposto do caos, poluição e perigos da cidade. Essas imagens são compartilhadas por aqueles que decidem deixar o centro para habitar os novos conjuntos, mesmo que sejam situados em áreas com infraestrutura precária e que requerem longas horas no trânsito. [...] Isolamento e distância do centro da cidade e sua intensa vida urbana são tidos como condições para um estilo de vida melhor. Os anúncios comumente se referem à paisagem natural dos empreendimentos, com áreas verdes, parques e lagos, e usam frases com apelos ecológicos. Os condomínios também são frequentemente representados como ilhas instaladas no meio de arredores nobres (CALDEIRA, 2000: 266).

No início, Jurerê Internacional correspondia a um conjunto improvável, distante e com infraestrutura precária<sup>16</sup>. É hoje que pode se afirmar que é um lugar isento dos problemas da metrópole, como fazem alguns de meus interlocutores, que muitas vezes, elevam o bairro à categoria da cidade, como se Florianópolis fosse ‘tudo’ ou ‘só’ aquilo. Contudo, um olhar ou mesmo um passeio mais atento e para além de Jurerê mostra que a ilha possui outros espaços e apresenta, como inúmeras capitais, problemas estruturais, que acontecem principalmente no verão, como congestionamento, racionamento e falta de água, problemas com recolhimento de lixo etc. Porém, nada disso parecia ser visto pelos frequentadores das festas quando se estava em Jurerê Internacional, aparentemente imune a esses problemas, principalmente pelos moradores de outros lugares. Também é possível observar como esse cosmopolitismo, luxo, alto padrão e alcunha de *internacional* é completamente distinto de outras localidades da ilha, que também apresentam características diferentes das verificadas na maioria das áreas urbanas e de metrópole. Como exemplo, cito o bairro do Ribeirão da ilha, uma comunidade de pescadores artesanais. Ainda que muitas vezes não percebidas pelos frequentadores de Jurerê, essas diferenças existem e coexistem em Florianópolis.

As distintas características dentro da mesma cidade, urbanas x rurais, alta x baixa temporada, centro x bairros distantes, me permitem rearticular algumas questões, cuja compreensão requer uma reflexão baseada no fluxo, movimento e na escala de Florianópolis. Antes, porém, procedo a uma descrição de Jurerê Internacional, lócus dessa pesquisa de campo.

---

<sup>16</sup> Voltarei a essa questão ao longo do capítulo.

Ao fazer uma etnografia de um determinado *circuito* de lazer de elite jovem, precisei perceber como pôde se constituir a diferenciação entre Jurerê Internacional e outros espaços da cidade, e os atributos e valores que a sustentam. Para tal, tentei entender a aspiração de se criar esse *empreendimento* em meio às aglomerações urbanas da cidade de Florianópolis, e como ele era visto pelos moradores e visitantes. Dessa forma foi preciso, por vezes, desprezar conceitos prontos e tratar das particularidades específicas de Jurerê, ou, como coloca Patriota de Moura (2012: 21) em seu trabalho sobre condomínios horizontais em Goiânia, considerá-lo inicialmente como um lugar fora do lugar e filtrar o “externo”, o que está “fora”. Contudo, a compreensão do *empreendimento* só se deu ao colocá-lo em relação com a cidade de Florianópolis e as diferentes visões acerca de Jurerê Internacional, ou seja, foi preciso dar conta dos processos cotidianos vivenciados no *empreendimento*, mas também da produção de espaços e relações sociais que contribuía para a produção da própria cidade.

Jurerê Internacional, situado no norte da ilha de Santa Catarina, é um *empreendimento* imobiliário planejado e executado pelo grupo empresarial Habitasul<sup>17</sup> que atua nas áreas imobiliária e industrial. Conforme descrição extraída do *site*, é possível perceber que o grupo tem grande interesse em expressar sua preocupação e comprometimento com os valores sociais e sustentáveis.

O Grupo Habitasul não quer que suas controladas sejam apenas grandes empresas, e sim cidadãs nas comunidades onde atuam, buscando auxiliar a transformar a vida das pessoas. Pois, mais do que empreender ou produzir, nosso verdadeiro trabalho é promover o desenvolvimento baseado na sustentabilidade econômica, social e ambiental. É isso que temos feito nestas mais de 4 décadas, seja na Área Imobiliária, seja na Industrial, reafirmando continuamente nossos valores: ajudar a construir um mundo cada vez melhor para se viver!.

Há mais de 40 anos no mercado, o grupo gaúcho Habitasul tem sua sede localizada em Porto Alegre. Fundada em 1967, a Habitasul concentra grande parte de seus investimentos no setor imobiliário (empreendimentos planejados e hotelaria) e tem como *holding* a CHP – Companhia Habitasul de Participações, com ações negociadas nas bolsas de valores. Os empreendimentos imobiliários que o grupo mantém hoje são: *Jurerê Internacional*, em Florianópolis (SC), *Vale Ville*, em Gravataí (RS) e *Portoverde*, em Alvorada (RS). Já o setor de hotelaria conta com quatro investimentos: *Hotel Il Campanario Villaggio Resort* e *Hotel*

---

<sup>17</sup> As informações sobre o grupo e sobre Jurerê Internacional foram obtidas através de entrevista com um diretor da Habitasul (realizada em fevereiro de 2014), das minhas incursões pelo *empreendimento* e de pesquisa dos *sites*: <http://www.jurere.com.br> e <http://www.habitasul.com.br>. Acesso: 22 de outubro de 2013.

*Jurerê Beach Village*, em Florianópolis, e *Lage de Pedra Hotel e Resort e Lage de Pedra Mountain Village*, em Canela (RS).

Em Florianópolis, os 450 hectares de terras (dos quais 200 hectares estão urbanizados) foram adquiridos pela Habitasul no ano de 1980, com a primeira aprovação formal da municipalidade. Como já existia o bairro de Jurerê, o complexo imobiliário, planejado e executado pelo grupo no ano posterior à aquisição, recebeu o acréscimo ‘Internacional’ ao nome, para se distinguir do referido bairro, que hoje é conhecido como Jurerê Tradicional, em oposição ao Internacional. Conforme o diretor:

Em 1980, na década de 80, a praia de Jurerê era a praia mais brega de Florianópolis. [A praia da moda] era Canasvieiras. A praia chique. Os bacanas que frequentavam, tinham suas casas de praia [...] Jurerê era praia brega. Era praia de farofeiro, porque na beira da praia era reflorestado com eucaliptos, pelos antigos proprietários, então era sombra e água fresca. E quando a Habitasul comprou essa área remanescente de uma empresa chamada imobiliária Jurerê, dentro da concepção do projeto, a Habitasul precisava dizer que o que ia ser feito aqui seria algo diferente. Então, na época, a maneira de dizer era o seguinte: é em Jurerê e é diferente, é em Jurerê Internacional.

Quando as terras foram adquiridas o terreno era alagadiço, por estar situado em uma área de manguezal. Assim, para dar forma ao terreno, a Habitasul utilizou dos serviços de drenagem e terraplanagem. Ainda no mesmo ano, o balneário mantinha muito da sua vegetação natural, com poucos acessos. As primeiras ruas e avenidas foram somente abertas em 1982. Conforme a lei federal de loteamento – lei 6766/79 - é preciso seguir uma série de normatizações, além das normas municipais, para fazer um loteamento, com estudos e projetos, como por exemplo, os ambientais e de impacto de vizinhança. Após os estudos e aprovação pelos órgãos públicos competentes, a área loteada é registrada, e o empreendedor do loteamento fica responsável por fazer toda a infra-estrutura das áreas públicas e entregá-las à municipalidade.

Uma estratégia utilizada pelo grupo responsável pelo *empreendimento* foi lotear e vender os espaços aos poucos, conforme a procura dos potenciais compradores, contribuindo assim, para a sua valorização. O plano geral de Jurerê Internacional é definido por casas e *beach clubs*<sup>18</sup> à beira-mar, na extensão de toda a praia, e ruas paralelas e avenidas, com alguns prédios – que não excedem 16 andares -, e uma área específica de comércio.

---

<sup>18</sup> Recebem essa denominação por estarem situados à beira-mar. O nome em inglês indica a valorização que se dá ao aspecto ‘internacional’.

A partir do ano de 1990 Jurerê Internacional encontrava-se bastante desenvolvido. Em 2002, a alta valorização das casas construídas contribuiu ainda mais para a valorização do balneário, que tinha entre outros atrativos, a infra-estrutura, como acesso rápido ao centro e outras praias, além de ruas e avenidas largas, como explica o diretor:

Muito do que nós estamos fazendo hoje aqui não é inventando roda nenhuma. Isso aí já era assim. Copacabana começou como um loteamento, teve um grande hotel, que foi um grande ícone na paisagem, que é até hoje, e Jurerê tem aí o *Il Campanario*, nós só fizemos uma coisa diferente em relação à Copacabana: nós recuamos o *empreendimento*, não botamos uma avenida na frente da praia, e fizemos um parque. É por isso que hoje Jurerê provavelmente é o sucesso que é. [...] A lei 6766, que é a lei dos loteamentos, permite que o empreendedor crie regras mais restritivas do que a própria legislação municipal. E essas regras colocadas na matrícula do imóvel, elas têm efeito de lei. [...] Então uma das coisas que eu acho que mais vale aqui em Jurerê, ou valeu no passado, não foi aquilo que foi feito, mas aquilo que deixou de ser feito.

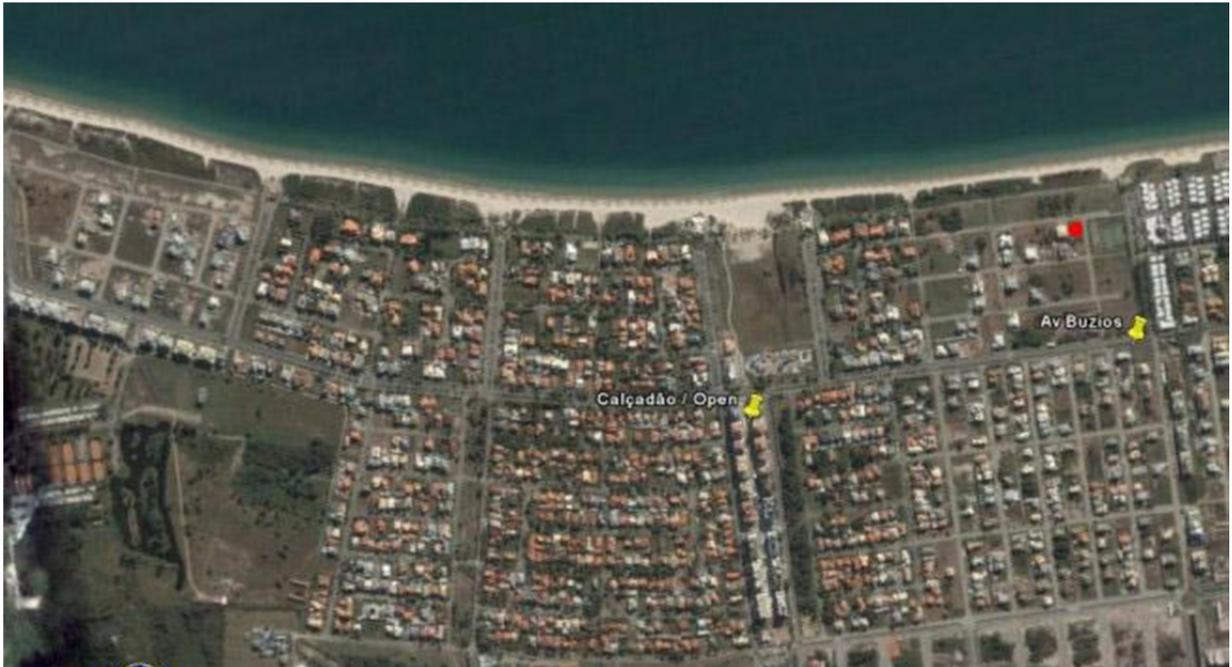
O grupo Habitasul tem uma sede dentro de Jurerê Internacional, que opera administrando atividades e funções como investimentos, planejamento, fiscalização de obras, zeladoria, dentre outras. Os lotes comercializados são gerenciados pela empresa, responsável pela primeira venda do lote.

Jurerê Internacional é caracterizado não como um bairro e nem um condomínio fechado, e sim como um *empreendimento*<sup>19</sup>. Situado no norte da ilha, a aproximadamente 25 quilômetros do centro de Florianópolis, tem como vizinhas as praias de Daniela, Jurerê Tradicional - que só passou a se chamar assim após o advento de Jurerê Internacional - e Canasvieiras. O acesso se dá pela rodovia SC 401, ligada à Avenida Beira Mar Norte. A praia que abrange tanto Jurerê Internacional quanto Jurerê Tradicional tem dois quilômetros de extensão e é limitada por dois costões – o de Jurerê Tradicional e o de São José da Ponta Grossa. Não há demarcação formal entre Jurerê Internacional e Tradicional. A divisão – simbólica - se dá através da Avenida das Algas até a Avenida dos Dourados, sendo do lado direito Jurerê Internacional e do lado esquerdo Jurerê Tradicional.

---

<sup>19</sup> Além de *empreendimento* (em itálico, pois se trata de uma denominação criada pela empresa Habitasul), também utilizarei as palavras bairro e praia para me referir à Jurerê Internacional ao longo do texto. Esses termos, no entanto, apresentam significados diferenciados. Enquanto é tido como *empreendimento* pela incorporadora, é visto como bairro e/ou praia pelos moradores e turistas.

FIGURA 4 – RUAS DE JURERÊ INTERNACIONAL



FONTE: site 'OLX' (20/11/2013)

Segundo o diretor da incorporadora, hoje a grande diferença entre Jurerê Internacional e Tradicional é que o primeiro conta com sistema próprio de abastecimento de água e esgotamento sanitário – ambos geridos pela Habitasul. No entanto, essa é a delimitação geográfica. Em sua fala é possível perceber que muitas vezes, Jurerê Internacional é percebido como mais que um *empreendimento*.

O que tem que considerar também é que Jurerê Internacional é uma marca, não é um bairro. É uma marca registrada que pertence à Habitasul e que dá nome a esse *empreendimento*, que está na praia de Jurerê. Uma coisa é a delimitação geográfica do *empreendimento*, a outra é a adesão ao conceito do *empreendimento*.

Nesse caso, estabelecimentos que, geograficamente, não pertencem a Jurerê Internacional, podem, ao aderir ao “conceito da marca”, referirem-se como localizados na área do *empreendimento*, como é o caso das casas noturnas *Stage Music Park* e *P12* e do hotel *Jurerê Beach Village*. Vale lembrar que Jurerê Internacional, ainda que seja um *empreendimento* privado, não possui barreiras físicas. As barreiras de Jurerê Internacional, além de não aparentes, eram negociadas diariamente.

Segundo o diretor, o espaço foi concebido desde o começo para ser um local de residência, veranismo e lazer. “Era uma época em que as pessoas tiravam 3 meses de férias, se ia em dezembro pra praia e se voltava em março... era outro tempo, outra cultura, outro momento, outra forma de veranear, outra maneira de ir à praia”, ressalta. Ele prossegue:

Nós podemos dizer realmente que isso aqui virou um *case* de sucesso. Porque nós temos as pessoas que moram, nós temos as pessoas que veraneiam e isso aqui se transformou em um local de lazer de juventude. Dentro daquilo que a Habitasul imaginou há 33 anos, nós estamos conseguindo honrar o compromisso assumido com quem acreditou no nosso projeto.

Sua visão contrasta fortemente com a de integrantes da AJIN<sup>20</sup> – associação dos moradores de Jurerê Internacional. Segundo um deles, residente há 16 anos, a Habitasul vendeu Jurerê Internacional para os primeiros moradores como um local de paz e sossego.

A ideia que a Habitasul passou para os moradores no começo é de que Jurerê Internacional seria um bairro, com paz tranquilidade, harmonia etc. para se morar. Então muitos velhinhos foram para lá morar. A pessoa se aposentava e ia morar lá. Inclusive quando eu fui morar lá era um bairro assim de... tranquilo. Você saía na rua era tranquilo, não tinha assalto, não tinha furto, não tinha ladrão, não tinha nada. [...] Nada. Em 2005, o que eram os restauantezinhos lá, foram transformados nos *beach clubs*... Sacanagem da Habitasul, a Habitasul é bandida. E isso não sou eu que estou dizendo. Um monte de gente lá diz. [...] Eles começaram a manipular, ou seja, fizeram um loteamento, venderam para pessoas com dinheiro, essas pessoas foram lá, construíram casas lindas, maravilhosas, que você deve conhecer, e agora, ‘bom, como é que nós vamos continuar ganhando dinheiro?’ ‘Nós construímos hotéis, têm dois hotéis lá, pelo menos, com 200 apartamentos cada um, aí o apartamento eu vou e vendo para você, como sendo um local maravilhoso, e você compra. Aí você compra porque ‘po, vou passar o verão ali, com meu filhinho, com a minha esposa’. Aí você compra. De repente eles pegam os restaurantes, que eram da praia, eram postos de praia, transformam em clube de praia, promovem isso internacionalmente, investem dinheiro... rola droga, rola prostituição, rola de tudo naquilo lá, você deve ter visto, não preciso te dizer, né? E aí, aquilo que era o apartamento que você compra pra ir lá passar com a sua família, vira um motel, onde os caras com dinheiro vão lá, levam a mulherada, desculpa o termo, levam as putas... As casas de Jurerê, muita gente não mora ali, tem ali, a casa, para passar o verão, mas tem hoje já 1.200 casas de pessoas que moram ali.

---

<sup>20</sup> As informações sobre a AJIN foram extraídas, além de entrevista com associados e o presidente, de consulta ao *site*: <http://www.ajin.org.br>. Acesso: 22 de outubro de 2013. A entrevista com o presidente foi realizada em fevereiro de 2014. Em maio do mesmo ano foi eleita a nova diretoria executiva da AJIN. Desse modo, ressaltamos que as informações aqui obtidas referem-se ao presidente que estava em exercício à época em que a entrevista foi realizada. A AJIN foi fundada em 1 de dezembro de 1986. Sua sede administrativa está localizada em Jurerê Internacional. A AJIN descreve a si mesma como uma associação que tem por finalidade proporcionar a manutenção do *empreendimento* mediante organização, planejamento, controle e execução de ações que visem o desenvolvimento da infra-estrutura, turismo, preservação ambiental, comércio, lazer, serviços, segurança, conservação, jardinagem e concepção arquitetônica, paisagística e estética. As 600 famílias associadas têm como atribuição pagar uma taxa de manutenção, que é proporcional ao somatório de metros quadrados dos terrenos ou suas frações e das áreas totais das construções e uma taxa de segurança, que tem valor idêntico para todos os associados. O conselho deliberativo da AJIN é composto por 33 membros efetivos, eleitos pelos associados em assembléia e com mandato de três anos. Já a diretoria executiva, com mandato de um ano, é composta por oito membros nos cargos de presidente, vice-presidente, diretor operacional, diretor financeiro, diretor sócio-cultural, diretor de esportes e lazer, diretor jurídico e diretor de comunicação social.

Interessante observar como a fala é pontuada por acusações. Não me cabe julgar a veracidade ou validade das informações e intenções declaradas em seu discurso, mas acredito que a própria existência dessas narrativas possibilite uma boa reflexão. Se os espaços públicos possibilitam que diferentes pessoas se encontrem e compartilhem, material e simbolicamente, a cidade, espaços como Jurerê Internacional possibilitam o encontro não de iguais, mas de pessoas que até certo ponto compartilham experiências, projetos e *ethos* semelhantes. No entanto, as relações vividas nesses espaços não estão imunes a conflitos e estigmatizações. Quando o entrevistado afirma que “os caras com dinheiro vão lá e levam as putas” e que “rola droga, rola prostituição”, ele está, através de sua fala, estabelecendo padrões de comportamento aceitáveis, marcando simbolicamente uma fronteira entre indivíduos que seguem as regras em uma sociedade considerada “normal” e os *outsiders* – que têm suas próprias regras e conceitos de normalidade (Becker, 2008).

O que é visto como desvio pelos membros do grupo de acusadores permite que constituam um sentido de coletividade e estabeleçam um padrão de moralidade, como quando meu interlocutor afirma que “aquilo que era o apartamento que você compra pra ir lá passar com a sua família”, e que esse padrão de moralidade permita estigmatizações (Goffman, 1988), a exemplo da continuidade de sua fala: “vira um motel”. É preciso considerar também, que todo processo de acusação é um embate político, e como tal, visa o poder de determinados indivíduos e grupos. Becker (2008) explica que alguns tipos de pessoas têm maior poder para definir o que é um comportamento desviante, e nesse caso, o membro da diretoria da associação, falando em nome de todos os associados, é dotado de algum tipo de poder. Já o embate político que pode ser observado em seu argumento diz respeito à questão judicial do “fechamento dos *beach clubs*”<sup>21</sup>. Em seu clássico ‘Os estabelecidos e os *outsiders*’, Norbert Elias & John Scotson (2000) apresentam uma relação entre tempo x *status* que parece ser interessante para pensar esse conflito entre moradores e frequentadores das festas em Jurerê. Conforme os autores, quem se estabeleceu primeiro - no caso de Jurerê, os primeiros moradores -, julga os que vieram depois (frequentadores das festas) como *outsiders*, e estes permanecem estigmatizados, mas por sua vez, também produzem acusações e estigmatizações. Há uma dinâmica de relações, não apenas a fixação de certas posições. Voltarei a essas questões de acusações e estigmas no próximo capítulo, pois elas também estão muito presentes no *circuito* das festas e denotam que os próprios pólos ‘estabelecidos’ e

---

<sup>21</sup> Tratada no texto, logo abaixo.

‘outsiders’ não correspondem a grupos estáveis de pessoas, mas antes indicam perspectivas que podem circular transversalmente aos ‘grupos’.

Outros moradores e associados da AJIN compartilham esse descontentamento. Na página da associação no *facebook* foi possível encontrar várias falas nesse sentido. No dia 29 de março de 2014, feriado de páscoa, a diretoria da AJIN publicou a seguinte nota em sua página, na referida rede de relacionamentos:

Café de La Musique incomoda moradores no J.I

Um morador registrou há poucos minutos, o índice de 70dB do lado de fora do Beach Club Café de la Musique em Jurerê Internacional.

A fiscalização da FLORAM [Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis] não aparece há tempos no bairro e com isso, os bares que estão sobre APP segundo o laudo judicial, aproveitam para aterrorizarem o bairro que possui zona residencial exclusiva.

Depois perguntam porque a Associação pede a demolição destas estruturas. De fato, não há o que fazer. O diálogo já acabou faz tempo.

Abaixo da mensagem, associados protestavam:

- Estou escutando da minha casa também. Um absurdo isso!
- Eu estou ouvindo da minha casa, que fica uma quadra pra trás da Búzios [rua de Jurerê].
- Uma falta de vergonha com o direito e respeito das pessoas. Justiça!!!
- Eu, da Piraúnas [rua de Jurerê], a uma distância de 800 metros ouvi. E pior: o som era tipo bate-estaca daqueles que irritam, que por mais que você queira não se incomodar não dá!
- Gentalha prepotente... mas as costas quentes fazem isso!

Os moradores que afirmavam que Jurerê Internacional havia sido projetado – e vendido – para ser um local de descanso e tranquilidade, não apenas se incomodavam com as *baladas* constantes, mas encontravam-se simbolicamente excluídos dos agitos que afirmavam não tolerar, ainda que geograficamente inscritos no local onde as festas ocorrem. Dessa forma, ocupavam uma posição ambígua em Jurerê Internacional. O mesmo ocorria com os frequentadores das festas, que, se eram bem vistos pelos donos das *baladas* e pela Habitasul, eram apontados pelos moradores como *outsiders* que ‘vinham estragar a paz do bairro’. É necessário compreender essas ambiguidades, conflitos e contradições contidas nos próprios valores, diversificados, do que seja estar em Jurerê Internacional. O espaço se apresenta então, como uma confluência de variadas concepções, compartilhadas ou não pelos segmentos das elites que ajudam a constituir o lugar tal qual como é hoje. Dessa forma, Jurerê Internacional pode ser visto como uma sobreposição de projetos (Velho, 2013) individuais e coletivos. As

tensões e ambiguidades apontadas por minha etnografia permitem uma aproximação com as observações de Patriota de Moura (2012).

Se os condomínios horizontais são realizações de projetos individuais e coletivos que organizam e dão direção, de forma mais ou menos inovadora, a conjuntos de símbolos existentes no ambiente sócio-cultural da cidade, país e mundo das sociedades complexas moderno-contemporâneas, eles são também espaços que, uma vez criados, constroem novas fronteiras simbólicas que delimitam grupos sociais e se expressam através de variações de um *ethos* e um *estilo de vida* específico (Geertz, 1989; Velho, 1998) (PATRIOTA DE MOURA: 2012: 74).

Essa oposição de parte dos moradores de Jurerê às festas promovidas no bairro não é recente. Exemplo disso é a ação protocolada pela AJIN na justiça federal em 2008, com o propósito de retirar os *beach clubs* de Jurerê Internacional, com base na legislação ambiental. Na ação, inicialmente constavam como réus os seguintes órgãos: Prefeitura Municipal, Ibama e Floram (Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis). Por ordem do juiz da 6ª Vara de Meio Ambiente da Justiça Federal, a Habitasul (proprietária dos espaços onde estão os *beach clubs*) também foi apontada como ré no processo. Atualmente a AJIN conta com o apoio do Ministério Público Federal. Após a adesão do MPF a associação contratou um perito que, através de relatório técnico, apontou as irregularidades dos *beach clubs*, que estão, segundo o estudo que foi anexado ao processo, em área de proteção permanente (APP). A audiência de leitura da sentença estava marcada para o dia 13 de dezembro de 2013, poucos dias antes da tradicional festa de *reveillon* organizada pelos *beach clubs*, porém, a Habitasul conseguiu, através de seus advogados, o adiamento da decisão. Após esse ato, em 19 de dezembro a associação de moradores fez um pedido liminar para o fechamento dos *beach clubs*, que foi concedido pelo juiz do TRF (Tribunal Regional Federal). No entanto, a Habitasul conseguiu suspender, também de forma liminar, a primeira liminar, conseguida pela AJIN. O presidente da associação explicou: “Então uma liminar suspendeu outra entendeu? Isso vai ser julgado ainda. Só que o *reveillon* já passou, a bagunça já foi feita, e a gente juntou mais provas aos autos, do que acontece. E o verão todo está acontecendo, e tudo o mais”.

Após esse episódio, o conselho deliberativo da AJIN emitiu no dia 31 de dezembro uma moção de apoio aos atos da diretoria, o que contribuiu para o desligamento da Habitasul como um dos associados. Sobre o ato, o presidente da AJIN foi enfático: “Ela fez isso para tentar sensibilizar os associados, e gerar nos associados uma animosidade contra o presidente”. Já um dos diretores da Habitasul apresentou outra explicação para o desligamento:

Nós nos desligamos da AJIN no dia 30 de dezembro do ano passado, porque embora nós tivéssemos sido os fundadores, embora nós tivéssemos sido sócios, parceiros, incentivadores ao longo de 30 anos, com os ataques que a atual gestão da associação começou a fazer à Habitasul, em função dessa ação aí dos *beach clubs*, nós simplesmente desistimos. Nós não podemos continuar sócios de uma associação que está indo contra o nosso patrimônio. Especificamente é o seguinte: essa questão da demolição dos *beach clubs*. A única coisa que nos separou da AJIN foi o fato de eles quererem demolir os *beach clubs*, porque em relação à preocupação que eles tinham e têm, e nós também temos, do barulho, do isso, do aquilo, comungamos da mesma preocupação e estamos tentando, há bastante tempo, resolver esse assunto, só que não é mais uma questão de arquitetura, engenharia, urbanismo, é uma questão antropológica, sociológica, psicológica, por aí afora. [...] Sabe aquela história assim: a AJIN, o filho que tu geraste, acalentaste, criaste, e de repente ele se torna adolescente... então a AJIN é isso aí. Nós propiciamos que ela chegasse aonde chegou, não estou dizendo que nós fizemos, não, nós fomos o agente indutor... [...] Mas não estamos nos furtando a continuar participando do que for necessário para o bem desta nossa comunidade.

Uma moradora destaca a intensificação do problema que, há mais de cinco anos, motivou o ajuizamento da ação. “Acho que em 2008 não tinha tanta prostituição e tráfico de drogas em Jurerê Internacional, né? Tomara que o TRF [*Tribunal Regional Federal*] mantenha a decisão porque ninguém aguenta mais conviver com a verdadeira zona formada por esses bares”. Já o gestor da Habitasul elucida o aspecto de continuidade do *empreendimento*, de forma a justificar as mudanças ocorridas no espaço:

As 32 primeiras pessoas que vieram para cá, compraram e construíram as primeiras 32 casas no início do loteamento, em 1983. Qual era o perfil desses compradores? Dessas famílias? [...] Nesses 32 iniciais a maior parte eram profissionais liberais, empresários, alguns funcionários públicos<sup>22</sup>, da justiça... e todos eles, grosso modo, tinham filhos pequenos. Filhos esses que na medida em que foram crescendo, as suas demandas por lazer foram aumentando. Então no início, aquilo que era legal, ir à praia, ficar na praia brincando [...] começou a ficar pouco, ou foi ultrapassado, dentro da questão desse núcleo inicial, a tal ponto que em 1994, ou seja, 12 anos depois, eu era diretor aqui, morava aqui em Jurerê, recebi uma comissão, um grupo de pais que vieram me procurar e dizer: ‘ó, estamos preocupados, que os nossos filhos não querem mais vir pra cá, porque aqui não tem diversão para eles’. E os pais disseram: ‘e nos preocupa isso porque nós não queremos que nossos filhos, quando nós viermos para cá veraneiar, peguem a estrada’. [...] Então a partir daí, em 1995, 96, nós trouxemos para cá a Ibiza, que era na época, a principal casa noturna do litoral do Rio Grande do Sul, que se

<sup>22</sup> “No Brasil, o grande surto de urbanização teve nas décadas de 1960 e 1970 sua fase de consolidação, em meio ao regime militar, quando grandes parcelas das camadas médias se esquivaram de participar da esfera política. O Estado, por outro lado, tem importante papel propulsor não só na urbanização em si, mas no próprio crescimento das camadas médias urbanas, compostas em grande medida por novos profissionais ligados direta ou indiretamente à máquina burocrática, como funcionários públicos da administração direta ou profissionais em áreas em expansão, como a saúde e educação públicas” (PATRIOTA DE MOURA, 2012: 43).

instalou aqui no *Jurerê Praia Club [hoje, Jurerê Sport Center]* e operou durante uma temporada, foi um teste que foi feito, e aí foi um sucesso tão grande, tão grande, que gerou um problema: a cidade toda veio para cá. E aí nós tínhamos feito uma combinação com os operadores que seria um teste e que caso desse certo nós iríamos então construir outro equipamento para eles, e acabamos construindo, o que hoje é ali o *Devassa on Stage*. Então de alguma maneira, desde o início do *empreendimento* a questão do lazer está ligada à questão de morar em Jurerê.

Enquanto a moradora fala de um processo indesejável e disruptivo que tem se agravado, o diretor elucida a continuidade do *empreendimento* em conformidade com a sua concepção original. Pela mesma empresa e mesmos gestores as transformações de Jurerê Internacional aparecem como desdobramentos relativos ao ciclo de vida dos próprios moradores e famílias, dos anos 80 em diante. Dessa forma, sua visão é de que o lazer sempre esteve lá, e se tornou-se diferente foi em decorrência das transformações trazidas pelo ‘tempo’ - incidindo de forma abstrata sobre pessoas, práticas e a própria cidade. Os próprios eventos, por definição pontuais, constituem uma série contínua. O diretor fez questão de frisar que o lazer sempre esteve presente, desde o início do *empreendimento*:

Então assim, Jurerê sempre esteve associada, desde o início do *empreendimento*, à questão do lazer. Isso aqui é um local onde nós temos hoje lazer para todas as idades. O que às vezes pode estar transparecendo, em função daquela repercussão que a mídia dá, é que parece que é só *balada*, é só festa para jovens, ou algum segmento de jovens. Mas não, de alguma maneira, nós temos um *mix* de serviços nessa área de lazer, que procura atender gregos, troianos e espartanos. E é obvio que isso acaba gerando algum tipo de conflito.

Interessante observar que sua fala contrasta visões ‘exteriores’ da mídia com o que ‘de fato’ ocorre. Mas é ele quem introduz<sup>23</sup> o tema do conflito. No entanto, a mídia também apareceu como vilã nas falas de diretores da AJIN, para quem, muitos dos conflitos, eram ‘esquecidos’ pela mídia, na tentativa de ‘proteger’ a Habitasul. O discurso do diretor da loteadora, ao passo em que enfatiza a continuidade, também realça a inovação, ainda que com certa relativização, pois já havia projeto semelhante em Copacabana (RJ). Não há contradição: o *empreendimento* é descrito como algo profundamente inovador em sua época (lazer para todas as idades, local diferenciado, referências internacionais), mas a partir daí há continuidade; as transformações são decorrências de sua trajetória (o ciclo de vida das

---

<sup>23</sup> Em entrevista pessoal, ainda não havia perguntado nada referente ao assunto que envolve as festas e o processo movido pela AJIN, quando o diretor inseriu o tema em sua fala, espontaneamente.

famílias) ou de processos situados aquém ou além (o crescimento demográfico, mudanças sociais e culturais).

O fato de não encontrarmos relações totalmente ordenadas dentro de Jurerê Internacional, no que se refere a lazer e moradia, bem como as visões e anseios de moradores, frequentadores e empreendedores, não inibe a crença em uma ordem por parte desses atores sociais. Muito dessa crença surge pelo compartilhamento de projetos e símbolos, que agregam sentimentos e significados. Como exemplo, cito a importância do ideal de ‘diferenciado’ e ‘elite’ para o imaginário de quem mora e frequenta Jurerê Internacional.

O que há, nas palavras de Patriota de Moura (2012: 44) é “uma complexificação da ordem social e a coexistência de diferentes mapas de orientação, muitas vezes contraditórios entre si”. Desse modo, Jurerê Internacional, muito mais do que congregar, nas esferas da moradia e lazer, os iguais, emerge como um ambiente de novas materialidades, estilos de vida e subjetividades, sendo visto como um espaço que propicia a segregação de certa elite, assim como sua constante diferenciação. Caldeira (2000: 211) explica que a segregação espacial e social é uma característica inerente das cidades, pois “as regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação. Essas regras variam cultural e historicamente, revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade”. A autora teoriza sobre os enclaves fortificados, que segundo ela seriam espaços privatizados e fechados destinados ao lazer, trabalho, consumo e residência. Partindo dessa perspectiva, não trato o bairro estudado como um enclave fortificado, pois uma característica peculiar de Jurerê – tanto Internacional quanto Tradicional, é que o bairro não possui cercas nem muros, ou seja, em tese todos têm acesso. Porém, as cancelas são simbólicas, e outros dispositivos restringem a circulação.

A exclusão se dá por outras maneiras, dentre elas, o preço dos imóveis e serviços oferecidos. Uma casa em Jurerê Internacional pode variar entre 1 milhão e 7 milhões de reais<sup>24</sup>. Já um apartamento na mesma área, varia de 350 mil a 1 milhão de reais. No início do loteamento, em 1983, o metro quadrado custava aproximadamente 30 reais. Hoje, em 2014, ele custa a partir de 8 mil reais, dependendo da localização – e proximidade do mar. Comparativamente, o metro quadrado de um imóvel nos bairros de classe média Trindade, Córrego Grande e Pantanal custa a partir de 4 mil reais<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> Valores consultados no *site* das duas imobiliárias cadastradas pela Habitasul. <http://www.personalitteflorianopolis.com.br> e <http://www.directa.imb.br>. Acesso: 23 de outubro de 2013.

<sup>25</sup> Valores consultados no *site* Agente Imóvel. <http://www.agenteimovel.com.br>. Acesso: 23 de outubro de 2013.

Quem visita a praia, também não escapa dos altos preços. A diária de casal para estadia em um dos dois hotéis<sup>26</sup> - pertencentes à Habitasul - disponíveis em Jurerê Internacional variava, no período da pesquisa, de 1.286 a 1.749 reais para o *reveillon*, de 673 a 866 reais para a alta temporada, que corresponde aos dias 19 de janeiro a 26 de fevereiro, e entre 1.135 e 1.541 reais para o período do carnaval, de 28 de fevereiro a 6 de março. Comparativamente, no centro da cidade é possível pagar de 200 a 400 reais a diária, no período do *reveillon*, para um casal. Jurerê Internacional é um espaço que foi planejado e direcionado para um grupo de renda elevada, gerando prestígio e *status* social para quem adquire imóveis no *empreendimento*, causando um tipo de segregação<sup>27</sup> social. Segundo pesquisa publicada na revista Exame<sup>28</sup> em fevereiro de 2013, Jurerê Internacional é o sexto bairro mais caro para se morar no Brasil. Segundo o presidente<sup>29</sup> do *empreendimento*

a baixa densidade da ocupação do solo, as ruas e espaços públicos limpos e arborizados, os terrenos sem muros ou grades, o tratamento cuidadoso dos jardins privados, casas amplas e de múltiplo estilo, que se comunicam – paradoxalmente – pelos espaços abertos e pela linguagem não uniforme dos telhados, são características que indicam ao visitante os limites de Jurerê Internacional, passando aquela percepção do ambiente diferenciado.

Patriota De Moura (2012) explica que a proliferação dos chamados condomínios horizontais<sup>30</sup> nos interstícios das aglomerações urbanas ganhou destaque no final do século XX. No entanto, a autora coloca, e concordo com esta perspectiva, que inicialmente pensados como formas de autosegregação provenientes das elites, os condomínios horizontais e os espaços por eles designados apresentam outras complexidades e variadas combinações. Desse modo, questiono a validade de discutir o fenômeno de Jurerê Internacional apenas pensando nas formas de autosegregação e privatização do espaço público, sobretudo motivadas pelo

<sup>26</sup> Valores consultados no *site* do *Il Campanario* <http://www.ilcampanario.com.br> e *Beach Village* <http://www.jurerebeachvillage.com.br>. Tarifário correspondente ao ano de 2014. Acesso: 23 de outubro de 2013.

<sup>27</sup> Caldeira (2000) responsabiliza a privatização da justiça e segurança, bem como as ações violentas e ilegais da polícia para que segmentos da sociedade se segreguem em enclaves fortificados, em sua análise sobre a segregação urbana na cidade de São Paulo. Contudo, meus dados referentes à Jurerê, diferentemente dos dados da autora, mostram uma situação diferente. Assim, não atribuo apenas o fator violência para explicar certa segregação em Jurerê Internacional.

<sup>28</sup> 'Onde é mais caro morar em 16 cidades brasileiras'. Revista Exame (2013). Disponível em <http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/imoveis/noticias/onde-e-mais-carro-morar-em-16-cidades-brasileiras>. Acesso: 23 de outubro de 2013.

<sup>29</sup> Discurso do presidente do *empreendimento* proferido em razão dos 25 anos da Habitasul, em novembro de 2005. Disponível em <http://habitasul.com.br/DISCURSO%20JI%2025%20ANOS.pdf>. Acesso: 27 de outubro de 2013.

<sup>30</sup> Ainda que Jurerê Internacional não possa ser considerado um condomínio horizontal fechado, por não possuir cercas e muros, utilizo essa referência sobre condomínios horizontais, pois a mesma guarda muitas semelhanças com o *empreendimento* da Habitasul.

medo da violência e expectativas de maior segurança, estudadas por Caldeira (2000), já que morar em espaços fechados e/ou planejados, como no caso de Jurerê Internacional, não é apenas uma resposta ao medo da violência na cidade. Ela não é a única causa da criação desses *empreendimentos*, e no caso de Jurerê, não é a principal. Patriota de Moura também acredita que a questão da violência não pode ser usada como um fim em si mesmo, para justificar a criação de condomínios horizontais e explicar a desigualdade social. Em suas palavras:

Acredito que a visão de que o muro seja um fator de acirramento de desigualdades sociais preexistentes é uma leitura superficial e simplificadora dos processos sociais que envolvem a proliferação de condomínios horizontais no Brasil. É claro que muros cercando bairros inteiros impedem a livre circulação de pessoas “de fora” dentro desses espaços e uma das conseqüências para a sociedade como um todo pode ser a exacerbação das diferenças. Porém, como diria Simmel, é preciso procurar a positividade sociológica do fenômeno. Acredito que a exclusão não seja um fim em si mesmo. A compra de um imóvel em um condomínio também pode significar a *inclusão* do grupo doméstico em uma “comunidade imaginada” da qual participam membros de uma elite econômica. Assim, a própria mudança de uma família para um condomínio pode também ser vista como uma autopurificação em uma trajetória de ascensão social. (PATRIOTA DE MOURA, 2012: 177).

O diretor da Habitasul, em seu discurso, contraria a visão de que o medo da violência contribui para uma fortificação dos espaços residenciais, tendo nos condomínios fechados a solução para uma elite que, com medo do crime e da decadência social, se isola através de barreiras físicas e sistemas de controle e identificação. Para o gestor, é justamente o receio da violência que contribuiu para que o *empreendimento* em Jurerê Internacional não possuísse barreiras físicas.

Se fosse só residencial seria um local morto, em que as pessoas teriam passado 30 anos aqui, para morar, e trabalhar no centro da cidade. Então durante o dia isso aqui estaria vazio. E aí, trazendo problemas de insegurança, porque a questão da segurança é sensação, e para se ter sensação de segurança tem que ter gente junto, e para ter gente junto tem que ter gente se movimentando. E por isso, inclusive, que o nosso modelo de *empreendimento* é um loteamento, não é um condomínio fechado. A Habitasul resistiu ao longo desses 30 anos, a várias pressões do mercado, ‘ah, por que não fazem um condomínio fechado? Um *Alphaville*? Não. A Habitasul dentro das suas convicções, da sua visão de negócio, aquilo em que acreditava, que era o seu desenvolvimento, sempre apostou em *empreendimentos* abertos, exatamente para que se tenha gente, ao ter gente tem movimento, ao ter movimento tem percepção de segurança.

O que é preciso explicitar nesse discurso é que o entrevistado possui uma posição ‘oficial’, pois dirige a empresa que detém grande controle sobre o *empreendimento*. Essa posição a partir da qual ele fala, além do fato de que ele conversa, em entrevista, com uma pesquisadora, e tem consciência dos efeitos que essa fala poderá produzir, incide diretamente no teor de seu discurso e na própria etnografia. Nesse sentido, creio ser útil trazer a definição de etnografia em contextos *up*, elucidada por Laura Nader e retomada<sup>31</sup> por pesquisadores que, em seus contextos etnográficos, se deparam com as implicações de uma antropologia feita através de temas como o exercício do poder<sup>32</sup>. Nesse contexto de antropologia em campos *up*, Jardim (2010: 24-25) pondera:

Desconfio que estamos falando de universos de pesquisa em que “caímos do pedestal”, os antropólogos é que caíram de algo *up* e descobriram que não tem o monopólio da palavra escrita, talvez não tenham nem o lugar como “aprendiz” (sem que isso signifique desbancar alguém) ou, além disso, nos vejamos desconfortavelmente disputando a pertinência de nosso modo de interpretação com outros interlocutores letrados, e que tem o gosto por interpretar e disputar interpretações. Nessa variedade de situações, ainda assim podem nos tratar como antropólogos, um ofício singular e exótico e, dessa maneira, criar um lugar absolutamente “instrumental” do ofício e/ou interpretação antropológica.

São nessas condições que Jurerê aparece, na fala do diretor da Habitasul, como realização de um projeto de ‘abertura’, que, na visão da empresa, sempre esteve presente no *empreendimento*, aludindo a um ‘fechamento’ que, se existe, parte dos outros, nunca da Habitasul. Mas essa ‘abertura’ vem acompanhada de um enorme aparato de segurança, aproximando Jurerê dos enclaves fortificados de Caldeira. Além da segurança provida pelo Estado, Jurerê Internacional conta com uma central de segurança, organizada pela AJIN em convênio com a Secretaria de Segurança Pública, Polícia Militar, Polícia Civil e Guarda Municipal. Tanto por parte de moradores quando da própria Habitasul me foram relatados poucos casos envolvendo assaltos ou furtos em Jurerê Internacional. A fala do presidente da AJIN dá a entender que o medo da violência não parece ser uma questão central em Jurerê e que as ações tomadas em relação à segurança aparecem como medidas de precauções.

<sup>31</sup> Reflexões apresentadas no livro ‘Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo’, organizado por SCHUCH, VIEIRA & PETERS, 2010.

<sup>32</sup> Se como afirma Schuch (2010), o poder, mesmo em campos *up*, não está posto, e sim construído nas relações, um episódio ocorrido na entrevista com o gestor da Habitasul e que enfatiza essa dinâmica foi o fato do entrevistado, além de conhecer e ter reunido referências bibliográficas para falar comigo, ter indicado leituras à pesquisadora. Dentre as sugestões feitas a mim contavam os livros ‘A invenção de Copacaba: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro’ de Julia O’Donnel (2013) e ‘Morte e vida de grandes cidades’, de Jane Jacobs (2011).

Então assim, não é uma milícia organizada como já chegaram a dizer, nós somos uma associação comunitária, que está organizada, trabalhando junto com as forças de segurança pública. Nós não temos poder de polícia, nós não temos poder pra dar geral em ninguém, não. A gente simplesmente tá filmando, tá vendo<sup>33</sup>, e quando preciso a gente chama a polícia. [...] Porque a gente tem as câmeras na rua, a gente tem lá um gerente de segurança, que é um militar, também, já na reserva. Então ele conhece, tem muito contato, ele... Normalmente quando acontece um furto, a gente consegue descobrir quem foi. Em alguns casos até consegue recuperar o que foi furtado. Porque, por mais que a gente tente, tente, não dá pra garantir tudo né? Mas tipo assim, num mês, teve dois furtos num mês, poxa, em 1200 casas, é muito pouco, entendeu?

No entanto, o que existe em Jurerê são muito mais do que ‘precauções’, e sim um amplo dispositivo de controle de inspiração militar: a dissuasão do inimigo. Mas ao presidente da AJIN interessa enfatizar, justamente, que “não é uma milícia”, assim como ao gestor da Habitasul interessava dizer: “Jurerê não é um condomínio fechado”. Aqui, novamente aparece a particularidade de se estudar em contextos *up*: os entrevistados, letrados e cientes de que estavam falando com uma pesquisadora e das implicações que poderiam surgir dessa relação, buscavam se antecipar a críticas que imaginavam poder receber.

Embora Jurerê Internacional possua características que o aproximam de condomínios fechados e enclaves fortificados, há um esforço, por parte de gestores da Habitasul e AJIN, para enfatizar sua ‘abertura’. É isso que conduz a outra aproximação, com a noção de *gated communities*<sup>34</sup>, categoria formulada por alguns membros da Escola de Chicago para explicar o processo de suburbanização das camadas médias dos Estados Unidos, marcado pela decisão voluntária de viver em lugares segregados, com perímetros definidos por muros e forte aparato de segurança particular. Não posso deixar de abordar também a relação que Bauman (2003: 106) faz ao comparar as comunidades cercadas/planejadas a guetos voluntários e opô-las a guetos reais. Para o autor, “os guetos reais implicam a negação da liberdade. Os guetos voluntários pretendem servir à causa da liberdade”. Se tomarmos a cidade de Florianópolis como um todo, podemos pensar que quem escolhe morar em um *empreendimento* distante da parte central pode estar se isolando, mas na perspectiva dos moradores, evidenciada pelo presidente da AJIN, são pessoas que procuram tranquilidade, descanso, liberdade e segurança, como se a tão sonhada paz fosse improvável, ou mais difícil, de ser conquistada na parte central – e caótica – da cidade.

<sup>33</sup> Nesse sentido, traço um paralelo com a etnografia de Patriota de Moura (2012). Os moradores do condomínio pesquisado pela autora sentiam a segurança se exercendo menos contra eventuais intrusos e mais sobre os próprios moradores, controlando e esquadrinhando seus movimentos – e suscitando o temor de que pudesse se voltar contra eles, e com violência.

<sup>34</sup> Para mais informações sobre *gated communities*, ver BLAKELY & SNYDER (1997).

No entanto, se não considero adequado rotular Jurerê como um enclave fortificado, também não pretendo caracterizá-lo como um legítimo *gated communitie* ao padrão norte-americano, ou mesmo como um gueto, já que as diferentes trajetórias e percursos vividos em Jurerê Internacional se articulam com a vida em toda Florianópolis, e remetem até mesmo a outros centros urbanos: nacionais e internacionais. O que a etnografia mostra é que as abordagens e categorias analíticas que apostam na segregação (enclave fortificado, *gated communities*, gueto etc) não são ideais para pensar Jurerê Internacional, justamente porque não se trata apenas de estabelecer certas fronteiras e distinções, mas também, no mesmo movimento, de buscar associações e relações com certos estilos de vida e certos lugares (seja aqueles com que se entra em contato diretamente, seja com imagens e narrativas que circulam sobre eles). Jurerê Internacional apresenta características que também aparecem nas descrições de enclaves, *gated communities* e guetos. Entretanto, em vez de partir da ideia de separação/segregação – e de tomar as fronteiras como mais ou menos estanques –, o que a etnografia busca, diferentemente das abordagens citadas, é identificar e traçar relações, pois se limites e fronteiras separam, eles também conectam. O que pretendo mostrar é o que ou quem está sendo conectado quando certas separações e distinções são estabelecidas e afirmadas.

Se pensarmos a esfera do lazer, também pode parecer difícil entender que se percorra relativa distância atrás de divertimento, que por sinal, outras partes da ilha oferecem. Entretanto, a alusão às festas *diferenciadas* e feitas para a *elite* sublima as dificuldades de locomoção (distância, tempo, direção x bebida) e contribui ainda mais para a alcunha de ‘festa para poucos’. Esse é apenas mais um critério de inclusão/exclusão negociado diariamente, presente em Jurerê Internacional.

É justamente tentando pensar Jurerê articulado à cidade, e não como um espaço isolado, que utilizarei as noções de *circuito*, *mancha*, *trajeto*, *pedaço* etc. cunhadas por Magnani (2003a; 2007; 2008a; 2008b; 2013) em uma tentativa de, como elucida o autor, fugir das tentações da aldeia. Nesse sentido, a ideia de começar discutindo o espaço de Jurerê e suas implicações na cidade, bem como a vida e interações cotidianas de seus moradores, para depois falar efetivamente das festas e seus frequentadores tem como objetivo perceber a produção desses lugares e relações, que transcendem – geograficamente e simbolicamente – Jurerê Internacional. Dessa forma, Jurerê é percebido e produzido no espaço urbano articulando variadas dimensões, complexidades e socialidades, seja em relação a cidade ou na interação dos atores uns com os outros, com as festas, com o bairro e com Florianópolis.

Os conflitos e contradições encontrados em Jurerê Internacional deixam claro diferentes perspectivas que são marcadas por instabilidade e elementos que se recombina

diversas vezes, redimensionando as referências dos moradores, que afirmam que as *baladas* têm cada dia mais descaracterizado o bairro, que deveria ser um lugar calmo, e a perspectiva dos empreendedores, que afirmam que o loteamento nasceu com a ideia de aliar os elementos de descanso, moradia e lazer. O bairro então, ainda que apresente moradores e frequentadores com características sócio-econômicas e referências parecidas - entre outras, a diferenciação como um valor -, não é um mundo homogêneo e estanque, que pressuporia um grupo com existência estável, definida e estruturada.

## 1.2 JURERÊ INTERNACIONAL: RESIDÊNCIA

Jurerê Internacional hoje, conta com aproximadamente mil e quinhentas construções, dentre casas e apartamentos. Com uma população fixa de 3 mil e 600 moradores, o bairro recebe cerca de 8 mil pessoas no verão<sup>35</sup>. A disposição das ruas dá forma retangular aos quarteirões. Todas as ruas, avenidas, servidões e passeios têm nomes associados ao mar. Um exemplo consiste nas avenidas e ruas dos Dourados, dos Búzios, dos Merlins, das Algas etc. Com exceção das principais avenidas, que são asfaltadas e de duas pistas, as demais ruas são de lajotas e de duplo sentido, permitindo a passagem de dois veículos. Algumas vias mais próximas ao mar têm apenas saídas e entradas únicas, e o interior de algumas ruas do loteamento não possui saídas.

As mansões e casas de alto padrão não muradas, os poucos apartamentos, bem como as ruas amplas e arborizadas distinguem Jurerê Internacional dos outros bairros de Florianópolis. Conforme descrito no *site* da Habitasul, “os 59,6 mil metros quadrados de jardins – dispostos por todo o *empreendimento* - são garantidos pelo rigoroso Plano Diretor local, implantado pela incorporadora há 25 anos”. Dentre as várias normas descritas, há as específicas sobre os padrões de construção exigidos pelo grupo, fazendo com que casas e apartamentos de Jurerê Internacional se assemelhem entre si e diferenciem-se do restante dos bairros e praias de Florianópolis. Por exemplo, quando um proprietário adquire um lote em Jurerê Internacional, além de encaminhar o projeto da casa para ser avaliado pelo órgão responsável da prefeitura, no que se refere a regras para construção de área livre, recuo etc. o projeto – arquitetônico e hidrossanitário – após ser aprovado pela prefeitura, passa pelo setor de engenharia da Habitasul, que o aprova ou exige adequações e/ou modificações, com base em seu Plano Diretor.

---

<sup>35</sup> Dados obtidos através de consulta ao *site* <http://floripaamanha.org>. Acesso: 26 de novembro de 2013.

Dentre as normas exigidas pelo grupo referentes à construção pode-se destacar: o fato de as residências, que são obrigatoriamente unifamiliares, deverem possuir, preferencialmente, dois pavimentos, como forma de aproveitamento do terreno; não existir nenhuma espécie de muro frontal, apenas entre as casas (não excedendo a altura máxima de 1,80 metros); e o material de construção estar dentro dos padrões exigidos pela empresa. Essas normas construtivas e o uso do solo constituem o PQD – Programa Institucional de Qualidade Diferenciada – que estabelece todas as normas e diretrizes do *empreendimento*. O diretor da Habitasul conclui: “é para manter a qualidade e o padrão de Jurerê Internacional. O morador não está comprando só o imóvel, ele está comprando todo o padrão de Jurerê”.

É nítido que distinção e *status* são questões de absoluta importância em Jurerê Internacional. Os moradores do *empreendimento* faziam questão de ostentar elementos que os ‘mostrassem’ como pertencendo a uma elite. Isso ficava explícito nas suas vestimentas, marcas de carros, atividades de lazer praticadas e nas construções de suas casas. O gestor da loteadora fornece uma explicação sobre o padrão estético de construção das casas e apartamentos de Jurerê Internacional:

Lá no início, a dificuldade que se tinha, é que as pessoas vinham lá com determinado projeto para fazer a sua casa e era um projeto mais simples, tinha muito projeto de engenheiro que era um retângulo, sem nenhum charme. Então no início dos tempos havia até uma dificuldade em provocar as pessoas a fazerem algo diferente. E levou tempo para que as pessoas vissem que não era só comprar um terreno e fazer uma casinha, com duas portinhas, duas janelinhas, projeto de engenheiro. E aí começou a haver um aprimoramento, um requinte, até uma disputa entre quem fazia o projeto mais arrojado, e hoje em dia a dificuldade é exatamente em frear. O que no passado era empurrar, hoje é tentar segurar, porque não há nenhuma restrição quanto ao padrão estético. [...] A Habitasul induziu a construção de algo diferente do que era o padrão da época em Florianópolis.

Mais uma vez é possível perceber no discurso, que a Habitasul se considera propulsora de algo diferenciado e que serviu e serve de modelo para toda a cidade de Florianópolis. Talvez esse seja o único ponto em que a loteadora não apele às origens para explicar as mudanças ocorridas no espaço, mas não é algo contraditório. O requinte já estava na concepção, a efetivação é que foi gradual. Observa-se então que a diferenciação traz prestígio, mas a ‘descaracterização’ é vista como perda de *status*, fazendo com que, ainda que diferentes, as construções sigam um padrão.

FIGURA 5 – CASA EM JURERÊ INTERNACIONAL



FONTE: site 'Imóveis Daki' (20/11/2013)

FIGURA 6 – APARTAMENTO EM JURERÊ INTERNACIONAL



FONTE: site 'SkyScraper City' (20/11/2013)

As casas se distinguem das de outros bairros de Florianópolis pela imponente arquitetura. A estética das residências é tomada como expressão dos gostos e valores dos donos, e também como vitrine. Em Jurerê Internacional, quanto mais opulentas forem as casas, melhor, pois são, juntamente com os jardins, feitas para serem admiradas e exibir

variados graus de *status*. Porém, se por um lado a falta de muros presta serviço à consentida visualização, apresenta uma consequência não prevista e indesejada por parte dos donos, como alguns desapontamentos que me foram narrados pela mãe de um de meus interlocutores, na manhã do dia 1 de janeiro de 2013, em sua mansão, enquanto tomávamos café: “Para nós moradores a pior época é o verão, principalmente as duas primeiras semanas de janeiro. Eles<sup>36</sup> vêm pra cá e destroem o bairro, incomodam, fazem barulho”. Seu marido a interrompe: “São todos mal-educados”, ao que ela contraria: “São nada. Duvido eles fazerem isso na casa deles, mas quando estão na cidade dos outros, são turistas, eles perdem a educação. Agora, por exemplo, tem um casal trocando carícias no meu quintal e eu sou obrigada a ver isso”, disse, apontando para o gramado de sua bela casa. Ela também reclamou dos preços abusivos: “Gostaria de entender como alguém consegue gastar 20, 30 mil reais em uma noite. É muito dinheiro. Eu comprei um arroz antes do natal por R\$3.39 e hoje fui comprar novamente e o mesmo arroz estava R\$5.34. É um absurdo e nós que moramos aqui o ano inteiro temos que nos submeter a isso”. Vale lembrar que, mesmo incomodados com os altos preços praticados no verão, não notei que a família apresentasse qualquer dificuldade financeira. Muito pelo contrário, até pelas roupas que vestiam, todas de grandes grifes, e pelo tamanho e decoração da casa, concluí que este não era um problema para eles. Inclusive quando comparou os preços, para além do prosaico exemplo do pacote de arroz, a mãe do meu interlocutor falou sobre viagens que fez para fora do Brasil, apontando semelhanças e diferenças com a praia. Seu modo de comparação era, em parte, semelhante ao repertório dos jovens desse *circuito*, que narram suas experiências internacionais.

No *empreendimento*, os endereços, - isto é, ruas com nomes e edificações numeradas - , existiam de fato, mas a definição mais utilizada em Jurerê Internacional era: ‘Internacional’ x ‘Tradicional’. Assim, a Avenida Maurício Sirotski Sobrinho virava ‘lá no Jurerê Tradicional’, enquanto que a Avenida dos Merlins, aparecia sob a alcunha de ‘a rua do Café, na parte Internacional’. Se a arquitetura das casas era singular, os limites e entradas de onde terminava o ‘Tradicional’ e começava o ‘Internacional’ eram sempre indefinidas. Essa fronteira incerta aparece inclusive na fala de um dos gestores da Habitasul, quando se refere a um hotel que está localizado em Jurerê Tradicional, mas se utiliza da referência Internacional, pois, “Jurerê Internacional é uma marca, não um bairro”.

O espaço urbano formado em Jurerê Internacional se constitui para além de suas casas unifamiliares e prédios. Também fazem parte desse espaço os dois hotéis – *Jurerê*

---

<sup>36</sup> Do ponto de vista de quem mora no *empreendimento*, ‘eles’ pode representar um conjunto indiferenciado de pessoas – o contrário da distinção que os frequentadores procuram.

*Beach Village* e *Il Campanario Villagio Resort* – já citados anteriormente, o *Jurerê Open Shopping*, um *shopping* a céu aberto, e o *Jurerê Sport Center*<sup>37</sup>, um centro de atividades esportivas, além das opções de lazer presentes em meio às ruas do condomínio como parques, praças, ciclovias, passeios etc. A Habitasul também controla o setor comercial de Jurerê Internacional, permitindo ou não a instalação de serviços e comércios em suas estruturas próprias, como o *Jurerê Open Shopping*. A instalação de comércio fora desse espaço pré-determinado é impedida através do Plano Diretor. Já o bairro de Jurerê Tradicional apresenta um comércio bastante variado. O *Jurerê Open Shopping*<sup>38</sup> está localizado em um calçadão, que se estende no centro de duas colunas de prédios, em Jurerê Internacional, mais precisamente na parte central do *empreendimento*. As várias lojas estão situadas no piso térreo dos edifícios. Há lojas de roupas, sapatos e acessórios nos segmentos feminino, masculino e infantil, além de lojas de artesanato, decoração, chocolate, vinho, livraria, e uma galeria de arte. No que tange ao setor de serviços, estão dispostos no *Jurerê Open Shopping* caixas eletrônicos dos principais bancos, escritório de arquitetura, farmácia, padaria, supermercado, ótica e salão de beleza.

---

<sup>37</sup> Todos os nomes são em inglês, contribuindo para reforçar o conceito de *Internacional* que inclusive, dá nome ao *empreendimento*.

<sup>38</sup> Valquíria Padilha (2006) faz uma interessante análise de como os *Shopping Centers* se transformaram em espaços urbanos privados travestidos de públicos, discriminando e contribuindo para excluir os que não podem comprar, ao passo em que funcionam como opção de lazer e ocupam posição de realizadores pessoais da felicidade pelo consumo para o público que tem verdadeiro acesso a este espaço. Sobre as formas de sociabilidades exercidas no contexto urbano de São Paulo e nos *Shoppings Centers* ver FRÚGOLI JÚNIOR (1989).

FIGURA 7 – JURERÊ OPEN SHOPPING



FONTE: site 'Panoramio' (20/11/2013)

Além das possibilidades de compras e distintos serviços, outros elementos reforçam o conceito de *shopping*, como bancos, mesas e jardins, dispostos no calçadão; uma pequena área com parquinho e recreação para crianças e alguns bares, pizzarias, sorveterias e restaurantes. Todos os pontos comerciais do *Jurerê Open Shopping* são locados pela Habitasul. Durante o verão as lojas ficam abertas até as 23 horas, sete dias na semana e é bastante comum ver os pontos gastronômicos lotados de turistas e visitantes, bem como o calçadão cheio de passantes, principalmente, no fim de tarde. Ainda que alguns pontos sejam frequentados pelos moradores, rotineiramente, como por exemplo, a padaria e a banca de jornal, na baixa temporada o movimento cai consideravelmente. Todos os serviços oferecidos em Jurerê Internacional, como as casas noturnas e *beach clubs*<sup>39</sup>, são fruto de um acordo de concessão de uso do espaço, fornecido pela Habitasul.

Como me relatou Kevin, um sul-africano casado com uma catarinense, morador de Jurerê há três anos e dono de uma loja de roupas e acessórios de praia localizada no *Open Shopping*, os turistas que visitam o *shopping* a céu aberto o fazem primordialmente para

<sup>39</sup> A análise específica desse tipo de lazer presente em Jurerê Internacional será apresentada no segundo e terceiro capítulos.

comprar. “Agora no verão, tem muito movimento, e a maioria são turistas, então estamos com sete funcionários, mas sempre eu ou minha esposa estamos na loja. Eu trabalho manhã e tarde, e ela fim de tarde até a noite”. Segundo o proprietário, no inverno o movimento é baixo, mas “dá para pagar as contas”. As grandes vendas e arrecadações ocorrem mesmo é no verão. “Se você chegar à minha loja consegue se vestir para ir à praia. Vendo biquíni, saída de praia, chapéu, óculos, havaianas, bolsa de praia, tudo”, disse. Sobre as vendas, ele fala que seu público é bastante amplo, pois suas roupas e acessórios atendem crianças, homens e mulheres de todas as idades. “têm turistas que no verão compram 5, 6 mil reais em uma visita à loja. Eles pegam as coisas e nem perguntam o preço”. Kevin contou que acaba ‘assessorando’ alguns turistas que perguntam o que fazer no bairro, onde comer, quais são as melhores festas etc.

Nos momentos que passei no *Open Shopping* percebi que ele é bastante usado pelos próprios moradores do bairro e por famílias com crianças. Observei mães passeando com seus filhos no fim de tarde, senhores conversando e tomando café em uma doceria, homens e mulheres indo buscar o pão na padaria, e alguns turistas fazendo compras nas lojas. O que não consegui visualizar, contudo, foi o *Open Shopping* como parte do *circuito* de lazer dos jovens que frequentam as festas de Jurerê. Por exemplo, ele não foi citado em nenhuma das minhas conversas com esses atores durante o verão. Mesmo quando eu perguntava o que faziam em Jurerê além de irem às festas, todos citavam que iam à praia e restaurantes, mas nunca falaram no *Open Shopping*. Desse modo, na direção da pesquisa, não me ative em analisar detalhadamente este espaço.

Já no âmbito dos esportes, Jurerê Internacional, também através da Habitasul, oferece aos moradores e visitantes o *Jurerê Sport Center*, um centro voltado para a prática de atividades físicas. Conta com piscina, quadras de tênis, futebol, vôlei, e salas de eventos e jogos, que podem ser locadas pelos usuários. O centro oferece também diversas aulas para os moradores, que pagam a mensalidade de acordo com a modalidade escolhida, e, assim como o *Open Shopping*, não é frequentado por meus interlocutores.

Jurerê Internacional também conta com a Estação Ecológica de Carijós, criada em 1987 por decreto federal, e com uma área de 190 hectares de reserva ambiental permanente, composta de manguezal e espécies nativas de animais. A estação (e seus manguezais) – que fica ao lado esquerdo do viaduto de acesso à SC-402 – está nas proximidades da área residencial de Jurerê e é mantida pelo Ibama.

FIGURA 8 – ÁREAS VERDES, EM MEIO AS CASAS – JURERÊ INTERNACIONAL



FONTE: *site* 'Férias em Jurerê' (20/11/2013)

Conforme o discurso do diretor da Habitasul, Jurerê Internacional é “um dos melhores lugares para se viver, um dos destinos turísticos mais qualificados”. No entanto, essa percepção não é consenso entre os moradores e/ou frequentadores. A Habitasul é alvo de duras críticas na internet<sup>40</sup>, como o exemplo<sup>41</sup> abaixo comprova. A fala da moradora demonstra seu desgosto com algumas práticas que atribui à empresa e faz uma previsão pessimista do futuro do bairro.

Sou paulista e moro em Jurerê há quase 9 anos. Meus pais se mudaram de São Paulo para cá em 1990, quando Jurerê Internacional praticamente não era nada. Havia umas 3 casas bonitas e só. Meu pai participou muito do crescimento deste bairro. O que me enoja é essa exploração imobiliária escrota da Habitasul. Essas construções sem fim, um descaso total com a pouca vegetação do local, um abuso de poder. Os beach clubs, se bem administrados, são muito legais. O Reveillon do Café de La Musique sempre foi o máximo! O nojento é a Habitasul e seus “coronéis” pintarem e bordarem, fazerem o que querem aqui. Dizimando corujas e outras aves,

<sup>40</sup> Em conversas diretas com moradores e frequentadores não ouvi críticas tão intensas quanto às feitas na internet.

<sup>41</sup> Retirado do *site* <http://www.vickyale.com.br/2013/10/sombras-no-paraiso/>. Acesso: 23 de outubro de 2013.

arrancando árvores, construindo desenfreadamente, mas banheiros públicos, tão necessários, NADA. Jurerê Internacional vai virar, infelizmente, um esgoto de rico. Aí eu, que não suporto esse progresso escroto dessa gente arrogante, provavelmente irei viver em outro lugar. E o povo vai nadar nas suas próprias fezes que estão sendo atiradas ao mar...

Importante ressaltar que os únicos banheiros públicos de Jurerê Internacional ficam no *Jurerê Open Shopping*. Como solução, ou o visitante se desloca até esse espaço ou tenta utilizar o banheiro de algum restaurante ou *beach club*, se estiver na praia. Vale lembrar que no verão dos anos de 2013 e 2014, determinados estabelecimentos cobravam a entrada, mesmo sem haver algum grande *sunset*<sup>42</sup> ou festa acontecendo. O *Taikô*, por exemplo, permitia a entrada de mulheres, mas cobrava 150 reais dos homens, apenas para adentrar a casa. Isso faz com que a utilização de banheiros públicos, algo trivial e importante em um *empreendimento* que recebe muitos turistas e visitantes, se torne um tanto complexa, indo de encontro ao discurso de preocupação ambiental, difundido pela empreendedora.

### 1.3 A CIDADE E SUAS FRONTEIRAS: O QUE É CENTRO, O QUE É PERIFERIA?

Jurerê Internacional está distante do centro (aproximadamente 25 quilômetros), mas não é de modo algum considerada como periferia. É outra centralidade, construída por outros critérios. O próprio “centro” da cidade não fica no centro geográfico. Jurerê é vista como o lugar da moda, que quem é jovem, bonito, rico e cosmopolita precisa frequentar, ainda que nem todos os frequentadores atendam a todas as características citadas. No entanto, essa dicotomia centro x periferia se constitui para além da distância do bairro em relação ao centro. Ela apareceu em diversos momentos, através de diferentes alusões, dos quais cito três situações que presenciei como exemplo.

Uma delas foi proferida por Ângela, que conheci em uma festa na *Posh*. Ela tem 25 anos, mora em Porto Alegre e faz faculdade de medicina. Passa o verão em Florianópolis, pois seus pais têm casa em Jurerê Internacional. É muito bonita e, na ocasião, estava muito bem vestida. Sua roupa, ainda que seguisse o padrão da vestimenta que as mulheres usavam na festa, se diferenciava destas, primeiro por não ser altamente justa e colada, e segundo, por ser de grife. Uma rápida visualizada me fez perceber que seu sapato era *Louboutin*, e o batom que retirou de sua bolsa *Chanel* era *M.A.C*. Também mandou uma mensagem para suas

---

<sup>42</sup> *Sunset* é a denominação dada às festas que ocorrem no final de tarde, geralmente em espaços abertos, à luz do sol.

amigas através de seu *Iphone*<sup>43</sup>. Perguntei a ela se estava em um *sunset* que havia ocorrido no mesmo dia, mais cedo, em outra casa – o *P12*, e ela me confirmou. Comentei que havia gostado da festa e a ouvi dizer: “Sério, você achou legal? Eu odiei, muita gente feia, muita droga, uma gente estranha, aquele lugar está muito estranho. O *P12* devia se transferir para a Palhoça e São José, só dá aquela *tigrada* lá do continente”.

A expressão “é da Palhoça”, ou “é do Kobrasol” foi usada recorrentemente por homens e mulheres que moram ou conhecem bem Florianópolis, numa atitude regular de classificar, em que tudo aquilo que não é o que se imagina que Jurerê deva ser é referido desse modo, orientando o comportamento e a fala dos interlocutores, que julgavam alguns frequentadores das festas como *diferentes*, ou *não-selecionados*. A declaração agressiva demarcava, através de um contraste muito evidenciado, de que forma a socialidade era exercida pelos jovens, comparando pessoas, bairros e estabelecimentos. Dentre outras características, o público era um dos principais elementos que orientavam a escolha por uma ou outra festa. Palhoça é uma cidade que faz parte da região metropolitana de Florianópolis e, portanto, fica no continente. Já Kobrasol é um bairro de outro município da região metropolitana chamado de São José. São distritos que não têm *status* de bairro rico e são vistos por muitos ilhéus como lugar de gente feia, pobre e brega.

Outro exemplo desse uso, e o conhecimento que os moradores da ilha de Santa Catarina têm dessa expressão, foi quando apresentei Danilo, 30 anos, um interlocutor natural de Florianópolis e Jurerê Internacional, que atualmente mora e estuda em Brasília a Karina, ‘minha amiga de festa’, que mora em Florianópolis e estava recorrentemente ao meu lado, em várias *baladas*. Ela perguntou: “você mora em Brasília?”, ele respondeu afirmativamente, e disse ainda que passava férias em Florianópolis, onde seus pais moravam. Ela questionou: “onde?” ao que ele respondeu: “no continente”, para depois falar rindo: “mentira, é aqui em Jurerê”. Quem não mora ou conhece profundamente Florianópolis, utiliza cotidianamente outra expressão excludente, que serve para distinguir os socialmente ‘privilegiados’ do ‘povão’, como apontou minha conversa com Carlos, um empresário paulista de 33 anos e cliente das festas em Jurerê, em uma tarde de *sunset* no *Café de La Musique*. No momento em que o garçom chegou ao camarote onde ele e seus amigos se encontravam com um balde que continha duas garrafas de espumante da marca *Mumm* e uma vela em cima de cada uma das garrafas que, quando acesa, solta faíscas por todos os lados, permitindo uma ampla

---

<sup>43</sup>*Louboutin*, *Chanel*, *M.A.C* e *Iphone* são grifes internacionais de sapato, bolsa, maquiagem e celular/computador, respectivamente, e tidas como luxuosas, de alto-padrão e destinadas a pessoas de alto poder aquisitivo.

visualização por quem está na festa, ele comentou: “meu, que coisa de *goiano* esse foguinho. É ridículo. Se fosse ainda uma *champagne* que preste valia o foguinho, mas essa aí... isso aí não é *champagne*”. Quando perguntei o que ele considerava *champagne*, ouvi: “Eu não bebo todo dia, mas *champagne* pra mim é *Cristal*<sup>44</sup>.”

Interessante observar que o que é centro e o que é periferia depende do lugar onde você está situado e da escala da cidade. Se para Ângela, a moradora de Porto Alegre que passa férias em Jurerê, Palhoça, um município vizinho e localizado na região metropolitana era periferia, para Sol, 31 e moradora de Brasília, que frequenta Jurerê assiduamente por causa das festas e de seus amigos, “Florianoópolis ainda é provinciana”. Já para o paulista Carlos, o que não é identificado como bacana e aceitável dentro da festa, é coisa de “goiano”.

Se como explica Magnani (2013), no centro, todos os frequentadores do *pedaço* não mais se conhecem, através das relações de vizinhança, parentesco e procedência como na periferia, eles se reconhecem, pois compartilham símbolos, ações e formas de socialidade. Desse modo, no *circuito* de lazer de Jurerê Internacional, quem não era visto pelos jovens de *elite* como pertencente ao *pedaço*, acabava sendo julgado como menor, e essa distinção era feita utilizando tanto expressões que remetiam a bairros mais periféricos como “povão”, “tigrada”, “lugar não qualificado”, como a própria ideia de que a socialidade e o uso dos espaços não necessitava ser compartilhada através do “ser conhecido” por laços familiares, de amizade ou vizinhança como na periferia, e sim “ser reconhecido”, estar entre os iguais, sempre respeitando a escala da cidade, já que

[...] metrópole não implica necessariamente experiências urbanas que oscilam entre dois extremos, o das multidões indiferenciadas e o do indivíduo confinado em sua solidão, mas a possibilidade verdadeiramente cosmopolita de trocas numa escala onde a segurança do contato nos limites de um horizonte compartilhado pode ser combinada com a abertura para novas experiências. [...] O diferencial, entretanto, oferecido pela escala de uma metrópole está na variedade e complexidade de seus *circuitos*, ampliando o leque dos *trajetos* e, por conseguinte, as alternativas de contatos, trocas e experiências para além daqueles dados no horizonte de um cenário já sobejamente palmilhado e previsível (2012: 157).

Em certas situações e para determinadas pessoas, Jurerê Internacional apresentava as características do *pedaço*. Mas, diferentemente do contexto de pesquisa que deu origem a essa categoria, para os meus interlocutores o *pedaço* Jurerê era o próprio ‘centro’, opondo-se a periferias geográficas e sociológicas.

---

<sup>44</sup> Em busca pela internet constatei que uma garrafa de *champagne* da marca *Cristal* custa R\$1.500,00 a garrafa mais barata.

#### 1.4 O PÚBLICO E O PRIVADO NA CONSTITUIÇÃO DOS ESPAÇOS

Importante apontar que nas falas dos interlocutores, evidenciadas acima, a relação entre Jurerê Internacional e outros espaços (geográficos e sociais) é constituída como oposição e afastamento. Já na perspectiva da empreendedora, embora Jurerê esteja relativamente distante do centro de Florianópolis, o que se enfatiza não é a separação, mas uma conexão que coloca Jurerê Internacional como um centro do qual emanam benefícios e atrativos para toda a cidade. Nos dois casos se postula uma assimetria em favor de Jurerê Internacional, mas o modo de expressá-la é diferente. No entanto, como o discurso do gestor da Habitasul demonstra, o *empreendimento*, que serve como um espaço que congrega moradia e lazer de qualidade, não se desconecta da cidade, como fica claro em sua fala, quando este aponta para os benefícios que o loteamento de Jurerê Internacional trouxe para Florianópolis, e até mesmo para o bairro vizinho, de Jurerê Tradicional. Isso aparece exemplificado quando o gestor refere-se a uma das primeiras festas realizadas em Jurerê, afirmando que “a cidade toda veio para cá”, ou quando exaltou as melhorias que Jurerê Internacional acabou propiciando para Jurerê Tradicional.

Hoje, em 2014, é capaz de alguém distraído não perceber onde começa e termina Jurerê Internacional e Jurerê Tradicional. Mas em 1982 quando começaram as obras de urbanização aqui, lá não tinha nada. Lá tinha um nucleozinho inicial lá no final da SC 402, e nenhuma das ruas era pavimentada. Não tinha rede de água, não tinha rede de esgoto, e em alguns lugares nem rede de energia elétrica. Então assim, o que diferenciou Jurerê Internacional do Jurerê antigo, do Jurerê Nacional, o Cacau [*colonista social*] até andou botando aí do Jurerê pobre, começam aí as elucubrações, no início foi a infra-estrutura urbana. E que hoje, pavimentação: está praticamente tudo pavimentado lá. Pode até se questionar que a qualidade da pavimentação é pior, mas está pavimentada. E quem batalhou para que isso acontecesse foi a Habitasul. [...] Então a diferença que existia na questão da infra-estrutura era muito grande. E depois a Casan veio e botou água, e depois a Casan veio e botou as redes de esgoto. Redes de esgotos essas que estão prontas há mais de 10 anos, e que só agora parece que vão conseguir ligar em uma estação de tratamento de esgoto, que é a estação lá de Canasvieiras.

Ele evidencia a infra-estrutura, aliada à ‘batalha da Habitasul’, como o elemento que propiciou que Jurerê Internacional e Jurerê Tradicional se tornassem muito semelhantes, e ao mesmo tempo, diferentes do restante da cidade, no decorrer dos anos, desde que o *empreendimento* nasceu. Patriota de Moura (2012: 50), em sua análise sobre os condomínios horizontais em Goiânia, afirma, e concordo com ela no que se refere ao caso de Jurerê, que “a

cidade, em seu aspecto de ‘coisa pública’, ‘coletiva’, e ‘planejada’, esteve permeada de indivíduos e grupos planejadores, interesses particulares e cidadãos que se tornaram crescentemente cidadãos-consumidores”. Isso implica dizer que, se idealmente a fronteira entre as atribuições e ações do Estado e de agentes privados é nítida e estável, as duas esferas se imbricam em vários momentos. Um exemplo disso é o SAE – Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto – criado e gerido pela Habitasul, e o responsável por levar água e saneamento à população de Jurerê Internacional. Já o bairro de Jurerê Tradicional tem sua água administrada pela prestadora de serviço público Casan – Companhia Catarinense de Águas e Saneamento. Sobre o SAE, o diretor da Habitasul afirma:

O nosso sistema de água aqui é operado pela Habitasul. Porque lá em 1980 quando o *empreendimento* foi aprovado, a prefeitura aprovou e a Casan aprovou, que é a concessionária do serviço público, mas com uma ressalva, dizendo assim: ‘está aprovado, o sistema de água está bem dimensionado, etc. mas quem tem que resolver o problema ou quem tem que operar isso são vocês, porque nós não temos condições de fazer’. Então a Habitasul montou um sistema de água e esgoto, uma estação de tratamento de água com captação, montou uma estação de tratamento de esgoto, e opera isso aí há 30 anos, sem nunca ter faltado água.

O imbricamento entre o estatal e o não-estatal produz conflitos<sup>45</sup> e gera acusações tanto ao poder público quanto ao empreendedor privado – cujos limites, aliás, são pouco claros. Nesse sentido, o Presidente da AJIN critica a atuação da Habitasul quanto à gestão do SAE.

Eles fornecem a água, de forma irregular também, porque essa concessão de água não houve licitação para isso. [...] Como isso daí é exploração de um serviço público, deveria ter sido feito concessão. Como a Casan, que é a estadual aqui é ruim de serviço, então... conhece aquela história? Já que não tem o poder público, o privado acaba assumindo. E o SAE dá muito dinheiro. Hoje eles gastam 50% e o outro 50% é lucro. [...] A prefeitura não pode fazer nada. O que ela vai fazer? Ela vai dizer: ‘desliga o SAE’, e aí nós ficamos sem água e esgoto. [...] A Habitasul é uma empresa que está explorando pra ganhar dinheiro. Ela não tem competência nenhuma. [...] Então eles têm ‘ah, nós temos aqui a planta, está aprovada na prefeitura’. É

<sup>45</sup> Não posso deixar de dizer que o período de realização da pesquisa coincidiu com o agravamento do conflito entre a associação de moradores do bairro e a Habitasul, em relação aos *beach clubs* (com a iminência da decisão judicial sobre o caso), e que essa situação está sempre de algum modo presente nas falas de meus interlocutores, de forma mais ou menos direta. Até certo ponto, os depoimentos de atores institucionais registrados durante a pesquisa (os diretores da Habitasul e da AJIN) constituem uma troca de acusações por intermédio da pesquisadora, que obviamente não teria como evitar que isso acontecesse. É de Schuch, 2010: 36 que vem a sugestão: “[...] encarar as tensões e poder entendê-las como parte do trabalho antropológico em suas dimensões epistemológicas e analíticas: ou seja, as tensões como fontes de conhecimento acerca dos grupos e instituições que estudamos e as tensões como instrumentos de conhecimento sobre o exercício da antropologia e seus limites. Em suma, acredito que as tensões podem ser vistas como uma agência para o conhecimento”.

óbvio que está aprovada na prefeitura, [faz um gesto com as mãos simulando dinheiro], entendeu? [...] Então assim, a Habitasul ela não é um ente público, ela não é um mágico de Oz. A Habitasul é uma empresa que está lá pra explorar o meio ambiente. Ela pega uma área, loteia, aquele sistema dela de água e esgoto, ela está explorando aquilo. Ela tem licença praquilo? Não, ela não tem concessão pra operar aquilo, tá? [...] Só que o Estado é tão ruim pra fazer esse tipo de serviço, que não consegue nem fazer o que é dele, ele vai pegar o dos outros? Entendeu? E a gente ali fica numa situação de refém, porque quem tem Casan hoje fica sem água no verão, quem tem a Habitasul tem água no verão, entendeu como é que é? [...] então aí é o ponto forte que tem desse ‘serviço’ da Habitasul. Agora o que é que a Habitasul está fazendo: ela explora, porque ela pega a água da terra, ela não constrói essa água, ela diz que ela produz essa água, não produz, a água é da terra, po, o que é isso! Entendeu? Ela faz o tratamento químico que tem que fazer, e sei lá, imagina aí que ela ganha 1 milhão, 500 mil é lucro.

Nesse caso específico, na impossibilidade de criticar o abastecimento de água provido pela Habitasul, afinal, Jurerê Internacional esteve até então imune aos problemas de falta de água no verão em Florianópolis, levantam-se suspeitas sobre o contrato de concessão e o uso de recursos naturais. Tanto a fala do diretor da Habitasul quanto a do presidente da AJIN, ainda que controversas, apontam a indistinção dos limites entre o estatal e o não-estatal em Jurerê Internacional, com efeitos ora percebidos como positivos, ora negativos. Mas o caráter ‘diferenciado’ de Jurerê Internacional – uma ideia compartilhada amplamente pelos empreendedores, residentes e visitantes – também depende dessa indistinção, que permite o acesso a serviços que, em outras regiões da cidade, são supridos de modo insatisfatório, embora a diferenciação do bairro não se apoie exclusivamente nisso. Além da infra-estrutura do bairro, a própria constituição da associação de moradores é apresentada pela Habitasul como uma iniciativa sua que, desde o início do loteamento até o presente, também contribui para a ‘diferenciação’ de Jurerê, como aponta o diretor do *empreendimento*:

Então esse grande diferencial físico, que já foi muito maior no início, ele hoje meio que equilibrou, mas o grande diferencial foi esse conceito que se vendeu do associativismo, das pessoas comprarem esse sonho e das pessoas brigarem por esse sonho. Então a associação de moradores de Jurerê quem criou foi a Habitasul, em 1986. O presidente e o secretário da assembléia de criação da AJIN eram dois diretores da Habitasul. [...] O grande diferencial foi o fato das pessoas não terem comprado só um terreno da Habitasul, mas terem comprado aquele sonho, comprado aquela ideia, e estarem mantendo vivo esse sonho, criar um espírito de comunidade nos nossos compradores. Então isso é um diferencial que nós reputamos como importante no nosso negócio. Porque geralmente quem vende um loteamento, vende um lote e não tem nada com isso mais. O nosso modelo é um modelo onde nós incentivamos isso, para que haja uma perpetuação do conceito, e aí com isso a manutenção daquele padrão de qualidade.

A “perpetuação do conceito” é o que continua sustentando, ao longo do tempo, a expansão e os lucros de um *empreendimento* “diferenciado”. Mas é também um dos principais focos de divergências com a associação de moradores que, além de reivindicar para si o mérito da manutenção e embelezamento do bairro, questiona a própria legitimidade das intervenções da loteadora, que pretendia assumir indevidamente prerrogativas da associação e do próprio poder público. Dito de outro modo, se a indistinção entre o privado e o público pode ser percebida como positiva em alguns momentos, sobretudo quando parece favorecer a autonomia dos agentes privados, ela também alimenta conflitos em situações em que a autonomia de diferentes agentes privados entra em rota de colisão. Segundo um dos diretores da AJIN

Quem deixa Jurerê bonito é a associação. [...] A prefeitura delegou pra nós, pra nós fazermos. [...] Nós temos um convênio com a prefeitura pra nós fazermos isso. [...] A Habitasul, ela não acha que ela é uma prefeitura, ela tem certeza. Então se você perguntar pra ela o que é Jurerê Internacional, no entendimento da Habitasul ela vai dizer: ‘foi um local que nós idealizamos, e nós criamos. Jurerê Internacional é nosso’. Po, mas não é nosso, ela vendeu o lote pra mim. Ela vendeu o lote pro meu vizinho. Se você pegar ali na minha rua, cada lote ali tem um dono. O que a Habitasul tem de dono ali? Não tem mais nada.

Um dos gestores do loteamento afirma que toda a infra-estrutura de Jurerê Internacional foi feita pela Habitasul, atendendo diretrizes e seguindo a lei 6766/79 – lei dos loteamentos, na sua obrigação como loteadora. No entanto, após o sistema viário, área verde e demais equipamentos e áreas públicas serem entregues à municipalidade, a responsabilidade de fiscalização e manutenção fica a encargo da prefeitura da cidade. Mas ele aponta as ações de manutenção da empreendedora como um ‘diferencial de Jurerê Internacional’, quando relaciona certo associativismo, ou, em suas palavras, além de comprar um terreno, o morador está comprando um “sonho”, e está “brigando por esse sonho”. Esse apelo da “briga pelo sonho” e “perpetuação do conceito *diferenciado*”, em sua concepção, justifica as fiscalizações e manutenções feitas pela loteadora, como por exemplo, a criação da associação de moradores, para além do poder público. Em síntese, o ideal – compartilhado por todos, embora não pelas mesmas razões - de “manutenção do diferencial de Jurerê Internacional” é também um foco permanente de conflitos e acusações.

Nesse sentido, o que deveria ser um espaço de prestígio e igualdade, já que a diferença é remetida para o exterior, mostra-se ambíguo e, em certa medida, desordenado, com distintas visões acerca do que seja morar (ou fazer negócios) em Jurerê Internacional. Se podia ser

visto como um local calmo, longe do caos da região central, e que congregasse as esferas de moradia, turismo e lazer, a visão do “paraíso” vislumbrada pelos empreendedores não era necessariamente aceita por todos os moradores. Além da diferença entre moradores e loteadora, há inúmeras outras diferenças entre os moradores. Algumas delas dizem respeito justamente às práticas de lazer no bairro, conforme se verá mais adiante.

O que se vê em Jurerê são novas configurações sócio-espaciais que envolvem projetos e sonhos iguais e diferentes, e acaba se transformando em uma arena para constantes debates e negociações políticas e de pertencimento. Se viver nesse espaço apresenta diversas visões, isso acontece, em grande medida, porque as pessoas estão cotidianamente construindo formas do que seja “estar em Jurerê Internacional”, já que não se trata só de morar, mas de investir, trabalhar, se divertir etc.

Apesar dos conflitos, a Habitasul continua a desempenhar um papel central no ordenamento dos espaços e das atividades de Jurerê Internacional, como por exemplo, o Programa Nova Onda, formalizado através de parcerias público-privadas entre prefeitura municipal, Habitasul, AJIN e outras entidades como Corpo de Bombeiros, Unimed, Khronos Segurança Privada, Capitania dos Portos etc. e tem como objetivo preparar o espaço de Jurerê Internacional para receber a alta demanda de visitantes e turistas no verão, sem ônus para a praia. Conforme explica o diretor da Habitasul:

O Projeto Nova Onda vem trabalhar, primeiro nas deficiências do poder público. Aonde nós podemos auxiliar o poder público? Porque tem coisas que só o poder público pode fazer, tem coisas que nós podemos fazer e tem coisas que o terceiro setor pode fazer. Então a ideia é juntar todas essas forças e convergir, [...] Então assim, como é que a gente vai convergir esses interesses de forma que tenha eficiência nas operações, lá na ponta mesmo, na limpeza da areia, na qualidade da água... então esse comitê que se reúne vem tratar de vários assuntos, inclusive a gente vem buscando referências de outras praias do mundo todo [...]. E as referências que se buscou, para poder organizar essa orla, o ordenamento, a ocupação, já que nós não temos uma legislação clara, com definição de papéis claros, nós fomos construindo, e fomos apresentando ao município, de acordo com a deficiência ou a demanda, que eles nos diziam: ‘nós não conseguimos atender, nós não podemos atender’, a gente foi oferecendo soluções, baseado em experiências de outras praias, criando algumas soluções viáveis.

A fala do diretor da Habitasul aponta para certo ‘localismo’, fechamento e homogeneização interna, junto com certa desconfiança do poder público - característica do pensamento liberal. AJIN e Habitasul divergem sobre quem tem legitimidade de estabelecer normas e ordenamentos, espaços e práticas. Nesse contexto, se pode compreender que uns e outros apontam o que seria uma ausência ou incapacidade do poder público de prover

condições adequadas e desejadas e é exatamente essa impossibilidade que produz um espaço de autonomia tanto para loteadora quanto para associação, que passam a produzir normatizações próprias. É possível perceber que alguns serviços oferecidos, bem como a beleza e a organização do espaço, juntamente com o saneamento diferente do resto da cidade, produzem e sustentam as diferenças do bairro. No entanto, um padrão de serviços que mantenha a distinção de Jurerê Internacional não é tarefa que o poder público possa ou deva cumprir. Todavia, quando a disputa entre os dois agentes (Habrasul e AJIN) se exacerba, acentuada pelo conflito que a manutenção das *baladas* no bairro proporciona, é exatamente ao poder público (judiciário) que se recorre, e o dano ambiental<sup>46</sup> se constitui em um argumento eficaz.

A Habrasul nesse contexto, mostra-se como mais que uma incorporadora, pois detém não apenas o controle do mercado imobiliário local e de certas disposições que devem ser seguidas pelas construções, mas também da hotelaria e algumas regras públicas. Enquanto a empresa enfatiza recorrentemente a diversidade de Jurerê Internacional no que concerne ao lazer, também utiliza a continuidade ao projeto inicial, que por ser autêntica e original não necessita ser justificada, para legitimar algumas ações, como a abertura dos *beach clubs* em um lugar inicialmente focado na moradia familiar.

Tentei mostrar neste capítulo que Jurerê Internacional acaba ocupando um espaço muito maior do que a localização física do loteamento, pois esse espaço físico (relacionado com a cidade) junta-se ao espaço midiático (propagandas, reportagens); espaços de interação social (relação entre moradores, frequentadores do bairro e das festas, empreendedores privados, poder público e associação de moradores) e ainda, um espaço simbólico, trilhado de forma concreta ou em forma de representação ou referência por todos esses atores sociais.

Apesar de relativamente distante do centro, os 25 quilômetros que separam Jurerê Internacional da parte central de Florianópolis não configuram nenhum impedimento para que toda a cidade ‘conheça’, de alguma forma, o *empreendimento*. Se não pessoalmente, através de relações (conhece ou é amigo de alguém que já foi ou mora(ou) lá), ou da mídia (jornais, revistas) e até mesmo pelas conversas e ‘publicização’ de quem já esteve por lá. O espaço surge de certa forma, como uma espécie de vitrine. E ir ou morar em Jurerê significa sempre algo, pois é uma nova maneira de estar na cidade. E, ainda que a maior parte dos atores que fazem seus *trajetos* pela *mancha* de lazer de elite de Jurerê desconhecêssem e demonstrassem

---

<sup>46</sup> O argumento de que as *baladas* de Jurerê Internacional estão dispostas em área de preservação permanente (APP) foi o que possibilitou à AJIN o ajuizamento da ação contra a Habrasul, com o pedido de fechamento dos *beach clubs*. Até outubro de 2014, o processo judicial encontrava-se ainda em tramitação na 6ª Vara de Meio Ambiente da Justiça Federal de Florianópolis.

desinteresse por muitos dos conflitos aqui apresentados entre incorporadora, moradores e donos dos *beach clubs*, a cidade de Florianópolis para além de Jurerê Internacional era percebida, em maior ou menor grau, pelos frequentadores do bairro e das festas, como o capítulo a seguir mostrará. Em outras palavras, Jurerê Internacional não se constitui em uma ilha, tampouco em um espaço segregado ou marcado pela ausência do Estado. O bairro reúne conjuntos, tensões e alianças, alternadamente, e é necessário compreender Jurerê e as próprias *baladas* nessas condições.

## 2 CHEGANDO À FESTA

*Vai no cabeleireiro*

*No esteticista*

*Malha o dia inteiro*

*Pinta de artista*

*Saca dinheiro*

*Vai de motorista*

*Com seu carro esporte*

*Vai zoar na pista*

*Final de semana*

*Na casa de praia*

*Só gastando grana*

*Na maior gandaia*

*Vai pra balada*

*Dança bate-estaca*

*Com a sua tribo*

*Até de madrugada*

*Burguesinha, burguesinha*

*Burguesinha, burguesinha*

*Burguesinha...*

*Só no filé*

*(Burguesinha – Seu Jorge)*

É notável a transformação de Jurerê Internacional desde sua criação até os dias atuais. O que começou como um lugar de moradia de alto padrão, distante do centro, se transformou num ‘lugar de balada’, ponto de articulação de um *circuito* de lazer de jovens que buscam, além de diversão, luxo e distinção na ilha de Santa Catarina, nas conhecidas e

reconhecidas festas badaladas. *Circuito*<sup>47</sup> aparece aqui como uma categoria analítica, que permite entender o resultado dos movimentos dos frequentadores que perfazem seus *trajetos* pela *mancha* de lazer presente em Jurerê Internacional, e possibilita articular as práticas diretamente observadas em Jurerê com outros espaços e práticas que, para esses frequentadores, conformam um *circuito* mais amplo de lazer ‘diferenciado’. A etnografia busca entender as regularidades nos comportamentos das pessoas que transitam por Jurerê Internacional, relacionando esses comportamentos com suas inserções nesse espaço urbano<sup>48</sup>, tão difundido como ‘elitizante’ e ‘diferenciado’.

## 2.1 JUVENTUDE, LAZER, ELITE E DISTINÇÃO

Utilizo a denominação *circuito* de jovens (Magnani, 2007: 19), mas o enfoque não será dado diretamente à condição juvenil e suas diferentes manifestações, e sim às maneiras como certos atores percorrem alguns espaços da cidade, através da etnografia de seus encontros, trocas e interações por este *circuito* de lazer. A ideia é não tanto discutir o campo das juventudes<sup>49</sup> e limites dessa faixa etária<sup>50</sup>, que em meu campo varia aproximadamente entre 20 e 40 anos, e sim descrever suas interações com a cidade, especificamente com o *circuito* de festas de Jurerê Internacional. Minha escolha em evidenciar os *circuitos* e interações, para além do campo da juventude, deu-se pela tentativa de

levar em conta tanto os atores sociais com suas especificidades (determinações estruturais, símbolos, sinais de pertencimento, escolhas, valores, etc.) quanto o espaço com o qual interagem – mas não na qualidade de mero cenário e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço (MAGNANI, 2007: 19).

<sup>47</sup> Cf. Magnani (2003a; 2007; 2008a; 2008b 2013).

<sup>48</sup> Ainda que use o termo ‘espaço-urbano’, tentei problematizar no primeiro capítulo, em que sentido e para quem este espaço é *urbano*, visto que muitos dos atores que vão à praia e às festas caracterizam Jurerê justamente como distinto da cidade, no que tange a alguns elementos característicos da vida urbana como trânsito, trabalho e heterogeneidade.

<sup>49</sup> Sou tributária da perspectiva apontada por Abramo (2005) que trata de juventudes, no plural, pois não podemos nos esquecer das desigualdades e diferenças que atravessam essa condição.

<sup>50</sup> Neste trabalho, juventude é uma auto-classificação, visto que o intervalo é razoavelmente grande. Segundo Groppo (2011: 13) “as categorias etárias se tornam cada vez mais ‘estilos de vida’. A juventude torna-se uma parte da vida humana que constitui uma identidade cultural própria, muito mais que uma ‘fase’ passageira”. Para um balanço do tema, ver Pereira (2010). O autor problematiza, dentre outros aspectos, a assimilação direta entre juventude e faixa etária. Já Feixa (2004), pensando a interação entre natureza e cultura, faz uma análise sobre a relação entre idade e condição social e as diferentes formas que a condição juvenil pode assumir.

Dito isso, *jovem*, nesta etnografia, aparece como uma categoria nativa. Ainda que o enfoque do trabalho não seja na categoria juventude, procedo a uma rápida reflexão sobre essa condição, já que durante minha experiência de campo ficou bastante claro que os frequentadores se vêem dessa forma. Ana, minha ‘amiga de festa’, uma mulher de 35 anos, solteira, advogada, e que frequenta as festas de Jurerê Internacional, me disse:

Dependendo da *balada* eu me sinto velha. Mas procuro frequentar lugares que tenha mais gente da minha idade ou perto. Não sei até onde se encaixam os jovens, porque tem de pirras (sic) [*pirralhos = muito novos*] a velhos. Ontem mesmo tinha um que parecia que tinha morrido e não sabia. Estava dançando e pulando que nem um maluco. Acho que se considera meio jovem ainda. Por se considerar o tipo de vida que vivemos diria que somos jovens. É o que penso, porque é um ritmo juvenil, mas pra ir a estes lugares precisa-se ter dinheiro, trabalhar, enfim... é algo que ultrapassa essa condição, jovem, só estuda e tal. Mas hoje em dia os jovens têm trabalho muito mais cedo [...] porque só com mesada não dá do jeito que as coisas andam caras. No verão mesmo, festas direto durante a semana toda, bebidas mais caras... a não ser que a mesada seja muito gorda [*risos*]. Durante o ano não tem muita opção, mas mesmo assim se gasta. No verão nessa época mesmo é tudo à base de dinheiro. Uma festa ou outra que a mulher é *free*. Para homem mesmo dificilmente é de graça, só com muito arrego ou cara de pau.

Júnior, outro ‘amigo de festa’, um de meus principais interlocutores e frequentador assíduo de Jurerê Internacional, solteiro de 34 anos, ainda estudante de graduação e que mora com sua mãe em um bairro de classe média de Florianópolis, também evidenciou o que entende ser sua condição juvenil:

Então, eu não me sinto com a idade que tenho, digamos, mas me sinto jovem, porque todo mundo acha que eu tenho 20 e poucos, e tenho mais pique para sair que meus amigos de 30, 28, então sei lá, jovem [...]

Debert (2010) relaciona três processos que dão uma configuração específica à dissolução da vida adulta nas sociedades contemporâneas. São eles: alargamento da faixa etária do segmento da população considerado jovem, desdobramento de novas categorias etárias e por fim, a juventude como um valor, que pode ser conquistado através da adoção de determinadas formas de consumo e estilos de vida. Segundo a autora, nessa nova configuração social a ideia de ciclo de vida, bem como a diferença de idade, parece perder significado. Os dois trechos acima, extraídos de conversas com meus interlocutores, apontam, sobretudo para uma ideia de juventude baseada em um estilo de vida – ir à festa, estar na *balada*, dançando, bebendo, como todos os outros, além de tratarem juventude como um ritmo - exemplificado na frase ‘ter pique’ - presente nos dois discursos. Se a condição juvenil

contemporânea vem sendo cada vez mais vista como um valor, podendo ser adotado através de formas de consumo particulares, como por exemplo, o acesso às *baladas*. Ana enfatiza que “para ir a estes lugares precisa-se ter dinheiro”. Minha experiência de campo demonstrou que a grande maioria dos frequentadores das festas de Jurerê Internacional trabalha. Segundo o presidente da AJIN, o perfil do jovem que vai à *balada* em Jurerê “é o cara que vem com dinheiro. Sabe aquele camarada que é filho de um grande dono de empresa, que o pai paga e diz: ‘não, eu não quero você aqui na empresa’”. Contudo, o campo mostrou que o perfil dos frequentadores, para além de sua condição juvenil, é bastante variado.

Velho (2006) explica que é preciso perceber a juventude como uma categoria heterogênea e complexa, evitando as simplificações. É preciso procurar ir além dos estereótipos que costumamos vivenciar nos processos de interação social e mapear os multipertencimentos de grupos e indivíduos, já que a construção de identidades é um processo dinâmico que ocorre em múltiplos contextos socioculturais, e as experiências possuem significados e valores diferentes que precisam ser analisadas com base nas visões e pontos de vista das categorias sociais consideradas.

Os jovens, obviamente, não constituem tribos ou segmentos isolados, apesar de algumas metáforas. A noção de *geração* implica necessariamente o estudo de relações entre categorias sociológicas que têm nas faixas e delimitações etárias uma referência básica. É por esse processo de interação social que podemos procurar entender definições de situação como classificações e atribuições de papéis, formação de expectativas de comportamento e modos de apresentação de indivíduos e grupos no cotidiano. É essa permanente e complexa negociação da realidade que envolve variáveis dos mais diversos tipos – econômicas, políticas, de organização social e simbólicas – que vai estabelecer fronteiras e classificações etário-geracionais. Estas, portanto, não são inevitáveis nem universais, apresentando modalidades próprias em função de variáveis histórico-culturais (VELHO, 2006: 194).

Conforme o autor há várias maneiras de “ser jovem”, e essas classificações<sup>51</sup> são fenômenos socioculturais e precisam ser desnaturalizadas. Também as relações travadas entre os jovens tais como: relações familiares, esporte, lazer, sexualidade, gênero, amizade e outros apontam para a complexidade e diversidade da construção social das juventudes.

---

<sup>51</sup> Magnani (2007) oferece um importante argumento para recusar a denominação mais comumente utilizada pela mídia, designando um grupo de jovens que se reúnem em torno de uma mesma prática como “tribos urbanas”, por destoar de seu sentido original, usado em sociedades de pequena escala, - para identificar grupos pequenos e com regras e costumes bem delineados – e que passa a ser utilizado para definir uma organização mais ampla, em que grupos vivem, de forma alternada ou simultânea, vários papéis e que não podem, portanto, ser vistos como uma comunidade homogênea, como a ideia de tribo oriunda da etnologia indígena clássica evoca.

Pensando a categoria jovem levando em conta as características geracionais, sociais e biológicas, Margulis & Urresti (1996) formularam os conceitos de moratória vital e moratória social. A moratória social configuraria-se como um período marcado por certo privilégio, desfrutado por jovens pertencentes a camadas sociais mais altas, como por exemplo, o início da vida adulta e a saída da casa dos pais cada vez mais postergados. A própria trajetória de Ana e Júnior, de 35 e 34 anos respectivamente, e que ainda moram com seus pais, serve como exemplo do privilégio da moratória social, que permite a alguns jovens mais abastados viver esse período de relativa despreocupação de forma mais prolongada, diferentemente dos jovens das classes populares que, pelo ingresso no mercado de trabalho<sup>52</sup> e constituição familiar cada vez mais cedo, teriam sua moratória social diminuída. No entanto, os autores apontam outro tipo de moratória que seria complementar à social: a moratória vital. Para Margulis & Urresti (1996) a moratória vital seria como um acréscimo de tempo e distância da morte, comum aos jovens de todas as classes.

Ainda que a moratória social seja mais ou menos comum aos jovens de segmentos sociais mais altos e a moratória vital seja comum aos jovens, algumas diferenças culturais, sociais, e de gênero incidem sobre esses modos de ser jovem. Por exemplo, a condição juvenil é expressa de maneira diferente para o homem e para a mulher. Em meu campo essa questão apareceu em diversos momentos. Pude perceber que o tempo incide de forma mais forte para as mulheres, em relação aos homens que frequentam as festas de Jurerê Internacional. Desse modo, se entre os homens facilmente consegui encontrar nas festas “não-jovens juvenis” (Margulis & Urresti, 1996), entre as mulheres, a idade cronológica, juntamente com a aparência, surgiu como um importante demarcador de sua juventude.

No meu campo etnográfico procuro entender as categorias juvenis partindo do cotidiano e das experiências. No entanto, busquei, com base em Wagner (2010), inventar uma juventude, que me permitisse fazer uma etnografia dessa categoria, respeitando as especificidades e conflitos próprios registrados na experiência de campo. Desse modo, ao invés de privilegiar a condição de jovens, conforme já dito, optei por privilegiar os espaços frequentados por eles e de que maneira os *trajetos* dos atores e suas relações produzem *circuitos* de lazer<sup>53</sup> de *elite*.

---

<sup>52</sup> Embora Ana afirme que “para ir a esses lugares [*festas em Jurerê*], precisa-se ter dinheiro, trabalhar”, é um trabalho que tem como prioridade pagar o lazer e os bens de consumo, e não com foco no sustento.

<sup>53</sup> Como se verá mais adiante na etnografia, em Jurerê Internacional o lazer é vivenciado através da dualidade penoso/espontâneo. Há um investimento de tempo – e também a articulação de diferentes estratégias – para frequentar as festas de Jurerê, o que contraria, em parte, as abordagens clássicas que afirmam ser o lazer a fruição do tempo livre. Para uma discussão sobre o lazer ver: DUMAZEDIER (1999).

O termo *elite* vem aqui em itálico justamente porque não se trata de associá-lo de antemão a usos e definições propostos pela literatura acadêmica – em especial pela ciência política e suas diferentes teorias das elites<sup>54</sup>. Trata-se justamente de deixar que os frequentadores das festas de Jurerê Internacional, muito ciosos de sua condição *diferenciada*, expressem o que entendem por pertencer a uma *elite*, desfrutar de um *status* elevado e o que fazer para conquistá-lo. Em resumo, trata-se de construir, a partir das experiências compartilhadas com meus interlocutores ao longo da pesquisa de campo, uma ‘teoria etnográfica’ das elites e de suas práticas de lazer.

Elite nesta etnografia, não aparece como atributo estável, e sim como qualidade de certas relações, que articulam lugares, pessoas, objetos, repertórios e experiências. Em Jurerê, o prestígio e as relações podem ser tão relevantes quanto o dinheiro. Desse modo, a elite não está apenas diretamente relacionada a diferenças de ordem econômica, como habitualmente se afirma. Ao tratar a elite e, por implicação, a *distinção*, como categoria nativa, e não como uma dinâmica assentada em posições estruturais, permito que a própria etnografia aprofunde o(s) significado(s) dessas categorias. A própria descrição das práticas dos atores em Jurerê Internacional irá mostrar quem se diz jovem, elito e distinto. Temos em Bourdieu (2008b: 19) que

[...] o que comumente chamamos de distinção, uma certa qualidade, mais frequentemente considerada como inata (fala-se de “distinção natural”), de porte e de maneiras, é de fato *diferença*, separação, traço distintivo, resumindo, propriedade *relacional* que só existem em relação a outras propriedades. Essa ideia de diferença, de separação, está no fundamento da própria noção de *espaço*, conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua *exterioridade mútua* e por relações de ordem, como acima, abaixo e *entre*. [...] O espaço social é construído de tal modo que os agentes ou os grupos são aí distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os *dois princípios de diferenciação* [...] – o capital econômico e o capital cultural.

No entanto, esta etnografia permite deslocar a noção de distinção de Bourdieu, já que as práticas de lazer em Jurerê Internacional oferecem elementos que permitem repensar essa noção mais estabelecida. É como se, mais que uma relação entre “práticas culturais” e “classes sociais”, houvesse relação entre pessoas, coisas, espaços e tempos, produzindo certa imaginação de diferenças que são “genuínas” e outras que são apenas “aumentadas”. No *circuito* de lazer de elite em Jurerê Internacional a distinção aparece como um fluxo, um

<sup>54</sup> Para um balanço dessa produção ver, por exemplo, HOLLANDA (2011).

movimento que, embora guarde alguma afinidade com diferenças associadas a princípios estruturantes de assimetrias sociais, ou, como coloca Bourdieu (2008b), diferenças de classe expressas no “capital econômico” e “capital cultural”, não corresponde a uma estrutura de diferenças preexistentes, tais como classe e educação. Ao contrário, a distinção em Jurerê é o resultado das relações e de suas qualidades que estão sendo produzidas no espaço da festa. Por exemplo, pode-se frequentar Jurerê Internacional e não dispor de dinheiro, mas ter contatos com funcionários, amigos influentes, ou ainda, dispor de beleza e simpatia. Por outro lado, pode-se ter dinheiro, e não ter acesso a alguns espaços restritos das festas, como a cabine do *DJ*, exclusiva para um pequeno número de convidados. Também é possível ser diminuído por estar fora da festa tanto quanto por estar nela, mas só circular pelos espaços mais públicos, como a pista de dança.

É por esse motivo que começo este capítulo, ao tentar problematizar a ideia de lazer, juventude, elite e distinção, procedendo a uma descrição da rotina dos frequentadores desse *circuito* de lazer em Jurerê Internacional, com ênfase nas festas.

## 2.2 JURERÊ INTERNACIONAL É LUGAR DE *BALADA*

Como dito anteriormente, Jurerê Internacional hoje é mais do que um bairro, *empreendimento* ou condomínio fechado. Foi transformado em uma área significativa de lazer na cidade de Florianópolis, com bares, restaurantes, *beach clubs*, hotéis, lojas e casas noturnas. Os diferentes equipamentos apontam para um tipo de lazer voltado para pessoas que buscam dançar, paquerar, beber, socializar e se divertir. No entanto, o que distingue Jurerê Internacional de outros locais de socialidade jovem dentro de Florianópolis é o público que o frequenta e as significativas diferenças entre cada um dos ambientes desse *circuito*. Nesta seção, procedo a uma reflexão sobre como esses espaços conformam as ações dos frequentadores, tanto quanto os frequentadores conformam os lugares. Para começar a explorar o *circuito* das festas de Jurerê Internacional, reproduzo um trecho de uma das conversas que tive com meu ‘amigo de festa’, Júnior:

[...] eu tem dias que não me animo de sair, acho que vira uma rotina, uma obrigação, daí dou uma sumida. Já esnobei vários nomes na lista. Tenho outros objetivos, não quero ficar só saindo em *balada*, tenho outros programas também: saio para barzinhos, almoçar, jantar. *Balada* é legal, mas é algo bem efêmero, bem de momento. Mas me sinto mal quando não consigo camarote [*risos*], porque conheço todo mundo das *baladas* quase, meio questão de curtir o pessoal mais bonito é no camarote mesmo. A *balada* fica sem sal na pista.

Ainda que em seu discurso apareça certo descontentamento com a efemeridade das festas e se mostre um pouco cansado com a ‘vida de baladeiro’, na prática Júnior frequentou a maioria das festas durante o verão de 2013 e 2014 em Jurerê e aponta que conhece e é reconhecido neste *circuito* de lazer. Segundo Magnani (2007: 16), a categoria *circuito*, além de ser a mais abrangente da família de categorias cunhadas por ele<sup>55</sup>, é a mais apropriada para descrever “o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais [...]”, por onde atores, que sustentam certo estilo de vida, circulam e mantêm seus contatos significativos.

---

<sup>55</sup> Magnani criou uma série de categorias analíticas com o intuito de entender as regularidades de práticas sociais e as formas de apropriação dos espaços no contexto da cidade. São elas: *pedaço*, *mancha*, *trajeto*, *circuito* e *pórtico*. “Todas essas categorias, que descrevem diferentes formas de uso e apropriação do espaço, constituem chaves para leitura, entendimento e orientação na cidade: ao circunscrever pontos socialmente reconhecidos como relevantes na dinâmica urbana, servem de referência para as atividades que compõem o cotidiano – seja de trabalho, do lazer, da devoção, da militância, da prática cultural. Fazem parte do patrimônio da cidade, configuram aquele repertório de significantes que possibilitam guardar histórias e personagens que estariam esquecidas não fosse pela permanência, na paisagem urbana, de tais suportes” (MAGNANI, 2008a: 45). A categoria analítica *pedaço* foi formulada pelo autor em um estudo sobre lazer na periferia de São Paulo, para demarcar um espaço intermediário entre a casa e a rua, onde os atores se encontravam e se socializavam. Já as demais categorias foram formuladas em posteriores trabalhos, desenvolvidos na metrópole de São Paulo, para entender as práticas dos atores que, oriundos de variadas procedências, se encontravam em lugares específicos da cidade e, ainda que não necessariamente se conhecessem, efetivamente se reconheciam. Nesta dissertação, as categorias analíticas formuladas por Magnani aparecem respeitando seus usos iniciais, bem como o contexto em que foram criadas, mas considerando as particularidades da socialidade que rege as relações em Jurerê Internacional.

FIGURA 9 – CIRCUITO DAS FESTAS EM JURERÊ INTERNACIONAL



FONTE: site 'Jurerê Internacional' (20/11/2013) [a triangulação em vermelho foi acrescentada por mim, com base nas escolhas de meus interlocutores observadas durante a pesquisa. Tratam-se de seus trajetos pela mancha de lazer de Jurerê Internacional que incluem P12, Donna, Taikô, Café de La Musique, Posh, Devassa on Stage e o posto de gasolina].

As festas e demais encontros, que constituem esse *circuito* elitizante de Jurerê, me pareceram ideais para tentar entender como os jovens perfazem seus *trajetos*, que ligam pontos, *manchas*, equipamentos, e aplicam-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e, no caso de meus interlocutores, para além dela. Ainda que as casas noturnas que fazem parte do *circuito* de lazer em Jurerê Internacional não estejam em relação contígua, uma ao lado da outra, todas estão no espaço do *empreendimento*, próximas entre si e distantes

do resto da cidade. Dividindo espaço com as casas noturnas, *beach clubs* e a praia, existem outros lugares que contribuem para a manutenção desse *circuito* como restaurantes, hotéis, lojas e até mesmo um posto de gasolina que ficou conhecido pelos frequentadores das festas como um dos pontos de encontro, para além dos *clubs*. É nessa *mancha* que os *trajetos* dos atores conformam um *circuito* de lazer que articula não só certos espaços e equipamentos em Jurerê Internacional, mas também outros espaços e equipamentos em Florianópolis, em outras cidades e em outros países.

O posto de gasolina, disposto nos arredores do loteamento, era frequentado por meus interlocutores. As motivações eram as mais diversas: um lugar para comer um sanduíche ou algum outro petisco, disponível na loja de conveniência anexa ao posto, antes ou – principalmente – depois das festas; um local para fazer um ‘esquentá’ (espécie de preparação para a festa, onde os clientes se encontram, conversam e bebem algo), local marcado para encontrar os amigos e irem todos juntos à *balada*, para abastecer e desfilar seus carros e seus corpos, para paquerar, conhecer gente nova, saber quais as festas estão acontecendo no momento, ou até mesmo conseguir algum convite ou pulseira para a *balada* ou *after*<sup>56</sup>. Enfim, as diversas motivações evidenciam que o posto, por sua posição estratégica, se transformou em um local de encontro e parte do *circuito* de festas de Jurerê. Reproduzo trechos do meu diário de campo, que evidenciam esta condição.

Dirigimo-nos [*eu, Karina e Mila*] à conveniência de um dos dois postos de gasolina do bairro. Surpreendi-me com a aglomeração e quantidade de jovens provenientes dos *sunsets* que haviam ocorrido naquela tarde em Jurerê. As motivações eram diversas: alguns queriam matar a fome, outros continuar bebendo, ou ainda, combinar a *balada* da noite ou o *after*. [...] É um lugar para ir antes ou após as festas, conversar, conhecer gente, comprar bebidas, comida, ou apenas dar uma ‘voltinha’, antes de ir realmente para a casa (Diário de campo – 5 de janeiro de 2013).

Saímos do *P12* por volta de meia noite e 15 e resolvemos ir a um sushi, ali mesmo em Jurerê, para depois irmos à *Posh*. [...] Ainda no sushi conhecemos John. Ele estava em uma mesa próxima à nossa, era norte-americano, de Nova Iorque e passava férias em Jurerê. Assim que nos viu conversando e com a pulseirinha do *P12*, que ele também estava, já foi logo perguntando: “Vocês vão na *Posh*?”. Achei esse episódio bem interessante, uma pessoa de fora, de outro país, sabia exatamente quais as festas que estavam ocorrendo naquela noite, sabia aonde ir para ver e ser visto. Por fim, John disse que não iria, pois viajaria na manhã seguinte de volta aos Estados Unidos [...] depois do sushi, passamos no posto de gasolina, antes de ir para a *Posh* (Diário de campo – 13 de janeiro de 2013).

<sup>56</sup> *After* vem da expressão *after party* e é a denominação dada para o encontro depois da festa, configurando uma ‘extensão’ da *balada*. Geralmente ocorre nas primeiras horas da manhã.

Fui com Mila e Karina desta vez e, antes de irmos para a festa, resolvemos passar no posto de gasolina, em Jurerê, o mesmo que as pessoas circulam antes e depois das festas no bairro [...]. No posto, na saída, Mila foi abordada por dois homens, que a convidaram (estenderam o convite a mim e a Karina), para irmos à casa deles em Jurerê antes da festa. Eram de São Paulo e haviam alugado uma casa no bairro. Comentamos que íamos ao *show* e eles disseram que também iam, mas que era muito cedo. (Diário de campo – 3 de fevereiro de 2013).

Outro espaço que meus interlocutores frequentam em Jurerê Internacional é o *Donna Jurerê Internacional*, uma mistura de restaurante e *beach club* e que tem o conceito de *dinning club*, que consiste na fusão de gastronomia e música eletrônica. Localizado em Jurerê Internacional, à beira-mar, tem uma proposta *diferenciada* para “atender com a melhor qualidade o público sofisticado e exigente”<sup>57</sup>. O *Donna* tem seu acesso pela avenida dos Pampas, a uma distância aproximada de 1,2 quilômetros do centro do *empreendimento*. Nas tardes de praia em que permaneci na frente do *Donna* observei um público heterogêneo em idade. Jovens dividiam espaço na areia com pessoas mais velhas, famílias e crianças. Ainda que fosse movimentado, o espaço da areia na frente do *Donna* recebia muito menos pessoas do que o *Taikô*, (*beach club* de Jurerê), por exemplo.

Porém, após as 3 horas da tarde, o som, que durante a parte da manhã e horário de almoço ficava mais baixo, começava a aumentar e a areia recebia mais jovens, dispostos a degustar uma refeição ou mesmo aproveitar a praia, enquanto aguardavam algum *sunset* no fim de tarde ou *balada* à noite. Além do espaço na praia, o *Donna Jurerê Internacional* funciona como uma espécie de ‘esquentar’ para a *balada*, ou até mesmo como um espaço em que você pode jantar, tomar um *drink*, encontrar amigos e ouvir uma música, ainda que não tenha pretensão de ir a alguma festa depois. Desse modo, a casa está incluída nos diferentes *trajetos* que os clientes que frequentam os estabelecimentos dispostos na *mancha* de lazer de elite de Jurerê percorrem, ainda que nem todos os meus interlocutores gostassem de frequentar o lugar, como evidencia a fala de uma ‘amiga de festa’: “não sei que graça vocês vêm nesse *Donna*. É tão chato, o povo parado, andando de um lado pro outro, dá até sono”. Há nesse sentido, diferentes atributos que fazem um lugar mais e menos interessante, variando de clientes para clientes, podendo ser: pessoas conhecidas, pouca ou muita gente, mais ou menos agitação, e pessoas *mais selecionadas* e *menos selecionadas*, o que também é multiplamente interpretado, obedecendo a distintos critérios.

<sup>57</sup> Disponível em <http://www.eldivinobrasil.com.br>. Acesso: 4 de janeiro de 2013.

É notável a difusão da ideia de Jurerê Internacional ser um lugar elitizante. Frequentemente a praia é descrita – pela mídia<sup>58</sup> e pelos frequentadores - como lugar de gente jovem, bonita, rica, selecionada etc. Um interlocutor, morador de São Paulo e de aproximadamente 28 anos, ao me confidenciar que estava em negociação com o dono do *Taikô* para abrirem outra casa noturna no bairro, falou:

Daqui a três anos isso aqui vai ficar muito povão, vai ficar tipo Maresias, cheio de cara *bombado* sem camisa. O *Taikô*, até o *Café* e vai ter que ter uma *balada* mais *elitizada*, e é isso que vamos fazer. Está vindo muita gente para cá por causa da mídia, *twitter*... Aparece um cara e coloca foto com 20 modelos, em Jurerê, o cara olha e pensa: ‘opa, tem mulher linda, quero ir para lá’ e vem, mesmo que só tenha 10 reais na carteira.

Já um jovem de Santos, São Paulo, disse: “Os preços são bons porque dá uma selecionada né? Em Santos antes tinha muita gente bonita, mas deu uma caída. Até o Neymar está vindo para cá. Aqui as pessoas são lindas, educadas, simpáticas, as festas, *P12*, *Taikô*, é tudo maravilhoso”. Coincidentemente, o jogador de futebol passou o *reveillon* de 2013 em Jurerê Internacional e foi, inclusive, destaque de um *site* de notícias.

Neymar passa festa de réveillon com a mãe e amigos em Florianópolis

Local escolhido pelo atacante foi uma casa noturna em Jurerê Internacional. Neymar, que aproveita as férias em Santa Catarina desde a semana passada, passou a noite de réveillon na festa de uma casa noturna de Florianópolis. O jogador esteve acompanhado da mãe e de amigos no norte da “Ilha da Magia”.

A festa foi em frente à praia de Jurerê Internacional, um dos roteiros mais procurados no verão de Santa Catarina. Ao som dos DJs internacionais Sandy Rivera e Sebastian Gamboa, Neymar dançou ao lado da mãe, Nadine, nos primeiros momentos de 2013. O jogador também foi fotografado cercado por mulheres e posando para câmeras com um grupo de amigos. (Disponível em <http://www.globoesporte.globo.com>. Acesso: 03/01/2013).

A mídia contribui decisivamente para manter a fama de Jurerê Internacional. É um lugar que já há algum tempo é pauta nos jornais e revistas de grande circulação no Brasil e em outros países<sup>59</sup> como um ambiente ‘da moda’ e que as pessoas querem frequentar ou, ao menos, conhecer. Exemplo dessa notoriedade do bairro foi a conversa que tive com dois norte-americanos de Miami. Tinham 30 anos e estavam hospedados no hotel *Jurerê Beach Village*. Roy é administrador e trabalha em um banco em Miami e Jay trabalha com

<sup>58</sup> Alguns exemplos: ‘A Ibiza brasileira’ – IstoÉ (2011), “‘Super rico’ torce nariz para “farofa” dos apenas ricos’ – Folha de São Paulo (2011), ‘Os sem-lancha da cidade classe A’ – O Globo (2012), ‘Famosos vêm 2013 em casa noturna de Jurerê Internacional, em Florianópolis’ – Diário Catarinense (2013).

<sup>59</sup> Considerado “the place to be”, pelo jornal *The New York Times*. Janeiro de 2009.

agronegócios e disse que pretende investir no Brasil, no setor de grãos. “Como vocês ficaram sabendo de Jurerê?”, perguntei: “Em cidades mais cosmopolitas, como Miami e Nova Iorque, as pessoas já sabem da fama de Jurerê. Só nas cidades mais interioranas que o Brasil ainda é visto como Rio de Janeiro<sup>60</sup>, me disse Roy<sup>61</sup>. Jay ainda comentou que no momento todos estavam falando bem do Brasil lá fora, das festas em Jurerê. A dupla, que pagou 500 reais apenas para entrar em uma festa, achou onerosos os preços praticados no bairro. “Em Nova Iorque eu não pago 500 reais para entrar em festa nenhuma. Uma dose de *vodka* por 30 reais? Vocês brasileiros são muito ricos”, disseram.

Era a primeira vez de Jay em Florianópolis e ele já fazia determinadas comparações. Havia estado antes no Rio de Janeiro, mas disse não ter gostado da cidade, por achar os programas “muito turísticos” e tudo ser “longe”. Interessante observar que Florianópolis é uma cidade geograficamente ‘espalhada’, onde se leva muito tempo para percorrer lugares não tão distantes, mas os dois amigos não haviam se interessado em conhecer Florianópolis, apenas Jurerê. Sobre o tráfego, violência e outros problemas de qualquer grande cidade, compararam Jurerê e Florianópolis com Miami e suas atrações turísticas, afirmando que a cidade também era vítima de problemas estruturais, mas os visitantes apenas preocupam-se em conhecer os locais mais desejados. Os dois amigos também ficaram impressionados com o clima das festas e as mulheres de Jurerê Internacional. “São todas muito bonitas, aqui é tudo lindo, as pessoas são muito educadas”, disseram. A atitude evidenciada por Joana, uma mineira que estava conhecendo Florianópolis pela primeira vez, no verão de 2013, tornou-se uma exceção em relação à dos demais turistas. Ela havia explorado a cidade nos seus cinco primeiros dias de permanência. Ainda teria mais dois até a data da volta, e, ainda que nossa conversa tenha se dado em um *sunset* em Jurerê Internacional, ela já havia conhecido outras praias, inclusive as mais distantes de Jurerê, dispostas no sul da ilha de Santa Catarina.

Os dois quilômetros de praia de Jurerê Internacional são frequentados por um público muito mais diverso que aquele que frequenta as festas. São famílias, casais com crianças e pessoas mais velhas que disputam o espaço da areia com os jovens baladeiros. Estes últimos costumam ficar nas proximidades dos *beach clubs*, especialmente o *Taikô*, enquanto os primeiros, buscando pontos mais tranquilos, permanecem em outros espaços, geralmente em Jurerê Tradicional e frequentemente longe da agitação presente nos *beach clubs* e demais equipamentos, marcados sobretudo pela socialidade jovem. Pelos próprios

---

<sup>60</sup> Nesse contexto, Jurerê Internacional serve para estabelecer distinções entre cidades mais e menos cosmopolitas nos EUA, mais que no Brasil. Esse fato aponta para a ideia de um *circuito* mais geral e englobante, que transcende o próprio *circuito* de Jurerê. Voltarei a este ponto.

<sup>61</sup> A conversa deu-se em inglês e os trechos transcritos foram traduzidos por mim.

*trajetos* serem diversos, na praia, a convivência entre os mesmos não é conflituosa. O que foi possível observar é que ainda que a praia de Jurerê Internacional propiciasse, pelo menos na areia, o encontro de um público relativamente heterogêneo, os diferentes grupos permaneciam em espaços mais ou menos separados e não interagem. No entanto, pela própria distância de Jurerê do centro de Florianópolis -25 quilômetros-, e pela limitada rede de transporte público disposta no bairro, o automóvel ainda é o principal veículo escolhido para ir à praia em Jurerê, configurando uma espécie de impedimento e exclusão para os que não dispõem desse meio de acesso. Para entender de que modo o *circuito* de lazer de elite em Jurerê Internacional é constituído pelos movimentos e práticas de determinadas pessoas, julgo ser necessário explicitar, de forma mais ou menos organizada, a rotina de meus interlocutores pelo bairro.

### 2.3 OS TRAJETOS POR JURERÊ INTERNACIONAL

O mês pode ser janeiro, que é o que possui o movimento mais intenso de turistas – principalmente nas duas primeiras semanas que sucedem o *reveillon*. Mas pode ser também fevereiro, ou março, o mês do verão com menor número de frequentadores, exceto no período do carnaval. Segunda-feira. 8 horas da manhã. Devagar, as ruas de Jurerê Internacional começam a receber seus visitantes, que dividem o espaço com os moradores do bairro. Enquanto estes saem de suas casas para buscar o pão na padaria localizada no *Open Shopping*, trabalhar, levar as crianças ao colégio, ou caminhar pela praia e ruas do *empreendimento*, os frequentadores começam a estacionar seus veículos pelas ruas de Jurerê. Carros populares mesclam-se a *BMW*s, *Mercedes Benz* e *Ferraris*, na disputa por uma vaga nas ruas próximas aos *beach clubs*. Às 10 horas da manhã já é possível avistar, para além dos moradores que geralmente já fizeram sua caminhada mais cedo, os turistas e visitantes que começam a se fixar na areia. Cadeiras e guarda-sóis alugados ou trazidos de casa colorem a areia da praia. São famílias, jovens, velhos, crianças. Catarinenses, paulistas, norte-americanos, europeus. Homens e mulheres de diversas procedências começam a despontar sob o sol da praia. Aqueles que à noite frequentam os espaços elitizantes das festas, de dia frequentam espaços específicos da praia. Ainda que praia e festas sejam parte do mesmo *circuito* de lazer, nem todos os que o compartilham e ajudam a mantê-lo fazem a mesma coisa, pois há diferenças entre os frequentadores, que se explicitam em seus *trajetos*. A manhã, que logo vira tarde, começa no *Taikô* ou no *P12*, *beach clubs* inscritos nesse *circuito*. Quem chega cedo, geralmente não está hospedado em Jurerê e passa o dia todo na praia. Contudo, os que estão hospedados em casas alugadas ou hotéis dispostos no *empreendimento*, chegam depois, por

volta das 2 horas da tarde. Esses, a maioria jovens que estão em férias, bebem *champagne* ao som de *lounge*<sup>62</sup>, almoçam, riem, exibem-se e flertam animadamente. Por volta das 5 horas da tarde, voltam para suas casas. À noite, saem para jantar e beber um *drink*, preferencialmente no *Donna Dinning Club* ou nos restaurantes dos hotéis *Il Campanario e Beach Village*. Outra opção é oferecer festas privadas a um seleto grupo de convidados nas mansões alugadas. Na terça e quarta-feira a rotina segue muito parecida. Praia, almoço, *drinks*, mar, socialização, jantar, festas particulares. Quinta-feira acorda-se mais tarde. O dia é longo. Quem está nas imediações de Jurerê pode curtir um almoço e piscina regados a bebidas e música no *P12*, antes de ir a um badalado *sunset* no *Cafe de La Musique*, por volta das 5 horas da tarde. Os que estão distantes do *empreendimento* pulam o almoço na praia e seguem direto para o *Cafe de La Musique*. Como a referida festa acaba por volta da meia noite, resta aos clientes que não estão hospedados em Jurerê Internacional voltarem para suas casas, em outros bairros. Não sem antes passarem no posto de gasolina que fica nas proximidades do condomínio e que também faz parte do *circuito*. O imperativo desse espaço é ver e ser visto. É a última etapa da noite. Com sorte, é possível ser convidado para alguma festa privada ou *after*. Sexta-feira dificilmente se vai à praia pela manhã, pois prefere-se dormir. À tarde, enquanto descansam em uma das cadeiras pagas dos estabelecimentos como *Taikô*, postam em redes sociais, através de seus *smartphones*, as aventuras e combinam a *balada* à noite. No fim de tarde, um novo *sunset* no *Cafe de La Musique* ou no *P12*, seguido de um jantar e *drinks* no *Donna Dinning Club* no começo da noite e depois, uma grande festa na *Posh*. O sábado transcorre de forma muito semelhante com a sexta-feira. A noite de sábado também termina na *Posh* ou no *Devassa on Stage*, casa que recebe grandes atrações internacionais e comporta um número maior de clientes. O domingo também começa na praia. De manhã para quem vem passar o dia, e de tarde para os que estão hospedados em Jurerê Internacional. À tarde, dividem-se entre *Taikô*, *P12*, *Donna Dinning Club* e *Cafe de La Musique*. Há quem fique na praia até o último raio de sol, em frente ou dentro dos referidos estabelecimentos. Nesse caso, a areia vira passarela. Os corpos masculinos e femininos arrumados, maquiados e torneados a muito custo, demonstram seu *status* por meio da exposição de adornos suntuosos provenientes de grandes grifes. E há quem termine o dia novamente no *Cafe de La Musique*, para o último *sunset* da semana. E na segunda-feira tudo recomeça outra vez.

É preciso explicitar que acompanhei alguns desses *trajetos*, uma parte de um movimento mais amplo e diferenciado. Sendo Jurerê Internacional uma *mancha* de lazer que

---

<sup>62</sup> Um gênero musical com batidas mais calmas e harmônicas.

comporta diferentes *trajetos*, que, por sua vez, compõem diferentes *circuitos*, procedo, no capítulo a seguir, a uma descrição das casas noturnas e *beach clubs* etnografados e a participação dos interlocutores em cada um desses espaços. É nesse movimento que se afirmam múltiplos critérios que, ao qualificar pessoas, coisas, lugares e ações, configuram e expressam as noções nativas de *elite*.

### 3 QUAL É A BALADA DE HOJE?

*Alô, alô, marciano  
A crise tá virando zona  
Cada um por si todo mundo na lona  
E lá se foi a mordomia  
Tem muito rei aí pedindo alforria porque  
Tá cada vez mais down the high society*

*Elis Regina – Alô, Alô, Marciano*

Neste capítulo descrevo os espaços frequentados por meus interlocutores na *mancha* de lazer de Jurerê Internacional. Acompanhar a experiência das casas permite compreender que os *circuitos* se produzem em articulação com vários outros, materiais e imateriais, já que podem ser percorridos, não necessariamente de forma concreta, como por exemplo, através da produção de narrativas. Desse modo, descrever cada festa e as interações vivenciadas nela, separadamente, contribui para preservar a dinâmica de cada espaço, buscando relacionar gradações entre os mesmos e com isso, problematizar as próprias noções de *elite* e *distinção*, evidenciando similaridades, diferenças e hierarquias em um *circuito* que, visto “de fora”, parece homogêneo.

#### 3.1 OS SUNSETS: O BADALADO CAFE DE LA MUSIQUE E A FAROFA NO P12

Um dos locais etnografados em Jurerê Internacional foi o *beach club Cafe de La Musique*, que tem sua sede em São Paulo e filiais em várias outras cidades além de Florianópolis, como Belo Horizonte, Porto Alegre e Goiânia. Dito isso, o *Cafe de La Musique* Floripa não apenas está inserido no *circuito* de lazer elitizante de Jurerê Internacional como existe o *circuito* dos estabelecimentos *Cafe de La Musique*, em várias cidades do Brasil. Desse modo, os atores acabam se movimentando entre as várias casas do Café, e esse *trajeto*, além de manter vivo esse *circuito*, faz com que compartilhem práticas que servem, inclusive,

de repertório para conversas e aproximações no estabelecimento de Jurerê Internacional. Em texto retirado do *site*<sup>63</sup> encontrei a seguinte descrição da casa:

Cafe de La Musique – Beach Club

O luxo do verão brasileiro – Jurerê Internacional – Florianópolis/SC

Inspirado nos balneários europeus – St. Tropez, Capri, Cannes, Monte Carlo, Marbella – há 5 anos o Cafe de La Musique transformou Jurerê numa praia badalada repleta de Jet-setters dispostos a muito luxo e requinte!

À beira-mar, filial da matriz dinning club em São Paulo, o Cafe Floripa, como ficou conhecido, segue a proposta beach club que proporciona diversão e sofisticação ao seu público. Os grandes eventos de réveillon, os sunsets inesquecíveis e a temporada carnaval conquistaram os habitués de Jurerê Internacional!

Jurerê tem ares de Miami Beach! O pedaço é o epicentro do luxo em Florianópolis, sede do Cafe de la Musique onde, no verão, as festas fervem regadas a espumante e ao som de batidas eletrônicas.

O local é ponto de encontro de modelos, *globais*<sup>64</sup>, jogadores de futebol e outros *jet-setters* da mídia, que misturam-se a grupos de jovens que procuram as ditas *glamourosas* e *distintas* festas como as do Café – assim denominado pelos frequentadores. Uma peculiaridade desse clube é o horário das festas. Salvo a noite de *reveillon* e uma noite do carnaval, todas as festas são realizadas à tarde. São os *sunsets*. Eles começam às 5 horas da tarde e encerram por volta da meia noite. É uma espécie de ‘esquentar’ para alguma *balada* à noite, visto que percebi, entre conversas e observações, que meus interlocutores sempre estendem a festa, ali mesmo em Jurerê Internacional. O *club*, com capacidade para 700 pessoas, está localizado à beira-mar, mas o acesso não se dá pela areia da praia, e sim pela rua de trás, na Avenida dos Merlins, s/n, posto 1B, uma das ruas laterais do *empreendimento*, distante 450 metros do ponto central de Jurerê Internacional.

Entre essas ruas laterais existe em Jurerê Internacional o Passeio dos Namorados, uma espécie de caminho que liga as ruas e a praia. De um dos lados do Café há um *deck* que possibilita o acesso à praia. O Café não possui estacionamento próprio, o que faz com que os clientes estacionem seus carros na avenida onde a casa está situada e nas ruas próximas.

<sup>63</sup> <http://www.cafedelamusiquefloripa.com.br>. Acesso: 4 de janeiro de 2013.

<sup>64</sup> Atores e atrizes do canal aberto de televisão Rede Globo.

FIGURA 10 – PASSEIO DOS NAMORADOS – JURERÊ INTERNACIONAL



FONTE: site 'Sadenco' (20/11/2013)

Há alguns estacionamentos provisórios armados em terrenos próximos ao local da festa, mas não são legalizados. Quem toma conta dos carros dentro desses estacionamentos estipula um valor (de 20 a 50 reais) – que varia de acordo com alguns fatores como: atração da festa, número de presentes e período do verão - sendo *reveillon* e carnaval os mais caros.

FIGURA 11 - CARROS ESTACIONADOS NAS PROXIMIDADES DO CAFE DE LA MUSIQUE



FONTE: site 'Blog de Rotas' (20/11/2013)

Além dos responsáveis pelos estacionamentos, há os chamados flanelinhas (que se dispõem a 'cuidar' dos carros mediante contribuição paga assim que você estaciona) que ficam nas ruas próximas ao *club* e cobram preços mais módicos, mas que também se alteram, seguindo as variáveis utilizadas nos estacionamentos e outros fatores como: o modelo e marca do veículo, se a placa é de fora de Florianópolis e, principalmente, de Santa Catarina, e o perfil do motorista (o que veste, como se comporta etc). Como o poder está presente na relação e não na pessoa em si, no caso do estacionamento, são os flanelinhas que, mesmo aparentemente tendo menos dinheiro que muitos dos frequentadores, podem estipular o preço que julgam ser aceitável, de acordo com o padrão de cada cliente. Aqui a ótica de 'quem tem mais e menos dinheiro' ou 'quem está mais e menos disposto a pagar', rege as relações entre 'dono' do estacionamento e clientes da festa.

A estrutura da entrada do *Cafe de La Musique* é de madeira de cor branca e bastante arborizada. Centralizada em um pequeno e baixo muro de pedra, que fica ao lado de alguns arbustos que funcionam como continuação do muro, está a placa do clube, pequena e discreta, com o nome e o desenho, que é a logomarca da casa, o perfil estilizado de uma cabeça humana, com notas musicais fazendo vezes de cabelo.

FIGURA 12 – FACHADA DO *CAFE DE LA MUSIQUE*

FONTE: site 'SkyScraper City' (20/11/2013)

Nas ruas paralelas que dão acesso ao clube também não se encontra nenhuma indicação. Desse modo, quem não conhece sua exata localização só conseguirá visualizá-lo ao caminhar pela praia. Ao que tudo indica, os donos não parecem ter muito interesse que pessoas 'desavisadas', que não conheçam a "proposta da casa", assim como os códigos de conduta, frequentem o lugar.

Logo na entrada do *club* há um grande salão coberto, com mesas e cadeiras feitas de *rattan*, uma espécie de fibra natural, dispostas no centro. No lado direito encontra-se o bar, atrás de um longo balcão. Logo após o bar, ainda no lado direito, está o banheiro feminino. Uma funcionária fica na porta controlando e liberando a entrada das mulheres, conforme a disponibilidade. Observei muitas mulheres que entravam e saíam apenas para utilizar o espelho, analisando a roupa, arrumando o cabelo ou retocando a maquiagem. Dina, uma das responsáveis pelo banheiro feminino, cuja função era organizar o espaço, limpar e controlar a entrada, afirmou que geralmente as mulheres entram no banheiro com suas amigas, em duas ou mais. Algumas também fazem amizade na própria fila.

Elas conversam muito comigo, falam da festa, dos homens, algumas choram, porque um menino ficou com ela e depois com outra, porque brigou com amiga, ah, tem de tudo. [...] Tem muitas mulheres que entram bêbadas, caem, vomitam. Tem várias, mais do que você imagina. [...] Tem as que te tratam bem, com educação e as que não te respeitam. Muitas pessoas que têm dinheiro são arrogantes, é tipo assim 'eu pago teu salário, te trato como eu quiser', e aí desrespeitam regras, jogam papel no chão, essas coisas, mas

acho que nem todos têm dinheiro, porque dinheiro pra mim é ter seu próprio dinheiro e muitos aqui são o pai que tem. E mulheres vêm porque é *free*, já ouvi umas falarem no banheiro que estavam sem nenhum dinheiro.

Após esse salão estão as portas de vidro e madeira branca que, abertas, dão passagem a área externa que abriga camarotes, cabine do *DJ*, pista de dança, outro bar e o banheiro masculino. Nesta área, uma estrutura transparente cobre apenas o teto, para proteger o público de chuvas e permitir que avistem a praia enquanto dançam e circulam por este salão, que possui o chão feito de madeira escura, no estilo *deck*.

FIGURA 13 – PISTA DE DANÇA – *CAFE DE LA MUSIQUE*



FONTE: site ‘*Cafe de La Musique Floripa*’ (20/11/2013)

A cabine do *DJ* fica de frente para o mar e o camarote atrás desta, também chamado de *backstage*, é reservado a atrizes e atores *globais*, jogadores de futebol e outras *celebridades* que costumam visitar a casa. Nos vários dias que frequentei o Café, nos verões de 2013 e 2014, avistei algumas *celebridades* como as modelos Alessandra Ambrósio e Fernanda Motta, os jogadores de futebol Neymar, Romário, Ronaldinho Gaúcho, os jovens artistas *globais* Caio Castro, Raphael Viana, Bruno Gissoni, Isis Valverde, dentre outros, e até mesmo alguns ‘novos famosos’, como os participantes de *reality-shows* dos canais de televisão aberta Globo e Record (*Big Brother Brasil* e *A Fazenda*, respectivamente). “Quem está no camarote, se acha mais importante, mas o *backstage*, que fica ali atrás do *DJ*, esse não vende, é só pra

globais, BBBs, conhecidos dos sócios. Às vezes um sócio pega e paga tudo, ou um ricaço. Só entra conhecido”, assegurou Tati, que trabalha há três anos na casa, como garçonete.

Existem três tipos de camarotes, que contam com garçom exclusivo para servir as bebidas e apresentam preços diferenciados. As mesas e cadeiras de madeira, dispostas nos lados esquerdo e direito, que custam 10 mil reais (com direito a 8 mil reais de consumação); uma espécie de estrutura de madeira, com cortina de voal branca, colchão e almofadas, imitando uma cama com dossel e conhecido pelos frequentadores como *bangalô*, com preço de 15 mil reais (com direito a 11 mil reais de consumação); e os sofás, que são almofadas dispostas em cima de uma abertura na madeira que pavimenta o chão, conhecido pelos clientes como *piscinas*, com custo de 30 mil reais (com direito a 25 mil reais de consumo)<sup>65</sup>.

FIGURA 14 – AS PISCINAS DO CAFE DE LA MUSIQUE



FONTE: site 'SkyScraper City' (20/11/2013)

Ultrapassado esse valor, paga-se à parte pelas bebidas consumidas. Essa variação de preço dos diferentes espaços *diferenciados* também estabelece outro grau de distinção dentro da hierarquia dos camarotes. Ainda que todos estejam na festa, as maneiras de estar nela são variadas, pois as gradações internas ainda existem. O público do camarote acaba sendo distinguido como detentor de um *status* mais alto do que os que estão na pista. Desse modo,

<sup>65</sup> Preços cobrados no verão de 2013.

participar significa compartilhar um *ethos*, um estilo de vida – pelo menos no espaço-tempo das férias de verão -, mas nem sempre significa ter relações diretas com os mais distintos daquele universo.

Uma das práticas distintivas exercidas na festa está relacionada ao consumo de bebidas. As marcas das bebidas servidas tanto nos camarotes quanto na pista são estipuladas pela casa. Essa relação do estabelecimento com determinadas marcas se dá devido a algum patrocínio. Desse modo, as marcas são servidas porque patrocinam as casas. Logo, os consumidores não estão escolhendo esta ou aquela marca. São as empresas que estão escolhendo casas e públicos aos quais pretendem se associar. Vê-se aqui um processo recíproco de contribuição de qualidades de pessoas, coisas e lugares. Na maioria das vezes as marcas são as mesmas, nas diferentes casas, remetendo a outro *circuito*, o de marcas, que pode ser descrito e analisado, mas que não é percorrido pelo deslocamento no espaço, e sim pelo consumo. Desse modo, é possível entender a relação entre os atores não apenas acompanhando as pessoas em suas práticas, mas também tentando entender como os objetos contribuem para a fabricação desses percursos. Sobre as marcas das bebidas, Tati, garçomete do *Cafe de La Musique* explicou:

Esse ano [2013] só tem vodka *Absolut*, cerveja só *Budweiser*, espumante *Mumm* e *champagne Perrier Joüet*. Nos camarotes tem vezes que um cara paga tudo sozinho, e tem vezes que racham, mas tem gente que bebe de graça e não paga, quem paga é o amigo. Depende, tem de todos os jeitos. A grande maioria paga com cartão de crédito. Eu já recebi 500 reais de gorjeta, foi o máximo. Tem gente que dá 50, tem gente que dá 100, tem gente que não dá nada. Depende.

Em todas as conversas com os frequentadores do Café, nenhum deles queixou-se da qualidade das marcas apresentadas. Bebiam o que a casa oferecia, sem maiores reclamações. Esse fato vai ao encontro da ideia ressaltada por Klein (2002), a de que as marcas, no caso em questão, as marcas de bebidas oferecidas aos clientes do *Cafe de La Musique*, vendem muito mais que mercadorias. Vendem o estilo, a ideia e o conceito. E essa ideia era aderida pelos clientes da casa, moldando suas preferências.

O julgamento de preferências e gostos é uma forma de conformar uma determinada vinculação social. Isso fica explícito quando muitos dos clientes diziam preferir tomar *vodka*, ainda que pelo menos uma garrafa de *champagne* sempre estivesse por perto. Júnior, um dos meus ‘amigos de festa’, sempre dizia: “*Champagne* é mais *glamour*, né?”, e dava preferência às marcas mais caras, geralmente ganhas de algum conhecido do camarote, ainda que em

dado momento, não soubesse distinguir efetivamente o que bebia. Ainda sobre o consumo de *champagne* Tati, garçonne do Café, fala:

Espumante é mais pra se mostrar, mas pra beber, ficar bêbado, é *vodka*. E eles ficam bêbados, viu? Saem fazendo fiasco, trançando as pernas, bem loucos mesmo. Não tem nada de ser chique. *[risos]* Os homens bebem mais, e as mulheres geralmente bebem dos homens. Também é comum vê-los distribuindo bebidas ou até desperdiçando, pois o valor que pagam em consumação, se não consumido, não é devolvido, e às vezes sobra muito.

FIGURA 15 - JOVENS NOS CAMAROTES – CAFE DE LA MUSIQUE



FONTE: site 'Panorama' (20/11/2013)

A garçonne disse que os homens que mais gastam são os de São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia. Ainda que não dê para saber a origem de todos os clientes, a maior parte dos homens com quem conversei na *balada* e que estavam em camarote, era desses lugares. Esse fato remete a outra circularidade que, ainda que presente em Jurerê Internacional, extrapola o próprio espaço. Ou seja, se pensarmos na procedência geográfica das pessoas que frequentam o *circuito* elitizante das festas em Jurerê Internacional, teremos um *circuito* maior, que conecta Jurerê a outros espaços, tempos e atores, percorrido por uma diversidade de pessoas, bem como sua articulação com outros *circuitos*. E é exatamente essa circulação e movimentação de atores que faz o *circuito* ser tão vivo. É no Café, apenas para citar um

exemplo, que se encontram goianos, curitibanos, europeus, norte-americanos, catarinenses, e, como se verá, também de bairros centrais ou periféricos, mais ou menos abastados, homens e mulheres etc. Todos, no entanto, compartilhando não apenas o local da festa, mas marcas, práticas, estilos e objetos. São *circuitos* concomitantes, que aludem a pessoas, dinheiros, valores, objetos, marcas e referências que a própria festa se encarrega de conectar.

Na festa, mesmo quem não paga pelo camarote e fica na pista, não escapa dos altos preços cobrados pelas bebidas. Uma dose de *vodka* com energético custa 39 reais, uma cerveja custa 12 reais e um simples refrigerante não sai por menos de 8 reais. A bebida mais consumida na casa é a *vodka* (o preço da garrafa varia de 350 a 450 reais), tomada geralmente com refrigerante ou energético. Já as garrafas de *champagne* (que custam de 350 a 2 mil e oitocentos reais) são levadas até os camarotes pelos garçons e garçonetes com uma vela em cima da garrafa, que é acesa, soltando faíscas e permitindo que todos os presentes na festa consigam visualizar o ato<sup>66</sup>. Ricardo, um homem de 33 anos, natural de Ribeirão Preto, deu sua opinião quando, em determinada festa, o garçom trouxe em seu camarote a bebida com a vela: “Olha, hoje não gosto mais, acho ruim, fica cheiro de fumaça, atrapalha, mas já gostei, já achei o máximo”. Ele me disse ainda o que outras pessoas já haviam dito, e aqui é possível observar de que maneira se disseminam certos saberes sobre as festas, tanto quanto se disseminam modos de agir. Esses saberes acabam funcionando como um tipo de gramática, de pertencimento, e que o público faz questão de exercitar. Ricardo contou que a ideia desses foguinhos em cima das garrafas de *champagne* foi importada das festas de Ibiza e *Saint Tropez*, famosos balneários europeus, que ele já havia frequentado. Aqui também, tão importante quanto evidenciar o saber, é preciso, ou recomendável, aludir a viagens ao exterior, em um local que de saída, se pretende e é visto por muitos como cosmopolita. No entanto, algumas falas eram mais valorizadas que as próprias ações. A narração de viagens ao exterior era um desses exemplos, em que narrar a experiência pode ser tão ou mais importante que a própria experiência vivida.

Ainda sobre o consumo de bebidas, sobretudo nos camarotes do Café, o desperdício é uma constante. Em um dos *sunsets*, ao fim da festa, observei um grupo de homens do Rio de Janeiro jogarem garrafas inteiras de *champagne* uns nos outros<sup>67</sup>. Na grande maioria das

---

<sup>66</sup> Quando as velas, que quando acesas soltam faíscas, foram proibidas das festas por motivos de segurança, os donos do clube elaboraram uma estratégia para substituir os extintos ‘foguinhos’ das *champagnes*. As bebidas eram levadas aos camarotes em uma espécie de carrinho todo decorado, com luzes coloridas. No entanto, se a mesma bebida era pedida por um cliente que estava na pista, ela era entregue sem qualquer tipo de ostentação.

<sup>67</sup> O *potlach* estudado por Boas, que aparentemente parecia um grande desperdício de bens preciosos, mostra que fenômenos que contestavam certa racionalidade econômica, mas que eram dotados de sentido para os atores, que, através de práticas de destruição de bens, desafiavam e salientavam determinadas posições hierárquicas, já

vezes os camarotes são adquiridos por grupos de homens conhecidos e/ou amigos. Considerando o preço das bebidas no Café, se sete homens estivessem em um camarote com valor de consumação de 25 mil reais, eles teriam direito a beber 62 garrafas de *vodka*/9 garrafas cada, ou 71 garrafas de espumante/10 garrafas cada, ou 12 garrafas de *champagne*/1,8 garrafas cada. Esse dado evidencia que a quantidade de bebidas dispostas em um camarote é imensamente maior que capacidade de uma pessoa consumir. Ainda que a casa não devolva o valor cobrado, ela permite que os pagantes levem para casa as bebidas não consumidas, porém, esse fato quase nunca ocorre. Aqui, há outra gradação distintiva: a de quem paga o camarote e ‘esbanja’, deixando as bebidas não consumidas na própria *balada* ou jogando fora, e os que, tendo pago por cada garrafa, decidem ‘fazer valer’ o dinheiro investido e levar embora o que não foi consumido.

Como a casa não restringe o número de pessoas por camarote, ficando a decisão a cargo do grupo que pagou pela regalia, que geralmente não passa de sete pessoas, é bastante comum ver mulheres que são convidadas aos camarotes dos homens, chegando muitas vezes ao número de duas ou até três mulheres para cada homem nesses espaços. Esse fato ocorreu comigo, em uma das festas do Café. Fui abordada por Carlos, um empresário paulista de 33 anos que trabalha com direito financeiro. Enquanto conversávamos na pista, ele me ofereceu uma bebida, e diante da minha negativa, me ofertou uma água. Ao aceitá-la, fui até o camarote de Carlos e conheci seus quatro amigos. Um deles disse que eu podia convidar minhas amigas para beber de graça, com eles. Há aqui uma espécie de troca: os homens oferecem bebidas de graça e a possibilidade de acesso a um lugar da festa mais privilegiado que a pista, e as mulheres oferecem sua companhia. No entanto, algumas mulheres desfrutam de tais regalias, mas recusam as investidas masculinas. Foi o que me confidenciou Bia, uma mulher muito bonita (para os padrões de beleza aceitos e procurados pelos homens em Jurerê), de 27 anos, moradora da Palhoça, região metropolitana de Florianópolis que é vista pelos frequentadores como pobre e periférica.

Eu estava no Café e uns caras me convidaram pra subir no camarote. Eu fui, mas aí não quis ficar com um deles e logo o segurança me expulsou. Que ridículo. Aí eu tava passando e fui convidada pro camarote de outros caras. Viu? Nem precisei daqueles para beber de graça. [...] Ah, eles usam a gente e a gente usa eles, né?

A fala de Bia aponta elementos significativos para a etnografia: uma gramática das relações e das condutas aceitáveis e não-aceitáveis. Nesse caso, do ponto de vista masculino, o problema não é o ato de subir no camarote de um grupo de homens e beber de graça, e sim o fato de tendo aceito o convite, se negar a aceitar as investidas de algum dos homens. Já da ótica feminina, ser convidada para subir no camarote é aceitável, e até recomendável, o que é visto como atípico, e até julgado como perverso, é que o convite seja transmutado em compra. Este fato, e não apenas este, também assinala diferenças de gênero muito bem marcadas. Desse modo, tanto a mulher que aceita subir no camarote de um grupo de homens, quanto a que se nega a adotar tal prática, estão operando com a lógica que rege a *balada* e as relações ali estabelecidas, mas estão também fazendo essa lógica, testando possibilidades e impossibilidades.

FIGURA 16 – CAMAROTE ESTILO BANGALÔ – CAFE DE LA MUSIQUE



FONTE: site 'Inspiração Fashion' (20/11/2013)

No verão de 2013, salvo algumas exceções, os *sunsets* não cobraram ingresso feminino, porém as mulheres tinham uma hora limite para entrar de graça – geralmente até as 6 horas da tarde (depois, pagavam de 50 a 150 reais, dependendo da festa). Já os homens pagavam 400 reais apenas para entrar. No *reveillon* e no carnaval os ingressos masculinos chegaram a custar 2 mil reais cada. Como pagam pelos ingressos, os homens não têm horário limite para entrar e acabam chegando à festa por volta das 7 horas da noite, quando o local já

está lotado de mulheres que precisaram chegar cedo para garantir o acesso gratuito. Mesmo com os altos preços, não há uma disparidade tamanha entre público feminino e masculino. Sobre a diferença de valores entre os ingressos feminino e masculino Danilo, o jovem que mora e estuda em Brasília, cuja família reside em Jurerê Internacional, comentou:

Eu acho justo o homem pagar mais que a mulher. Porque ele está pagando pelas mulheres bonitas que ele vai ver na festa. É uma coisa meio reino animal, sabe? Se eu fosse mulher eu ia me aproveitar muito dessa situação. Eu ia usufruir tudo, bebida, camarote, festas, mas não ia dar moral para ninguém. Vocês mulheres podem tudo. Vocês entram em qualquer lugar, é só quererem.

A fala de Danilo evidencia condutas que, segundo ele, são aceitáveis dentro da festa. Ela também ilustra possibilidades de relações de troca bem marcadas, uma lógica em que homens buscam mulheres bonitas e que estas, devem *se aproveitar* dessa possibilidade para conseguir acessos, bebidas, contatos. Seu discurso aponta para uma conformação de papéis de gênero através da distribuição de performances masculinas e femininas e a normalização de tais condutas. A maneira como as relações sexuais e os papéis destinados ao homem e a mulher são entendidos e vivenciados no *circuito* elitizante de Jurerê Internacional é marcada por assimetrias profundas, mas evito tratá-las pela ótica de uma ‘dominação masculina’ (Cf Bourdieu: 2010) para que seja possível interrogar e/ou perceber a complexidade dessas relações. O discurso de Danilo, e a ênfase na ideia de ‘reino animal’, refere-se mais ao caráter agonístico das relações tal como parece prevalecer, se não no ‘reino animal’, nas suas imagens mais disseminadas que, embora fortemente contestada pelas teorias feministas, ainda é usada, de forma ideológica, para justificar comportamentos sociais de homens e mulheres no âmbito da festa e demais relações. Embora seja consenso, pelo menos para os pesquisadores, que as identidades de homens e mulheres são construídas nas relações sociais, a biologia e certa tendência a naturalização de identidade de gênero ainda é muito utilizada – e naturalizada - no senso comum. Ainda que meu interlocutor reitere que mulheres “devem usufruir tudo e não dar moral para ninguém”, frase semelhante em conteúdo com a fala de Bia, quando ela diz que “eles se aproveitam e a gente se aproveita também”, o fato de homens utilizarem de posições prestigiadas para abordarem as mulheres bonitas da festa e estas utilizarem sua beleza para uma possível relação de troca, evidencia uma assimetria, que, saída de outros contextos, é também levada para a festa.

Júnior, ‘meu amigo de festa’, afirmou que, ainda que geralmente as mulheres não paguem para entrar nos *sunsets* do Café, ocorrem algumas exceções. “Às vezes, quando já

encheu e tem muita mulherada, eles começam a cobrar das mulheres. Cobram 50, 100 reais... depende do dia e da mulher”. Ana, outra ‘amiga de festa’, me confirmou que dois dias antes do *reveillon* não conseguiu entrar de graça e teve que desembolsar 50 reais. Júnior me alertou que a escolha de qual mulher paga e qual mulher entra de graça não é assim tão arbitrária. “Já cansei de ver eles [*os seguranças*] barrarem mulher feia, dizendo que teria que pagar, e logo em seguida liberando mulher bonita. Mas tudo é muito discreto. Eles não chegam assim: ‘você é feia, vai pagar’, mas eles selecionam sim”. Aqui parece estar envolvido certo esforço para barrar o que se considera ‘indesejável’<sup>68</sup>. Assim como o dinheiro e o camarote, a beleza é um tema recorrente na fala e nas ações, tanto do público, quanto dos funcionários da festa.

Júnior conseguiu entrar sem pagar em todos os *sunsets* do Café. Ora com nome na lista<sup>69</sup>, colocado por algum *promoter* amigo, ora acionando antigos contatos, como algum *DJ* que seria a atração da festa, ou até mesmo se imiscuindo no meio de um grande número de mulheres, na intenção de passar despercebido. “Quem tem contatos, tem tudo na vida”, me dizia. Os contatos também podem “neutralizar” a desvantagem de uma mulher não tão bonita e esse fato produz movimento tanto sobre as próprias assimetrias de gênero quanto outras como econômicas e culturais. Pedro, um jovem de 27 anos, natural de Florianópolis, e que reside atualmente em São Paulo, onde a agência de publicidade da qual é dono está situada, afirmou que não pagaria 400 reais, sem consumação, apenas para entrar no *club* e que, quando ia, era porque ganhava convite de algum conhecido, como fotógrafo, *promoter* etc. Aqui, a possibilidade de ter contatos e não precisar pagar para ir a festas estabelece outra diferenciação entre os clientes. Embora todos estejam no mesmo espaço, as maneiras de adentrar – e permanecer no lugar – é que são diferentes, e o dinheiro pode não ser decisivo para frequentar um local ‘de elite’.

Sobre o público – tanto masculino quanto feminino – frequentador da casa, um interlocutor argumentou: “Aqui, apenas 10 por cento tem muito dinheiro. O resto não”. Sobre o acesso, Antônio respondeu: “Ah, dá-se um jeito. Tem gente que parcela, pega dinheiro emprestado, da família... tem gente que trabalha um ano para conseguir estar em uma festa dessas, mas rico, rico mesmo, de ter muito dinheiro são poucos, pode ter certeza”. Quando perguntei o que o atraía nas festas de Jurerê e do *Café de La Musique* ele retirou a carteira do bolso de sua calça, abriu e mostrou pra mim dizendo: “para as mulheres a atração da festa é

<sup>68</sup> Douglas (2012) aponta que antinomias como ordem/desordem, pureza/impureza, contágio/purificação são empregadas analogamente para expressar uma visão de ordem social e dizem respeito a como a sociedade classifica os contextos do uso da impureza. A autora também elenca quatro espécies de poluição social: o perigo pressionando os limites externos, o perigo da transgressão dos limites internos, o perigo nas margens das linhas e o perigo de contradição interna.

<sup>69</sup> Uma lista prévia com nome das pessoas que têm a entrada liberada na festa.

isso”. E completou: “Eu venho pelo som, para me divertir. Já beijei duas hoje, mas amor, amor mesmo está em São Paulo”, afirmou o paulista de 22 anos. Um tema recorrente nas festas é a especulação sobre quem tem ou não dinheiro, e essas avaliações/suposições, que são tecidas desde o público ‘supostamente’ pagante até os funcionários das casas, inspiram ações.

A própria denominação do que é ter dinheiro é bastante ambígua. Simmel (2009) elucida, em textos escritos entre 1890 e 1899, mas bastante atuais para os dias de hoje, pela reflexão que transcende a racionalidade econômica instrumental, que o dinheiro enquanto processo é sempre marcado pela complexidade. O autor não despreza a importância do dinheiro como equivalente abstrato que possibilita e impulsiona as trocas econômicas. Mas também afirma que o dinheiro, como objetivo último das transações monetárias, e muito valorizado e desejado, acaba organizando uma nova relação entre pessoas e objetos, tornando-se um fim em si mesmo. Ele explica que as trocas são realizadas mais em virtude do valor econômico e menos pelos objetos em si. E segue explicitando que, na economia monetária, o prazer consiste no ato de fazer do dinheiro um meio para consumir o maior número de coisas. Dessa forma, o dinheiro acaba permeando muitas relações, e quando me refiro à atualidade desses ensaios de Simmel, é exatamente por encontrar em Jurerê Internacional essa relação com o dinheiro, seja distanciando ou aproximando os atores, já que é através dele, mas não somente, que circulam pessoas e objetos.

A posição central que o dinheiro obtém, graças ao enorme aumento do círculo de objectos por ele alcançáveis, repercute-se em muitos traços individuais do carácter da vida moderna. O dinheiro deslocou a oportunidade de o indivíduo satisfazer do modo mais completo os seus desejos para uma distância muito menor e muito menos cativante. Oferece a oportunidade de adquirir, por assim dizer, de um só golpe, tudo aquilo que geralmente surge como desejável. Interpõe entre o homem e os seus desejos uma fase de mediação, um mecanismo facilitador e, uma vez que com a sua consecução se tornam alcançáveis infinitas outras coisas, nasce a ilusão de que todas elas se podem obter de modo mais fácil do que habitualmente. Todavia, quanto mais nos aproximamos da felicidade, tanto mais aumenta o seu anelo. [...] A ‘avidez’ especificamente moderna das classes e dos indivíduos, quer a condenemos quer a exaltemos como estímulo do desenvolvimento cultural, pôde crescer porque agora existe um mote que concentra em si tudo o que é desejável, um ponto central que, como a chave mágica dos contos de fadas, basta conquistar para com ele se obterem todas as alegrias da vida (SIMMEL, 2009 : 55-56).

Em Jurerê o dinheiro é um tema, um vocabulário, uma gramática, e isso pode ser mais relevante do que o fato de possuí-lo, já que nesse universo ter dinheiro nem sempre corresponde estritamente ao que se possui. O dinheiro é, de fato, um “equivalente universal”:

nessas festas “ter dinheiro” pode ser ter contatos, ter acesso, dominar certo repertório, narrar certas experiências, corresponder a um padrão de beleza etc. O dinheiro (Cf Simmel, 2009) é o acesso que nivela o que é heterogêneo e diferente, mas quem organiza as lógicas monetárias e não monetárias do dia-a-dia são as relações entre pessoas e entre pessoas e objetos.

Quem não tem dinheiro elabora estratégias para estar nas festas. Uma maneira de entrar de graça me foi confidenciada por Rita, uma grande amiga, moradora de Florianópolis e que, ainda que atualmente distante das festas, já frequentou muito os estabelecimentos da *mancha* de lazer elitizante de Jurerê Internacional. “Eu tinha um cliente [*Rita é fisioterapeuta*] que é de Floripa, mas hoje mora na Austrália e ele me disse uma vez que entrava sempre de graça no Café. Ele e os amigos faziam uma vaquinha e pagavam ao segurança, que os deixava entrar, e acabava saindo muito mais barato para eles e compensava para o segurança, que ganhava uma miséria”. Além das diferentes maneiras de entrar nas festas, e das possibilidades de burlar os acessos, há nesse *circuito* um círculo que se sobrepõe, o dos rumores, e um dos mais enunciados era o de que os funcionários ganhavam pouco e a suposição, altamente difundida, de que todos eles são subornáveis. Ao longo do texto irei tratar de outros rumores, além da constante suposição de quem tem ou não dinheiro, como consumo de drogas e prostituição.

As estigmatizações e outras situações de conflito serviam tanto para demarcar diferenças quanto para instituir a vida coletiva, pelo meio dos movimentos de socialização, sendo a circulação dos rumores, que orientam as falas e ações de clientes e funcionários da casa, um deles. Assim, as semelhanças traziam aproximações entre os frequentadores ao passo em que as diferenças circulavam como acusações, como mostram as conversas sobre os seguranças da festa. O serviço de segurança do *Cafe de La Musique* é terceirizado. Márcio, que trabalha na casa há três anos, explicou:

Como eu fico sempre na porta sou muito assediado para liberar entradas. Geralmente os homens de fora são os que mais pedem, mas eu falo que não posso, que tenho filhos para criar, que a casa tem câmara... Conheço todos os sócios, tem honestidade, por isso eles não querem me tirar da porta, mas rola suborno sim, se é quinhentos eles oferecem 300. No *reveillon* mesmo queriam me dar 2 mil para liberar cinco entradas, mas eu não aceito. Já fui maltratado por isso, já me jogaram *champagne* na cara, já me disseram que eu nunca ia passar de um mísero segurança... Mas tem gente educada também, os *BBBs*, atores da Globo me adoram, me adicionam no *face[book]*,

sou bem conhecido<sup>70</sup>. Uma vez, fiz a segurança de um bangalô e recebi 2 mil de gorjeta.

O valor que Márcio disse ter ganhado de gorjeta em apenas uma noite, ainda que não seja frequente, é muitas vezes mais do que o que um frequentador da casa ganha ou tem, mas ainda assim, a visão é sempre de que o público das festas possui mais dinheiro do que os funcionários. Isso denota que a posição dentro do espaço (trabalho ou lazer) também marca diferenças, nem sempre verdadeiras. Os funcionários do Café me relataram seus ganhos com o trabalho na casa com satisfação. Tati, a garçonete, explicou: “Isso aqui é uma mina de ouro, se eu não quiser tem 50 na fila. É a casa que melhor paga. Eu recebo salário e mais percentual por venda, então dá para tirar uma boa grana”. Mesmo quem não recebe comissão por venda, ou as polpudas gorjetas, também se mostra contente com os ganhos. É o caso de Dina, a funcionária que trabalha na limpeza e organização do banheiro, que sobre o seu trabalho contou: “Só estou aqui para juntar uma boa grana, porque eles pagam bem. Melhor que as outras casas que eu já trabalhei. [...] Mas é cansativo né?! Eu limpo vômito, ouço desrespeito, estou exposta a muitas doenças...”. Essa informação contrasta fortemente com os rumores enunciados pelos clientes, a de que os funcionários ganham pouco. No entanto, a noção do que seja um bom salário é contextual e relativa, como já foi apontado, mas todos especulam sobre quem tem ou não dinheiro e os interesses respectivos.

Tati enfatizou que muitos que frequentam o Café usam drogas ilícitas como lança-perfume, *LSD* (ácido lisérgico, popularmente conhecido como *doce*) e *ecstasy* (denominado também como *bala*). Velho (1998), em seu clássico ‘Nobres & Anjos’, ao estudar os estilos de vida de dois grupos de camadas médias da Zona Sul do Rio de Janeiro e suas relações com o uso de ‘tóxicos’, que por vezes demarcavam fronteiras e hierarquias, afirmou que

Esse universo, no entanto, está longe de ser homogêneo ou monolítico, e é problemática a afirmativa da existência de um sentimento de solidariedade entre as pessoas que usam tóxicos. As diferenças internas, em termos do tipo de tóxico utilizado, faixa etária, características de estrato social, vão marcar, em muitas situações, fronteiras bastante nítidas. É por isso que falo em *estilos de vida* e quero enfatizar a necessidade de perceber esse universo como altamente diversificado (VELHO, 1998: 15).

A reflexão de Velho, que enfatiza as diferenças internas entre usuários de tóxicos, dialoga com meu universo de pesquisa, pois, nas festas, além de não serem todos os

---

<sup>70</sup> A distinção, como qualidade emergente das interações, pode estar também ao alcance dos que ocupam posições subordinadas. Muitos frequentadores possuem dinheiro, mas não possuem *globais* como amigos no *facebook*.

frequentadores que consumam tais substâncias, o tipo de tóxico utilizado, bem como a quantidade e os valores morais que se faz desses usos não constituem um universo homogêneo. A garçonete, ao ser perguntada sobre como os jovens conseguem entrar na festa com tais substâncias, foi enfática: “Ah, eles subornam os seguranças que fingem que não veem. Alguns até vendem”. Sua fala marca uma fronteira nítida entre a ação dos frequentadores de usar drogas e a ação dos seguranças, de ‘permitir o acesso’, e a condenação é dada menos aos frequentadores e mais aos seguranças. Neto, que tem 36 anos e trabalha no Café há dois como um dos responsáveis pela segurança dos presentes na pista fez algumas afirmações:

Eu nunca presenciei nenhuma briga, o pessoal aqui é muito educado. [...] Acho que o que atrai o público é porque as festas são à tarde e o pessoal depois já vai pra *balada*. E também pelas belezas naturais de Floripa, tem muita gente bonita, rica, de nível social, sabe? Não é um qualquer. Acho que tem muita gente rica, porque pra mim um consumo alto é 500 reais. Eu preciso trabalhar bastante pra arranjar esse dinheiro. E tem gente que vem e gasta 5, 10 mil. Já imaginou?

É nítida a diferente percepção do que é muito dinheiro para Neto, e do que é muito dinheiro para alguns dos homens que pagam mais de 10 mil reais para estar no camarote. Outro contraste em sua fala diz respeito à conduta do público. Enquanto para Neto todos são muito educados, Márcio diz já ter sido maltratado e Dina e Tati expuseram que algumas mulheres e homens bebem demais e acabam se comportando de forma inadequada. Outra vez, aparece a sugestão de elementos de conduta apropriada dentro da festa. Essa enunciação do comportamento aceitável mobiliza os frequentadores que possuem, em maior ou menor grau, uma preocupação com o ‘determinismo situacional’ ( Cf Goffman, 2010). O autor utiliza três unidades sociais básicas para explicar as regras que regem as condutas e comportamentos dos atores nos espaços públicos: a de ‘situação’, definida como o ambiente social em que a interação ocorre, a de ‘ajuntamento’, definido como qualquer conjunto de duas ou mais pessoas e a de ‘ocasião social’. Ele segue afirmando:

Além de ‘ajuntamento’ e ‘situação’, outro conceito básico precisa ser definido. Quando pessoas entrarem na presença imediata uma da outra, eles tendem a fazê-lo como participantes dos que chamarei de ocasião social. Ela é um acontecimento, realização ou evento social mais amplo, limitado no espaço e no tempo e tipicamente facilitado por equipamentos fixos; uma ocasião social fornece o contexto social estruturante em que muitas situações e seus ajuntamentos têm probabilidade de se formarem, e dissolverem e reformarem, e um padrão de conduta tende a ser reconhecido como padrão apropriado e (frequentemente) oficial – um ‘padrão de comportamento

estabelecido', para usar o termo de Barker. Exemplos de ocasiões sociais são uma festa social, um dia de trabalho no escritório, um piquenique, ou uma noite no teatro (GOFFMAN, 2010: 28).

Goffman opta por estudar lugares públicos, pois, segundo ele, estes têm maior liberdade de acesso enquanto que os locais privados restringem a circulação, sendo o acesso permitido somente a convidados de uma determinada ocasião social. O autor elucida, contribuindo para sua justificativa de estudar a conduta das pessoas em locais públicos, que estes lugares permitem o encontro de indivíduos que não se conhecem, mas compartilham regras de conduta que orientam as ações sociais. No entanto, ainda que o Café e demais espaços etnografados no *circuito* de lazer de elite em Jurerê sejam espaços privados, os frequentadores nem sempre se conhecem, mas se reconhecem e partilham valores e regras de conduta, como as roupas que devem ser usadas na ocasião dos *sunsets*, por exemplo.

No entanto, os próprios padrões de conduta e costumes não são estanques. Reconhece-se que notadamente eles mudam no curso das gerações e dos universos culturais distintos, mas podem modificar-se até mesmo no espaço da própria festa, dependendo dos atores. Se para Dina, a funcionária que trabalha no banheiro do Café, alguns frequentadores não têm uma conduta apropriada, pois “ficam bêbados e fazem fiasco”, para os jovens, beber é uma atitude apropriada no espaço da festa, e, ainda que nem sempre bem vista, o ato de ficar bêbado, dependendo da gradação e da pessoa, é considerado natural. Outro exemplo é expresso na fala do segurança Márcio sobre o “nível de educação” dos presentes. Enquanto para ele a atitude grosseira de um frequentador de lhe perguntar “quem você pensa que é?” é condenada, para esse mesmo cliente, a atitude pode não ser tão mal vista.

Os funcionários da casa, que ajudam a perpetuar e controlar algumas das regras de conduta no *Cafe de La Musique*, não costumam frequentar o clube nos seus dias de folga, passados geralmente longe do *glamour* de Jurerê. Todos disseram, sobretudo, que os chefes não liberam suas entradas gratuitas. Sobre o que costumava fazer para se divertir, Neto, um dos seguranças, contou: “Vou vir no carnaval, porque vou estar de folga e uns caras de São Paulo que eu conheci aqui vão me dar pulseirinha. Até me ligaram semana passada. Mas eu não consigo entrar de graça não. A casa não dá. Mas vou mais à praia, mas não aqui. Gosto de ficar mais à vontade<sup>71</sup>. De chinelo tomando minha cervejinha<sup>72</sup>”.

Em relação à vestimenta do público que frequenta o Café, enquanto as mulheres usavam roupas diferentes umas das outras como saias, vestidos, bermudas, blusas, camisas,

<sup>71</sup> A fala de Neto aponta para uma comodidade que de fato, não é vivenciada pelos presentes nas festas em Jurerê. Como se verá ao longo deste capítulo, ninguém fica muito à vontade nesses lugares.

<sup>72</sup> Para uma etnografia sobre a importância do lazer para camadas populares, ver MAGNANI (2003b).

saltos ou sandálias rasteiras, o visual dos homens era, em sua grande maioria, muito parecido: uma camisa de cor clara, com as mangas dobradas e os dois primeiros botões abertos, bermuda e um tênis não-esportivo. Os óculos escuros completavam a produção. Entre o público masculino algumas grifes eram bastante utilizadas como *Polo Ralph Lauren*, *Armani*, *Calvin Klein* e *Lacoste*<sup>73</sup>. Entre as mulheres o uso de óculos escuros também era muito requisitado. Seus cabelos costumavam estar impecavelmente escovados, e a maquiagem era muito utilizada, bem como brincos, pulseiras e anéis. Ainda que a peculiaridade do *Cafe de La Musique* sejam as festas realizadas no fim de tarde e o *club* esteja localizado na beira-mar, era raro ver um visual mais despojado, tanto em homens quanto em mulheres, como biquínis e saídas de praia, e sungas, camisetas e bermudas de banho.

No Café, se analisarmos apenas a vestimenta dos frequentadores, é possível identificar um grupo mais ou menos homogêneo e “uniformizado”<sup>74</sup>. Conversei com Ana sobre o estilo das vestimentas usadas nas festas do Café. Sua casa fica na Beira-Mar Norte (25 quilômetros distante do centro). Apesar de ter carro, ela me contava da dificuldade de frequentar a praia pela manhã ou começo da tarde e ir a um *sunset* depois, principalmente o do *Cafe de La Musique*, pois isso implicaria voltar para casa, se arrumar, e ir novamente para Jurerê Internacional, trajeto que, se não houvesse trânsito, lhe custaria pelo menos uma hora.

Por isso é ruim, só se tiver casa em Jurerê mesmo, aí dá pra se arrumar e ir, senão não. E pode reparar que nem homem faz isso. A maioria está impecável. Já vi antes da virada gente direto da praia, mas é muito raro. Tem vezes que é só brilhos, saltões, maquiagem puramente de *night*, bem carregadas. Mas, eu acho meio brega, apesar que hoje em dia paetês... se usa até no *shopping*. Eu muitas vezes vou achando que estou demais para um *sunset*, maquiada demais, com *bijus* que na maioria das vezes uso na *balada*,

<sup>73</sup> Todas grifes internacionais. Klein (2002: 22) afirma que “as logomarcas, por força da onipresença, tornaram-se a coisa mais próxima que temos de uma linguagem internacional, reconhecida e compreendida em muito mais lugares do que o inglês”.

<sup>74</sup> Erner (2008: 226), ao abordar a moda, diz que é preciso relativizar a noção de que todos estão uniformizados. Ao invés, ele prefere tratar essa ‘uniformização’ como tendência, ressaltando aspectos diferenciadores. “Precisamos de muita precaução quanto ao argumento segundo o qual, atualmente, todo mundo se vestiria da mesma maneira. Evidentemente, algumas tendências importantes podem ser observadas (retorno do formal, do espetacular, progressão das modas unissex). Todavia, apesar de muito justas, essas constatações não permitem concluir que a diversidade de algum tempo atrás tenha sido substituída pelo uniforme. Se considerarmos o exemplo das calças *jeans*, o que pode ser analisado à primeira vista como uniformidade mostra sua heterogeneidade se olharmos detalhadamente. Essas calças *jeans*, que podem parecer iguais, de fato se diferenciam pelo corte (cintura alta ou baixa, corte justo ou largo, etc.), pelo tratamento do pano (desbotado, furado, costurado, bordado, etc.). Assim, a homogeneidade é o resultado de um erro de escala: a incapacidade de perceber nuances bastante reais”. Se no Café, como em outros clubes, há certa ‘uniformização’, ainda que relativizada, como sugere o autor, as diferenças consistem menos no material, corte e mais nas marcas ostentadas, evidenciando outra gradação de prestígio presente na festa, ainda que exista sempre a possibilidade de uma roupa ‘mais barata’ produzir o efeito de roupa de grife.

mas vou para não me sentir tão diferente das outras<sup>75</sup>. Mas, mesmo assim não chego aos pés de muitas.

Há sempre certa insegurança quanto à adequação da roupa e, na dúvida, todas as mulheres acabam se esmerando na produção. No entanto, quem não mora ou está hospedado em Jurerê, encontra meios de driblar a distância e continuar com um visual à altura dos usados pelos jovens nas festas. É o caso de Bia, que contou: “eu carrego uma mala no carro. Tem de tudo, salto, vestido, maquiagem. Nunca sei quando pode rolar *Posh* e já venho preparada, porque voltar para casa é muito longe”. Bia mora na Palhoça, uma cidade que pertence à região metropolitana de Florianópolis, localizada no continente, a uma distância de aproximadamente 45 minutos de Jurerê Internacional. Ainda que rotineiramente referida pejorativamente, como se lá não houvesse gente interessante e descolada, a Palhoça também vai à *Posh*.

Há uma racionalidade que rege as escolhas das roupas pelas mulheres e homens. A fala de Ana aponta muito mais para uma imitação do que uma identificação com o estilo de vestuário usado no Café, já que, mesmo achando a vestimenta das mulheres que vão ao *sunset* exagerada, ela se veste do mesmo modo, com medo de ser excluída. Já Bia, conforme me relatou em uma conversa, se identifica com o estilo das roupas usadas pelas mulheres no Café, carregando, inclusive, uma sacola com opções de vestimenta em seu carro. Os dois discursos, no entanto, visam uma inserção social. Alexandre Bergamo (2007), em sua etnografia sobre o mundo da moda, tomando como ponto de partida desfiles de renomados estilistas em São Paulo, afirma que:

A moda, quando vista a partir das relações entre os indivíduos e grupos sociais, quando vista como uma possibilidade de mediação ou mesmo de inserção de tais indivíduos e grupos no jogo social, expõe os valores, os significados, as expectativas, as ilusões, as crenças e tudo o mais capaz de adquirir e imprimir um sentido para as pessoas e suas ações (BERGAMO, 2007: 28).

Além de se vestirem de forma parecida, os jovens não costumam chegar à festa sozinhos, mas em grupos. As mulheres geralmente antes, para conseguir a entrada *free*, e posteriormente os homens. À medida que o *sunset* avança é possível visualizar alguns casais, que se formam na própria *balada*, sozinhos namorando em algum sofá, perto do bar ou na área coberta. Também é bastante comum os clientes, em grupos, subirem em cima das mesas

<sup>75</sup> Isso aponta para diferentes modos de “estar” nas festas, conforme se mora ou hospeda mais ou menos longe, pode-se ou não trocar de roupa. As festas são a confluência de percursos muito diversos, mas, tirando os muito ricos, as diferenças não são propriamente de classe.

e sofás para dançarem<sup>76</sup>. A música que predomina no *Cafe de La Musique* é a eletrônica, preferencialmente o estilo conhecido como *house* (um ritmo eletrônico com batidas mais melódicas e letras), mas a casa também recebe alguns *shows* de diversos artistas no verão como Latino, MC Naldo, Buchecha, Michel Teló etc.

É bastante comum ver os presentes durante a festa, e até mesmo na pista de dança, mexerem em seus *smartphones*, geralmente da marca *Apple*, para mandar mensagens, responder ao *whatsapp* (aplicativo que permite aos usuários de *smartphones* mandar e receber mensagens de forma instantânea) ou mesmo para conferir as redes sociais *facebook* e *instagram* e postar fotos recém-tiradas na festa. A tecnologia é parte construtiva das festas. Interações “reais” e “virtuais” andas juntas e, de certo modo, são a mesma coisa. A internet e as tecnologias servem para estabelecer contatos, saber quais festas estão acontecendo, bem como difundir fotos e comentários do público que frequenta as casas. Através das tecnologias e da internet, meus interlocutores constroem uma espécie de *circuito* virtual, que mapeado, ajuda a entender como a construção das relações também se apóia nas tecnologias e como esse *circuito* virtual sustenta o *circuito* efetivamente trilhado pelos frequentadores das festas. Por exemplo, na medida em que um frequentador usa seu *smartphone* para mandar um *whatsapp* para um *promoter* da festa, pedindo sua entrada, ou quando se comunica com seus amigos, por telefone ou internet, combinando quais serão seus *trajetos* por Jurerê Internacional, quando registra, por fotos<sup>77</sup>, sua passagem pela festa, ele está, com a ajuda desse *circuito* virtual ou tecnológico, se inscrevendo e percorrendo, por meio dos seus *trajetos*, o *circuito* das festas elitizantes de Jurerê Internacional.

Tanto as casas quanto os frequentadores utilizam dessa ‘rede’ cotidianamente. O *Cafe de La Musique*, por exemplo, divulga em sua página no *facebook* a agenda das festas e outras informações pertinentes sobre a casa, bem como fotos dos clientes, e é bastante acessado pelos frequentadores dos estabelecimentos. Por outro lado, a internet serve também para que moradores de Jurerê se articulem e difundam comentários negativos em relação às festas, como mostrei no primeiro capítulo, quando associados da AJIN protestaram na página da associação no *facebook*, sobre uma festa que estava ocorrendo no Café.

Apesar de os *sunsets* do *Cafe de La Musique* atraírem grande quantidade de jovens no verão, a faixa de areia na frente do *club* é pouco frequentada pelos mesmos. Em dias em

---

<sup>76</sup> Mesmo considerado um comportamento condenável em alguns lugares, subir nas mesas e sofás do *Cafe de La Musique* para dançar é comum, e até esperado. Este fato denota que as regras que regem as condutas nos lugares públicos e semi-públicos, conforme explica Goffman (2010), é relacional e instável.

<sup>77</sup> As fotos, quando publicadas em redes sociais, tais como *facebook* e *instagram*, funcionam como uma vitrine que permite ao ator exibir para seus conhecidos que esteve em determinada festa em Jurerê Internacional, ajudando a difundir determinado *status*, alimentando relações e sustentando as próprias festas.

que não há festas, a casa fica aberta, permitindo que as pessoas desfrutem de um almoço, *drink* ou até mesmo utilizem as espreguiçadeiras que ficam dispostas na areia (não há cobrança para utilizá-las, embora o consumo seja estimulado<sup>78</sup> pelos atendentes do Café), mas a presença de famílias com crianças e casais e pessoas mais velhas é mais comum já que o espaço da praia escolhido pela maioria dos meus interlocutores para frequentar é em frente ao *Taikô*. Tanto na areia quanto nos próprios *sunsets*, o movimento cai consideravelmente após as duas primeiras semanas de janeiro, principalmente no que se refere aos turistas de outras cidades e estados, voltando a aumentar no período do carnaval. O que costuma ocorrer, entretanto, é o movimento de alguns jovens – homens e mulheres – nas imediações da casa – fazendo contatos, falando ao celular ou indo buscar seus convites - momentos antes de alguma festa, principalmente as mais disputadas, como a única noite do carnaval.

Para essas festas que ocorrem à noite, a logística é um pouco diferente. O valor dos camarotes é fechado com um número de convites (femininos e masculinos) além do valor da consumação de bebidas. Desse modo, os homens que adquirem o espaço podem distribuir e/ou vender alguns convites. Participei de uma dessas compras ao negociar com um interlocutor que havia comprado um camarote, dois convites femininos para um *sunset* de carnaval no Café, pois os ingressos haviam esgotado no início da tarde. Acabei pagando 125 reais em cada ingresso, que haviam sido vendidos pela casa ao preço de 200 reais cada, não sem antes ligar para Lui, um dos *promoters* do *club*, e narrar minha situação. Ao me ouvir dizer que não estava conseguindo comprar os ingressos, já esgotados, Lui me explicou que nada poderia fazer para me ajudar, e acrescentou: “Se você ver, isso é uma estratégia. Os sócios querem que seja assim. Eles fazem questão, porque o Café é uma festa diferenciada, você tem que passar trabalho para entrar”. Esse é um comentário recorrente dos donos e funcionários das casas em Jurerê, o de que você precisa ‘passar trabalho’ para estar lá, uma ótica um pouco reversa da natural ‘satisfação total do cliente’ pois, ainda que este se mostre satisfeito com o tratamento recebido na casa (seja na pista ou no camarote), ele precisa destinar algum tempo e dedicação para conseguir o acesso, e este nunca é feito de maneira

---

<sup>78</sup> Enquanto o presidente da AJIN afirma: “Eles vão lá, se acham os donos da praia. Colocam cadeiras. Você não pode usar a praia, porque têm aquelas cadeiras deles, que eles põe lá 6 horas da manhã, e aí se você sentar na cadeira você tem que pagar. E não existe isso. Ali é um local público, a praia é um espaço público, que tem que estar acessível a todos. Você não pode chegar e se adonar da praia. Pode até colocar a cadeira, mas se o camarada sentar ali: ‘não, eu só quero ver o mar e vou ficar aqui sentado’, sentou, ferrou. Quer tirar a cadeira, tira, ele vai por a dele. Entendeu? Mas não é isso que o pessoal faz, entendeu? O pessoal intimida, o pessoal faz pressão”, o diretor da Habitasul esclarece: “Da nossa parte nós não compactuamos em hipótese alguma com qualquer descumprimento aí. O problema sabe qual é? É que essa regra não é não muito clara. É a prefeitura, é o STU, é o fulano, é o beltrano, prefeitura diz que tem uma portaria que regula isso aí. Até hoje, na metade do verão, não saiu ainda”.

simples, e nem sempre cômoda<sup>79</sup>. Aqui, o frequentador é quem procura a casa e não o contrário, e essa cena aparentemente simples, desloca o próprio conceito de distinção, já que, por mais distinta que uma pessoa seja ou se pretenda ser, ela precisa dedicar um tempo para alcançar esse *status*, e essa é outra indicação de que a distinção não é um dado, mas qualidade emergente de certas relações e situações.

Os ingressos para a festa de carnaval 2013 do Café (que foi *open bar*) custaram 350 reais o feminino e 750 reais o masculino, e o público era o mesmo que frequentou o *club* durante todo o verão. Nessa noite, quando estava chegando à *balada*, fui abordada por um ambulante que me ofereceu convite para a festa ao preço de 100 reais. Ao narrar o episódio à Tati, a garçonete do Café, a ouvi dizer: “você vai entrevistar os sócios? Então devia contar essa história para eles, porque isso é ruim, decaí o nível da festa. Essa festa não é festa para 100 reais. Olha as pessoas, olha as bebidas”. Aqui novamente a ótica da *balada diferenciada* e de que é preciso passar trabalho e pagar caro para entrar, o que contrasta com o fato de um vendedor ambulante estar vendendo convites a um preço muito menor do que o estipulado pela casa.

Uma característica central que consegui observar no *Cafe de La Musique* foi o clima de paquera, namoro e flerte, que acontecia com muita naturalidade entre ‘meus amigos de festa’ e demais interlocutores. Em um dos *sunsets*, estava dançando perto do bar e do camarote de um grupo de homens da Bahia que havia conhecido, quando observei uma amiga de Pedro, o jovem publicitário, natural de Florianópolis, mas que mora atualmente na capital paulista, beijando um deles. Uma hora depois ela me disse que o viu beijando outra menina. Ao fim da festa, eu a vi beijando outro rapaz. Este, de São Paulo. Nesse mesmo dia, na pista, acabei permanecendo em um local que me permitia visualizar um mesmo homem beijando duas garotas. Uma estava com ele na mesa, e a outra na pista. A que o acompanhava, na mesa, visualizava o rapaz beijando a da pista e parecia não se importar com o ocorrido. Sobre a questão, não faltaram opiniões. A funcionária Tati foi enfática: “Homem procura mulher bonita e mulher procura homem rico. Mulher quer casamento, mas o homem quer diversão. As relações não duram, os homens querem *piriguete*<sup>80</sup>”. Sua opinião foi endossada pela

<sup>79</sup> Além da ótica do ‘passar trabalho’, as casas gostam de exaltar, por meio da fila, para os passantes da rua, o quanto a festa está ‘bombando’ e sendo procurada. Borges & Azevedo (2007: 94), ao etnografarem a *mancha* de lazer na Vila Olímpia, em São Paulo, fizeram uma colocação sobre a fila das *baladas*, que serve para entender o contexto da fila das festas em Jurerê, e por isso, reproduzo: “Não basta, no entanto, que a fila esteja volumosa, causando certo agito na porta da casa; é preciso que, ao mesmo tempo, ali se encontrem pessoas bonitas, bem vestidas e ‘descoladas’, que expressem descontração, elementos que compõem enfaticamente a cena fora da casa noturna”.

<sup>80</sup> Termo nativo, utilizado para referir-se a uma mulher que beija vários homens em uma mesma festa e se veste de maneira não-discreta. Ao longo do texto, discutirei mais minuciosamente o uso da expressão.

responsável do banheiro, Dina, que disse: “Acho as mulheres daqui vulgares. A maioria só vem para pegar homem”. Já Neto, segurança da casa, fez um juízo: “As mulheres estão muito fáceis. Já vi homem sair daqui com 4, 5 pendurada no pescoço”. Por fim, outro segurança do *club* afirmou que acredita que muitos homens que frequentam as festas sejam homossexuais. “Tem mulheres que reclamam que homem bombado é tudo *gay*. Tem uns que vêm sempre e ficam sozinhos o tempo todo. Eu acho tudo viado”, disse. É possível perceber nas falas assimetrias de gênero e categorias fundadas no sexo: homem é homossexual, mulher é vulgar. Há também acusações e estereótipos como: mulheres *piriguetes* e homens *gays*. Nos dois casos, as acusações expressam juízos morais muito conservadores. E isto também mostra a ambiguidade da ‘distinção’.

Há consenso no uso dessas categorias, mas não no seu significado. Enquanto para um grupo de homens, *piriguite* pode ser uma mulher que paga sua própria bebida e beija várias pessoas na *balada*, outros denominam *piriguite* a mulher que aceita bebidas e um lugar no camarote de algum homem, mesmo rejeitando suas investidas. No entanto, nenhuma mulher parece poder escapar do rótulo de *piriguite*: sendo independente ou não, beijando ou não, o público feminino das festas está sempre sendo julgado também através desta categoria de acusação. Já as mulheres, podem também denominar como *piriguite* mulheres que, segundo suas opiniões, se vestem de maneira extravagante (roupa muito justa e/ou curta). Em relação aos gays, a categoria aparece proferida tanto por mulheres, que podem assim denominar os homens que não aceitam sua paquera, quanto pelo público masculino, que chamam alguns homens *malhados* ou ainda, que não são frequentemente vistos na companhia de mulheres, de *gays*. Essas falas, baseadas ou não em ações, predominam a todo o momento na festa e fazem parte do repertório do público das casas. Embora sexualidade e gênero não sejam idênticos, no *circuito* das festas em Jurerê eles estão fortemente associados, pois o discurso sobre a diferença entre homens e mulheres é constantemente permeado pela categoria sexo, ainda que a sexualidade seja apenas um dos elementos que constituem o modelo de identidade de gênero, a saber, masculino e feminino. Voltarei a essa questão ao longo do texto.

Outro *sunset* frequentado por meus interlocutores é o *P12 – Parador Internacional*, localizado no Costão da praia, na servidão Cardoso de Oliveira, a dois quilômetros da parte central de Jurerê Internacional. Com capacidade para até duas mil pessoas, metade do espaço do clube está ao ar livre.

FIGURA 17 – P12 – ÁREA EXTERNA DO BEACH CLUB



FONTE: *blog 'Jurerê Internacional'* (20/11/2013)

Na parte interna do *P12* há um bar, os banheiros e uma pista de dança, ladeada por camarotes - estruturas mais altas que a pista que formam um corredor com mesas e sofás. O fim da pista leva a um palco e, atrás deste, o *backstage*. Há ainda outro bar na área dos camarotes, e atrás do *backstage* (cujo acesso só é permitido com outra pulseira, além da do camarote) estão outros banheiros. No teto, no meio da pista, um grande lustre de cristal faz parte da decoração do ambiente.

FIGURA 18 – PISTA DE DANÇA – P12



FONTE: *blog 'Loca Mob'* (20/11/2013)

Saindo da pista, ainda na área coberta do *club*, com piso estilo *deck*, de madeira, há um grande balcão onde funcionam o bar e os caixas. Há ainda, próximo ao bar, uma mesa comunitária, com bancos de um lado e outro, e alguns sofás brancos e mesas, que também funcionam como camarote. A área descoberta comporta a piscina – com um bar no meio - e em volta dela bangalôs e espreguiçadeiras revestidas de colchão branco, com palmeiras dispostas ao longo de todo esse espaço. Diferentemente das espreguiçadeiras, os bangalôs (com garçom exclusivo) são utilizados como camarotes e seu preço é revertido em consumação. Entre os bangalôs, perto da piscina, há a cabine do *DJ*, que discoteca e anima os presentes antes da atração principal (que se apresenta sempre na pista de dança, dentro do clube). Também há dois bares próximos da piscina e atrás de um deles, os banheiros. Na parte esquerda ainda estão dispostos mais cadeiras e bangalôs (cama com dossel, cortina branca, colchões e almofadas, com garçom exclusivo), e após estes, o portão que dá acesso à praia. (É possível retornar da praia para o clube, desde que o usuário esteja com a pulseira que dá acesso ao *P12* e respeite o prazo limite: 8 horas da noite). A decoração do ambiente mistura elementos mais clássicos e elementos mais despojados. Dessa forma, é possível ver coqueiros e folhagem, *deck* e móveis de madeira dividir espaço com objetos de decoração em porcelana branca, espelhos, sofás de couro branco e lustres de cristal, tornando o clube de praia pretensamente ‘descolado’ e elegante. No *circuito* das festas elitizantes em Jurerê

Internacional, e isso fica claro tanto nos objetos de decoração dispostos nos diferentes clubes, quanto nas ações e conduta dos atores, o despojamento é ensaiado, e nunca efetivo.

FIGURA 19 – JOVENS NO P12



FONTE: site 'SkyScraper City' (20/11/2013)

A piscina é o espaço de socialização mais utilizado no começo da festa, em que os jovens dançam, conversam, bebem, se divertem. Há quem recuse ficar na piscina. Em uma festa, Fernanda, Mila, Karina e Ana comentaram em tom crítico e jocoso: “é nojento”, “todo mundo faz xixi dentro”, “é bom para pegar leptospirose”, “deve ter até sêmen aí dentro”, dentre outras frases. Porém, os muitos frequentadores da piscina dançavam animadamente dentro dela. Ninguém nadava, mergulhava (no sentido de se exercitar). Enquanto para muitos a piscina é um lugar desejado, para outros é um lugar a ser evitado.

FIGURA 20 – PISCINA DO P12



FONTE: site 'El Divino Brasil' (20/11/2013)

Os presentes dançavam, bebiam e se abraçavam dentro da água, enquanto se refrescavam. Não existe uma preocupação excessiva das mulheres que estão na piscina do clube ou na praia em não molhar os cabelos, ou estragar a escova, por exemplo. As que estão vestidas e arrumadas assim permanecem. Mas as mulheres que vão de biquíni e chegam cedo, dispostas a usufruírem da praia e da piscina, não se preocupam tanto com alguns detalhes, como maquiagem e cabelo, inclusive pela própria característica do *club* – um parador de praia.

Os convites para os *sunsets* no P12 custam, com exceção das festas de *reveillon* e carnaval, de 50 a 150 reais o feminino e de 100 a 300 reais o masculino, dependendo da festa. Os *sunsets* encerram sempre às 11 horas da noite, mas o *beach club* se mantém aberto durante toda a tarde, tornando possível para os clientes chegarem cedo e aproveitarem a praia e a piscina, bem como almoçarem, beberem etc. Às 8 horas da noite, a festa transfere-se para a pista de dança, na parte interna do clube, e quem está na praia ou piscina começa a se vestir, tirar os óculos escuros e a roupa de banho, em um dos vários banheiros dispostos pelo clube e se encaminhar para a pista. O P12 conta com lista *free* (predominantemente feminina) ou

bônus e para fazer parte dela é necessário conhecer algum *promoter* da casa. Júnior trabalhou na divulgação e organização das festas do *P12* nos verões de 2013 e 2014 e dessa forma, garantia meu acesso e de algumas amigas aos *sunsets*. Essas listas encerram-se sempre entre 5 e 6 horas da tarde.

Em uma das tardes de *sunset* no *P12* resolvemos – eu, Fernanda e Mila – elaborar uma estratégia diferente com o objetivo de aproveitar a praia e a festa. Eram dez horas da manhã quando Fernanda deu a ideia: “Vamos para a praia agora de manhã e levamos nossas roupas no carro. Depois da praia a gente toma uma ducha naquela paga que tem na frente do *Taikô*, se veste no carro e vai para o *P12*”. Mesmo achando muito empenho, topei a aventura. Fernanda fez uma verdadeira mala de roupas. “É para poder escolher, amiga”, me falou ao ouvir minha expressão de surpresa com a quantidade de itens. Isso evidencia a permanente incerteza de qual a roupa ‘certa’ para cada ocasião. Além dessa pequena mala, havia a sacola de praia com toalha, canga, protetor solar e bronzeador. Chegamos em Jurerê por volta das 11 e meia da manhã. Tomamos banho de mar para nos refrescarmos com o cuidado de não molhar os cabelos e mantê-los secos para a festa de mais tarde. Como a lista que nos dava acesso *free* encerrava às 5 horas da tarde, passava um pouco das 4 quando resolvemos recolher as coisas e começar a arrumação. Utilizamos a ducha para banho (ao ar livre e pelo preço de 2 reais) do *Taikô* e fomos para o carro, que estava estacionado nas imediações. Vestimo-nos, nos maquiamos e arrumamos cabelo, tendo como auxiliar o espelho do automóvel. Em meia hora estávamos prontas para a festa e nos encaminhamos para o *P12*.

A ideia de investimento, dedicação e esforço (predominantemente feminino) perpassa os *trajetos* que as pessoas fazem por esse *circuito elitizante*. Este esforço por vezes contraria a própria ideia de sofisticação e *glamour* enunciada pelas festas, mas em parte, está presente na ótica do ‘é preciso passar trabalho para estar aqui’, evidenciada por alguns *promoters*. Há um verdadeiro engajamento para participar das festas e as maneiras de permanecer no lugar, assim como as maneiras de chegar, eram as mais variadas possíveis. Aparentemente, o importante é estar na *balada*, não importa de que modo, ainda que as gradações desse ‘estar lá’ contribuam para as posições conquistadas ou mantidas na festa.

Visivelmente, após nos arrumarmos no carro, ao chegar ao *club*, pertencíamos à parcela dos clientes *diferenciados*, tanto quanto as outras pessoas que se arrumaram e saíram de suas mansões em Jurerê. Nesse caso, a roupa estabelece outra distinção: estar muito arrumado em um dos *sunsets* que ocorrem à tarde, pode não parecer tão ideal, pois denota que o frequentador não está hospedado em Jurerê (com a possibilidade de trocar de roupa tantas

vezes quanto queira) e que pela distância da praia com o centro da cidade, (25 quilômetros), já vai mais arrumado para aproveitar as festas que acontecem à noite, após os *sunsets*.

A hierarquização na festa também se dá pelo horário. No horário limite da lista que garantia a gratuidade do acesso – entre 5 e 6 horas da tarde - era possível observar dois grupos: os jovens que estavam no clube desde cedo, na piscina, nas espreguiçadeiras, desfrutando do sol, da praia, e as pessoas que iam apenas para o *show* ou curtir o *DJ*. Quem chegava antes, os ‘da piscina’, já estavam - às 6 horas da tarde - bastante animados, dançando, jogando bebida para cima, bebendo muito, rindo, beijando etc e os ‘da festa’, recém-chegados, estavam mais tímidos, ainda sóbrios e se ambientando ao lugar e às pessoas. As mulheres geralmente davam voltas pelo clube, iam ao banheiro (geralmente para conversarem, arrumar a roupa, retocar a maquiagem), e depois, assim como os homens, permaneciam em grupos de amigas bebendo algum *drink* nas imediações da piscina. Nesse momento inicial, a paquera era tímida, só acontecendo efetivamente na pista, no momento do *show* ou do *DJ* principal. Dentre os ‘da piscina’ existiam os grupos que ficavam em bangalôs (pagos) e os que estavam apenas usando a piscina e as espreguiçadeiras (não-pagas).

Dentre os ‘da festa’ havia os que ficavam em pé, circulavam ou acomodavam-se em algum espaço, esperando pela festa e os que ficavam em mesas e/ou camarotes (pagos), que geralmente chegavam mais tarde, apenas para a festa. No entanto, tanto os pagantes dos bangalôs quanto os das mesas na parte externa do *P12* tinham automaticamente seus lugares transferidos para os dois camarotes da pista na hora do *show*. Fernanda me explicou sua teoria. “Pode ver, os gatos começam a chegar mesmo lá pelas 7 da noite, agora mais cedo, só mulherada e os turistas que vem aproveitar a piscina e a praia, porque os gatos que têm camarote ou que vão pagar o ingresso chegam mais tarde, não precisam se preocupar em chegar cedo pra não pagar”. Gatos, nesse sentido, pode tanto ser usado para referir-se a homens bonitos, quanto para aludir a homens que possuem camarote.

O tempo é outro elemento de distinção, tão poderoso quanto o espaço, e se constitui em uma importante ligação entre sujeitos e espaços. Há, além da sazonalidade própria do *circuito* de lazer de elite em Jurerê Internacional, que une estabelecimentos que ofertam seus serviços apenas no verão, o tempo investido para se produzir, esteticamente, para as festas, o tempo da juventude, que em um sentido etário, é efêmero para todos, e o próprio tempo e investimento de vida que, por mais que nesse *circuito*, vá se expressar no período do verão, aparece o ano todo nas ações das pessoas como: manutenção de contatos, preparação do corpo, fruição de viagens, estudos, trabalho para angariar os recursos que permitam os gastos posteriores, consumo etc.

O comportamento comedido dos presentes no início da festa, elucidado por Fernanda, pode ser pensado sob a noção de ‘encaixe’, categoria formulada por Goffman (2010), e que se relaciona com o *ethos* específico de cada situação social que é compartilhada pelos atores. No caso do começo da festa no *PI2*, o código dos ‘da festa’ era se ambientar com o espaço e com as pessoas que já se encontravam no lugar, enquanto que o código dos ‘da piscina’ permitia maior socialização, pois já se encontravam há algum tempo no ambiente. Era possível distinguir duas formas de interação social (Cf Goffman, 2010): a interação desfocada, realizada através do olhar, sem comunicação verbal - predominantemente a relação entre os ‘da festa’ e os ‘da piscina’ no início da *balada* - e que favorece a observação e captação de informações sobre o outro, através do julgamento das expressões corporais, posturas, vestimentas etc. e a interação focada, com o desenvolvimento de conversa, como acontecia na pista de dança, na hora da apresentação do *DJ*, e que podia ser feita entre pessoas de qualquer um dos dois grupos iniciais.

No camarote do *PI2* há o local de circulação comum, e as mesas e sofás, destinados aos clientes que pagam pelo espaço um valor revertido em consumação. As bebidas são trazidas por um garçom exclusivo. Em um dos *sunsets* percebi que Júnior oferecia *champagne* do camarote de Fe e seus amigos como se ele houvesse pago por cada garrafa. Fe também parecia não se importar com quem estava bebendo as *champagnes*, *vodkas* e refrigerantes trazidas a todo o momento pelo garçom. Havia muitas mulheres nesse local, bebendo e dançando junto com eles, e cada homem desse espaço flertava com pelo menos duas mulheres. O processo de aproximação dos homens nas mulheres e a retribuição - ou não - das mesmas é muito semelhante em todas as casas do *circuito*. O público permanece em grupos no início da festa e os casais vão se formando ao longo da *balada*. São olhares, conversas, trocas (bebidas, camarotes, companhias) e beijos, que podem ou não resultar em relações sexuais.

Em relação à roupa, os homens se vestem de maneira mais informal. É possível visualizar o público masculino tanto de sunga ou calção de banho quanto de bermuda, chinelo e camiseta. Há os que optam pelo traje bermuda, sapato esportivo e camisa, como no Café, porém em menor número. Já as roupas femininas variam bastante, desde biquínis, saída de praia, óculos e chapéu; short, camisa e rasteira, passando pelos vestidos de brilho e saltos altíssimos. Conversando sobre essa questão com Ana, a ouvi dizer: “*PI2* dá de tudo né?”. Contudo, um item indispensável na produção feminina era a maquiagem, que também não seguia um padrão, indo da mais discreta a mais extravagante. Entre os ‘da piscina’ era muito comum ver homens e mulheres exibindo seus corpos em sungas e enormes correntes de prata

e biquínis e salto alto, respectivamente. O público, em sua maioria jovem, se diferem em alguns aspectos, ainda que a marcação de diferenças seja mínima, mas as quais se dá muita atenção.

Muitos dos meus interlocutores, mesmo não deixando de frequentar o clube, apontaram o *P12* como local ‘menos elitizado’, de ‘gente feia’, ‘drogada’, ‘tigrada’, ‘gay’, ‘piriguete’, ou seja, ainda que presente no *circuito* de lazer de elite em Jurerê, o *P12* é, na escala de gradação de prestígio, classificado hierarquicamente abaixo de outras casas, como *Cafe de La Musique* e *Posh*, por exemplo. Júnior me confideciou suas impressões. “*P12* não é povo lindo igual o Café. Não é tão *glamour* né? Tem mais gringos, gente de fora, e tem bastante *gay* mesmo, mas não só”, falou. *Gay* nesse universo, como categoria de acusação, aparece de forma recorrente. Já ‘gringos’ e ‘gente de fora’ são categorias que em alguns momentos dão prestígio (um lugar mais ou menos cosmopolita), e em outros são depreciativas, e isso ilumina as outras categorias, cujos significados são sempre construídos e estão em relação.

As críticas aos ‘desvios’ circulavam predominantemente através de fofocas e rumores. Havia o iminente perigo da contaminação, na realidade da festa, e a associação com os desviantes<sup>81</sup> e impuros<sup>82</sup> configuraria, para os frequentadores, certa perda de *status*. Desse modo, se o lugar proporciona uma posição de pertencimento à elite, as pessoas com quem se é visto podem desclassificar os interlocutores da posição adquirida anteriormente.

Também pude observar alguns jovens consumindo drogas como *ecstasy*, *LCD* e lança-perfume. O consumo dessas substâncias<sup>83</sup> também se fez presente em todas as outras casas etnografadas, ainda que no *P12* fosse mais comum. Em relação à paquera, a aproximação dos homens é mais intensa com hábitos como: puxar no cabelo de uma mulher, pegar em sua cintura e até mesmo tentar beijá-la, sem antes estabelecer uma conversa. Isso contribui para que a avaliação do local, algumas vezes e em grande parte pelo público feminino, seja negativa, e o fato elucida diferentes padrões de conduta aceitáveis, e como os envoltivos obedecem a regras de alocação, tendo as formas de interação social como configuradoras de determinadas posições.

As relações, assim como nas outras casas, são fluidas e descompromissadas. Um exemplo ocorreu com Fernanda, ‘minha amiga de festa’, natural de Florianópolis e Ricardo, o

---

<sup>81</sup> Becker (2008)

<sup>82</sup> Douglas (2012)

<sup>83</sup> “Parece que, tanto por parte dos acusados como por parte dos acusadores, o tóxico marca fronteiras de forma nítida, embora segundo escalas de valores não só diferentes como, em certas situações, altamente conflitantes” (VELHO, 1998 :13).

jovem empresário de Ribeirão Preto. Conheceram-se em um *sunset* no *Cafe de La Musique* em um sábado e passaram a festa toda juntos. Já no domingo, em um *sunset* do *PI2*, estavam, cada um, com novos pares. Diego, amigo de Fernanda, 35 anos e natural de Florianópolis, me contou o que segundo ele, as mulheres procuram nesse tipo de festa, e como consegue frequentar esse *circuito* de lazer.

Diego: As mulheres querem isso: a *Posh*, o *Porshe*, a *champagne*, mas no final da noite elas querem é um homem de verdade, elas querem sexo bem gostoso.

Thaís: E você acha que os homens que elas escolhem para estar na festa não podem proporcionar isso?

Diego: A maioria não. Grande parte são todos uns *velhos*, *broxas*, alguns até *gays* enrustidos são.

Thaís: Como você sabe?

Diego: Algumas me contam, outros eu conheço, sei quem são. Eu sou de Floripa, faz anos que frequento esse tipo de festa. E sabe quantas festas eu paguei esse verão? Nenhuma.

Thaís: E como você consegue entrar? Conhece alguém, ganha convite? Como faz?

Diego: Ah, depende. Tem lugares que conheço o segurança, outros que a gente dribla.

Thaís: Como assim?

Diego: “No *reveillon*, por exemplo, eu coloquei 10 caras no Café. Eu entrei no meio da muvuca e depois quis sair e falei pro segurança que tava sem pulseira, eu falei: ‘eu quero uma pulseira que não colocaram’. Aí eu ganhei, e tirei do meu pulso e joguei pro meu amigo por baixo do segurança. Ele pegou, colocou com chiclete, entrou e foi fazendo isso pros outros. Enfim, não pagamos nada”.

Thaís: Mas você consegue todas as festas: *Café*, *PI2*, *Posh*?

Diego: Só *Posh* que não, o resto sim. Eu não vou pagar 300 reais pra entrar numa festa. Jamais. Sempre que você me ver nessas festas pode ter certeza, eu não paguei.

A fala de Diego revela uma visão bastante tradicional e arraigada sobre comportamento sexual masculino e feminino, e que reforça distinções de gênero. Mas seu discurso, que é compartilhado por muitos frequentadores das festas, não é meramente retórico, pois reforça e amplia o significado das diferenças, ou, como afirma Goldenberg (2006: 41) ajuda a “cristalizar ‘verdades’ e comportamentos desiguais para homens e mulheres”. Isso fica implícito, por exemplo, em sua fala generalizante “as mulheres [...] no final da noite elas querem um homem de verdade”. Esse pensamento de que ‘as mulheres querem um homem de verdade’ gera uma contrapartida: a da obrigação de ‘ser um homem de verdade’. Goldenberg (2006: 27) afirma que a eterna preocupação masculina em corresponder a um ideal de homem, e o esforço em cumprir as exigências desse determinado modelo, traduzidas em força física, virilidade e desempenho sexual, torna os homens, tanto quanto as mulheres, em vítimas da

dominação masculina. É o que Bourdieu (2010) caracteriza como ‘homens dominados por sua dominação’. Se a masculinidade é associada, em grande parte, ao amplo número de parceiras, aos homens que não são vistos sob esse ideal recaem acusações tais como ‘velhos’, ‘broxas’ e ‘gays enrustidos’. Conforme Goldenberg (2006: 34) “o estigma que recai sobre os jovens do sexo masculino – o de serem pouco viris, ou de não serem ‘homens de verdade’ por não viverem sua sexualidade com inúmeras parceiras – é o oposto daquele que vigora a respeito das jovens, que têm medo de serem acusadas de ‘putas’, ‘vagabundas’ ou ‘galinhas’ por terem tido mais parceiros que a ‘média’”.

Outro ponto da conversa que tive com Diego merece ser elucidado. Quando ele gabase de não pagar para entrar nas festas, por vezes, inclusive driblando a segurança, o fato denota que, na falta de capital financeiro, que nem sempre está ao alcance de todos os frequentadores, o elemento utilizado por meu interlocutor para lhe conferir certo ‘prestígio’ e lugar de legitimidade na festa é o ato de conseguir entrar sem pagar, evidenciando certo ‘deboche’ para com as pessoas que precisam desembolsar grandes quantias para ter acesso às *baladas*. Outro caso envolvendo dinheiro e os acessos que este pode privilegiar me foi narrado pelo paulista Jonas.

Estava no *P12* ontem à tarde, mas não gostei. Tinha muito *gay*, cara *bombado*. Eu cheguei lá e comprei uma pulseira e coloquei 500 reais de crédito, aí tava sentado bebendo e chegou uma mina e pediu uma porção de pastel e perguntou se eu não pagava pra ela, porque ela tava com fome e não tinha dinheiro. Tava ela e uma amiga. Aí eu falei: ta, pega aí. Ela pediu e o garçom veio e pediu o número da minha pulseira, para ir no computador, no balcão, descontar o valor. Mas depois eu vi a mina conversando com o cara do bar e fiquei super desconfiado que eles tivessem roubando meu dinheiro, sabe? Mas aí fui no outro bar e só tinha sido descontado da minha pulseira o valor do pastel e da *vodka* que eu tava bebendo mesmo.

Pedir comida e ou bebida, ingresso ou pulseira de camarote aos homens é considerado por minhas ‘amigas de festa’ como uma atitude inadequada ou até mesmo de *piriguete*. Ainda que façam muito dos atos descritos acima, a denominação *piriguete* sempre atinge as outras, nunca elas mesmas. Nesse sentido, Lisa, amiga de Fernanda, me conseguiu alguns acessos, utilizando de seus antigos contatos ou mesmo pedindo algumas regalias a pessoas influentes. É comum nesse *circuito* a realização de trocas que sustentam amizades. Lisa é catarinense, de Florianópolis, mora há alguns anos na Europa, mas sempre volta à ilha nas férias para visitar a família e curtir algumas festas. Ela disse, em uma tarde no *P12* em que arrumou pulseira do camarote para mim e minhas amigas:

Meu irmão é sócio do clube 12 há anos, eu conheço toda essa gente. [...] Eu tenho 39 anos, eu conheço eles quando eles não eram ninguém, quando isso aqui era só mato. Não pensa que eu sou metida tá, mas às vezes a gente tem que usar os contatos. Eu tenho o sobrenome do meu marido, mas aqui em Floripa eu uso meu nome de solteira porque aí eles te olham e vêem que tu não é uma qualquer. Infelizmente, aqui tem que ser assim.

Nesse dia, Lisa, cujo nome de família só é reconhecido pelos ‘locais’, também conseguiu uma pulseira que dava acesso ao *backstage* e lá ficou sabendo que ao fim do *P12* ocorreria uma festa fechada na *Posh* apenas para convidados. Fernanda, ao ver a cena protestou: “essa guria vem de fora e consegue as coisas. Eu moro aqui, conheço todo mundo e ninguém me dá nada, estou cansada de pagar”. Ainda que vista como ‘de fora’ por Fernanda, Lisa se considera ‘de dentro’, pelo sobrenome da família, que garante que, em Florianópolis, seja vista como pertencente aquele espaço<sup>84</sup>. Fora e dentro são contingentes. Ao ouvir a reclamação de Fernanda, Lisa interveio: “eu vou subir lá e tentar conseguir nosso ingresso pra *Posh*. Vou tentar conseguir pra todo mundo, porque vocês sabem, ali é que as coisas acontecem. Os poderosos estão lá”. Geralmente, mas não somente, o *backstage* é reservado a convidados como: pessoas da mídia, donos de outras casas em Jurerê e pessoas com bastante influência e acessos. Dessa forma, ele é recorrentemente visto como lugar privilegiado para conseguir convites e pulseiras para as festas. Descobri, por fim, que o homem que havia dado o convite da festa para Lisa era interessado em Fernanda. Quando a interpelei, sugerindo que pedisse o convite, Fernanda me explicou: “eu tenho vontade de ficar com ele, não quero estragar tudo mendigando convite”. Aqui aparecem os limites entre uma garota ‘respeitável’ e uma *piriguete* e os escrúpulos estabelecidos quanto à solicitação de ingressos: é necessário saber para quem pedir e quando pedir. As categorias estão permanentemente em relação e são operadas pelas mulheres e homens o tempo todo, com respectivos significados, de acordo com a ocasião. ‘Minha amiga de festa’ continuou. “Mas ele vai me dar sim, ele quer ficar comigo faz tempo”. Fernanda, ao saber que sua beleza interessava ao homem, ‘jogou’ com essa possibilidade, com vistas a uma troca: seu corpo (não necessariamente, ou não somente, através do ato sexual, mas de sua presença, sua companhia) pela possibilidade de acesso à festa restrita apenas a convidados. Goldenberg (2010: 9) afirma que há no Brasil um determinado modelo de corpo (magro, *sexy*, jovem e em forma) que funciona como capital, e que conquistado com muito investimento financeiro e sacrifício, funciona como um elemento distintivo e é desejado pelos indivíduos, pois consiste em um veículo de ascensão social. Os limites da manipulação de categorias de acusação e categorias consideradas ‘normais’,

<sup>84</sup> O que está em jogo aqui é a diferença. É estar, não apenas dentro, mas acima.

presentes nas trocas e circulação de diferentes capitais, é muito tênue e relacional. Para Fernanda a troca era justa e desinteressada: ela não estava pedindo, mas sabia que iria ganhar, dado o interesse que o homem portador dos ingressos mantinha por ela.

Por fim, minha ‘amiga de festa’ fez um desabafo: “A Lisa é mais caruda que eu porque ela não mora aqui né, amanhã ta indo pra Europa e deu. Eu não. Eu saio aqui o ano inteiro, não posso me queimar”, falou, novamente apontando para um código de conduta aceitável dentro desse universo. Lisa estava com cinco pulseiras: uma da entrada do *P12*, outra da consumação do clube, uma terceira do camarote da festa, a quarta do *backstage* do *P12* e a quinta e última que garantiria o acesso à festa na *Posh*. Ela dizia: “olha a quantidade de pulseiras que estou usando, decerto quem vê pensa que eu dei pra cinco caras, para conseguir as cinco pulseiras. Ai, que horror”. Sua fala e visão sobre as pulseiras indicam o que não apenas ela, mas outros frequentadores sugerem: que mulheres que estão com pulseiras de diferentes acessos nas festas, ainda que tenham pago por cada uma delas, garantiram tal regalia em uma relação de troca que envolve efetivamente serviços sexuais, que também funcionam como capital.

### 3.2 TAIKÔ E A FESTA NA AREIA DA PRAIA

O *beach club* Taikô, uma mistura de restaurante e *lounge*, está localizado na Avenida das Lagostas, s/n em Jurerê Internacional, a 500 metros de distância do *Jurerê Open Shopping*, na parte central do *empreendimento*. Nas palavras escritas no *site*<sup>85</sup> o restaurante e *beach club* Taikô é “sinônimo de requinte” e tem “uma filosofia de receber os clientes de maneira diferenciada”. O Taikô está localizado na beira-mar de Jurerê, mas a faixa de areia na frente do clube é tão ou mais frequentada que a própria casa em questão. É comum inclusive os frequentadores marcarem encontros na praia, dizendo: “estaremos no Taikô” ou “vamos para o Taikô?”, aqui, referindo-se muito mais à área da praia do que ao *beach club*. Nesse caso específico, a praia, que tanto quanto os *beach clubs* faz parte da *mancha* de lazer, serve para aludir ao Taikô.

<sup>85</sup> <http://www.taikofloripa.com.br>. Acesso: 4 de janeiro de 2013.

FIGURA 21 - JOVENS NA PRAIA – FAIXA DE AREIA EM FRENTE AO TAIKÔ



FONTE: *site* 'Jurerê Internacional' (20/11/2013)

A faixa etária das pessoas que frequentam o clube e a praia variam de 20 a 35 anos. Os corpos bronzeados e malhados são expostos em biquínis, sungas e calções de banho. Ainda que haja uma grande preocupação com a aparência, em especial com o corpo, eles vestem-se de forma mais despojada, se comparada às outras casas, usando, além de trajes de banho, chinelos, chapéus, óculos, e pouca maquiagem e acessórios, no caso das mulheres. Já os homens predominantemente circulam sem camiseta. Neste espaço o corpo é mais importante que a roupa.

FIGURA 22 – JOVENS NO TAIKÔ



FONTE: site 'Música SC' (20/11/2013)

A decoração do *Taikô*, que tem capacidade para receber 200 pessoas, é ao mesmo tempo rústica e moderna. O chão do clube é todo de madeira estilo *deck*, e o ambiente que abriga o restaurante possui mesas e cadeiras de madeira escura, que dividem o espaço com sofás, almofadas coloridas, cortinas de voal nas cores branca e vermelha, e outros elementos que remetem a uma decoração descontraída, de praia, tais como: velas, tochas, bambu e palha.

FIGURA 23 – DECORAÇÃO AMBIENTE EXTERNO - TAIKÔ



FONTE: site 'SkyScraper City' (20/11/2013)

FIGURA 24 – DECORAÇÃO AMBIENTE INTERNO - TAIKÔ



FONTE: site 'Dica de férias' (20/11/2013)

Além do ambiente interior, que abriga o bar, banheiros e o salão com as mesas, cadeiras e sofás, que servem para que os presentes degustem das refeições, como almoço e jantar, servidos à la carte no local, o *Taikô* conta ainda com uma estrutura montada na beira da praia. O clube dispõe de guarda-sóis, espreguiçadeiras, pufes, almofadas, sofás e colchões brancos dispostos tanto no *deck* de madeira, na frente do salão fechado, já descrito, como também na areia da praia de Jurerê, após o *deck*. A diferença é apenas uma: passado o *deck* de madeira os presentes não mais estão dentro do *club* e sim na frente dele, na areia da praia, e isso estabelece uma distinção, pois, ainda que o público da areia possa circular pelo *club* sem pagar, geralmente quem está dentro do *Taikô* gasta muito mais.

FIGURA 25 - COLCHÕES E ESPREGUIÇADEIRAS NA PRAIA, EM FRENTE AO *TAIKÔ*



FONTE: site 'Jurerê Internacional' (20/11/2013)

Com exceção da noite do *reveillon*, o *Taikô*, diferentemente de outros clubes em Jurerê, não promove *sunsets* fechados, e com convites pagos. A casa é aberta ao público e há sempre um *DJ* que toca música eletrônica tanto para os presentes que estão na casa, quanto para os que estão na areia e podem circular à vontade pelo *beach club*, consumindo ou não os produtos. No entanto, nos dois primeiros finais de semana do verão de 2013 o *Taikô* começou a cobrar um valor de 50 reais dos homens apenas para entrar no clube. As mulheres continuaram entrando de graça. Após a primeira quinzena de janeiro a casa voltou a permitir a livre circulação de todos, para apenas voltar a cobrar nas tardes do carnaval.

Quanto às espreguiçadeiras que ficam na areia, na frente do *club*, o *Taikô* não cobra uma consumação mínima para permanecer nesses ambientes, mas os atendentes ‘sugerem’ que você consuma produtos do estabelecimento, e os jovens que utilizam esses espaços aceitam essa condição, ainda que não imposta diretamente. Um exemplo dessa insinuação de consumo ocorreu comigo. Estava na praia com ‘meu amigo de festa’ Júnior, nas imediações do *Taikô*, e fomos impedidos por um funcionário de permanecer em um colchão vazio, após explicarmos que não estávamos consumindo. Ao sairmos, o ouvimos reclamar, de longe: “Chega aqui às quatro da tarde e quer lugar, para achar lugar tem que vir cedo, de manhã”, evidenciando novamente a ótica do ‘passar trabalho’ para estar nesses clubes e também, a ideia de que se chegue cedo para evitar ficar sem lugar, devido à grande procura.

Esta é outra característica dos frequentadores do *Taikô*. Entre os que ficam no clube, para almoçar, descansar, se preparar para um dos *sunsets* oferecidos por outras casas no fim de tarde, ou mesmo desfrutar de alguns *drinks* enquanto aproveita a praia, o horário escolhido é entre meio dia e uma hora da tarde. Já os jovens que ficam na areia, nas imediações da casa, costumam chegar entre nove e dez horas da manhã, para garantirem um bom lugar, nas proximidades do *Taikô*, o que necessita um relativo esforço. Estes geralmente ficam na praia até o fim de tarde.

Quem não consegue usufruir de uma das espreguiçadeiras, colchões e guarda-sóis dispostos pelo *Taikô* têm a opção de alugá-los de um dos diversos ambulantes que circulam pela areia durante todo o dia. No verão de 2013, o aluguel de uma cadeira ou guarda-sol custava de 10 a 15 reais. Em relação ao consumo, os que não comem e bebem diretamente do estabelecimento costumam adquirir também dos vendedores ambulantes. Os produtos mais comprados são água, sucos, cervejas, *drinks*, sanduíches naturais e queijo coalho<sup>86</sup>.

Um suco vendido pelo *Taikô* a 18 reais pode ser facilmente adquirido por um ambulante ao preço de oito reais. Zico, um dos vendedores que circulavam por Jurerê, me disse: “Até percorro a praia, mas prefiro ficar perto dessas festas, porque quem não tem dinheiro para comer ou beber lá dentro, acaba comprando da gente”. Por conta das diferentes

---

<sup>86</sup> No verão de 2014, em conversa informal com um vendedor de queijo coalho, em Jurerê Internacional, consegui algumas informações. Sidnei me contou que há quatro verões deixa Sergipe e se aventura a vender queijo em Florianópolis, especificamente na praia de Jurerê Internacional. Ele se hospeda em uma pousada na praia vizinha, de Canasvieiras, junto com outros 12 sergipanos, que também vendem o mesmo produto nas areias de Jurerê e proximidades. Esse dado me chamou atenção para outro *circuito*, que existe, de forma concomitante ao das *baladas*, e que pode facilmente ser descrito e localizado, sendo reconhecido como a oferta de determinado serviço: a dos vendedores de queijo na praia, que percorrem *trajetos*, que não são aleatórios, conectam as várias partes da cidade, ou cidades, e são muito semelhantes: saem de Sergipe entre os meses de dezembro e março, se deslocam a Florianópolis, permanecem morando no mesmo ambiente e percorrem o mesmo espaço vendendo um único produto: o queijo coalho.

maneiras de driblar os preços praticados pelo *club* e ainda assim estar em um dos estabelecimentos que fazem parte do *circuito* de lazer de elite em Jurerê, o *Taikô* perdeu um pouco sua alcunha de selecionado, e atingiu um novo *status*: o de ‘farofa’, ‘tigrada’, dentre outras categorias nativas. Ainda que continue a pertencer ao *circuito*, teve sua condição rebaixada pelos jovens, na hierarquia dos estabelecimentos de lazer. Em uma tarde de praia, estava nas imediações do *Taikô* com ‘minhas amigas de festa’, naturais de Florianópolis, Fernanda e Mila. Esta última, sentada em uma cadeira de praia própria e almoçando um sanduíche natural preparado por ela mesma comentou: “O *Taikô* não é mais o que era antes. Agora tem um pessoal estranho, mais *tigrada*”. Ainda que a mesma estivesse praticando atos que poderiam ser descritos por outros como ‘farofa’, exemplificados no ato de levar sua própria comida à praia e também sua cadeira, Mila não se incluía na ‘tigrada’ que parecia visualizar. Em outra tarde, combinando com minha amiga Rita o local em que ficaríamos na areia de Jurerê, ouvi-a dizer: “A gente sempre fica na frente do *Taikô*, mas me disseram que ultimamente está muito *farofada*”. Novamente é possível perceber a circulação de avaliações e rumores, que acabam tornando-se verdadeiras. Já em um *site*<sup>87</sup> de dicas e avaliações de hotéis, restaurantes e outros estabelecimentos, encontrei a seguinte descrição do *Taikô*:

Local maravilhoso, porém no verão, é praticamente uma muvuca. Bando de novo rico querendo mostrar aos outros o quanto podem gastar. Para quem conhece há tempo o local, sabe o quanto caiu a qualidade e atendimento. Só vende porque novo rico não entende nada de bom atendimento e boa educação.

Sobre o atendimento do clube, Ricardo, o jovem de Ribeirão Preto, também se queixou. Ricardo havia passado a manhã no *Taikô*, antes de ir para a festa em que nos encontramos e ficou muito aborrecido com o tratamento e a comida, que disse ter sido cara e ruim. “Não quiseram nos servir na praia, tivemos que entrar para comer. Eu não ligo de pagar caro, desde que seja bom”, concluiu. A insatisfação era muito mais sobre a qualidade do atendimento, que a casa faz questão de difundir, do que com a quantidade de dinheiro gasta.

O *status* menor do *Taikô*, em relação aos outros estabelecimentos, acaba resvalando nos frequentadores, e é, em parte, pelos frequentadores, que há a produção desse *status*. Ações como visualizar uma turma no *Taikô* e denominá-la, bem como difundir essa informação, de ‘tigrada’, ou mesmo não se sentir bem atendido no estabelecimento, contribuem para que a alcunha dada à casa, por parte dos frequentadores, seja constantemente reificada. Patriota

---

<sup>87</sup> <http://www.tripadvisor.com.br>. Acesso: 18 de novembro de 2013.

(2012: 172), afirma que “se apontar desvios é uma maneira de estabelecer fronteiras sociais e reforçar a identidade daqueles que fazem as regras, quando a acusação é difusa e recai sobre o grupo como um todo, a própria integridade da coletividade se torna precária”.

Há uma dinâmica “política” expressa em uma gramática de rumores e acusações referentes a lugares, pessoas e coisas ou, quais estabelecimentos e pessoas possuem, hierarquicamente, *status* mais elevado que outras. As regras formuladas por meus atores, bem como valores, opiniões e rumores, constituem em imperativo para entender de que forma os mesmos exercem a socialidade no *circuito* das festas. O que parece ser interessante analisar, visto que o poder dessas regras, ainda que impostas na informalidade, é evidente, é, quem de fato tem poder para imputar gradações de prestígio a espaços e pessoas. Os *estabelecidos* (ELIAS & SCOTSON, 2000) podem ser os moradores de Florianópolis, os jovens que frequentam esse *circuito* há mais tempo, os que são bem relacionados e mantêm uma rede de contato estreita com as pessoas que ‘fazem’ as festas acontecerem, os mais bonitos, os que estão sempre acompanhados etc. Há ainda que se ponderar que, do ponto de vista dos moradores de Jurerê que são contrários às festas no bairro, todos os frequentadores do *circuito* são classificados como *outsiders*, não importando o prestígio que estes mantêm em seus grupos. Desse modo, a categoria *estabelecidos*, bem como a *outsiders* não é estática, e nem mesmo um consenso em Jurerê e está sempre sendo construída em relação com os atores e com a própria cidade.

Todavia, nem todos qualificam o *Taikô* negativamente. Certo dia, observei um grupo de homens que estavam sentados em frente ao *Taikô* em cadeiras alugadas e bebendo cerveja de ambulantes conversarem entre si: “Estamos em Jurerê, no *Taikô*, aqui não tem galera não-selecionada”. Ainda que o dinheiro permita muitos acessos a esse *circuito*, ele não garante que quem o tenha seja considerado ‘selecionado’, ou pertencente a ‘elite’. Um caso que ilustra certa insatisfação com o não cumprimento de certa expectativa de reciprocidade, e por conta disso, uma posterior acusação, me foi narrado por um interlocutor. Ele havia encontrado no clube um grupo de jovens paulistas que tinha conhecido na semana anterior em Jurerê, mas ficou chateado, pois eles estavam em um dos sofás dispostos no *deck*, consumindo várias bebidas e não lhe ofereceram nenhuma.

Aqueles caras são muito marrentos, não me ofereceram nem uma *vodka*, só queriam saber da minha amiga, que eles ficaram loucos por ela. Ela é mega gata, mas nem quer nada com eles. Eles estão numa casa aqui em Jurerê, ela só usou eles pra se arrumar na casa deles semana passada, mas nem quer nada. Ah, eles são todos feios, têm cara de *malaco*, devem ser traficantes.

Nesse sentido, além do dinheiro<sup>88</sup> não necessariamente garantir a inserção a uma condição de elite, ele também apresenta variações, pois alugando cadeira de um vendedor ambulante, sentando no chão, ou no sofá do *club*, bebendo uma espumante de oito mil reais ou uma lata de cerveja trazida de casa, todos estão ali, no mesmo espaço, escutando a mesma música e vendo as mesmas pessoas, pois a faixa de areia da praia é aberta a todos, sem cancela, sem limites, permitindo que as pessoas driblem os custos e encontrem formas alternativas de diversão. A fala de meu interlocutor, no entanto, é emblemática, pois permite perceber de que formas os estigmas e as acusações são perpetuados no espaço da festa. Seguindo seu raciocínio, os jovens paulistas, ainda que estivessem em Jurerê Internacional, eram *outsiders*. Ele esperava que o grupo lhe oferecesse bebidas e sua frustração foi traduzida na estigmatizante frase: “são feios, têm cara de *malaco*”. Chama atenção também, o fato de reivindicar tais privilégios dos homens paulistas pelo fato de ter apresentado uma amiga e ao afirmar que “eles estavam loucos nela”. Se os homens que não o ofereceram determinados privilégios estavam, naquele momento, de fato pertencendo ao *circuito* elitizante das festas em Jurerê, para meu interlocutor, eles não ocupavam posição de *estabelecidos*, já que, em sua ótica, lhes faltavam beleza. Neste caso, a beleza ou a falta dela se constitui em um idioma de acusações, e não quer dizer necessariamente uma avaliação estética.

O *club* foi um dos locais escolhidos por mim para passar a noite do *reveillon* 2012/2013. Os ingressos para a virada custavam 320 reais o feminino e 700 reais o masculino. Na hora da festa os preços aumentaram mais que o dobro: 750 e 1500 reais, respectivamente. O elevado preço dos ingressos serve para, de forma simbólica, incluir poucos e excluir muitos. Os excluídos são, predominantemente, o ‘povão’ que passa o *reveillon* nas areias de Jurerê Internacional, próximo ao *beach club* e que com sua presença, corromperia o ambiente elitizado com seus modos de se comportar, falar e vestir. Os próprios espaços *VIPs* dentro da festa constituíam outra gradação de distinção, agora não mais com os da areia, e sim com os frequentadores do *reveillon* do *Taikô*. Essa ideia de espaço restrito para grupos ‘selecionados’

---

<sup>88</sup> Elias & Scotson (2000: 28) afirmam que “a semelhança do padrão de estigmatização usado pelos grupos de poder elevado em relação a seus grupos *outsiders* no mundo inteiro – a semelhança desse padrão a despeito de todas as diferenças culturais – pode afigurar-se meio inesperada a princípio. Mas os sintomas de inferioridade humana que os grupos estabelecidos muito poderosos mais tendem a identificar nos grupos *outsiders* de baixo poder e que servem a seus membros como justificação de seu status elevado e prova de seu valor superior costumam ser gerados nos membros do grupo inferior – inferior em termos de sua relação de forças – pelas próprias condições de sua posição de *outsiders* e pela humilhação e opressão que lhe são concomitantes. Sob alguns aspectos, eles são iguais no mundo inteiro. A pobreza – o baixo padrão de vida – é um deles”. Embora em Jurerê Internacional, a estigmatização pela pobreza não aconteça de forma efetiva, ela é exercida usando-se o dinheiro como categoria de acusação e estigma. Exemplos consistem em falas como ‘ele não é rico’, ‘muitas pessoas não tem tanto dinheiro quanto aparentam’, ‘ela tem cara de pobre’ etc.

rege a dinâmica não só do *Taikô*, mas de todos os estabelecimentos desse *circuito*. Em relação ao *reveillon*, a casa descrevia o evento em seu *site*<sup>89</sup> da seguinte forma:

Bem antes de Jurerê Internacional entrar para a lista de lugares mais desejados do globo, e antes mesmo de Florianópolis ser citada com frequência nos jornais mais importantes do mundo como destino de ricos e famosos, o Taikô já estava lá, produzindo as primeiras festas com caráter exclusivo da orla e introduzindo um conceito que mais tarde o consagraria como um dos hotspots mais bem frequentados do Brasil. Em 2001, o Taikô começava a sua trajetória de sucesso, com as suas majestosas festas de Reveillon.

Neste ano, na virada de 2012 para 2013, o Reveillon Taikô celebra sua 11ª edição. E, claro, em grande estilo: top atrações internacionais, estrutura privilegiada à beira-mar, conforto, gastronomia de qualidade e o já famoso serviço Open-Bar de bebidas premium – como a champagne Veuve Clicquot. Reveillon Taikô: um pé na areia, e outro em 2013.

Para quem não abre mão do melhor.

Na própria descrição do *site* é possível perceber uma reivindicação de anterioridade, e isso é outra forma de distinção possível, e também a referência a um *circuito* global virtual. Para essa festa, que foi divulgada como *open food* e *open bar*, o *club* disponibilizou, além da pista, 32 camarotes com preços que variavam de 5 a 30 mil reais. O que diferenciava o preço dos camarotes eram basicamente a localização (mais próximo ou mais distante do mar e da cabine do *DJ*) e o tamanho (com capacidade para 4 a 30 pessoas). Em todos eles as regalias oferecidas eram as seguintes: garrafas de *champagne Don Pérignon* ou *Veuve Clicquot*, *vodka Absolut*, uísque *Chivas*, cerveja *Stela Artois*, serviço de gastronomia (risotos, ostras, bandejas de frutas, mini-sanduíches e sobremesas) e um segurança exclusivo, para servir as bebidas e garantir a segurança dos presentes. O *Taikô* exigia que para cada camarote fosse cumprida a regra de que no máximo a metade das vagas fosse ocupada por homens. O restante deveriam ser mulheres, indicando assimetrias de gênero. A pista de dança para a festa de *reveillon* foi montada na areia, especialmente para receber o evento. Deste modo, era bastante comum observar, na segunda metade da festa, mulheres descalças carregando seus sapatos – em sua maioria de saltos – nas mãos ou colocando-os na areia, no meio do grupo de amigos que dançavam animadamente. Embora soubessem que a festa seria na areia, a preocupação com a aparência e a vestimenta era algo comum aos clientes da festa.

No centro e à frente, atrás da cabine do *DJ* – que dava de frente para o mar - havia dois grandes painéis de *led* com um cronômetro em contagem regressiva. Com relação à ceia que foi servida no evento, o *Taikô* propagou o seguinte cardápio, disposto em seu *site*:

<sup>89</sup> <http://www.taikoflorianópolis.com.br>. Acesso: 4 de janeiro de 2013.

Um dos diferenciais da grande festa da virada no Taikô é a excelência em gastronomia. Com o sistema “All inclusive”, todos os pratos servidos na ceia já estão inclusos no valor do ingresso. Ideal para garantir uma alimentação reforçada e de qualidade nos minutos que antecedem uma noite de permissíveis extravagâncias. São servidos risotos diversos, cremes, lentilha, ostras, sanduíches, frios, além de uma variada mesa de frutas.

No entanto, alguns dos itens anunciados não foram ofertados na festa, como os risotos, por exemplo. Além disso, os pratos – servidos em potes de plástico – e os sanduíches – embrulhados em papel filme – não eram repostos com tanta rapidez. Os talheres também eram todos de plástico e os copos e taças eram de acrílico. Enquanto os pagantes do camarote bebiam *Veuve Clicquot*, na pista, os *barmans* serviam *Chandon* e só ofereciam a *champagne* francesa após alguma insistência e crítica. Bruna, uma das jovens presentes no evento, 23 anos e natural de Florianópolis, ao ver a cena comentou indignada: “Não acredito que estão servindo *Chandon*. Não tem *Veuve Clicquot*? Que pobreza!”. Muitas garrafas de *Chandon* e *Veuve Clicquot* foram jogadas ao ar, em forma de brinde, na hora da virada. Os presentes davam e recebiam banhos de *champagne*. Essas dissonâncias/conflitos de bebidas de marca diferente da anunciada, pouca bebida-comida e copos de plástico, para citar exemplos do que ocorreu na noite de *reveillon*, parecem ser encaradas de maneira relativamente tranquila. Mesmo as pessoas que ficam insatisfeitas, voltam às festas, e outras nem mesmo reclamam.

É como se Jurerê Internacional carregasse, de forma intrínseca, as características de lugar *distinto*, *elitizado*, *selecionado* etc<sup>90</sup> e as festas, por ocorrerem nesse espaço, compartilhassem desse mesmo *status*. A crença de que Jurerê Internacional comunga de todos os aspectos *glamourosos* parece bastar para que os frequentadores das festas presentes nesse *circuito* o avaliem como *glamouroso*, sublimando algumas dissonâncias que indicam diferenças bem marcadas entre uma condição realmente *distinta* e outra que se propõe *luxuosa*, mas apresenta contradições na oferta desse luxo, exemplificadas, dentre outros, no ato de servir uma *champagne* francesa em uma taça de plástico, em pleno *reveillon*.

No *reveillon* do Taikô, permaneci alguns minutos em um dos camarotes da festa por intermédio de Luciana, amiga de Júnior. No camarote ao lado observei certa aglomeração. Mulheres formavam filas e *flashes* saltavam aos meus olhos a todo o momento. Ao olhar mais de perto, vi o jogador de futebol do Barcelona, Neymar. Ele permaneceu toda a festa no camarote, cercado por três seguranças. Quase no fim da festa, um dos amigos de Neymar

---

<sup>90</sup> Essa condição fica clara na conversa de dois jovens na praia, expressa na fala “Estamos em Jurerê [...] aqui não tem gente *não-selecionada*”.

desceu para a pista de dança e se aproximou de uma morena de aproximadamente uns 20 anos. Após uns 10 minutos de conversa vi o homem sair contrariado e indaguei a mulher sobre a conversa e como havia sido a abordagem. Ela me confidenciou:

Ele perguntou se eu queria dar uma volta na lancha dele, aquela que está ali no mar [*e apontou o dedo à sua frente*], mas meu ex-namorado era dono de marina [*isso acaba sendo também uma espécie de prestígio*] e eu entendo um pouco de lancha, então perguntei para ele quantos pés tinha e qual era o modelo e ele não soube responder. Está na cara que estava mentindo. Então ignorei. Ele teve a audácia de dizer que era amigo do Neymar, mas o Neymar nem está aqui.

Ao ter a notícia confirmada por mim, que os havia visto – o jogador e seu amigo – horas antes, ela, um tanto desolada, me disse que iria dar uma volta para ver se encontrava o amigo novamente. Fiquei alguns minutos no mesmo lugar e o homem – pretendo dono da lancha – passou por ali novamente. O chamei e perguntei se ele estava procurando a menina com quem conversara no intuito de indicar onde ela havia ido e obtive dele a seguinte afirmação: “eu não quero saber daquela idiota. Ela deve ser mesmo muito rica para me esnober”. Nota-se que o amigo de Neymar, ‘se torna’ o próprio jogador de futebol, pois sua distinção não se dá pela beleza ou dinheiro e sim por ser amigo do Neymar. Há certa gramática das relações que permeia esse universo, e os contatos acionados, por vezes, fazem tanto ou mais efeito que o dinheiro em si, ainda que o capital financeiro também seja importante. Isso fica claro quando o amigo de Neymar me relata, após ignorar a mulher com quem antes havia conversado: “diga para ela olhar para o mar”. Nesse caso, ele alude a duas características que ‘garantem’ seu real pertencimento àquele lugar: ser amigo de Neymar, e ter ido à festa a bordo de uma lancha.

### 3.3 O COMPLEXO DE ENTRETENIMENTO *MUSIC PARK*

Diferindo dos padrões dos *beach clubs*, o *Devassa on Stage* ou simplesmente *Stage*, como é chamado por muitos de seus frequentadores, faz parte do complexo de entretenimento *Music Park*, que tem 110 mil metros quadrados de área e capacidade para atender a até 12 mil pessoas. O complexo está localizado na Rodovia Jornalista Maurício Sirotsky Sobrinho, km 1,5, SC 402 em Jurerê e engloba cinco casas: *Pacha Floripa*, *Terraza*, *Garden*, *Posh Club* e o *Devassa on Stage*. O complexo é o que está mais distante do centro do *Jurerê Open Shopping*, e, ainda que geograficamente não esteja localizado em Jurerê Internacional, ele se utiliza

dessa denominação, pois adere aos “conceitos da marca”, como evidenciou o diretor da Habitasul<sup>91</sup> e como a própria circulação dos frequentadores também atesta, mas com diferenças, conforme se verá no texto a seguir.

Durante meu trabalho de campo, foquei em etnografar as *baladas* frequentadas por meus interlocutores, pois a opção foi seguir os *trajetos* dos atores, isto é, mapear um *circuito*. Desse modo, me ateei à descrição detalhada de apenas dois estabelecimentos dentro do complexo de entretenimento *Music Park*. São eles: *Posh Club* e *Devassa on Stage*. O próprio nome do estabelecimento faz alusão à marca de cerveja que patrocina o local. Klein (2002: 76) afirma que “com essa mania de marca, veio um novo tipo de homem de negócios, que orgulhosamente informará de que a marca X não é um produto, mas um meio de vida, uma atitude, um conjunto de valores, uma expressão, um conceito”. Os negócios passam a se expressar em uma linguagem não econômica. Prova disso são as marcas das bebidas ofertadas, que mudam todo ano. Desse modo, uma casa pode, em um verão, vender um energético *Red Bull*, para no verão seguinte, ofertar um da marca *Flash Power*, sob a mesma afirmação: a de que só trabalha com os melhores e mais exclusivos produtos.

---

<sup>91</sup> Ver capítulo 1.

FIGURA 26 – LOCALIZAÇÃO DAS CASAS DENTRO DO COMPLEXO



FONTE: site 'Carnaval Sortimentos' (20/11/2013)

O *Devassa on Stage* é a maior casa do complexo, recebe os grandes *shows* e eventos e por esse fato, não funciona apenas no verão. Em dias de grandes eventos e pela localização dos clubes dentro do complexo, o *Stage*, como é chamado pelos frequentadores, acaba utilizando a estrutura das outras casas como *Pacha*, *Posh* e *Garden*. Desse modo, logo após a entrada, há a área do *show*, com um grande palco montado e camarotes nos dois lados, esquerdo e direito da pista. Os camarotes funcionam através de estruturas (mais altas que a pista) montadas, que possuem algumas mesas e sofás, de cor preta. Já os banheiros e bares são os espaços próprios da *Pacha*. Na frente do palco fica a cabine do *DJ*, com um enorme telão de *LED* atrás, e o *backstage*, que, assim como os bares e os banheiros, são espaços da *Posh* vendidos com preço maior, por se tratar de um lugar privilegiado (perto do palco). Já na pista, além dos banheiros da *Pacha*, existem alguns sanitários químicos montados especialmente para atender à grande demanda proveniente desses eventos.

O estacionamento do complexo, que atende as cinco casas, é ao ar livre e tem capacidade para 1500 carros. Os preços variam entre 30 reais, o normal, e 50 reais, o *vip*, que se encontra um pouco mais perto dos clubes. Em dias de grandes festas, há estacionamentos alternativos, para suprir a demanda, geralmente dispostos em espaços perto do complexo de entretenimento e que fazem serviço de traslado dos clientes do estacionamento para a festa e novamente para o estacionamento durante toda a noite, pelo preço de 30 reais.

FIGURA 27 – DEVASSA ON STAGE



FONTE: site 'Guia Floripa' (20/11/2013)

Um desses eventos que ocorreu no *Devassa on Stage* foi o *Carnaval Music Park 2013*, que em sua quarta edição, reuniu, em suas cinco noites, mais de 40 mil pessoas. Os ingressos para cada um dos dias do carnaval eram os seguintes: para a pista os femininos custavam 50 reais e os masculinos 70 reais; para o camarote os femininos custavam 100 reais e os masculinos 150 reais; e para o *backstage* os femininos custavam 200 reais e os masculinos 400 reais<sup>92</sup>. Para cada um dos espaços (pista, camarote e *backstage*) havia uma entrada diferente e uma pulseira de cor diferente era fixada no pulso de cada frequentador. A pulseira mudava de cor a cada dia de festa. A ideia era tentar impedir, ou dificultar, a entrada a alguma área em que o cliente não tivesse acesso, embora tenha presenciado cenas por parte dos seguranças, frequentadores ou de ambos, que sugeriam diferentes negociações que, dependendo do ponto de vista, podiam ser consideradas regulares (no sentido de esperadas, corriqueiras, um modo 'normal' de agir) ou desviantes (uma quebra de regras). Uma dessas negociações aconteceu comigo, conforme relata trecho do diário de campo que transcrevo a seguir:

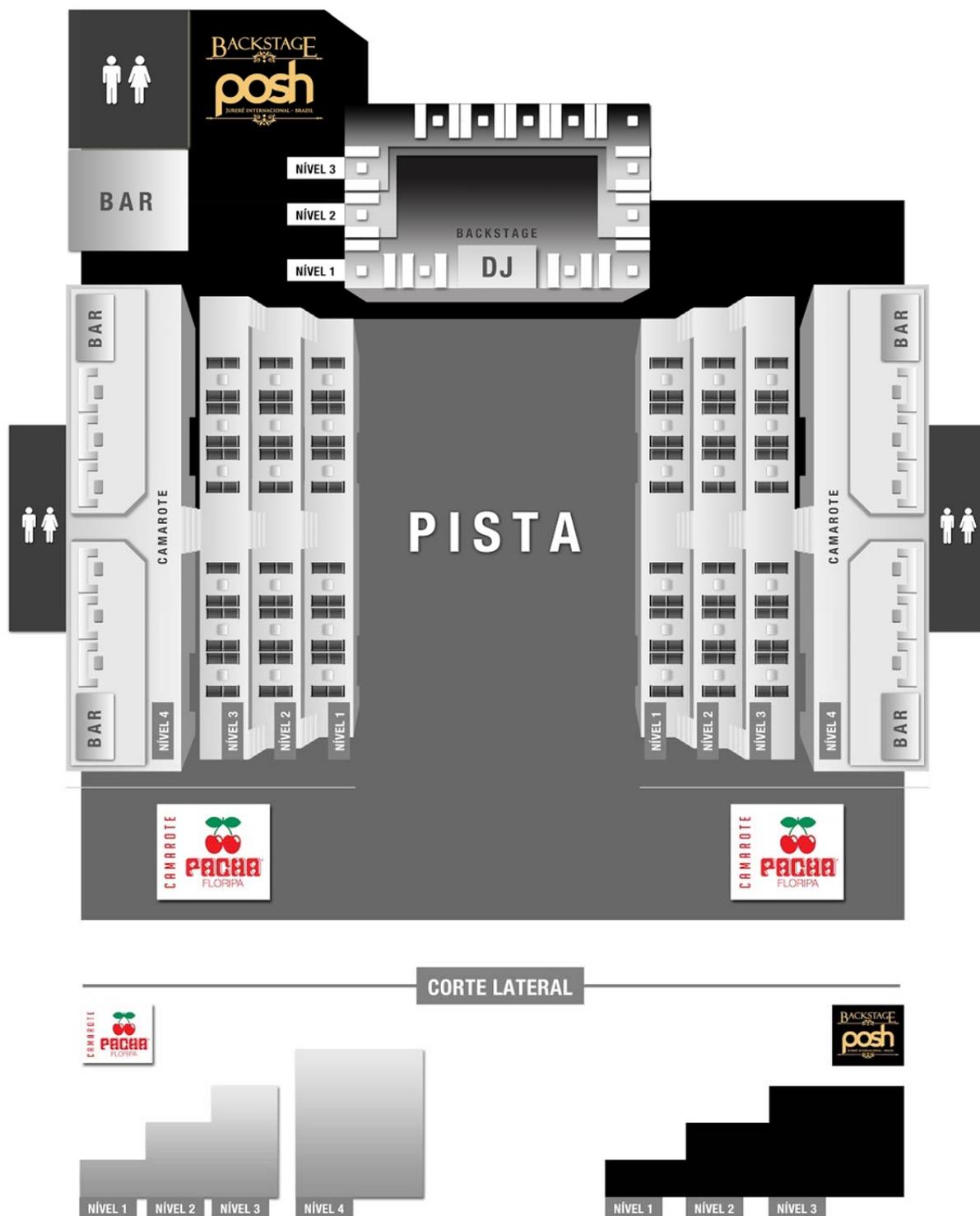
<sup>92</sup> Esses valores correspondem ao primeiro lote de ingressos. Conforme a procura aumenta, os valores também sobem. No entanto, eles são significativamente menores que os das outras casas descritas, especialmente no *reveillon*.

Nosso ingresso [*meu e de Karina*] só dava acesso à pista, mas resolvemos ir perto do camarote e perguntamos para o segurança se podia subir uma escadinha. Essa escadinha dava acesso aos banheiros superiores [...] O segurança nos disse que era camarote e que precisava ter uma pulseirinha diferente para entrar. Íamos saindo quando o escuto: “Ei, vocês”. Olhamos e ele fez sinal com a mão para irmos até ele. Chegamos mais perto e ouvimos: “Por 20 reais eu deixo vocês subirem”. “20 reais as duas?”, perguntamos e diante da afirmativa dele, fui abrindo minha bolsa e o ouvi dizer: “enrola o dinheiro e me dá escondidinho, não deixa ninguém ver, e se perguntarem lá em cima porque vocês não estão com pulseira não digam que fui eu, ok?”. Concordamos e subimos.

Um caso semelhante me foi relatado por Jonas, um jovem paulista, universitário, que visita Florianópolis e Jurerê com frequência, porém, com um fim um pouco mais tenso. Meu interlocutor disse que estava curtindo uma das noites de carnaval do *Stage* no camarote quando foi abordado por um segurança.

Ele falou: ‘por 200 reais te coloco no *backstage*’. Eu dei os 200 reais pra ele e entrei. Aí tava lá, até encontrei a Karina, e de repente vieram dois caras e falaram assim pra mim: ‘A gente sabe que você deu propina pra um segurança, vem com a gente agora’. Primeiro neguei, mas como tava sem pulseirinha, disse que era da organização, mas não acreditaram. Aí me levaram lá para uma salinha e falaram que eu ia ter que dizer quem foi o segurança que me deixou subir. E ficaram insistindo, mas eu disse que eles até podiam me expulsar da festa, mas eu não ia falar porque não era obrigado. Aí já tava puto, peguei e fui embora.

Para Jonas, pagar para o segurança é mais ou menos normal. O peso moral está em não dedurar quem concedeu tal benefício, e é com isso que ele sente-se ofendido. Nas festas há um potencial de circulação de diferentes pessoas. Em Jurerê, não só o público é heterogêneo, como se percebe dessa forma. São diferentes padrões ‘morais’ acionados. Todos têm os seus escrúpulos, limites e refletem sobre seus atos. No entanto, as regras que operam nesse universo não compõem um todo estável e homogêneo. Mesmo a diferença aparentemente mais óbvia entre formal/informal, legal/ilegal, é modulada contextualmente. Assim como a qualidade das pessoas estão sempre em questão, atos aparentemente “idênticos” podem ter avaliações muito diferentes. Isso vale para inúmeras outras condutas e relações como acesso as festas, drogas, sexo etc.

FIGURA 28 – ESQUEMA DA ESTRUTURA DOS AMBIENTES NO *STAGE*

FONTE: site 'Music Park' (20/11/2013)

No espaço do *backstage*, conversei com Victor, um jovem de 34 anos, administrador e morador de São Paulo. Victor havia chegado a Florianópolis naquele dia e ficaria na ilha por uma semana, hospedado em Jurerê Internacional. Sobre o *backstage* ele me disse: “Ah, eu não

ligo muito. Na verdade, não gosto de pagação<sup>93</sup>”. “Então, por que está aqui?”, perguntei. Ele respondeu: “porque não gosto de vir para uma festa passar perrengue, passar perrengue para beber, para ir ao banheiro, não conseguir dançar, ser empurrado. Por isso. Eu não tenho mais 20 anos, né? Eu gosto do que é bom”, disse. Há nítidos contrastes na fala de Victor. Os organizadores dizem que é ‘preciso passar trabalho’, mas ele afirma que frequenta o camarote para ‘não passar perrengue’, pois não se considera tão ‘jovem’ assim. No entanto, mesmo frequentando o *backstage*, é preciso enfrentar uma fila para pegar a pulseira de acesso, ou, no caso do camarote com direito a bebidas, é preciso antes, buscar suas pulseiras e pagar o valor da consumação com a *hostess* da casa, ou seja, há algum esforço e investimento por parte dos clientes que muitas vezes, não é efetivamente percebido pelos mesmos.

Há, de fato, três festas diferentes dentro da mesma festa, nos distintos espaços: pista, camarote e *backstage*. Desde o comportamento dos clientes, o que bebem, o que vestem; tudo muda de um ambiente para outro, inclusive os preços, como percebi na segunda noite de carnaval que frequentei o *Stage*. Ao chegar à festa, circulei pelo camarote e adquiri uma dose de *vodka* com energético ao preço de 37 reais. Ao tentar entrar no *backstage*, o qual tinha acesso, com a bebida, fui surpreendida pela segurança que disse: “você não pode entrar com bebida, pois comprou a dose do bar do camarote e aqui no *backstage* só entra com bebida que foi comprada no *backstage*”. A diferença, além do preço – já que a mesma bebida ofertada no bar do *backstage* custava 51 reais, era só uma: a bebida do camarote era servida em copo de plástico e a do *backstage* era servida em copo de acrílico transparente.

Os donos da casa arrumaram uma solução para os foguinhos que vinham em cima das espumantes e que foram extintos por medida de segurança. Quando algum grupo de um camarote pedia uma *champagne*, ela era trazida pelas garçonetes e garçons da seguinte maneira: uma pessoa ia ao meio, carregando a garrafa o mais alto possível, para que todos pudessem ver, duas pessoas iam à frente, segurando uma luz redonda (semelhante àquelas de ambulância), de cor verde. As garçonetes usavam uma espécie de saquinho preto nas costas (imitando uma mochila), onde carregavam a bateria da luz. Logo atrás, dois garçons seguravam uma espécie de tubo comprido de papelão que, quando acionado, explodia papéis coloridos para cima<sup>94</sup>.

---

<sup>93</sup> Categoria nativa designada para referenciar as pessoas que gostam de exaltar sua condição *diferenciada* nas festas.

<sup>94</sup> Permito-me estabelecer, guardadas as devidas proporções históricas e sociológicas, um paralelo entre este ‘comportamento cerimonial’ visualizado em Jurerê e o da sociedade de corte francesa, sob o reinado de Luís XIV, analisada por Norbert Elias (2001), que afirma que o rei, na condição de primeiro dos nobres, necessitava de auto-afirmação e a realizava através da sofisticação da etiqueta e do cerimonial. A motivação para insinuar

Outro privilégio disponível apenas para os presentes no *backstage* era uma maquiadora exclusiva, que ficava das 10 horas da noite até as 2 horas da manhã no banheiro da festa e produzia e retocava as maquiagens sem custo algum. Tina era maquiadora profissional da *Posh*, mas também estava trabalhando no *Devassa on Stage* nas noites de carnaval.

A área do *backstage*, que é literalmente atrás do palco onde os *DJs* e outras atrações se apresentam, conta com alguns sofás e separações, fazendo o que denominei de ‘camarote do *backstage*’, uma área com garçom exclusivo e cujo valor do ingresso é revertido em consumação de bebidas. Com exceção dessas áreas, quem tem acesso à pulseira do *backstage* pode circular pela extensão inteira do espaço. Outra restrição consiste na área ao lado da cabine do *DJ*, controlada por um segurança e só permitida para convidados. “A pulseira lá da frente tem até cristal swarovski<sup>95</sup>, brincava Karina, ao satirizar a distinção da distinção. Em um desses ‘camarotes do *backstage*’ conheci Edu, 26 anos, carioca e residente em São Paulo, onde trabalha como economista. Ele estava no espaço reservado do *backstage* com mais três amigos e algumas mulheres, que disse não conhecer. “Meus amigos que chamaram, nem sei quem são”.

Edu afirmou que já havia frequentado Jurerê em outras ocasiões. “Eu mesmo nem sabia para onde vir nesse carnaval. Acabei comprando voo para Salvador, Rio e Floripa, para decidir depois”, falou, evidenciando suas várias opções e também, não tão diretamente, sua capacidade econômica. “Mas aí meus amigos resolveram vir pra Jurerê e acabei topando. Alugamos uma casa em Jurerê, bem do lado do Café”, me disse. Sobre a preferência por camarotes nas festas Edu explicou: “não tem nada a ver com querer aparecer, mas é que eu gosto do meu conforto, sabe? Eu gosto de dançar sem ninguém me empurrar, gosto de beber a minha bebida e não passar sufoco para pegar, enfim, e eu tenho dinheiro para pagar, então prefiro”, falou, confirmando, muito diretamente, sua condição financeira. Sobre as mulheres, disse:

Não acho errado mulher querer o que é bom, porque na verdade, elas querem um homem para lhes prover. Alguém que as leve para jantar, ao cinema, viajar, enfim. Por exemplo, você vai querer ficar com um cara e que ele te leve num cinema bosta? Não né, vai querer que ele te leve num cinema massa, num *shopping* bacana. Então é isso. Você é antropóloga, vai defender as mulheres, dizer que não é bem assim, mas não adianta, pode mudar as

---

seu prestígio advinha da crença de que o rei tinha por obrigação mostrar à corte seu grau de poder e sua distinção perante aos súditos.

<sup>95</sup> Swarovski é o nome dado aos cristais pela marca austríaca Swarovski AG, conhecidos por sua delicadeza, aparência luminosa e alto preço.

palavras, falar de outro jeito, mas no fundo vais falar a mesma coisa. É isso que as mulheres querem.

Na fala de Edu, e de outros homens na festa, foi possível perceber certa preocupação em denominar ‘o que as mulheres procuram’, e suas teorias sobre essa questão. Quando ele fala que ‘as mulheres querem um homem para lhes prover’, além dos valores altamente conservadores evidenciados, fica clara a sua percepção da posição do homem como provedor nas relações de gênero. Na visão de Edu, a procura das mulheres é por um homem que lhes garanta certas regalias, como lazer de qualidade, evidenciado pela fala “alguém que as leve para jantar, ao cinema, viajar”.

Em relação à paquera e flerte as abordagens entre homens e mulheres no *backstage* era menos espontânea e despreziosa das que ocorriam na pista e no camarote. Os jovens bebiam, flertavam, beijavam, dançavam, mas de forma muito mais contida. Preocupavam-se com a maneira como suas ações iriam ser vistas, em como seriam notados e julgados. Fernanda fez um comentário sobre essa situação. “Prefiro camarote ao *backstage*. Lá em cima os caras gatos não chegam, ficam só fazendo encenação”, disse. Há muitas mulheres que, como Fernanda, têm como expectativa serem abordadas por homens. Quando isso não ocorria, algumas até relatavam, desoladas: ‘ninguém chegou<sup>96</sup> em mim’, ‘não fiquei com ninguém’. A possibilidade de ser ou não paquerada também é outro modo de distinção na festa, especialmente no que se refere ao público feminino. A conduta dos frequentadores pode ser aproximada, até certo ponto, da noção de ‘manejo da impressão’ (Cf Goffman, 1988). Esse ‘manejo da impressão’ só é possível após a definição da situação. Para o autor, o que torna algumas definições de situações mais válidas que outras são as relações de poder presentes, e que conferem maior legitimidade a certas pessoas, para propor tal situação, que no caso da festa, é quem está no camarote, o espaço mais prestigiado da *balada*.

A maioria das pessoas presente nas noites de carnaval do *Stage* eram jovens. A vestimenta era muito semelhante às utilizadas nas outras festas à noite em Jurerê. Todos dançavam e pareciam se divertir. Também bebiam e flertavam, mas não visualizei nenhum excesso; o clima era amistoso. A música que predominou em todas as noites foi a eletrônica, com *DJs* internacionais requisitados entre os clientes. Também foram entregues aos presentes uns bastões (com aproximadamente 15 centímetros de comprimento) que, ao serem acionados por um pequeno botão, acendiam luzes coloridas de *LED* que ficavam piscando. Os frequentadores erguiam seus bastões para cima e os balançavam ao ritmo das batidas da

---

<sup>96</sup> Termo nativo usado para referir-se à abordagem (com vistas à paquera e intenção de beijar e/ou transar) de um homem a uma mulher ou, de uma mulher a um homem.

música. As técnicas corporais<sup>97</sup> que empreendiam na dança eram muito parecidas, colocando a mão pra cima e batendo palmas em alguns momentos. Há conhecimento sobre o repertório e as músicas mais famosas que, quando tocadas, são cantadas de cor pela maioria.

Além das noites do carnaval, outro grande evento realizado no *Devassa on Stage* foi a *Creamfields*, com o slogan “Brasil – O festival do verão. O verão de nossa vida”. O festival<sup>98</sup> nasceu há 14 anos em Liverpool, em um pequeno clube chamado *Cream*.

O festival se tornou ponto certo no calendário de milhões de clubbers e hoje ocupa um lugar cativo no coração das pessoas que já dançaram em suas pistas, numa festa de centenas de horas, estrelando mais de 700 atrações. É de se estranhar que o festival fosse sair do Reino Unido para o mundo e que hoje conte com versões em 19 países. Hoje em dia, por exemplo, o variante argentino é simplesmente o evento de dance music mais esperado do ano no hemisfério Sul.

Os ingressos para a festa, que recebeu 16 mil pessoas, segundo informações da própria casa, custavam 50 e 80 reais o feminino (pista comum e camarote, respectivamente), e 60 e 120 reais o masculino. Pelo caráter da festa, que se pretende ser uma espécie de *rave*<sup>99</sup> (são 12 horas de música) e a quantidade de pessoas (16 mil), foi a *balada* que menos se aproximou do *circuito* de lazer de elite de Jurerê Internacional, embora tenha sido realizada no referido bairro. Desse modo, a festa permitiu a articulação de diferentes *circuitos* que se cruzaram: o das *raves* e o das festas para um público de *elite*. Era, no entanto, possível identificar a diferença na *balada*, já que os atores dos diferentes *circuitos* permaneciam mais ou menos em espaços paralelos, a pista e o camarote, respectivamente. Como já afirmado em outros momentos, há sempre uma suspeita e incerteza em onde encaixar o outro, através do questionamento ‘tem ou não dinheiro’, e outras variações possíveis, que indiquem que o indivíduo de fato ‘pertença’ a esse *circuito* elitizante. Se o *status* dos estabelecimentos ‘decai’ pela ocupação dos ‘não-selecionados’, a iminente possibilidade de ocupação dos que não são

---

<sup>97</sup> Mauss (2003) conceitua como técnicas corporais as maneiras pelas quais os indivíduos usam seus corpos, seja pela transmissão e aprendizado ou por meio da educação e da imitação. Le Breton (2007: 47) complementando Mauss, afirma que a ‘etiqueta corporal’ é utilizada pelos atores de forma espontânea, em função das normas implícitas que guiam seu comportamento. Assim, conforme o contexto da situação social e dos atores envolvidos, ele sabe que tipo de expressão deve adotar e o que a sua experiência corporal pode ‘falar’. “Como para as técnicas do corpo, o aprendizado da etiqueta corporal, em amplitude e variações, depende muito pouco da educação formal. O mimetismo do ator e as identificações feitas em relação ao entorno imediato têm aqui papel preponderante. A extensão corporal da interação está impregnada de um simbolismo específico para cada grupo social e depende sobremaneira da educação informal, tênue demais para ser percebida e cuja eficácia pode, sobretudo, ser determinada”. (LE BRETON, 2007: 51). A noção de técnica corporal também pode ser estendida ao flerte e às formas de ‘ficar’ nas festas.

<sup>98</sup> <http://www.creamfields.com.br/2012/index.php>. Acesso: 25 de janeiro de 2013.

<sup>99</sup> Para um produção etnográfica dos jovens em *raves*, ver Abreu (2011).

*elite*, consiste no medo eterno que os clientes possuem: o da perda de prestígio, que se traduz nas ações de evitação. Assim, a *elite* foi à *rave*, mas ficou observando a festa do camarote.

O público, em sua maioria jovem, era bastante heterogêneo, ainda que tenha encontrado alguns de meus interlocutores, frequentadores dos outros espaços etnografados. Havia menos preocupação com a vestimenta. Muitas mulheres usavam saia curta, bota, mochila nas costas e óculos escuros e os homens, também de óculos escuros, ostentavam grossas correntes de prata e estavam sem camisa. Guto, amigo de Fernanda, comentou: “tem muita gente drogada aqui. É o que mais tem”. O uso de drogas é um tema recorrente, suscetível a rumores, especulação etc. Também, nem todos que usam tais substâncias são vistos da mesma maneira. Enquanto muitos adeptos das *raves* e que estavam na *Creamfields* eram julgados como ‘drogados’, ‘tigrada’ etc, Fe, um jovem *DJ*, morador de Jurerê e frequentador habitual desse *circuito*, por mais que fizesse uso de tais substâncias, nunca era identificado sob esse estigma. Desse modo, se nas outras festas as especulações e acusações giram em torno da condição financeira (para homens) ou da moral (para mulheres), nesta festa em questão, já se supõe de saída que os *ravers* não possuem dinheiro. Assim, a acusação se desloca para o consumo de drogas que, no entanto, também é realizado pelos acusadores.

Uma substância que percebi ser efetivamente utilizada pelo público do *Stage*, principalmente no carnaval, foi o lança-perfume. Como seu volume é grande, tornando-o perceptível, questionei um dos garçons da casa sobre a possibilidade dos frequentadores adentrarem a festa com tal substância, sem serem revistados. Ele ficou visivelmente constrangido e limitou-se a responder: “Às vezes eles dão propina e o segurança faz vista grossa, e às vezes até o segurança vende”. Esse discurso evidencia novamente o caráter situacional das normas do que é ou não aceitável neste *circuito*. No dia da *Creamfields* o *Stage* apresentou alguns inconvenientes em relação à estrutura da festa como imensas filas que se formavam em frente aos bares, bebida quente e falta de água nos banheiros, conformando a festa como ‘inferior’ e ‘não-diferenciada’.

### 3.4 O CLUBINHO FECHADO DA *POSH*

Muitos dos jovens que iam aos *sunsets* do *P12* e *Cafe de La Musique* acabavam estendendo a festa para a *Posh*. A *Posh Club* está localizada em Jurerê Internacional (Rodovia Jornalista Maurício Sirotsky Sobrinho, km 1.5 – SC - 402), no complexo de entretenimento *Music Park*. No *site*<sup>100</sup> da casa encontrei a seguinte descrição:

<sup>100</sup> <http://poshclub.com.br/2013/#2013/posh-club/>. Acesso: 25 de janeiro de 2013.

A *Posh Club* traz a característica do alto padrão em festas para o complexo *Music Park*, fortalecendo o conceito de elegância a partir de elementos inspirados nos grandes clubs do mundo com um toque de originalidade. Já consolidada como um dos *points* mais sofisticados do Brasil e primando pela excelência de serviço e produto, a *Posh* é uma casa sazonal, abrindo principalmente no verão, quando recebe um público altamente qualificado – entre moradores de Florianópolis e turistas nacionais e estrangeiros.

O luxo, o estilo e a sofisticação exaltados pelo *site* são aceitos pelo público que frequenta a festa, que rotineiramente recorre a esses adjetivos para se referir à *balada*. É possível perceber, não apenas na descrição da *Posh*, como de todas as outras casas de Jurerê, uma gramática muito semelhante (cosmopolitismo, luxo, ambiente e pessoas *diferenciados* etc), no que se refere às auto-descrições.

Tendo como uma de suas características a sazonalidade, a *Posh* só abre no verão. A casa funciona a partir da última semana de dezembro e encerra suas atividades após o período do carnaval, ajudando a manter a alcunha de *exclusiva*, que tanto preza e divulga. Ainda que a mera sazonalidade, por si só, não garanta o *status* de *exclusiva*, o tempo aqui, como em outros lugares e momentos, é também uma forma de distinção.

As pessoas começam a chegar à *Posh* a partir da 1 hora da manhã, tendo o seu auge de público entre 1h30min e 2 horas da manhã. É bastante comum ver os jovens que frequentam a *balada* irem a algum *dinning club* em Jurerê Internacional, como o *Donna*, e fazerem um ‘esquenta’ antes de irem à *Posh*. No estacionamento *vip* da *Posh* visualizei automóveis de marcas de luxo como *Ferrari*, *Audi*, *Porsche*, *Masserati* e *BMW*. No estacionamento do *Music Park*, em dia de festa em alguma das casas, como a *Posh* ou o *Devassa on Stage*, há a presença de taxistas no local. Alguns frequentadores que estão hospedados em Jurerê utilizam o serviço de táxi para traslado entre o hotel ou as casas em que estão hospedados (geralmente alugadas) e as festas, inclusive por se distanciar pouco mais de 2 quilômetros do *Jurerê Open Shopping*. Jovens de Florianópolis também utilizam o serviço, ainda que em menor quantidade. Em uma das noites, estava com Karina, Júnior e Luciana e decidimos ir à *Posh* de táxi. “Acho melhor irmos de táxi, porque hoje pretendo beber e não quero dirigir”, disse Karina. “Mas será, chegar de táxi? E o *glamour*?”, argumentou Júnior. Acabamos optando pelo serviço. A gradação ‘mais *glamour*’ ou ‘menos *glamour*’ é mais dirigida às pessoas naturais de Florianópolis, que se espera que tenham carro, e muito menos aos turistas, que muitas vezes, chegam a Florianópolis de avião. Essa questão aponta para mais uma, entre as muitas gradações de prestígio presentes na festa. Ir a Jurerê é símbolo de

*status*, mas não ter carro e depender de carona, ou mesmo táxi, pode constituir em elemento de inferiorização.

FIGURA 29 – ENTRADA DA POSH



FONTE: site 'Posh Club' (20/11/2013)

Enquanto as mulheres pagam entre 200 e 400 reais para adentrar a *Posh*, os homens costumam pagar entre 400 e 800 reais, dependendo da festa. É a festa mais cara de Jurerê Internacional. Também é bastante comum ver jogadores de futebol, modelos e *globais* convidados, desfilando pelo clube. Há duas maneiras de entrar na *Posh* sem pagar: através das famosas listas, predominantemente femininas, organizadas pelos *promoters* das festas, *DJs* e sócios da casa, ou, no caso das mulheres, conseguir entrada com algum dos homens que tenha adquirido um camarote. Os camarotes da *Posh* chegam a custar até 10 mil reais, dependendo da festa e do dia. Os valores são convertidos em bebidas. Aqui também, a exemplo do Café, a bebida mais consumida é a *vodka*, e as *champagnes* chegam aos camarotes com os já conhecidos foguinhos. Sobre eles, Breno, um dos garçons da casa, é enfático: “a ideia é que os outros percebam que você está bebendo aquele espumante, é ser visto. E para a casa é bom, porque tem gente que vê e também quer fazer igual, então acaba consumindo mais”. Os preços das bebidas seguem a mesma linha do *Café de La Musique*. Uma dose de *vodka* com energético sai por 51 reais e uma água de côco pode ser adquirida ao valor de 10 reais.

O local é dividido em quatro ambientes: *biblioteca* (lounge de entrada), temakeria, pista de dança e varanda. A entrada e a fachada da *Posh* seguem uma linha mais contemporânea, enquanto que o interior apresenta elementos que sugerem uma decoração mais sofisticada. Ao entrar na casa, após a conferência do ingresso, você se depara com a *biblioteca*<sup>101</sup>, de forte inspiração renascentista. As paredes são de pedra e os sofás são de veludo nas cores preto, marrom e coral. Outros objetos complementam esse ambiente como lustre de cristal, cômodas italianas, espelhos venezianos, livros antigos e reprodução de pinturas da época do Renascimento.

FIGURA 30 – BIBLIOTECA – UM DOS AMBIENTES DA POSH



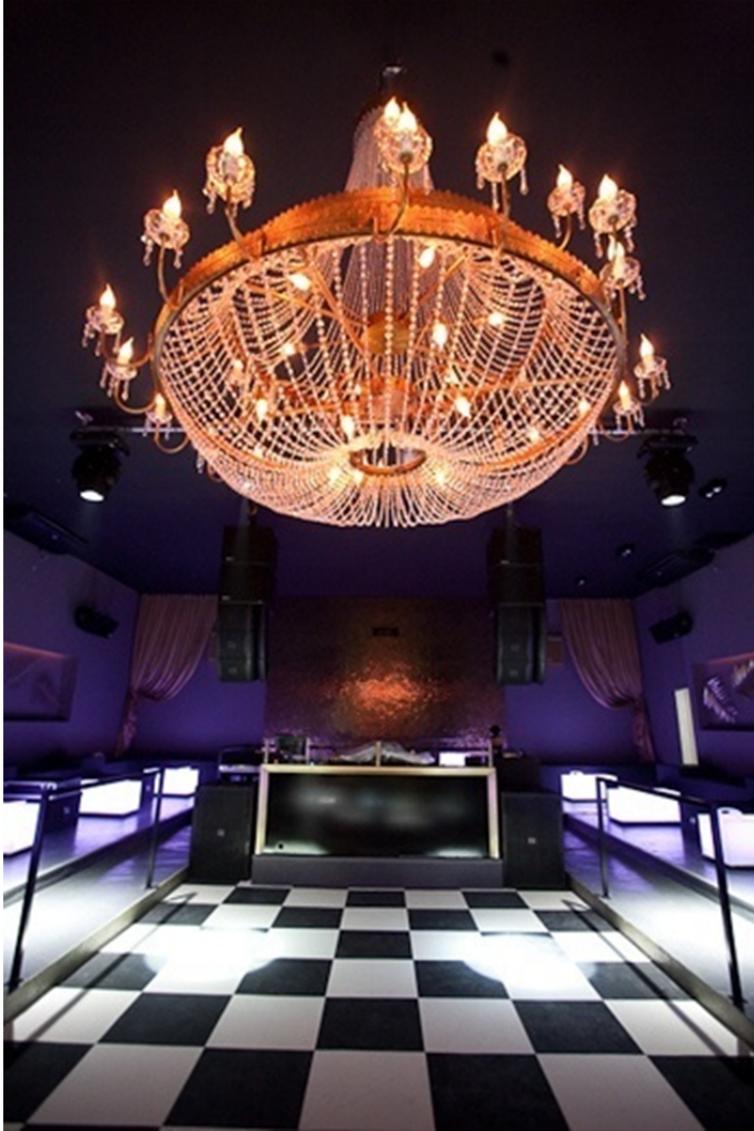
FONTE: site 'Portal Jurerê Online' (20/11/2013)

Ainda na *biblioteca*, está localizado um bar, no canto direito. Já no segundo ambiente, a temakeria, há uma grande mesa comunitária, na cor preta. A varanda, que também serve de espaço para os fumantes, é composta por bancos, *futtons*, almofadas e folhagens. Ao lado da temakeria estão os banheiros. Para chegar até eles, é preciso passar por um longo corredor, ladeado de espelhos. Por último temos a pista de dança, que tem o chão com desenho quadriculado nas cores preta e branca e um grande lustre no teto. Em volta da pista, estão dispostas as mesas dos dezoito camarotes. Atrás da cabine do *DJ* há uma parede de pastilhas

<sup>101</sup> *Biblioteca* é o nome dado pela casa, e por isso aparece em itálico, como uma categoria. Os clientes, no entanto, não denominam o espaço dessa forma e sim por 'entrada', 'sofás', 'lá na frente' etc.

douradas com cortinas. Em relação à decoração, a *Posh* mantém um conjunto mais ou menos improvável, heteróclito, com biblioteca renascentista, temakeria etc. E tudo isso na praia.

FIGURA 31 – PISTA DE DANÇA DA *POSH*



FONTE: site 'Portal Jurerê Online' (20/11/2013)

Os homens e mulheres que frequentam a *Posh* são os mesmos que vão ao Café. A vestimenta dos homens é bastante semelhante a do Café, com uma pequena diferença: as camisas de grifes famosas continuam, mas as bermudas dão lugar a calças, em sua grande maioria jeans. Já os vestidos esvoaçantes e em tons claros e estampas florais que as mulheres usam nos *beach clubs* transformam-se em vestidos mais curtos e justos e de tecidos mais nobres. Proliferam muito brilho, paetê, saltos altíssimos, maquiagem intensa e jóias. A preocupação com a produção é muito grande entre os homens e as mulheres. Há inclusive, no banheiro feminino, uma maquiadora que fica à disposição até as 3 horas da manhã. Sempre que ia ao banheiro, nas vezes em que entrei na *Posh*, via uma fila de mulheres ansiosas para

retocar o *make* antes de voltarem para a festa. Também era muito comum vê-las olhando-se no espelho, ajeitando a roupa ou o cabelo.

O som tocado no clube é o eletrônico e predomina um clima de paquera. Ainda que os jovens dançam, flertem, conversem e se divirtam, como nos outros espaços, a *Posh* apresenta um clima mais formal, menos descontraído. Meus interlocutores e ‘amigos de festa’, mesmo com algumas exceções, calculavam suas ações e agiam, na maioria das vezes, com cautela, como se estivessem sendo observados. Havia, por parte dos frequentadores, uma preocupação clara em como estavam sendo visto pelos outros e isso incidia diretamente nos seus comportamentos. Isso foi possível verificar no modo como conversavam e no vocabulário utilizado, na movimentação dos corpos ao andar, sentar, dançar, beber e comer, e na própria paquera. Mesmo os beijos eram dados de forma mais reservada.

A *Posh* é uma espécie de clubinho, algo ‘*only guest*’ que, diferentemente das outras *baladas* presentes no *circuito* de Jurerê, não tem ampla divulgação. Por exemplo, no verão de 2013 a casa funcionava nas sextas e sábados. No entanto, se você entrasse no *site*<sup>102</sup> de venda de ingressos *online* e clicasse no ícone ‘*baladas*’ e após, na cidade de Florianópolis, aparecia o ícone da *Posh*, porém, na maioria das vezes o nome do *DJ* não era nem divulgado, apenas o valor dos ingressos e a possibilidade de comprá-los. Esse fato parece indicar que a presença na festa era mais importante que a própria festa (atrações musicais etc).

Há duas entradas para o público da *Posh*. Uma para quem tem convites ou acesso ao camarote e outra, ao lado desta, para quem está na lista. A dinâmica funciona da seguinte forma: na entrada da fila, predominantemente feminina, há um segurança que confere os documentos, sempre por grupo de aproximadamente cinco pessoas. Enquanto o grupo espera, o segurança, com os documentos, dirige-se até um espaço onde a *hostess* confere os nomes no computador. Após a conferência, o segurança volta com os documentos e chama os jovens nominalmente, entregando para cada um destes o documento e um papel. Quem não passou na conferência é avisado pelo profissional que diz: “seu nome não está na lista. Você pode, por gentileza, esperar aqui do lado, para não atrapalhar a fila?”. Esse ato – feito na frente de todos - é bastante comum, e gera certo constrangimento e embaraço. Quem passou pela conferência, segue para um *hall*, na entrada do *club*, onde duas atendentes uniformizadas ficam atrás de um balcão. Elas conferem novamente o documento e o papel, que foi entregue pelo segurança anteriormente, e lançam no computador e entregam o convite, personalizado, com o nome de cada frequentador. Em uma segunda porta, os jovens entregam o convite para

---

<sup>102</sup> <http://www.blueticket.com.br>. Acesso: 5 de janeiro de 2013.

outro segurança que, após conferir a validade do mesmo, permitem a entrada, após oferecer uma pulseira de acesso. Todas essas conferências, seguranças, filas e papéis só confirmam e também produzem a fama que a *Posh* faz questão de manter: uma casa *exclusiva, diferenciada*, com acesso restrito, para poucos.

Como já dito em outros momentos, ainda que todas as festas façam parte do *circuito* de lazer de elite de Jurerê Internacional e sejam percorridas pelos atores, em seus *trajetos*, há gradações de *status* e prestígio para cada uma dessas casas, assim como para os seus frequentadores. Nesta hierarquia, a *Posh* figura como a mais prestigiada. Nas descrições anteriores, apontei que existem diversos princípios que ordenam as relações dentro e fora das festas. Certo cerimonial consiste em um desses princípios e pode ser exemplificado também, mas não somente, em toda a verificação que é feita na entrada da *Posh*, evidenciando a vigilância e o controle do espaço. Neste comportamento minucioso, por parte do clube e de seus frequentadores, é possível perceber que a festa exerce certo controle sobre as pessoas, que necessitam corresponder a padrões específicos de conduta. O processo de identificação dos frequentadores, visto em todas as casas, mas de forma mais rigorosa na *Posh*, permite concluir que a identificação e classificação dos que entravam na festa era tão ou mais importante que a própria festa, e não apenas por preocupação com a segurança dos presentes, mas também pela manutenção do próprio *status diferenciado* da *balada*. A perda desse *status* muitas vezes era vista como mais perigosa do que qualquer ato de violência que pudesse ocorrer. Na *Posh*, após a grande burocracia de listas e conferências na entrada, os homens e mulheres não eram revistados, procedimento bastante comum em muitas festas. Desse modo, o maior perigo era a indistinção e a classificação, já na porta, de quem podia ou não entrar, supria a necessidade de segurança. A diferenciação consistia não tanto por exclusão, e mais por inclusão, pelo esforço de se incluir nesse estilo *elitizado*. O intuito era marcar diferenças entre os clientes que, justamente pela heterogeneidade da festa, não estão entre iguais. As práticas de distinção aparecem, ao mesmo tempo, como comportamento e valor. Outra prática distintiva muito comum alusiva à *Posh* era os frequentadores, principalmente os de Florianópolis, questionarem se havia ‘muita gente de fora’ nas festas. Na *Posh*, quanto mais frequentadores ‘de fora’, melhor era considerada a festa, diferentemente do *P12*, por exemplo, em que *gringo* consistia em uma categoria de acusação.

Certo dia, estava com Júnior em um *sunset* no *Cafe de La Musique* quando, já ao fim da festa, ele encontrou uma conhecida sua. Ela estava ficando com um dos amigos do dono da *Posh* e sabendo dessa informação, Júnior perguntou se ela poderia colocar meu nome e de algumas amigas na lista. Ouvi-a responder, após me observar atentamente: “Não sei Júnior,

agora é difícil. Mas tá, pega meu celular. Acho que rola. Mas olha, tem que ser mulher *gata*. Ela é *gata*, tem que ser assim, tudo como ela”, e saiu. Enquanto se afastava, olhou novamente para trás e enfatizou: só *gata* heim?” Ana, que avistou a cena de longe, falou que não iria. “Eu não vou na roubada, gastar 50 reais de estacionamento para chegar lá e ter alguém me analisando se eu sou bonita o suficiente para entrar na festa. Estou fora”. Essa foi apenas a primeira das dificuldades encontradas para ter acesso à casa mais exclusiva e requisitada desse *circuito*. Ainda que Ana não estivesse ‘compactuado’ com as restrições da lista da *Posh*, conhecia a lógica operada na casa. Mulheres vistas como ‘não-gatas’ segundo a ótica dos funcionários, donos e *promoters*, simplesmente não entram na *Posh* de graça, apenas pagando. É preciso questionar, no entanto, o que entendem por ‘mulher gata’, e qual o padrão de beleza esperado por eles. Mulheres brancas, magras, bem-vestidas, com corpos malhados, cabelos compridos e maquiadas são alguns dos elementos atribuídos à mulheres consideradas bonitas. Nas festas e demais estabelecimentos em Jurerê era rara presença de negros, assim como de pessoas fora de forma, evidenciando que o padrão estético dos corpos está intimamente ligado a um modelo europeu.

Júnior conhece um número considerável de pessoas que ‘fazem’ a festa acontecer. São *promoters*, *hostess*, *DJs*, produtores, fotógrafos, seguranças, sócios, donos das casas etc. e tinha muita influência para conseguir as listas. Um dia, perguntado sobre como conhecia todas essas pessoas, me disse: “Ah, uns eu conheci de *balada*, aí fui apresentado para outros, para outros me apresentei, peguei telefone, adicionei no *facebook*, mantenho contato, e assim as coisas foram acontecendo”. Há um esforço de produção de relações, que incidem na possibilidade de acesso ao *circuito*. Uma característica da lista é que existe um espaço-tempo. Quanto mais próximo do horário da festa, mais difícil conseguir o acesso. Os *promoters* ‘fecham’ a lista e passam a não atender mais o celular, saem do *facebook* etc. Este é um detalhe que faz parte do conjunto do ‘ir à festa’ e quem vive e participa desse universo está atento.

Em uma das *baladas* da *Posh*, estava com alguns de ‘meus amigos de festa’ e Júnior havia mandado nossos nomes para a lista. Chegando à *balada*, após a minuciosa conferência, dois nomes não estavam na lista: o de Karina e Fernanda. Resolvemos entrar para tentar resolver a situação das que haviam ficado de fora. Júnior dizia: “não sei o que aconteceu, eu mandei todos os nomes juntos e recebi a confirmação, mas essa lista da *Posh* sempre dá alguma confusão”. Ana ligou para Karina e pediu que ela entrasse em contato com Fe e se apresentasse como amiga de Júnior, que ele garantiria o acesso. Vinte minutos depois, nossas

amigas conseguiram entrar na festa. Já na pista de dança, Karina comentou que estava um pouco envergonhada.

Amiga, quando vocês entraram a Fernanda ficou fazendo um escândalo lá fora. Dizendo que era de Floripa, que era um absurdo ela ficar lá fora e não entrar, que ela ia matar o Júnior, onde já se viu, como se o rapaz tivesse culpa. Ele colocou o nosso nome, aconteceu de não estar, mas a gente já sabe que isso pode acontecer. Mas ela gritava, e eu pedia pra ela falar baixo, e ela não se acalmava. Morri de vergonha. Aí você me passou o telefone do Fe, mas nem precisei ligar pra ele, pois logo eu o vi chegando com uns amigos, e eu só o chamei e ele disse vem, vem e entramos no bolo. Mas não entendo por que ela fez aquele escândalo.

Só foi possível ‘entrar no bolo’, como evidenciou Karina, porque minhas amigas estavam com Fe e este tinha camarote e ingressou por outra porta, diferente da entrada das pessoas que estão com nome na lista. Esse episódio, que vi acontecer com vários clientes, afeta muito mais as mulheres que os homens e configura um processo marcado por uma dupla vergonha, a de não estar na lista e de chamar atenção de todos para esse fato. Há certo padrão: ir à festa é sempre uma aposta, já que pode-se ou não entrar e é preciso acionar muitos contatos para tornar o malogro menos provável. Mesmo as festas da *Posh* não sendo amplamente divulgadas, os jovens que perfazem seus *trajetos* por Jurerê conhecem exatamente os dias em que a festa ocorre e o que é preciso saber para estar lá: onde comprar os ingressos, quem pode garantir o acesso etc, evidenciando o conhecimento que é preciso ter para estar na *Posh* (antes, durante e depois).

Geralmente, os homens que compram camarote de algum dos *sunsets* oferecidos pelos *beach clubs* vão para a *Posh* à noite, onde também adquiriram camarote<sup>103</sup>. Dessa forma, é bastante comum serem abordados por mulheres em busca de ingressos, já nas festas à tarde. Ao final de cada *sunset* no *Cafe de La Musique* consegui observar várias mulheres comentando entre si e com os homens da festa: “Vamos para a *Posh*?”, “Vais para a *Posh*?”, em um clima de tensão e expectativa para conseguir os ingressos do clube. A abordagem também pode acontecer de forma inversa, na própria festa, quando alguns dos homens que estão desfrutando do camarote descem até a pista e oferecem às mulheres por quem têm interesse oportunidade de subir até o espaço e desfrutar de um *drink*, por exemplo. Em uma conversa, Ângela, a jovem gaúcha que mora e estuda em Porto Alegre e passa as férias em Jurerê, na sua casa de praia, fez um juízo do que acontece na *Posh*:

---

<sup>103</sup> A compra do camarote do *Cafe de La Musique*, à tarde, e da *Posh*, à noite, pode custar mais de 100 mil reais.

Muitas mulheres vão para arrumar homem rico e os homens vão para pegar mulher. Existe aqui uma prostituição velada, que eu considero pior que prostituição mesmo, porque tudo é troca, as mulheres se trocam por dinheiro, os homens trocam bebidas por mulheres. Eu, por exemplo, não gosto de beber, então eu compro uma água de côco no bar, e coloco num copo com gelo, porque quem não sabe pensa que é *vodka* e assim se os caras vêm me oferecer, digo que já estou bebendo.

Como apontou minha interlocutora, muitas das trocas entre homens e mulheres em Jurerê Internacional envolvem dois capitais: o corpo e o dinheiro. Quando as mulheres aceitam as investidas masculinas e a oferta de bebida e/ou de um espaço mais privilegiado na festa, estão se deixando seduzir, também, por uma alteridade desejada que envolve a prática da riqueza já que, ainda que por alguns momentos, elas podem ter acesso a espaços e bens dos quais normalmente não poderiam desfrutar, ou não com a mesma intensidade. Por outro lado, a sedução é também empoderamento, já que a mulher escolhe com quem e de que maneira quer se relacionar, dentre o grupo de homens que compra os camarotes das festas. O sexo possibilita outras relações, para além das relações de intimidade e flerte procuradas e vivenciadas nas festas. Mas, se em alguns momentos os homens dominam, eles também são dominados.

Ângela estava com uma pulseirinha diferente, e me disse que com ela tinha acesso a todas as festas da *Posh* durante o verão de 2013. “Ganhei de uma amiga, ela é modelo, mas mora em São Paulo e teve que ficar lá trabalhando, então me deu”, disse. Fernanda, por sua vez, tem uma opinião diferente em relação ao oferecimento de bebidas pelos homens. Em uma noite de *Posh*, encontrei-a na pista de dança com uma dose de uísque na mão. Ela estava chocada com o preço que havia pago. “Guria, me cobraram 30 reais por essa porra e ainda colocaram pouco, que absurdo. Não vou mais comprar não. Agora só bebo se me derem”, dizia, aos risos. Ao julgar os dois discursos femininos temos que, se Ângela ‘foge’ das investidas masculinas através da não-aceitação de bebidas, Fernanda espera a ‘oferta’ de tais *drinks*. No entanto, é preciso ter cuidado ao fazer uma afirmação apenas com base na fala dessas duas mulheres, pois há certo padrão do que se faz e do que se diz que se faz e que os outros fazem. As pessoas estão sempre analisando e julgando as ações das outras, e esse julgamento reflete nas conversas e nas próprias relações. Em relação às bebidas e ao público também é possível observar a ‘escassez’ da pista contrastando com a ‘abundância do camarote’.

FIGURA 32 - PÚBLICO NA PISTA DE DANÇA DA POSH



FONTE: site 'G1 – Globo' (20/11/2013)

Nos camarotes a bebida é abundante. Na *Posh* você pode circular pelas áreas dos camarotes, que ficam ao redor da pista e apenas um degrau mais alto. Nesse espaço, porém, existem áreas que são exclusivas para grupos que pagaram, de fato, o camarote - com um valor em consumação de bebidas. É um ambiente pequeno, fechado em uma extremidade, e que conta com um garçom exclusivo para servir os presentes e que também faz vezes de segurança, só permitindo a entrada de convidados do grupo em questão. Estávamos uma noite no camarote de Fe e seus amigos, quando percebi Júnior pedindo a todo instante *champagne* para o garçom, que o atendia com pouca vontade. Ele via o olhar desconfiado do garçom e dizia, “eu sou amigo do Fe, não é pra mim, é pra ela, pra minha amiga” e apontava para uma de nós. Fe e seus cinco amigos estavam rodeados de mulheres nesse camarote. Além de muita bebida, havia pelo menos duas mulheres para cada homem. Seus amigos, já bastante alcoolizados, paqueravam alguma mulher que estivesse no espaço para, diante de uma negativa, partirem prontamente para um novo flerte. Karina comentou: “vamos para a pista, lá é bem melhor de dançar, aqui fica todo mundo empilhado, parece galinha no puleiro, e esses caras estão muito loucos”. Em alguns momentos o camarote é o espaço que pode ser indesejável.

Concordamos e resolvemos ir dançar na pista, quando Karina avistou duas de suas clientes. Um rumor que circula muito nas festas em Jurerê, especialmente na *Posh*, é que há a presença de prostitutas profissionais. “Então, eu atendo do lado do Bokarra e da Sexy<sup>104</sup> né?! E elas às vezes vão fazer tratamento de estética comigo, e algumas me contam, como é etc. E eu sei, eu vi duas delas ali na *Posh*, uma inclusive estava falando com o Júnior”, disse. “Júnior, de onde você conhece?”, perguntei. “Ai, ela é *puta*? nem sabia”, me disse. “Eu conheci um dia desses aqui mesmo na *Posh*, ela me disse que tava com motorista particular e tudo, só no *glamour*. Tha, tipo *puta de luxo*, mas essa deve custar bem mais caro que uma garrafa de *champagne*”, falava, aos risos. A confirmação e o relato de Karina, que trabalha em um consultório de estética na capital, fizeram com que a informação (que antes não passava de um rumor) se inscrevesse na realidade da festa.

Fica claro que o *circuito* é um conjunto de princípios de classificação, nem sempre coerentes. A categoria descreve a prática ou oferta de determinado serviço através de espaços, equipamentos e estabelecimentos reconhecidos por seus usuários. O *circuito* de lazer elitizante de Jurerê Internacional, no entanto, não consiste única e exclusivamente nas *baladas* que atraem os jovens todos os anos. Ele é mais amplo e se articula a outros *circuitos*, podendo englobar ou ser englobado, onde os adeptos constroem seus *trajetos*, partilhando valores similares, ou seja, este *circuito* consegue “extrapolar o espaço físico, mesmo da metrópole, possibilitando recortes não restritos a seu território” (MAGNANI, 2007: 20). Consegui detectar, em meu campo, que para o *circuito* das *baladas elitizantes* de Jurerê existir, ele precisa de outros *circuitos*, como por exemplo, o *circuito* dos *DJs* internacionais. Oriundos de outros países, em sua maioria do continente europeu, são esses *DJs* que tocam nas festas de Florianópolis e contribuem para a alcunha de bairro cosmopolita e internacional, onde as festas são regadas aos melhores sons, sempre apresentando as últimas novidades, seja no quesito atração ou música.

Há também o *circuito* das lojas que vendem roupas das grandes grifes que os frequentadores ostentam em Jurerê e que não está situado exclusivamente em Florianópolis, tampouco em Jurerê. Ou seja, para adotar esse padrão de consumo que permite estar inserido nessa lógica de apropriação dos espaços e das festas em Jurerê Internacional é preciso percorrer outros lugares e dispor de diferentes tipos de conhecimentos. Isso fica claro inclusive, no repertório de muitos jovens. Dentre as várias conversas que participei era bastante comum ouvir dos frequentadores das festas diálogos exaltando os países que haviam

---

<sup>104</sup> Duas casas de prostituição de Florianópolis, conhecidas por serem casas de prostituição de luxo.

conhecido e viajado, bem como suas experiências. Ainda que o *circuito* das viagens se estenda para além de Florianópolis, predominantemente na Europa, ele assumia fundamental importância dentro do *circuito* das *baladas* de Jurerê, pois dava ao interlocutor a capacidade de narrar este fato e, ao partilhar esse símbolo, ser aceito na interação com os outros. Assim, os frequentadores das festas dispostas nesse *circuito* de Jurerê não possuem apenas uma prática, mas várias, pois, ainda que tenha focado minha análise em descortinar suas interações no ambiente da festa, é possível enumerar outras dimensões de suas vidas para além das *baladas*, como o estilo musical, vestimenta, gosto por viagens e experiências internacionais e gastronômicas, e condição para realizar essas preferências. Desse modo, compartilham gostos, práticas e valores que transcendem o espaço das próprias festas em que se encontram.

Utilizei a categoria *circuito* para me referir às *baladas* inscritas no espaço de Jurerê Internacional e no tempo do verão, pois ela permitiu, ao etnografar os *trajetos* e a movimentação dos atores, percebidos por eles e pelos outros como *elite*, por esses espaços e esse tempo específico, entender de que forma a socialidade era exercida pelos mesmos e que muitas das configurações produzidas no *circuito* de lazer de elite em Jurerê, pela própria referência a uma conformação internacional, através da moda, decoração, músicas etc, davam mobilidade e apontavam para diferentes *circuitos*, que se conectavam com o das festas. Optei por acompanhar os atores e descrever os percursos das pessoas que, através de seus *trajetos*, produzem a movimentação desse *circuito*. Justamente para dar rendimento maior ao *circuito*, procurei explorá-lo em relação com a família de categorias (Cf Magnani 2003a; 2007; 2008a; 2008b). Dessa forma, junto com *circuito* e *trajeto*, aparecem no contexto da cidade de Florianópolis e mais especificamente de Jurerê Internacional e na sua recente ascensão, a *mancha* e o *pedaço*.

Assim, é possível perceber, em meio à cidade de Florianópolis, com suas conexões, tensões, mobilidades e diferentes escalas, a existência de *circuitos* materiais e imateriais concomitantes, pois há os *circuitos* que não são efetivamente trilhados, mas existem, mesmo sem serem percorridos e sustentam os *circuitos* que são trilhados, como esse capítulo buscou demonstrar, ao apresentar as festas e as dinâmicas dos atores, apontando a coexistência de diversas camadas de sentido no mesmo espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: FIM DA FESTA, RELAÇÕES EM MOVIMENTO

*“No que diz respeito à pesquisa, dispunha apenas de minha tese de doutorado para provar minha capacidade. E ela representava um trabalho duro. Tinha confiança em minhas capacidades intelectuais, e ideias não me faltavam. Mas o imenso trabalho intelectual que minha tese exigiu me parecera difícilimo. Só bem mais tarde fui pouco a pouco compreendendo que noventa por cento dos jovens encontram dificuldade ao redigir seu primeiro trabalho importante de pesquisa; e às vezes, acontece o mesmo com o segundo, o terceiro ou o décimo, quando se consegue chegar aí. Teria agradecido se alguém me dissesse isso na época. Evidentemente pensamos: ‘Sou o único a ter tais dificuldades para escrever uma tese (ou outra coisa); para todos os outros, isso se dá mais facilmente’. Mas ninguém disse nada. É por isso que digo isso aqui. Essas dificuldades são absolutamente normais”.*

*(Norbert Elias)*

Quando comecei esta etnografia tentei pensar de que maneira se constrói uma forma específica de lazer na cidade de Florianópolis e como esta é apropriada pelos jovens. Neste sentido, parti para Jurerê Internacional tendo em mente que precisava buscar as formas através das quais as práticas de contato e de troca eram feitas, bem como algumas práticas específicas de lazer eram regulares. Buscando entender essas regularidades e tentando acompanhar os atores sociais na dinâmica da cidade (paisagem urbana, lazer e demais equipamentos) que cheguei até as festas de Jurerê. No entanto, precisei construir unidades de análise, que me permitissem dar conta tanto das regularidades, quanto das diversidades das práticas dos atores.

Concordo que nunca é o caso de simplesmente aplicar uma categoria analítica ao mundo da experiência, mas de tomar as categorias como algo que ajudam a pensar e compreender o mundo da experiência, que não explicam tudo, justamente porque foram formuladas em outros contextos e em relação a outras práticas. Desse modo, as categorias analíticas<sup>105</sup> *mancha, trajeto, pedaço* e a mais englobante delas: *circuito*, que inclusive, está presente no título do trabalho, me foram úteis para entender as diferentes práticas dos atores por Jurerê Internacional, nas festas e demais interações, com os diferentes equipamentos, a cidade e os outros frequentadores do *circuito*.

---

<sup>105</sup> Magnani, (2003a), (2007), (2008a), (2008b).

Alguns lugares são privilegiados para se estudar, no sentido de serem densos de significados, e Jurerê Internacional me pareceu um deles, pois se apresentou para mim como um lugar de lazer que não se restringe ao lazer. É moradia, política, gênero, hierarquia, moda, etc. Alguns destes temas não estavam dados de antemão e foram surgindo na medida em que a pesquisa avançava e na medida em que eu situava as ações dos atores no seu cotidiano, permitindo que suas práticas, não sendo dissociadas do contexto em que aconteciam, transmitissem inteligibilidade à pesquisa.

Minha unidade de análise foram os *jovens* que frequentavam o *circuito* elitizante das festas em Jurerê Internacional, e de como esse espaço funcionava como um lugar de encontro e socialidade, mas também, e esse fato não estava previsto no início da pesquisa, de muitos conflitos de valores e interesses, sobretudo acerca do que os frequentadores entendiam ser um local de prestígio e frequentado por pessoas *diferenciadas*. Importante ressaltar, que *jovens* se constituiu em uma categoria nativa, que fazia sentido para os interlocutores e que se tornou um princípio de inteligibilidade para mim. Ao longo do percurso etnográfico, surgiram outras categorias nativas, como *elite* e *distinção*.

Ainda que o local etnografado fosse muito próximo a mim, tentei entrar em contato com o 'outro' e buscar formas de aproximação. Para isso, precisei repensar antigas categorias, tais como o lazer, a cidade, o *circuito*, dentre outras, e organizá-las, dialogando com a bibliografia existente, mas acima de tudo, tentando entender as lógicas das escolhas a partir dos atores. A etnografia mostrou que as festas em Jurerê Internacional operam uma condensação e confluência de tensões, que estão sempre presentes no cotidiano, nas relações entre a empreendedora Habitasul e a associação de moradores AJIN, e também entre moradores mais e menos próximos da associação.

Se na última década Jurerê Internacional uniu características que o definem como um lugar cosmopolita e *diferenciado*, congregando lazer e moradia de luxo e voltado para a elite, no início de sua construção, em 1982, o loteamento correspondia a um conjunto improvável: era distante do centro e possuía uma infra-estrutura precária. É apenas hoje, com seu crescimento e valorização, que o *empreendimento* pode ser percebido como isento dos problemas estruturais que atingem as grandes metrópoles como congestionamento, falta de água, energia etc. Ainda que Jurerê Internacional apresente alguns desses problemas, os frequentadores, principalmente os residentes de outros estados e países, pareciam ignorá-los.

Jurerê Internacional hoje, se difere de outros bairros e localidades de Florianópolis e inclusive, do bairro vizinho, renomeado de Jurerê Tradicional. Os limites – não aparentes – entre Jurerê Internacional e Jurerê Tradicional são muito frágeis e nem sempre efetivamente

percebidos pelos frequentadores. Ainda que não haja barreiras físicas em Jurerê Internacional, elas são negociadas diariamente. Mesmo as cancelas sendo simbólicas, outros dispositivos restringem a circulação no bairro, como por exemplo, o alto preço dos imóveis e dos serviços oferecidos.

O que a etnografia mostrou, é que se Jurerê Internacional possibilita o encontro de pessoas que compartilham experiências, projetos e *ethos* semelhantes, as relações vividas nesses espaços não são homogêneas e estáveis, como se pressupõem. Nesse sentido, os conflitos entre moradores e baladeiros e entre associação de moradores e empreendedora era acirrado, em grande parte, pelas festas que ocorriam no bairro. A oposição entre os moradores e associação, que afirmavam que Jurerê Internacional havia sido projetado para ser um local de moradia e descanso e a loteadora do espaço, que enfatizava que o lazer sempre esteve presente em Jurerê, desde o seu projeto de concepção, motivou o ajuizamento da ação movida pela AJIN, com o propósito de retirar os *beach clubs* de Jurerê Internacional com base na legislação ambiental. Este fato ajuda a compreender os conflitos, ambiguidades e contradições contidas nos valores do que seja estar em Jurerê Internacional.

Justamente por conta dos conflitos analisados em Jurerê, alguns atores utilizavam um repertório de acusações para referirem-se aos que não consideravam bem-vindos no bairro, visando o poder de determinados grupos e indivíduos. Dessa forma, os acusadores, ao estabelecerem um padrão de moralidade ao indicarem os comportamentos desviantes, constituíam um sentido de coletividade. Um exemplo de acusação nesse sentido foi abordado no primeiro capítulo, em que mostrei expressões tais como “é da Palhoça” ou “é do Kobrasol” que eram usadas por meus interlocutores, em alusão aos bairros periféricos e metropolitanos de Florianópolis, para distinguir o que entendiam por frequentadores das festas mais e menos *selecionados*. Outras expressões eram utilizadas para referirem-se aos socialmente ‘menos privilegiados’, pelos que desconhecem a geografia de Florianópolis. Nesse caso, as expressões utilizadas eram ‘goiano’, ‘tigrada’, ‘povão’ etc. As categorias de acusação surgiam entre meus interlocutores, quando estes identificavam que não estavam entre ‘iguais’ e o centro e a periferia dependiam do próprio lugar onde os mesmos estavam situados, tanto quando da escala da cidade. Nesse sentido, suas falas constituíam Jurerê Internacional e outros espaços em relação de oposição e afastamento. Para determinados frequentadores Jurerê apresentava as características do *pedaço*, mas esse *pedaço* visto com o próprio ‘centro’, opunha periferias geográficas e sociológicas.

Já os conflitos entre Habitasul e AJIN acentuavam-se utilizando o imbricamento entre o estatal e o não-estatal. Em Jurerê as fronteiras entre as atribuições do Estado e dos

agentes privados não são estáveis, tampouco nítidas, e nesse sentido, contribuíam para as acusações proferidas pela empreendedora e pela associação de moradores, tanto ao poder público quando ao empreendedor privado. Desse modo, a indistinção dos limites entre estatal e não estatal em Jurerê Internacional ora era percebida como positiva, ora como negativa. Contudo, o caráter ‘diferenciado’ de Jurerê dependia dessa indistinção. Enquanto isso, se a ‘perpetuação do conceito diferenciado’ é o que sustenta até os dias atuais o ‘sucesso’ do *empreendimento*, é também um dos principais focos de divergência entre Habitasul e AJIN, já que as duas entidades reivindicam o mérito das ações de manutenção e embelezamento do bairro. Ou seja, a indistinção entre o público e o privado sustenta conflitos em situações em que a autonomia de diferentes agentes privados se choca.

Mesmo que as relações referentes a lazer e moradia não sejam totalmente ordenadas em Jurerê Internacional, os frequentadores, moradores e empreendedores compartilhavam a crença de que este universo era estável. Essa crença surgia em parte pelo compartilhamento de símbolos como *elite* e *diferenciado*, fazendo com que Jurerê Internacional propiciasse a segregação e diferenciação de certa elite. No entanto, ainda que frequentadores e moradores apresentassem referências e características sócio-econômicas semelhantes, eles não habitavam um universo homogêneo e estanque. Nesse sentido, a etnografia me possibilitou mostrar que ao estabelecer fronteiras e distinções, os atores buscavam relações e associações com certos lugares e estilos de vida. Assim, as fronteiras percebidas inicialmente como definidas e estáveis ao mesmo tempo em que separavam, possibilitavam conexões. Desse modo, é possível afirmar, ao fim do trabalho, que Jurerê Internacional é mais que um espaço segregado ou marcado pela ausência do Estado, pois reúne, de forma alternada, tensões e alianças.

Estas confluências de tensões, sempre presentes no cotidiano de Jurerê Internacional, nas relações entre Habitasul e AJIN, e também entre moradores mais e menos próximos da associação eram condensadas pelas festas que ocorriam no bairro. Sobre as festas, um dos aspectos ressaltados pela etnografia, é que a diferenciação era produzida o tempo todo, nas *baladas* e nas relações, e não se acomodava necessariamente na ideia de distinção, que neste *circuito*, aparece como um movimento, ou seja, como o resultado das relações empreendidas pelos atores nas festas. A etnografia mostrou exemplos da distinção como um fluxo que relacionava pessoas e suas qualidades, tais quais: as diferentes gradações dos espaços dentro da festa, como pista, camarotes e outros espaços *vips*, fazendo com que houvesse a possibilidade de ser diminuído por estar fora da festa, mas também por estar dentro dela; as várias maneiras de frequentar as festas do *circuito*, como ter contatos, beleza, dinheiro,

possibilidades de burlar os acessos etc. Por implicação, a própria *elite* não aparece aqui como um atributo estável, mas como qualidade de certas relações que articulam lugares, objetos, pessoas, experiências e repertórios. Foi preciso abrir o conceito de elite, tanto quanto entender que as posições são instáveis, para perceber que as festas em Jurerê Internacional acolhem um público relativamente heterogêneo, o que a primeira vista, pode parecer improvável. Mas o que há neste *circuito* são modos específicos de ser elite, pois cada um falava do lugar que ocupava. Em síntese, há dois diferentes modos: como a elite se via, e como o outro via a elite.

Se em Jurerê o prestígio e as relações podiam ser tão relevantes quanto o dinheiro, não significa dizer que o dinheiro não fizesse parte desse universo. Pelo contrário, o dinheiro acabava permeando muitas relações, distanciando ou aproximando as pessoas, garantindo a circulação de pessoas, objetos e de uma gramática própria, como por exemplo, a especulação de quem tem ou não dinheiro, de algum modo, sempre presente nas falas e ações dos atores nas festas e que inspiravam ações. Se o dinheiro era o acesso que nivelava o que era heterogêneo e diferente, quem organizava as lógicas monetárias e não monetárias do dia-a-dia eram as relações entre pessoas e entre pessoas e objetos. Desse modo, possuir esse “equivalente universal” podia ser ter beleza, contatos, acessos diferenciados etc. Este fato desloca as próprias ideias clássicas de distinção e elite, pautadas em posições hierárquicas estruturadas. O dinheiro também estava presente na variação dos diferentes espaços *diferenciados* na festa, ainda que nem todas as pessoas que frequentassem esses espaços possuíssem dinheiro para estar ali. Desse modo, não ter o capital financeiro, mas possuir equivalentes, que ‘valessem’ tanto quanto ou mais que o ‘dinheiro’ podia significar ter relações diretas com os mais distintos da festa. Assim, o dinheiro podia não ser decisivo para frequentar um local ‘de elite’, pois, ainda que todos estivessem na mesma festa, as maneiras de adentrar e permanecer nos lugares é que eram diferentes.

Foi possível perceber que havia um círculo que se sobrepunha ao *circuito* elitizante das festas em Jurerê Internacional: o dos rumores. Os rumores, e também as acusações, proferidas o tempo todo nas festas pelos mais diferentes atores, incidiam sobre as relações empreendidas por eles, com a atribuição de intencionalidades e condutas, que operavam sempre em um registro moral. Dessa maneira, *gay*, *piriguete*, *drogado*, *tigrada*, *povão*, *gente feia*, *pobre* etc eram estigmatizações potentes e funcionavam, juntamente com outras situações de conflito, para demarcar diferenças em um universo que não era frequentado apenas por ‘iguais’, e também para instituir a vida coletiva nas festas. Nas falas de diversos interlocutores foi possível perceber que, enquanto a conduta dos homens era marcada pelo dinheiro, a das mulheres era marcada pela atribuição de intenções. As falas marcavam

assimetrias de gênero muito fortes, com o surgimento de categorias de acusação fundadas no sexo, como as já expostas acima: homem *gay* e mulher *piriguete*. Nos dois casos, as acusações, e seus estereótipos, expressavam juízos morais muito conservadores: a de que homem era homossexual e mulher era vulgar. Havia consenso no uso dessas categorias, mas não no seu significado. Desse modo, *piriguete* podia ser a mulher que pagasse sua própria bebida e ‘ficasse’ com vários homens na festa ou a que aceitasse a oferta de bebidas de algum homem, mas rejeitasse suas investidas. No entanto, nenhuma mulher parecia escapar deste rótulo e eram estigmatizadas dessa forma inclusive pelas próprias mulheres, mais precisamente em relação ao que vestiam. Quando as mulheres aceitavam as investidas masculinas e a oferta de bebida e/ou de um espaço mais privilegiado na festa, estavam se deixando seduzir por uma relação que envolvia a prática da riqueza e da distinção. Por outro lado, a sedução era também empoderamento, já que a mulher escolhia com quem e de que maneira queria se relacionar, dentre o grupo de homens que comprava os camarotes das festas. O sexo possibilitava outras relações, para além das relações de intimidade e flerte procuradas e vivenciadas nas festas. Mas, se em alguns momentos os homens dominavam, eles também eram dominados. Já a categoria de acusação *gays* era proferida tanto por mulheres quanto por homens, em relação aos homens que não eram vistos constantemente em companhia masculina ou fossem muito atléticos. Essas falas, baseadas ou não em ações, predominavam a todo o momento na festa e faziam parte do repertório do público das casas.

Outro rumor que circulava de forma frequente nas festas era sobre quem tinha ou não dinheiro, e essa especulação também atingia os funcionários, que eram recorrentemente denominados de subornáveis, bem como a suposição, altamente difundida, de que ganhavam pouco. Por outro lado, os funcionários também especulavam sobre a condição financeira dos frequentadores. As categorias estavam permanentemente em relação e eram operadas pelos atores o tempo todo, com respectivos significados, de acordo com a ocasião. Um exemplo consistia no uso de drogas, relativamente comum a todas as festas do *circuito*. Havia diferenças internas entre usuários de tóxicos, diretamente relacionadas aos locais em que ocorriam o uso dessas substâncias, bem como a quantidade e o tipo de tóxico utilizado. Desse modo, os valores morais que se fazia desses usos não constituíam um universo homogêneo. Havia também uma fronteira nítida entre a ação dos frequentadores de usar drogas e a ação dos seguranças, de ‘permitir o acesso’ das substâncias, e a condenação era dada menos aos frequentadores e mais aos seguranças das festas. Não só o público das festas era heterogêneo, como também se percebia dessa forma. Eram diferentes padrões ‘morais’ acionados, e as regras que operavam nesse universo não compunham um todo estável e homogêneo. Assim

como a qualidade das pessoas estava sempre em questão, atos aparentemente “idênticos” podiam ter avaliações muito diferentes.

As críticas aos ‘desvios’ circulavam predominantemente através de fofocas e rumores. Havia o iminente perigo da contaminação, na realidade da festa, e a associação com os desviantes e impuros configuraria, para os frequentadores, certa perda de *status*. Desse modo, se o lugar proporcionava uma posição de pertencimento à elite, as pessoas com quem se era visto poderiam desclassificar os interlocutores da posição adquirida anteriormente. Além dos frequentadores, as diferentes gradações de prestígio também eram imputadas às casas. Desse modo, ainda que todas as casas etnografadas fizessem parte do *circuito* de lazer de elite em Jurerê Internacional e fossem frequentadas por meus interlocutores, algumas eram mais prestigiadas que outras, a saber: *Posh* e *Cafe de La Musique* como as mais *distintas*, e *P12* e *Taikô* como as menos *elitizadas*. Todavia, a diferenciação consistia não tanto por exclusão, e mais por inclusão, pelo esforço de se incluir nesse estilo *elitizado*. Havia sempre uma suspeita e incerteza em onde encaixar o outro, através do questionamento ‘tem ou não dinheiro’, e outras variações possíveis, que indicassem que o indivíduo de fato ‘pertencia’ a esse *circuito* elitizante. Se o *status* dos estabelecimentos ‘decaia’ pela ocupação dos ‘não-selecionados’, a iminente possibilidade de ocupação dos que não eram *elite*, consistia no medo eterno que os clientes possuíam: o da perda de prestígio, que se traduzia nas ações de evitação.

A hierarquização nas festas também acontecia em relação ao horário em que se chegava as mesmas. O tempo apareceu, tanto quanto o espaço, como um importante elemento de distinção, ligando sujeitos e espaços. Havia, além da sazonalidade própria do *circuito* de lazer de elite em Jurerê, cujos estabelecimentos só ofertavam seus serviços no verão, o tempo investido para se produzir, esteticamente, para as festas, o tempo da juventude, que em um sentido etário, era efêmero para todos, e o próprio tempo e investimento de vida que, por mais que nesse *circuito*, se expresse no período do verão, aparecia o ano todo nas ações das pessoas como: manutenção de contatos, preparação do corpo, fruição de viagens, estudos, trabalho para angariar os recursos que permitiriam os gastos posteriores, consumo etc.

A etnografia também mostrou que há um verdadeiro engajamento para participar dessas festas e a ideia de investimento, esforço e dedicação (predominantemente feminino) perpassava os *trajetos* que as pessoas faziam por esse *circuito* elitizante. Nas festas em Jurerê Internacional, e isso fica claro tanto nos objetos de decoração dispostos nos diferentes clubes, quanto nas ações e conduta dos atores, o despojamento era ensaiado, e nunca efetivo. A diversão era em parte penosa, controlada. Era parcialmente espontânea e parcialmente

interessada. Este esforço por vezes contrariava a própria ideia de sofisticação e *glamour* enunciada pelas festas, mas em parte, estava presente na ótica do ‘é preciso passar trabalho para estar aqui’, evidenciada por alguns *promoters*. Alguns exemplos desse relativo esforço foram vistos por mim, sendo desempenhados por homens e mulheres nas festas como investimento estético e temporal, ativação de contatos, procura e busca por convites, pulseiras, listas etc. Em síntese, o frequentador é quem procurava a casa e não o contrário, e por mais distinta que uma pessoa fosse ou pretendesse ser, ela precisava dedicar um tempo para alcançar esse *status*. No entanto, os frequentadores pareciam não se importar com o investimento que era preciso dispor para estar em Jurerê. A crença de que Jurerê Internacional comungava de todos os aspectos *glamourosos* parecia bastar para que os frequentadores das festas presentes nesse *circuito* o avaliassem como *glamouroso*, fazendo com que sublimassem algumas dissonâncias que indicavam diferenças bem marcadas entre uma condição realmente *distinta* e outra que se propunha luxuosa, mas apresentava contradições na oferta desse luxo. Desse modo, ainda que o frequentador adquirisse o espaço mais *vip* da festa de *reveillon*, para citar um exemplo, precisava ir até o *promoter* da festa buscar seu ingresso e ao chegar na *balada*, beber uma *champagne* francesa em uma taça de plástico. As festas eram consideradas sofisticadas, luxuosas e distintas não apenas pelos frequentadores, mas pelas próprias casas, que apresentavam uma gramática muito semelhante (cosmopolitismo, luxo, ambiente e pessoas *diferenciados* etc), no que se referia às auto-descrições.

Os jovens que perfaziam seus *trajetos* por Jurerê conheciam exatamente os dias em que as festas ocorriam e o que era preciso saber para estar lá: onde comprar os ingressos, quem podia garantir o acesso, como se vestir, horário em que as *baladas* ocorriam etc, evidenciando o conhecimento que é preciso ter para frequentar esse *circuito*. Havia também, maneiras específicas pelas quais se disseminavam saberes sobre as festas e modos de agir. Esses saberes acabavam funcionando como um tipo de gramática, de pertencimento, e que o público fazia questão de exercitar. Por exemplo, a alusão de viagens ao exterior, feitas em Jurerê Internacional, um lugar que se pretende e é visto por muitos como cosmopolita, era tão importante quanto evidenciar certos saberes. Algumas falas, no entanto, eram mais valorizadas que as próprias ações. Desse modo, a narração de viagens ao exterior era tão ou mais importante que a própria experiência vivida.

Os *trajetos* que os frequentadores faziam por esse *circuito* evidenciavam diferentes fluxos de trocas, ao fazer circular coisas, pessoas, palavras (que apareciam nos rumores, fofocas e avaliações morais), e outros bens imateriais como conhecimentos, códigos de conduta, reputações e prestígios. Eram diferentes formas de trocas e circulação dentro da

festa. As trocas eram concretas e simbólicas entre pessoas e pessoas e pessoas e objetos. Essas trocas, de convites, pulseiras, contatos, bebidas, camarotes e outros espaços *vip*, companhia, sexo etc, conectavam e desconectavam pessoas e espaços e envolviam diferentes formas de reciprocidade. Este jogo das trocas, de certa gramática das relações, consistia em uma forma normal, regular e esperada de agir, e ninguém se surpreendia, por exemplo, com o pedido de bebidas, e demais acessos, dentro da festa. Havia certas formas de quebrar/contornar as regras formais que eram consideradas lícitas e esperadas, e outras não. A diferença residia entre as trocas ‘horizontais’ entre frequentadores e as trocas ‘verticais’ entre funcionários e frequentadores. Foi possível perceber que a troca com objetos produzia limites e diferenças e as pessoas associadas aos objetos produziam diferentes relações. Desse modo, as trocas empreendidas em Jurerê Internacional produziam ao mesmo tempo pessoas e coisas, e acionavam um conjunto de outras relações que ativavam e/ou impediam outras relações, que não eram qualidade apenas das festas e que afetavam diferentemente quem morava ou estava em Jurerê Internacional e que inclusive, ultrapassava esse limite geográfico.

Havia nas festas, sobretudo, uma circulação de pessoas, rumores, objetos, acusações, narrativas, condutas e atribuições de tensões, ao mesmo tempo em que se produziam teorias sobre essa circulação. Justamente por isso, o encontro nunca era horizontal, entre duas pessoas, pois produzia articulações que incidiam sobre outras relações. Outro ponto importante a destacar sobre essas relações é a potência dos objetos, que movimentava coisas aparentemente banais, como lista de contatos, pulseiras de plásticos, telefone, e coisas caras como camarotes, bebidas importadas e grifes. São essas coisas que se possuem e produzem o próprio movimento da festa. Havia, no entanto, uma ambiguidade e complexidade que regia as relações, baseada em interesses e desinteresses. As trocas produziam relações e faziam circular dívidas. Eram rivalidades misturadas com obrigações que estavam presentes no *circuito* de lazer de elite em Jurerê Internacional.

A etnografia mostrou que o conjunto de Jurerê Internacional (as festas, o *shopping*, a praia), distante a 25 quilômetros do centro da cidade, pode ser pensado como uma *mancha* de lazer, e nessa *mancha*, são vários os *trajetos* possíveis, dentre os quais acompanhei alguns, que configuram certo *circuito* de lazer de *elite*. O que tentei mostrar neste trabalho foi um *circuito* que se estende para além do espaço da cidade, que existe e faz sentido tanto para quem efetivamente frequenta praias e festas em outras cidades e países, como para quem não os frequenta concretamente, mas os toma como referência para suas escolhas, para avaliar e diferenciar pessoas, lugares e objetos. Este movimento de produzir relações, objetos, lugares e pessoas configura certo *circuito*, que está sendo feito. A própria criação de Jurerê

Internacional, bem como sua recente ascensão, juntamente com a expansão da cidade de Florianópolis, configura esse *circuito* Internacional, que aparece na moda, decoração, atrações, procedências, repertórios, produção de narrativas, referências, roupas e festas, para além de Jurerê Internacional e que o conecta a outros *circuitos*. A própria procedência geográfica das pessoas que frequentam o *circuito* de Jurerê não está restrita a Florianópolis, tampouco a Santa Catarina, e esse fato configura um *circuito* maior, que conecta Jurerê a outros espaços, tempos e atores, percorrido por uma diversidade de pessoas, bem como sua articulação com outros *circuitos*.

Desse modo, o *circuito* de lazer de elite em Jurerê Internacional faz parte de um *circuito* mais amplo, que é conhecido e/ou reconhecido por meus interlocutores, não importando se os *trajetos* deles efetivamente o percorram, que envolvem outros locais, cidades e países. E é exatamente essa circulação e movimentação de atores que faz o *circuito* ser tão vivo. Assim, para que esse *circuito* exista, não há necessidade que os pontos que o compõem sejam percorridos concretamente, a exemplo do *circuito* virtual que meus interlocutores construíam em Jurerê, com o apoio das tecnologias e da internet, e mostra que os *trajetos* dos atores são em parte trilhado e em parte postulado, referenciado, referido, e esse conjunto é que configura o *circuito* de lazer de elite em Jurerê Internacional. Há nesse sentido, a concomitância de *circuitos* e os que não são efetivamente trilhados sustentam os que são concretamente percorridos nesse movimento de diferentes escalas, tensões e conexões.

Como coloca Geertz (1978: 39) no final de ‘Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura’, “não há conclusões a serem apresentadas; há apenas uma discussão a ser sustentada”. Entretanto, o que tentei fazer neste texto etnográfico, que é, em suma, uma forma escrita de representação de uma dada realidade que pretendi inscrever, descrever, escrever e compreender, mesmo ciente de que o texto é uma redução das mais diversas possibilidades interpretativas, tanto da experiência vivida em campo, no contato com meus interlocutores e das articulações com a vasta teoria antropológica, quanto da natureza dinâmica da realidade social, foi perceber *circuitos* concomitantes, que aludem a pessoas, dinheiros, valores, objetos, marcas e referências que a própria festa se encarregava de conectar.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In ABRAMO, Helena W. & BRANCO, Pedro P.M. Retratos da Juventude Brasileira. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABREU, Carolina de Camargo. Experiência *Rave*: entre o espetáculo e o ritual. Tese de doutorado em Antropologia Social. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Universidade de São Paulo – USP, 2011.
- ALFONSI, Daniela do Amaral. O forró universitário em São Paulo. IN: Magnani, José Guilherme, SOUZA, Bruna Mantese de. (orgs). Jovens na metrópole. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- APPADURAI, Arjun. Dimensões culturais da globalização. Lisboa: Teorema, 2004.
- BAUMAN. Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BECKER, Howard. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BERGAMO. Alexandre. A experiência do status: Roupas e moda na trama social. São Paulo: UNESP, 2007.
- BIONDI, Karina. *Junto e misturado*. Uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.
- BLAKELY, Edward & SNYDER, Gail. Fortress America: Gated Communities in the United States. New York: Princeton Architectural Press, 1997.
- BORGES, Ana Luiza Mendes & AZEVEDO, Clara de Assunção. A mancha de lazer na Vila Olímpia. IN: Magnani, José Guilherme, SOUZA, Bruna Mantese de. (orgs). Jovens na metrópole. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, 2008a.
- \_\_\_\_\_. A Distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2008b.
- \_\_\_\_\_. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CASCAES, Franklin. O fantástico na ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34, 2000.
- DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n 34, 2010.

DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva: 2012.

DUBISCH, Jill. Lovers in the field: sex, dominance, and the female anthropologist. IN: KULICK, Don & WILLSON, Margareth (eds). Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork. London: Routledge, 1995.

DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ELIAS, Norbert. A sociedade de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ERNER, Guillaume. Vida e morte das tendências. IN: BUENO, Maria Lucia & CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Cultura e estilos de vida na contemporaneidade. São Paulo: Senac, 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Cadernos de Campo, São Paulo, n.13, 2005.

FEIXA, Carles. A construção histórica da juventude. In: Jovens na América Latina. CACCIA-BAVA, Augusto, FEIXA, Carles & CANGAS, Yanko (orgs). São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. Os Shoppings Centers de São Paulo e as formas de sociabilidade no contexto urbano. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Universidade de São Paulo – USP, 1989.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

\_\_\_\_\_. Comportamento em lugares públicos. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. O discurso sobre o sexo: diferenças de gênero na juventude carioca. IN: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. & EUGENIO, Fernanda (orgs). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. O corpo como capital. IN: GOLDENBERG, Mirian (org). O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. São Paulo: Revista de Antropologia, v. 46, n. 2, 2003.

\_\_\_\_\_. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. Lisboa: Etnográfica, ed.10, 2006.

\_\_\_\_\_. Os tambores do antropólogo. Antropologia Pós-Social e Etnografia. São Paulo: Revista Ponto Urbe, n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/pontourbe03/Goldman.html>. Acesso: abril de 2013.

GOMES, Edlaine de Campos & MENEZES, Rachel Aisengart. Etnografias possíveis: “estar” ou “ser” de dentro. São Paulo: Revista Ponto Urbe, n. 3, 2008. Disponível em: <http://n-a-u.org/pontourbe03/Gomes&Menezesb.html>. Acesso: abril de 2013.

GROPPO, Luís Antonio. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. In: SOUSA, Janice Tirelli Ponte de & GROppo, Luís Antonio (orgs). Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo. Florianópolis: UFSC, 2011.

HERSHMAN, Micael. Lapa, Cidade da Música: Desafios e perspectivas para o crescimento do Rio de Janeiro e da Indústria da Música Independente Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

HOLLANDA, Cristina Buarque de. Teoria das elites, Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ISAWAKI, Camila. Jovens instrumentistas: o improvisado de todo dia e de toda noite. IN: Magnani, José Guilherme, SOUZA, Bruna Mantese de. (orgs). Jovens na metrópole. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JARDIM, Denise Fagundes. Antropologia em campos *up*. IN: SCHUCH, Patrice, VIEIRA, Miriam Steffen & PETERS, Roberta. Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

KLEIN, Naomi. Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido. RJ: Record, 2002.

KULICK, Don. Introduction the sexual life of anthropologists: erotic subjectivity and ethnographic work. IN: KULICK, Don & WILLSON, Margareth (eds). Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork. London: Routledge, 1995.

KUSCHNIR, Karina. O cotidiano da política. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LE BRETON, David. A sociologia do corpo. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MACEDO, Márcio. Baladas Black e rodas de samba da terra da garoa. IN: Magnani, José Guilherme, SOUZA, Bruna Mantese de. (orgs). Jovens na metrópole. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. Dilemas em torno da prática do *street* skate em São Paulo. Rio de Janeiro: Revista Esporte e Sociedade, n. 19, 2012. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1903.pdf>. Acesso: novembro de 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, n. 49, 2003a.

\_\_\_\_\_. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2003b.

\_\_\_\_\_. Introdução – Circuitos de jovens. IN: MAGNANI, José Guilherme Cantor & SOUZA, Bruna Mantese de. (org). Jovens na metrópole. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

\_\_\_\_\_. Etnografia como prática e como experiência. Porto Alegre: Revista Horizontes Antropológicos, ano 15, n. 32, 2008a.

\_\_\_\_\_. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. IN: MAGNANI, José Guilherme Cantor & TORRES, Lilian de Lucca (orgs). Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008b.

\_\_\_\_\_. Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

MARGULIS, Mario & URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARQUES, Adalton. 'Liderança', 'proceder' e 'igualdade': uma etnografia das relações políticas no Primeiro Comando da Capital. Lisboa: Revista Etnográfica n. 14, 2010.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NORONHA, Fernanda, PIRES, Paula & TOLEDO, Renata. Japas e manos (ou streeteiros e b.boys) na estação Conceição do metrô. IN: Magnani, José Guilherme, SOUZA, Bruna Mantese de. (orgs). Jovens na metrópole. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

O'DONNELL, Julia. A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PADILHA, Valquíria. Shopping Center: a catedral das mercadorias. São Paulo: Boitempo, 2006.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina. Condomínios no Brasil central: expansão urbana e antropologia. Brasília: Letras Livres, 2012.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. "A maior zoeira": experiências juvenis na periferia de São Paulo. Tese de doutorado em Antropologia Social. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Universidade de São Paulo – USP, 2010.

RABINOW, Paul. Reflexiones sobre um trabajo de campo em Marruecos. Madrid: Júcar Universidad, 1992.

ROJO, Luiz Fernando. Rompendo tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo. São Paulo: Revista Cadernos de Campo, n. 12, 2004.

SCHUCH, Patrice. Antropologia com grupos *up*, ética e pesquisa. IN: SCHUCH, Patrice, VIEIRA, Miriam Steffen & PETERS, Roberta. Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

SCHUCH, Patrice, VIEIRA, Miriam Steffen & PETERS, Roberta. Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. O antropólogo e sua magia. São Paulo: Edusp, 2006.

SIMMEL, Georg. Psicologia do dinheiro e outros ensaios. Lisboa: Texto e Grafia, 2009.

STRATHERN, Marilyn. Property, Substance and Effect: Anthropological Essays on Persons and Things. Londres: The Athlone Press, 1999.

\_\_\_\_\_. Os limites da autoantropologia IN: O efeito etnográfico. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TOLEDO, Luiz Henrique. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. IN: MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lilian de Lucca (orgs). Na MetrÓpole. São Paulo: Edusp, 1996.

VELHO, Gilberto. Nobres & Anjos: um estudo de tÓxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

\_\_\_\_\_. Juventudes, projetos e trajetÓrias na sociedade contemporânea. IN: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda (orgs). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. O estudo do comportamento desviante: a contribuiçÓo da antropologia social. IN: VELHO, Gilberto. Um antropÓlogo na cidade: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VIANNA, Hermano. O mundo do funk carioca. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

WAGNER, Roy. A invençÓo da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: Por que censurar seu diário de campo? Horizontes AntropolÓgicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, 2009. Acesso: abril de 2013.

BANDEIRA, Luiza. “Super-rico” torce nariz para “farofa” dos “apenas ricos”. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo, ed. 29868, 2011.

BATISTA, Henrique Gomes. Os “sem lancha” da cidade classe A. Rio de Janeiro: Jornal O Globo, 2012.

SHERWOOD, Seth. The place to be – NY Times – Janeiro – 2009. New York: Jornal New York Times, janeiro de 2009.

RUBIN, Débora. A Ibiza brasileira. Rio de Janeiro: Revista IstoÉ, ed. 2150, 2011.

WITGEN, Julia. Onde é mais caro morar em 16 cidades brasileiras. Rio de Janeiro: Revista Exame, ed. 1045, 2013.

Sem autor. Famosos veem 2013 em casa noturna de Jurerê Internacional, em Florianópolis. Florianópolis: Jornal Diário Catarinense, janeiro de 2013.

AGENTE IMÓVEL. Disponível em <http://www.agenteimovel.com.br>. Acesso: outubro de 2013.

AJIN. Disponível em <http://www.ajin.org.br>. Acesso: setembro de 2013.

BLUETICKET. Disponível em <http://www.blueticket.com.br>. Acesso: janeiro de 2013.

CAFE DE LA MUSIQUE. Disponível em <http://www.cafedelamusiquefloripa.com.br>. Acesso: janeiro de 2013.

CREAMFIELDS. Disponível em <http://www.creamfields.com.br>. Acesso em janeiro de 2013.

EL DIVINO. Disponível em <http://www.eldivinobrasil.com.br>. Acesso: janeiro de 2013.

FLORIPA AMANHÃ. Disponível em <http://floripaamanha.org.br>. Acesso: novembro de 2013.

GORDON, Flávio. Roy Wagner: antropologia imamentista e diferença selvagem. Disponível em: <http://ppgas2004.br.tripod.com/roy.html>. Acesso: outubro de 2014.

GLOBO ESPORTE. Disponível em <http://www.globoesporte.com.br>. Acesso: janeiro de 2013.

HABITASUL. Disponível em <http://www.habitasul.com.br>. Acesso: outubro de 2013.

IBGE CIDADES. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso: outubro de 2013

IL CAMPANARIO RESORT. Disponível em <http://www.ilcampanario.com.br>. Acesso: outubro de 2013.

IMOBILIÁRIA DIRECTA. Disponível em <http://www.directa.imb.com.br>. Acesso: outubro de 2013.

IMOBILIÁRIA PERSONALITTE. Disponível em [www. http://imobiliariapersonalitteflorianopolis.com.br](http://imobiliariapersonalitteflorianopolis.com.br). Acesso: outubro de 2013.

JURERÊ BEACH VILLAGE. Disponível em <http://www.jurerebeachvillage.com.br>. Acesso: outubro de 2013.

JURERÊ INTERNACIONAL. Disponível em <http://www.jurere.com.br>. Acesso: outubro de 2013.

POSH CLUB. Disponível em <http://www.poshclub.com.br>. Acesso: janeiro de 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Disponível em <http://www.pmf.sc.gov.br>. Acesso: outubro de 2013.

TAIKÔ. Disponível em <http://www.taikofloripa.com.br>. Acesso: janeiro de 2013.

TRIPADVISOR. Disponível em <http://www.tripadvisor.com.br>. Acesso: novembro de 2013.

VICK YALE. Disponível em <http://www.vickyale.com.br>. Acesso: outubro de 2013.